

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH-III
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO,
CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS – PPGESA

FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA

LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA (L1): ANÁLISE DE UMA SALA
DE AULA BILÍNGUE NO MUNICÍPIO DE PETROLINA,
PERNAMBUCO

JUAZEIRO - BA

2023



FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA

**LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA (L1): ANÁLISE DE UMA SALA DE AULA
BILÍNGUE NO MUNICÍPIO DE PETROLINA, PERNAMBUCO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de ciências Humanas, Campus III, Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de pesquisa: Campo Educacional Cultura Escolar e Currículo.

Orientador: Prof.: Dr. José Roberto Gomes Rodrigues

JUAZEIRO - BA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

O48l Oliveira, Francisco Everaldo Candido de

Libras como primeira língua (L1): : Análise de uma sala de aula bilíngue no município de Petrolina, Pernambuco / Francisco Everaldo Candido de Oliveira. Juazeiro-BA, 2023.
210 fls.: il.

Orientador (a): Prof. Dr. José Roberto Gomes Rodrigues.
Inclui Referências.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) + Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas DCH-III. Programa de Pós-Graduação em
Educação, Cultura e Territórios semiáridos – PPGESA, Campus III. 2023.

1. Inclusão na educação – Brasil. 2. Libras – Primeira língua. 3. Bilíngue – Primeira língua. 4. Educação de surdos. I. Rodrigues, José Roberto Gomes. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas DCH-III. III. Título.

CDD: 371.90460981

FOLHA DE APROVAÇÃO

"LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA (L1): ANÁLISE DE UMA SALA DE AULA BILÍNGUE NO MUNICÍPIO DE PETROLINA, PERNAMBUCO"

FRANCISCO EVERALDO CÂNDIDO DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, em 30 de março de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professor Dr. JOSÉ ROBERTO GOMES RODRIGUES (Orientador)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutorado em Educação

Universidade de São Paulo – USP




Professor Dr. JOSENILTON NUNES VIEIRA (Avaliador Interno)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutorado em Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

 Documento assinado digitalmente
ROQUE DO NASCIMENTO ALBUQUERQUE
Data: 21/04/2023 21:08:24-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Professor Dr. ROQUE DO NASCIMENTO ALBUQUERQUE (Avaliador Externo)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Doutorado em Estudos da Linguagem

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

A minha amada esposa e filhas, que me apoiaram e me incentivaram na jornada trilhada para realizar esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o meu criador e sustentador da vida, sem Ele não haveria razão de existência.

A Jesus Cristo, meu Salvador e Consumador de minha fé.

A Maria Nacelha Ferreira Oliveira, minha amada esposa, pelo amor, companheirismo, amizade, paciência e dedicação a mim e às nossas princesas.

À Naara Ferreira Oliveira e Éshyla Ferreira Oliveira, filhas amadas, pela paciência e compreensão.

A Marli Gavioli, pois foi através dela que entrei em contato com a Libras e pelo desprendimento e disposição para ajudar.

Ao professor Dr. John Peterson, *In memoriam*, e sua esposa, a professora Dra. Iva Jean Peterson, por serem exemplos de servos com amor incondicional pela obra.

Ao Seminário Batista do Cariri (SBC), por me proporcionar os primeiros aprendizados teóricos sobre a Libras.

À comunidade surda do Cariri, por me oportunizar o aprendizado da Libras desde minha infância.

À comunidade surda do Vale do São Francisco, pelo acolhimento e parceria nesses oito anos de convivência.

À Primeira Igreja Batista Regular de Juazeiro do Norte, por ter contribuído no desenvolvimento e cristão e auxiliado financeiramente nos estudos teológicos voltamos para o campo missionário com pessoas surdas.

À Igreja Batista em Vila Eduardo (Igreja Batista dos Surdos), crescimento espiritual, comunhão, aprendizado e comunhão durante o ministério pastoral do ministério em Libras.

A Luiz Carlos Cordeiro Lima, que sempre esteve à disposição para auxiliar, contribuindo na revisão gramatical da presente dissertação.

À UNEB, DCH, Campus III, pela existência do PPGESA no interior do estado da Bahia.

Ao PPGESA, pela aceitação do meu projeto.

Aos mestres por contribuírem para o meu crescimento acadêmico.

Ao professor Dr. José Roberto Gomes Rodrigues, meu orientador, por me aceitar, mesmo fora de tempo, acreditando no meu projeto, assim como pela paciência e valiosas contribuições.

Aos colegas do mestrado, pela amizade e companheirismo.

À Secretaria de Educação do Município de Petrolina-PE, ao Centro de Educação Inclusiva - CEIP e à Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza - EMPEAS, pelo apoio e pela permissão da realização da pesquisa.

Aos pais das crianças surdas, pela permissão para participação na pesquisa.

Às crianças surdas, por aceitarem contribuir com a pesquisa, sempre gentis e atenciosas.

À professora surda de Libras e à professora regente da sala bilíngue, por serem sempre solícitas e pela boa recepção.

À banca examinadora e aos suplentes, pelas preciosas contribuições.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desta pesquisa.

“E disse-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem?
ou quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o
cego? Não sou eu, o Senhor?

Provérbios 31:8

RESUMO

A presente produção pretende compreender como vem sendo utilizada a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como primeira língua (L1) da pessoa surda, em uma sala de aula bilíngue da rede de ensino municipal de Petrolina-PE, bem como tem ocorrido as interações neste contexto/espço, a partir da análise de uma experiência desenvolvida na referida instituição. A pesquisa foi desenvolvida por meio de um estudo de caso, numa abordagem qualitativa, com coleta de dados, para observação direta, e entrevistas semiestruturadas. Como resultados, apresentam-se aspectos relativos às interações no espaço escolar; à aquisição linguística como L1; a fatores que compõem a estrutura da sala bilíngue; às atividades desenvolvidas neste espaço; a questões culturais evidentes; e ao fomento da experiência bilíngue na educação de surdos. A partir desta pesquisa, considera-se relevante a sala bilíngue para a educação de crianças surdas, já que esta pode agregar significativo aprendizado linguístico e cultural aos estudantes, levando em conta que a presença de um professor surdo nesse ambiente proporciona inúmeros benefícios, que vão desde a identificação como uma referência para aprendizado até a figura que propicia uma construção de identidade e cultura - através do uso da Libras como base linguística para instrução no processo de formação escolar. Almeja que, através desta pesquisa, haja contribuição para o campo científico, no sentido de ampliar as discussões acerca da educação bilíngue da pessoa surda.

Palavras-chave: Libras; Bilíngue; Primeira Língua; Educação de surdos.

ABSTRACT

The present production intends to understand how the Brazilian Sign Language - Libras has been used as the first language (L1) of the deaf person, in a bilingual classroom of the municipal education network of Petrolina-PE, as well as the interactions present in this context/space, based on the analysis of an experience developed in that institution. The production was developed through a case study, from a qualitative approach, with data collection, for direct observation, and semi-structured interviews. As a result, brief aspects are presented about the relationships present in this space; aspects of language acquisition such as L1; factors that make up the structure of the bilingual room and the activities carried out in this space; evident cultural issues; and the promotion of the bilingual experience in the education of the deaf. From this research, it is considered that the bilingual classroom is necessary for the education of deaf children, since it can bring an exponential linguistic and cultural gain to the students, since the presence of a deaf teacher in this space provides numerous benefits, from the identification as a reference for learning to the figure that provides a construction of identity and culture through the use of Libras as a linguistic basis for instruction in the process of school formation. It is hoped that the results of this research can also contribute to the scientific field, adding to the national productions about the bilingual education of the deaf person.

Keywords: Libras; Bilingual; First language; Deaf education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Iconographia dos signaes dos surdos-mudos - Alimentos e objetos de mesa	31
Figura 02- Livro A linguagem das mãos - Sinal de manga	32
Figura 03- Livro comunicando com as mãos - Sinal de porta	34
Figura 04- Sinal de Balão do novo Deit-Libras	35
Figura 05- Anatomia da Orelha	51
Figura 06- Implante Coclear	53
Figura 07- Caminho da pesquisa	59
Figura 08- Mapa do Pernambuco com destaque Petrolina e Recife	60
Figura 09- Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza – EMPENAS	61
Figura 10- Sala bilíngue	63
Figura 11- Primeira turma da sala bilíngue	81
Figura 12- Dia Nacional dos Surdos	85
Figura 13- Produção de cartaz	85
Figura 14- Exercício das sandálias	87
Figura 15- Imagens da sala bilíngue	89
Figura 16- Calendário em Libras	90
Figura 17- Relógio em Libras	91
Figura 18- Aprendo as cores	92
Figura 19- Cartazes de imagens e contextos	93
Figura 20- Percurso da atividade	95
Figura 21- Professora narrando história em Libras	96
Figura 22- Datilologia de termos	97
Figura 23- Animais e contextos	99
Figura 24- Usando o celular	101
Figura 25- Caderno de um estudante	103
Figura 26- Professora sinalizando para estudante	103

Figura 27- Ditado em Libras	104
Figura 28- Ditado em Datilologia	105
Figura 29- Estudante respondendo em datilologia	106
Figura 30- Leitura em Libras	106
Figura 31- Pintura da bandeira	108
Figura 32- Avaliação de língua portuguesa adaptada	109
Figura 33- Cartões visuais	111
Figura 34- Exibição de filmes	112
Figura 35- Atividade relacionada ao filme	112
Figura 36- História do Feijãozinho surdo	114
Figura 37- Feijãozinho surdos, diferença entre modalidade de ensino	115
Figura 38- Tríade bilíngue	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estudos sobre a educação de pessoas surdas produzidos no PPGESA	38
Quadro 2 - Estudos sobre a educação de pessoas surdas produzidos de 2017 a 2021	39
Quadro 3 - Estrutura física da sala bilíngue	62
Quadro 4: Participantes da pesquisa e seus codinomes	64
Quadro 5: Atividades de campo	77
Quadro 6: Temas norteadores objetivos e respostas resumidas	138

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEU	Associação Brasileira das Editoras Universitárias
ACADA	Associação Cariense de Deficientes Auditivos
AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ASL	Língua de Sinais Americana
ASP	Associação de Surdos de Petrolina
BDTD	Biblioteca de Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE	Ceará
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CEPS	Centro Educacional Para Surdos
CEIP	Centro de Educação Inclusiva
CMEI	Colégio Municipal de Ensino Integral
Covid-19	Corona Virus Disease, 2019 (doença do coronavírus)
Deit	Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue
DB	Decibéis
DSLR	Digital Single Lens Reflex
ELIS	Escrita da Língua de Sinais
EMPEAS	Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza
FAK	Faculdade Kurios
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
GRE	Gerência Regional de Educação
HZ	Hertz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC	Implante Coclear
IQE	Índice de Qualidade de Ensino
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
INTRA	Instituto Transformar
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LIBRAS	Língua de Brasileira Sinais
Libras	Língua de Brasileira Sinais
LP	Língua Portuguesa
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSF	Língua de Sinais Francesa
MEC	Ministério da Educação
MIFOBRA	Música Folclórica Brasileira
PEATE	Potencial Evocado Auditivo do Tronco Encefálico
PIB	Primeira Igreja Batista Regular
PME	Plano Municipal de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPGESA	Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos
PROLIBRAS	Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras
SAD	Serviço de Atenção Domiciliar
SBC	Seminário Batista do Cariri
SB	Sala Bilíngue
SEDU	Secretaria de Educação do Município de Petrolina
SEL	Sistema de Escrita de Língua de Sinais
SI	Sistema Internacional de Unidades
SW	Sign Writing
TILS	Tradutor Intérprete da Língua de Sinais
TNA	Síndrome de Tourette
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
Univasf	Universidade Federal do Vale do São Francisco
VHS	Sistema Doméstico de Vídeo (em Língua Portuguesa)
WFD	World Federation of the Deaf

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS	26
2.1 CONCEITUANDO LIBRAS.....	26
2.2 O QUE ENCONTRAMOS NA LITERATURA SOBRE L1 A RESPEITO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS?.....	37
2.3 PRIMEIRA LÍNGUA.....	43
2.4 BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	46
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
3.1 TIPO DE ABORDAGEM.....	57
3.2 CONHECENDO A ESCOLA E A SALA BILÍNGUE.....	60
3.3 CONHECENDO OS PARTICIPANTES.....	64
3.4 OS INSTRUMENTOS E RECURSOS.....	71
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	75
4 ASPECTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE RELATIVOS AOS DADOS E INFORMAÇÕES OBTIDAS	77
4.1 OBSERVAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO.....	77
4.2 MÉTODOS PEDAGÓGICOS DESENVOLVIDOS NA SALA BILÍNGUE.....	88
4.3 A RELAÇÃO DA PROFESSORA SURDA E ALUNOS SURDOS EM SALA BILÍNGUE.....	113
4.4 DESCREVENDO AS ENTREVISTAS.....	117
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	152
ANEXOS	158
APÊNDICE	173

1 INTRODUÇÃO

A priori, a pretensão deste trabalho era a compreensão de como a experiência do ensino bilíngue, através do uso da Libras como primeira língua (L1), para educação de crianças surdas no ensino fundamental I, vem sendo desenvolvida por professoras de uma sala bilíngue, na rede municipal de Petrolina-PE.

Cabe ressaltar que a motivação para o envolvimento neste campo de estudo se deu pela trajetória de vida e a formação acadêmica do presente pesquisador. De forma didática, inicialmente, apresentar-se-á, de forma sintética, a trajetória histórica, seguida das razões pelas quais enveredou-se por essa temática. Nessa perspectiva, evidenciar-se-ão as bases epistemológicas sobre as que nortearam as análises e os procedimentos metodológicos. Ademais, compartilhar-se-á a reflexão impulsionadora dos questionamentos/problemáticas e/ou hipóteses para efetivação da pesquisa.

O contato com a comunidade surda ocorreu em 1997, ainda na infância, devido à mãe do presente pesquisador ser missionária da Primeira Igreja Batista Regular (PIB) de Juazeiro do Norte - CE, onde prestava assistência às pessoas surdas em sua própria residência, oferecendo reforço escolar em Libras. É válido salientar que se tratava de uma ação voluntária, sem qualquer custo financeiro para os estudantes surdos. Durante a semana, eram recebidos na residência cerca de três pessoas surdas, ocorrendo os atendimentos duas ou três vezes, considerando a necessidade de cada um. Quanto à motivação para a realização desse trabalho, pode-se afirmar que era tão somente o amor, o sentimento de responsabilidade social e espiritual para com os surdos, ou seja, o servir vocacionado, voltado para o ministério evangelístico, cristão evangélico.

Com o tempo, a assistência tornou-se conhecida por diversos outros surdos, os quais também solicitaram apoio, sendo prontamente atendidos. Frente ao quantitativo de estudantes que, gradativamente foi aumentando, o espaço inviabilizou a continuidade do atendimento domiciliar. Inteirado da situação, o Colégio Batista do Cariri, na cidade de Juazeiro do Norte-CE, apoiou o trabalho, cedendo um local maior.

Em virtude do aumento da procura por assistência, por surdos das cidades vizinhas e distantes, através do apoio de um missionário norte-americano, John E. Peterson, *in memoriam*, e em parceria com o Seminário Batista do Cariri - SBC, foi oportunizado um local mais amplo: um prédio antigo que funcionava como dormitório. Esse espaço também passou a ser a

residência dos voluntários no apoio às pessoas surdas. Assim, a convivência com surdos das cidades circunvizinhas e do interior que precisavam de apoio educacional passou a ser maior, já que passavam a semana no local de estudo, retornando, no final da semana, para suas famílias.

Dessa forma, surgiu o Centro Educacional Para Surdos – CEPS, posteriormente denominado Associação Cariense de Deficientes Auditivos – ACADA. O crescimento desse projeto resultou na fundação do Instituto Transformar - INTRA, que permanece até hoje com o mesmo nome em Juazeiro do Norte-CE. Por não haver registro como instituição escolar, mas como trabalho filantrópico, de cunho social e religioso, os estudantes surdos eram matriculados nas escolas regulares e, no contraturno, eram assistidos pelo CEPS. É relevante pontuar que, durante esse período, não havia intérpretes de Libras atuando nas escolas.

Vê-se, diante do exposto, que o contato com pessoas surdas era diário, favorecendo, portanto, o aprendizado da Língua de Sinais, mesmo antes do seu reconhecimento legal, em 2002. Por isso, a atuação passou a ser voluntária na assistência às pessoas surdas, levando à necessidade de uma formação específica na área para melhor assisti-las. Frente a esse fato, o presente pesquisador ingressou no curso de Bacharelado em Teologia com Licenciatura em Libras. Era um curso livre, sendo a formação mais próxima da educação de surdos que havia na época, em 2005, naquela região. Em seguida, quando surgiu o curso de Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, na modalidade a distância, foi possível, através do vestibular, ingressar no curso em 2010, sendo finalizado em 2014. Logo após o bacharelado em teologia, realizou-se um curso de especialização, *lato sensu*, em Educação Especial, pela Faculdade Kurios – FAK, em 2009. Além de outros cursos de Libras e de formação como Tradutor Intérprete da Língua de Sinais - TILS. Outrossim, obteve-se o Certificado de Proficiência em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais - PROLIBRAS, realizado pelo Ministério da Educação - MEC, por meio da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, primeira edição, realizada em 2006, como TILS e, posteriormente, como Instrutor de Libras, em 2013.

Ainda na busca pelo aperfeiçoamento, para maior qualidade na educação de e/ou para surdos, bem como o aprofundamento nos estudos, optou-se por uma formação *stricto sensu*, através do programa de mestrado do PPGESA, a fim de também contribuir com pesquisas relacionadas à educação de surdos, principalmente por se tratar de um campo de estudo muito específico e ainda não conter vasta produção acadêmica.

Certamente, a realização de uma pesquisa nesse campo permite explorar e discutir diversos temas sobre a educação das pessoas surdas, assim como colaborar para o fortalecimento da produção acadêmica, considerando um recorte mais específico, através do qual se possa dialogar com a educação bilíngue direcionada a crianças surdas. Além disso, é expressão de respeito e valorização dos direitos linguísticos das pessoas surdas, no que concerne à educação das crianças, inclusive de incentivo à ampliação de salas bilíngues.

Outro ponto relevante está relacionado ao apoio de professores, pesquisadores e legislações que embasam a sua inserção em diversos contextos. Um destes é a instituição escolar, em virtude de sua importância no processo de aquisição linguística e interação com seus pares e aprendizado da língua de sinais no ambiente escolar, o qual vem se configurando como um local confortável para o aprendizado da primeira língua, com a participação preponderante dos professores nesse processo.

Diferentemente dos ouvintes, os quais adentram no campo escolar já com uma língua assimilada – o que lhes possibilita serem expostos diretamente ao estudo das disciplinas escolares –, os surdos, por sua vez, necessitam aprender a Libras e, simultaneamente, aprender todo o conteúdo do currículo que está sendo ofertado em outra língua, a saber, a Língua Portuguesa. Isso significa que as estratégias metodológicas acabam contemplando as crianças ouvintes, não se considerando, nesse processo, as especificidades linguísticas dos educandos surdos. Em consequência, estes acabam sofrendo diversos prejuízos por não conseguirem assimilar o conteúdo ensinado em sala, tendo uma aquisição tardia da língua e, por tabela, de todo o conteúdo escolar.

A garantia de acesso linguístico é algo elementar, pois, dessa maneira, abrem-se portas e possibilidades para a formação social, cultural, cognitiva e educacional, de modo que todos estejam intrinsecamente ligados à comunicação e ao ingresso na instituição escolar.

No tocante às crianças que ingressam na escola, em sua grande maioria, já adentram neste espaço com uma língua adquirida. Destaca-se a “maioria” em virtude dos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o qual, no último censo de 2010, evidenciou cerca de 10 milhões de surdos. Obviamente, número menor do que a população brasileira, cuja demografia equivale a mais de 190 milhões de pessoas. Por isso, a população surda se encaixa em uma minoria linguística, sendo que muitos não sabem sua própria língua, diferentemente das crianças ouvintes.

Posto isto, é relevante mencionar que a realização desta pesquisa deu-se sob a pretensão de observar a sala de aula bilíngue no município de Petrolina, no estado de Pernambuco, para educação de crianças surdas, com vistas a uma maior compreensão da experiência bilíngue nesse espaço educacional, sem a presença do profissional intérprete de Libras, mediante interação entre professor/alunos surdos não fluentes em sua própria língua. Isso ocorre porque, por vezes, acabam chegando à escola sem uma identidade linguística, oriundos de lares de pais ouvintes, que não dominam a Língua de Sinais.

Isso leva a entender que a pessoa surda “torna-se um estrangeiro em sua própria casa”, por não conhecer nem da Língua Portuguesa, nem da Língua de Sinais. Assim, acaba não fazendo parte, linguisticamente, do "mundo dos ouvintes", por não terem adquirido a Língua Portuguesa, também não fazem parte do "mundo dos surdos", por ainda não terem adquirido a Libras (OLIVEIRA, 2018). Frente a esse contexto, põe-se em questão o fato de duas culturas distintas fazerem parte do dia a dia da criança surda: a cultura oral auditiva e a visual espacial, trazendo à reflexão sobre a interculturalidade presente neste campo, assim como tornando este estudo enriquecedor, gerador de resultados de carácter, político, cultural, acadêmico e pedagógico, capaz de impulsionar a investigação de como os discentes, ao ingressarem no espaço escolar, estão adquirindo a Língua de Sinais através da interação com seus pares em sala.

Embasado nesses pressupostos, justifica-se esta pesquisa, já que possibilita a compreensão de como está acontecendo a experiência bilíngue no processo de ensino/aprendizagem da língua, assim como verificar a importância dos pares no processo de ensino da língua para crianças surdas, as quais chegam à instituição escolar com a ausência da língua materna adquirida.

Por muitos anos, os direitos linguísticos das pessoas surdas foram cerceados em virtude de se dar crédito ao mito da incapacidade da pessoa surda em aprender a se comunicar (QUADROS, 2011), razão de se defender a teoria de que esses agentes não pensavam, devido ao comprometimento da fala e da audição. Esses eram os pressupostos defendidos pela sociedade, na antiguidade, acerca das pessoas com deficiência e, sobretudo, das pessoas surdas, tendo embasamento nos pensamentos de Aristóteles (384 – 322 a. C.) acerca da incapacidade linguística e ausência de pensamento (STROBEL, 2009).

Todo esse pensamento estava alicerçado na ausência linguística, presumindo-se que os surdos não haviam adquirido uma língua. Esse fato deixava-os em uma situação delicada e com

sérios prejuízos linguísticos, cognitivos e sociais, assim como qualquer outro que não demonstrasse aprendizado de uma língua. Essa concepção, com o tempo, foi sendo substituída pela ideia de que a aquisição linguística pela pessoa surda, além de possível, é relevante para a inserção social e, com estas, a intervenção sobre a realidade.

Ao longo da história, a comunidade surda passou por diversas situações relacionadas a questões linguísticas e abordagens educacionais, levando em conta que as configurações apresentam aspectos positivos e negativos. De início, a abordagem educacional era denominada de ‘educação oralista’, a ‘Comunicação Total’ e a ‘Educação Bilíngue’.

A Educação Oralista é uma abordagem que surgiu no final do século XIX e foi amplamente difundida para a educação de pessoas surdas. O propósito da Educação Oralista é que os surdos devem ser ensinados a falar e aproveitar o máximo possível dos resíduos auditivos, em vez de aprender a língua de sinais. Nesse sentido, o foco era que pudessem se integrar à sociedade ouvinte e se comunicar com ela, tendo como enfoque principal a oralização e, em segundo plano, o aprendizado dos conteúdos escolares. Fato esse que impediu o desenvolvimento linguístico de vários surdos, por não poderem aprender a língua de sinais e nem conseguirem avançar na língua oral.

Já a Comunicação Total é uma abordagem que inclui o uso da fala, da língua de sinais, da escrita e da leitura labial. Em linhas gerais, a ideia é fornecer aos surdos um leque de opções práticas comunicativas, de modo que possam escolher aquela que melhor se adapte às suas necessidades em diferentes situações. Frente ao fato de que a proposta anterior não atingia os seus objetivos, os educadores da época buscaram uma abordagem intermediária, na tentativa de sanar os prejuízos evidenciados.

A proposta de Educação Bilíngue para os Surdos é uma modalidade que valoriza tanto a língua de sinais, como primeira língua (L1), e a língua oral em sua modalidade escrita, como segunda língua (L2). A ideia é que os surdos aprendam ambas as línguas desde cedo, de forma simultânea e equilibrada. Ela reconhece que a língua de sinais é uma língua natural para muitos surdos e que a aprendizagem da língua oral, em sua modalidade escrita, é relevante para a interação social e profissional. Nessa perspectiva, a Educação Bilíngue para os surdos visa promover a preservação da cultura e da identidade do povo surdo e sua comunidade.

Na Educação Bilíngue, a Língua de Sinais (língua de instrução) é a que deve ser utilizada para a ministração das aulas, ficando a escrita da língua oral como segunda língua.

Isso permite que os surdos tenham acesso ao conteúdo de forma clara e efetiva, baseada em sua primeira língua.

Nesse processo, a aquisição linguística é vista como uma questão crucial à educação bilíngue para os surdos, tanto para garantir a identidade e cultura da comunidade surda quanto para assegurar a identidade individual dos surdos. Desse modo, a educação bilíngue valoriza e preserva a língua e a cultura surda, preparando os surdos para uma vida plena na sociedade, sem abdicar de sua identidade e cultura.

Diante disso, toda a comunidade surda se mobilizou para que os estudantes surdos pudessem ter o mínimo de acessibilidade linguística, através da Libras. Com o passar dos anos, foi possível perceber que as lutas dos surdos renderam pequenos avanços, em especial, para a educação dos mesmos. Partindo da Antiguidade Clássica, 485 – 420 a. C., que era um período de esquecimento, de negação, exclusão e incapacidade de aprender, destaca-se o médico e filósofo Girolamo Cardano (1501 - 1576), o qual defendia a ideia da capacidade da pessoa surda em aprender através da língua de sinais e a escrita. Além desse, outros também contribuíram significativamente para a aprendizagem linguística da comunidade surda. Pedro Ponce de León (1520 - 1584), também considerado o primeiro professor de surdos, estabeleceu a primeira escola para surdos na Espanha. Juan Pablo Bonet (1579 - 1623) realizou o treinamento através da datilologia e a fala, obtendo sucesso e sendo nomeado como o "Marquês de Frenzo". Outra personalidade foi Charles Michel L'Épée (1712 - 1789), que instruiu os surdos em Paris, foi um dos precursores dos primeiros estudos sobre a língua de sinais (VELOSO; MAIA, 2009).

Além desses pesquisadores, também havia aqueles que defendiam a educação oralista, que utilizava a língua oral como forma de ensino para a pessoa surda, havendo influência, por diversas pessoas, dessa modalidade, desde meados de 1579 até o século XX. Com o tempo, essa filosofia foi perdendo a sua força, contudo ainda se nota que suas sequelas resistem em diversos segmentos da sociedade, sendo que o ápice desse modelo de educação foi o Congresso de Professores de Surdos realizado em 1880. Esse evento fora realizado na cidade de Milão, na Itália, com o objetivo de sobrepôr a língua oral em relação às línguas de sinais como o principal meio de educação das pessoas surdas. Articulado por professores surdos, o evento não assegurou o direito dos professores surdos votarem sobre a matéria, o que subjugou o povo surdo, evidenciando, dessa maneira, um pensamento de imposição linguística, tolhendo-lhe o direito de instrução em sua própria língua (FERNANDES, 1989).

Apesar disso, houve um avanço considerável no mundo. No Brasil, surgiu o Instituto Imperial dos Meninos Surdos-Mudos, *a posteriori*, renomeado como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), fundado no dia 26 de setembro de 1857. Vale destacar que, após a decisão do Congresso de Milão, a maioria das instituições que lidavam diretamente com a educação de pessoas surdas, inclusive INES, também seguiram as diretrizes adotadas pelo referido congresso, o que trouxe prejuízos consideráveis em relação à educação dos surdos não somente no Brasil, mas em escala global (SOARES, 1999).

Direcionando os olhares para o Brasil, evidenciam-se algumas vitórias importantíssimas para a comunidade surda brasileira. Um exemplo é a aprovação da lei 10.436 de 24 de abril de 2002, também conhecida como lei da Língua Brasileira de Sinais – Libras, a qual reconhece como língua da comunidade surda brasileira. Outra conquista de grande relevância foi o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que especifica, apuradamente, diversas áreas a respeito da Libras. Uma dessas áreas é a formação escolar de crianças surdas e seu direito linguístico de acesso à educação bilíngue. Quando expressa, em seu artigo 22:

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo (BRASIL, 2005).

Vê-se, portanto, que a educação bilíngue de crianças surdas, através da Libras como língua de instrução, constitui um direito assegurado em lei para essa comunidade, sendo a Língua Portuguesa, somente em sua modalidade escrita, como segunda língua (L2). Deve-se ainda salientar que a aquisição linguística da primeira língua (L1) se configura como um requisito elementar para um segundo passo: o aprendizado da L2, presente durante a formação dos estudantes.

Ainda no decreto 5.626/2005, ressalta-se a formação dos professores e instrutores para atender às especificidades linguísticas das pessoas surdas no âmbito educacional, através do ensino em Língua Brasileira de Sinais. Dentre esses, a referida legislação menciona tanto os profissionais surdos quanto ouvintes, contudo orienta quanto à preferência pelos professores surdos.

As questões apresentadas, ao decorrer deste trabalho, conduziram à reflexão e levantamento do seguinte questionamento: De que maneira a Libras vem sendo utilizada como primeira língua (L1), na experiência do ensino bilíngue para educação de crianças surdas do

ensino fundamental I desenvolvida pelas professoras de uma sala bilíngue, na rede municipal de Petrolina-PE? É um questionamento relevante que irá servir de norte para alcance dos objetivos propostos.

A Língua Brasileira de Sinais, Libras, é o meio de comunicação legítimo e reconhecido do povo surdo brasileiro, conforme a lei 10.436 de 2002, resultado de lutas travadas pela comunidade surda brasileira. Esse sistema de comunicação se configura como primeira língua, abrindo as possibilidades de aprendizados em diversos campos. Nessa perspectiva, compreender o ensino de Libras, como L1, a partir de uma análise de uma sala de aula bilíngue, em uma escola pública municipal, através de uma experiência de educação de crianças surdas, estudantes do quinto ano do ensino fundamental I, sob a configuração bilíngue, no município de Petrolina-PE, constitui-se como objetivo desta produção.

O processo metodológico desta dissertação está baseado em uma abordagem qualitativa, com o campo de coleta de dados estabelecido, através de um estudo de caso, configurando o *locus* da pesquisa a Escola Pública Municipal Professora Eliete de Araújo de Souza. Como ferramenta de pesquisa, será utilizado o diário de campo, além de entrevistas semiestruturadas, que, após realizadas e os dados coletados, por meio da observação, serão analisados através do processo descritivo/ interpretativo.

A presente pesquisa é composta por cinco capítulos, incluindo a introdução, na qual se apresenta um breve relato sobre a sua trajetória acadêmica, bem como alguns apontamentos que contextualizam o entendimento do assunto discutido; para isso, lançando-se bases para o entendimento da educação bilíngue.

No Segundo capítulo, discorre-se sobre a Libras, diferenciando os termos de língua e linguagem e também o entendimento dos conceitos relacionados à primeira língua das pessoas surdas, bem como a compreensão do que é o bilinguismo. Além de apresentar as compilações presentes na literatura que abordam este campo de estudo de forma direta ou indiretamente.

Já no terceiro capítulo, serão encontradas questões relacionadas aos procedimentos metodológicos, a saber, o tipo de abordagem, uma breve apresentação da escola e da sala bilíngue, assim como dos participantes da pesquisa, os instrumentos e recursos utilizados. Por fim, haverá um diálogo acerca de como se dará a análise dos dados.

No quarto capítulo, expõem-se os resultados obtidos, através da observação direta no campo de pesquisa, com apontamentos dispostos no diário de campo, como também a

apresentação das ações observadas e desenvolvidas em sala bilíngue, ou seja, mediante métodos pedagógicos com os estudantes surdos. Ainda neste capítulo, evidenciar-se-á a relação da professora e dos estudantes surdos e as entrevistas que contemplam pontuações acerca da sala bilíngue, em especial, a fala dos participantes.

Por fim, no capítulo quinto, discorre-se sobre algumas reflexões que foram realizadas durante toda a pesquisa, bem como os resultados encontrados durante o processo.

Acredita-se que este trabalho contribui para o campo educacional no que diz respeito à ampliação de pesquisas que versam sobre a aquisição linguística referente a Libras como língua materna da pessoa surda. Ressalta-se, ademais, a relevância da pessoa surda na experiência de educação bilíngue no município pesquisado. Outrossim, a importância no campo educacional, de significativa pertinência cultural e política pública para a comunidade surda de Petrolina-PE, haja vista se estar pondo em evidência a cultura, língua e identidade do povo surdo, bem como o fomento de políticas públicas para o povo surdo e a promoção de uma educação bilíngue e acessível.

2 LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

Neste capítulo, serão apresentados alguns conceitos da Libras, diferenciando-a da linguagem, assim como produções acadêmicas de, pelo menos, os últimos cinco anos, através das quais se terá a compreensão da noção de ‘primeira língua’, no caso das pessoas surdas, e de ‘bilinguismo’ na educação de surdos.

2.1 Conceituando a Libras

Strobel (2008), no trabalho de conceituação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), traz um resgate histórico sobre a decisão da utilização da sigla, assinalando a existência de outras utilizadas pelos pesquisadores da língua:

LIBRAS é uma sigla que foi votada e aprovada pela Feneis para denominar a Língua Brasileira de Sinais no ano de 1993, foi oficializada federalmente pela lei nº 10.436 pelo presidente da república, Fernando Cardoso, em 24 de abril de 2002. Antes os linguistas Brito e Felipe utilizavam a sigla LSBC e atualmente usam a LIBRAS. Tem outros pesquisadores, tais como a linguista Ronice Muller de Quadros e o pesquisador ator surdo Nelson Pimenta utilizam a LSB em suas publicações por esta sigla seguir os padrões internacionais de denominações de língua de sinais. (STROBEL, 2008, p.18)

Ao se estudar a Língua Brasileira de Sinais, o conhecimento de outras siglas é imprescindível, visto que auxilia a compreensão sobre o processo de constituição da atual, que é LIBRAS, assim como os contextos de utilização de outras siglas. Contudo, para entendimento da ‘língua’, utilizar-se-á o termo grafado da seguinte forma: "Libras". Já a conceituação presente na legislação será tratada *a posteriori*.

Salienta-se a importância de se referir a Libras como uma "Língua" e não uma "linguagem", uma vez que apresenta todas as características e *status* de uma língua. Conforme destaca Honora (2009) sobre as ‘Línguas de Sinais’:

Trata-se de línguas organizadas e não de simples junção de gestões. Por este motivo, por terem regras e serem totalmente estruturadas, são chamadas de LÍNGUAS. [...]. As línguas não são universais. Cada uma tem sua própria estrutura gramatical, sendo assim, como não temos uma única língua oral, também não temos apenas uma língua de sinais. (HONORA, 2009, p.41)

Para muitos, a Libras ainda é tratada como uma linguagem ou uma forma alternativa de comunicação, até mesmo considerada como um código, pondo em “pé de igualdade” com o Braille. No entanto, não é isso que vem se provando através de estudos que indicam a legitimidade da Língua de Sinais no Brasil e em outras partes do mundo. Dessa forma, quando se está dialogando sobre a Libras, deve-se entender tratar-se de uma língua.

Outro aspecto importante sobre a Línguas de Sinais é que, assim como as línguas orais, é considerada uma língua natural, conforme destaca Ferreira (1997):

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. (FERREIRA - BRITO, 1997, p.19).

O fato de a Língua de Sinais ser natural assegura e afirma que esta não pode ser considerada apenas uma forma de comunicação alternativa, concebendo-a como uma ‘linguagem não verbal’.

Outro motivo de não se utilizar o termo “Linguagem” para a Língua de Sinais é porque esta possui com uma gramática, composta de elementos lexicais, estrutura morfológica, semântica, pragmática, estilística, que são utilizadas em suas diversas formas como meio de comunicação entre surdos. Ferreira (1997) ratifica este entendimento afirmar que:

LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade, mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas lingüísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas lingüísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções lingüísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua. (FERREIRA - BRITO, 1997, p. 23)

A respeito da diferença entre ‘língua’ e ‘linguagem’, Ferdinand Saussure (1999) afirma que a primeira está relacionada a um grupo específico, com regras gramaticais, estruturas dentre

outros aspectos, a saber: a língua; a segunda, por sua vez, é inerente a todo o ser humano no processo comunicacional que, independentemente da nacionalidade, está presente em todo ato que busque ser compreendido, mediante diversas maneiras de comunicação.

Nota-se, pois, que esclarecer a diferença epistemológica entre ‘língua’ e ‘linguagem’ facilita-se a compreensão de como se constitui o processo de luta para que a Libras fosse reconhecida como língua no Brasil, assim como para o entendimento da significância na educação de crianças surdas mediante um processo pedagógico que protagoniza a Libras como principal língua de mediação do conhecimento, bem como ganha relevância o entendimento do percurso histórico da Libras.

Uma vez compreendidos os conceitos de ‘língua’ e ‘linguagem’, é pertinente compreender a definição de Língua Brasileira de Sinais, Libras, considerando as destacadas pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, FENEIS – em virtude de esta entidade filantrópica, sem fins lucrativos, filiada à Federação mundial dos surdos (World Federation of the Deaf - WFD), fazer parte historicamente das lutas, pelos direitos das pessoas surdas, desde de 1987 –, bem como a concepção na legislação (noção jurídica).

Assim, segundo a Feneis (1993),

Libras como a língua materna dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com esta comunidade. Como língua, está composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerado instrumento linguístico de poder e força. Possui todos elementos classificatórios identificáveis numa língua e demanda prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. (...) É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela lingüística. (FENEIS, 1993, p. 6)

Nota-se que a Feneis, em sua definição, confirma que Libras é uma língua (e não uma linguagem), ao mencionar que possui elementos estruturais, como a semântica, pragmática, sintaxe, além de trazer a afirmação do reconhecimento da língua pela lingüística. Além disso, declara que, na condição de língua, constitui "instrumento linguístico de poder e força". Isso significa que a comunicação, além de permitir a interação e, conseqüentemente, a produção de sentidos, garante a apropriação e acesso às informações que leva ao empoderamento.

É válido ressaltar que a história da língua e das pessoas surdas passa a fazer sentido a partir da criação da Feneis, visto que, no Período Imperial, em meados do século XIX, já se utilizava a Língua de Sinais para a educação de pessoas surdas, de modo que mesmo não

reconhecida legalmente como ‘Língua’, havia certa influência da Língua de Sinais Francesa - LSF. Contudo, as mobilizações foram iniciadas com o surgimento da Feneis, o que resultou na aprovação da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 – conhecida pela comunidade surda, como a ‘Lei da Libras’.

Tal dispositivo legal trouxe respaldo jurídico para a legitimidade e reconhecimento da Libras – uma legislação que é fruto de lutas e mobilizações pela comunidade surda brasileira, composta por surdos e não surdos (os ouvintes).

Em seu primeiro artigo, a lei reconhece a legalidade da língua como meio de comunicação e expressão e dedica parágrafo único para definir o que é a Língua Brasileira de Sinais:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

É possível perceber que a legislação, embora apresente parágrafo relativamente curto, expressa com a profundidade e abrangência conceitual da língua, tratando-a como uma modalidade visual-motora, distinguindo-se da Língua Portuguesa, que é oral-auditiva.

Outro aspecto a se destacar é que essa legislação não deixa margem para se pensar que a Libras é somente uma forma de comunicação, que não se consegue exprimir conceitos abstratos, evitando, pela forma como a define, um entendimento equivocado, já que evidencia que tal sistema linguístico transmite "ideias e fatos" dos surdos brasileiros.

Nessa perspectiva, cabe frisar que, enquanto a Feneis apresenta alguns elementos estruturais pormenorizados e afirma a língua como "materna" – e também como instrumento de poder – a lei, por sua vez, destaca em que modalidade o sistema linguístico se encaixa. Outra realidade que se pode notar em ambos os conceitos é que a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos expõe um conceito detalhado e o dispositivo legal traz uma visão holística, o que não significa divergências de noções, mas concepções dialógicas e intercomplementares.

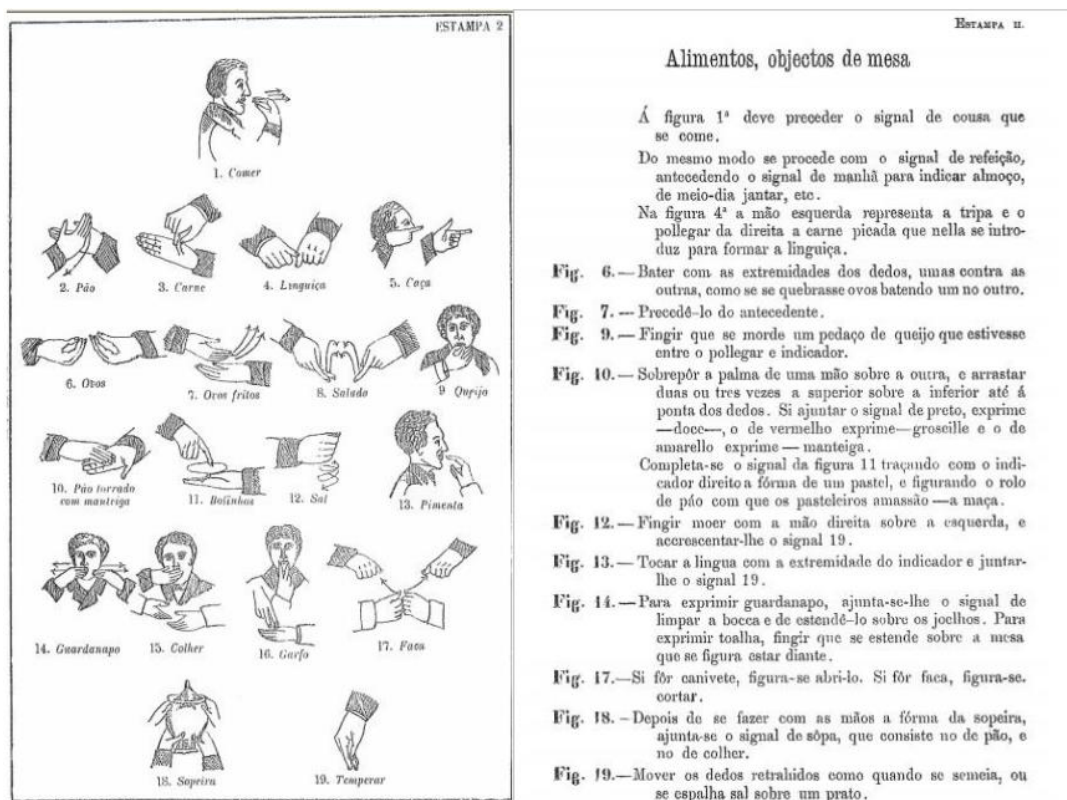
Além disso, podem-se evidenciar outras proximidades em ambas as definições, como a afirmação de a Libras ‘possuir uma gramática própria’ e que ‘é uma forma de comunicação dos surdos brasileiros’. Muito além de um entendimento da língua como uma propriedade exclusiva

do povo surdo, é uma língua que pode ser aprendida por qualquer pessoa que assim queira se comunicar com os surdos brasileiros, assim como qualquer outra língua que venha despertar o interesse das pessoas em aprendê-la e utilizá-las. O fato de destacar a língua como parte integrante de uma comunidade ressalta o valor que a Libras tem para esse grupo, que, por sua vez, vem acompanhada por diversas temáticas

Esclarecidos os pontos que caracterizam a Libras como uma língua e não uma linguagem, e explicitado o processo histórico de reconhecimento e oficialização desse idioma, faz-se relevante, a seguir, apresentar, de forma breve, as principais produções que marcaram a história da Língua de Sinais Nacionais.

O primeiro registro de produção é de Flausino José da Gama, aluno do INES. Intitulada de "Iconographia dos signaes dos surdos-mudos", material de 1875, no século XIX. Despertado após Flausino ver o livro do professor surdo francês Pellissier, na biblioteca da instituição, sendo o estudante hábil em desenho, realizou um curso de curta duração com o senhor Eduard Rensburg, ensinando-o a técnica da litografia, que foi rapidamente aprendida e resultou na construção do livro. Este faz parte de um material que foi utilizado pelo INES, compondo o acervo da instituição (TEMOTEO, 2012). Abaixo, disponibiliza-se uma figura que representa a estrutura da obra de Faustino, considerada pelo diretor do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos – assim era chamado o INES –, a primeira produção brasileira desta natureza.

Figura 1 - Iconographia dos signaes dos surdos-mudos - alimentos e objetos de mesa



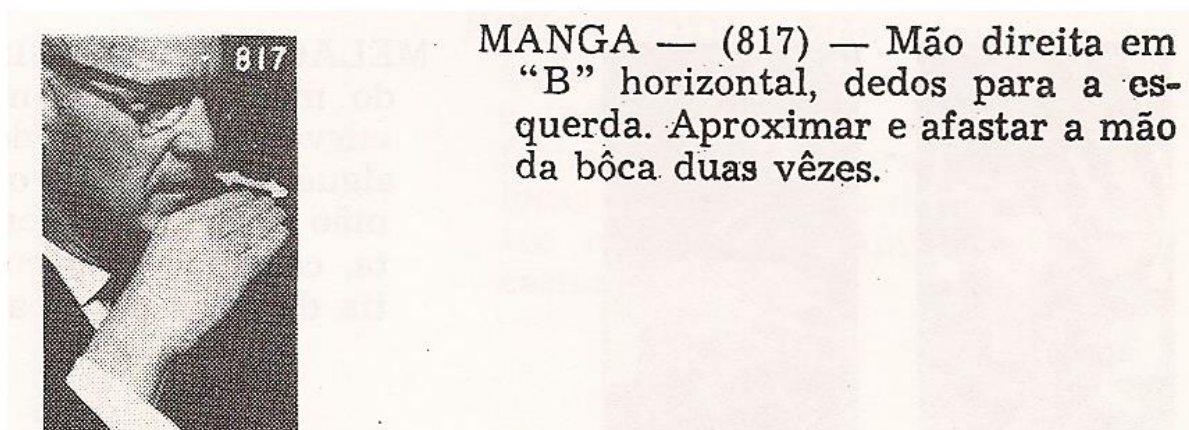
Fonte: GAMA, 1875, p. 12-13

Percebe-se que a estrutura do referido material fora elaborada através de desenhos que representavam os sinais realizados com setas, para indicar movimentos, e com os números, indicando a sequência dos sinais seguida do nome em Língua Portuguesa. Na página seguinte, havia uma breve descrição de como realizar a execução de cada sinal. Nota-se, ademais, que tanto a Língua de Sinais como a Língua Portuguesa estavam presentes desde a primeira produção de material didático para o ensino de surdos e de ouvintes.

O segundo material produzido foi do padre norte-americano Eugênio Oates (1969), ouvinte, fundador das primeiras pastorais de surdos no Brasil. Defensor do método de ensino das pessoas surdas através da língua oral, evidenciou-se que nem todo surdo tinha acesso à educação; razão pela qual fora produzido o seu manual intitulado "A linguagem das mãos" — como uma forma alternativa para os surdos em situação de exclusão educacional —, terem uma possibilidade de se comunicarem. No período da publicação da primeira edição deste manual, já havia tecnologia de registro das imagens por fotografia e filmagens através de vídeos, o que facilitou a produção do manual, sendo produzido e distribuído gratuitamente pelo país (TEMOTEO, 2012).

A seguir, será demonstrada a composição estrutural do manual de Oates (1969, p. 95):

Figura 2 - Livro A linguagem das mãos - Sinal de manga



Fonte: OATES, 1969, p. 95

Verifica-se que este material apresenta uma estrutura semelhante ao de Flausino: visível na descrição da execução do sinal. Entretanto, mostra uma tecnologia de registro fotográfico, já que apresenta o próprio autor realizando o sinal e a imagem editada, dispondo de seta que indica movimento, no caso da imagem, o sinal de "manga". Vale enfatizar que havia vídeotapes, que eram o registro de imagens de vídeo através de fitas de *Vídeo Home System* ("Sistema Doméstico de Vídeo", em português - VHS). O material, nessa configuração, tornava o aprendizado bastante intuitivo, posto que havia o recurso de vídeo como apoio visual. Também vale salientar que os aparelhos que realizavam a leitura dos VHS não estavam disponíveis para toda a população, em virtude de seu valor comercial. Apesar disso, a produção impressa do material conseguiu contemplar mais pessoas.

Ainda no século XX, encontra-se uma terceira produção, a do missionário evangélico, norte-americano John Everett Peterson, intitulada "Comunicação Total", material produzido em 1981, sendo a 1ª edição do livro "Comunicando com as mãos". Em 1987, ao ser refinado, passou a ser intitulado "Comunicando com as mãos". Esse material influenciou positivamente a Língua Brasileira de Sinais através de seu ensino e difusão em todo território nacional. O autor, após uma jornada de cerca de 7 anos, concluiu o livro, permitindo que fosse copiado e distribuído gratuitamente (TEMOTEO, 2012).

Inclusive, nessa época, em 1987, já havia distribuição gratuita para milhares de surdos e ouvintes, vindo, ademais, a servir de fonte de pesquisa para produções posteriores. A esse respeito, o próprio autor afirma que:

Desde o primeiro impresso deste livro em 1987, ele tem sido usado por milhares de surdos-mudos e ouvintes para aprender a MIFOBRA, agora chamada de Língua de Sinais Brasileira (LSB ou LIBRAS). Pessoalmente temos distribuídos mais de 10.000 exemplares e cremos que um número pelo menos o dobro disso tem sido feito por terceiros pelo xerox para as suas aulas. Este livro tem servido de base para pelos menos outros 3 livros de sinais em São Paulo, Manaus e Belo Horizonte. (PETERSON, 2003 p. 03)

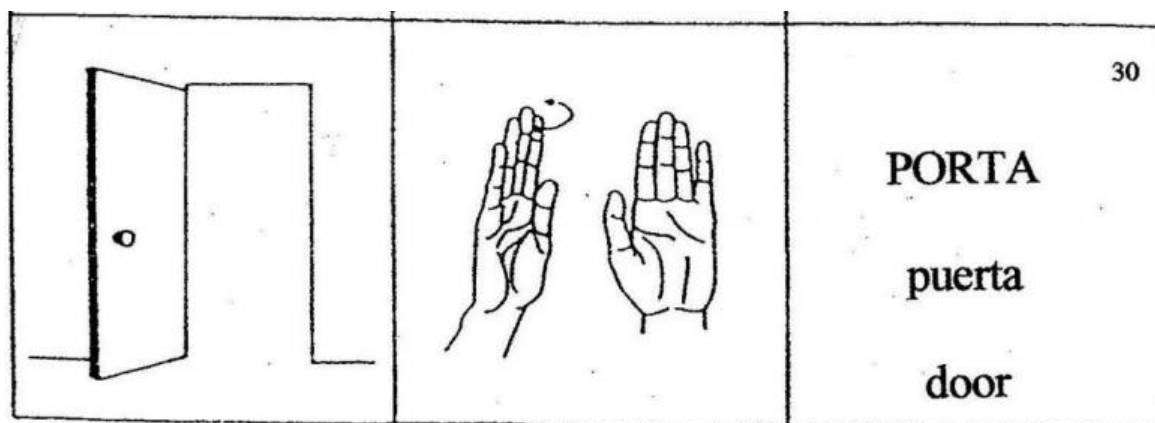
É interessante observar que, quando o autor denomina a Libras como MIFOBRA, estava se referindo a uma sigla que significa ‘Mímica Folclórica Brasileira’ descrita no próprio livro. O entendimento, neste período, é que a Libras não passava de uma forma de comunicação alternativa, através de gestos, que não necessariamente eram considerados como ‘uma língua’, embora fosse uma língua utilizada pela comunidade surda brasileira. Contudo, houve mudanças na concepção, em virtude de avanços relacionados aos estudos linguísticos da Língua de Sinais. Reflexo disso é a mudança da sigla para LSB (Língua de Sinais Brasileira) e, *a posteriori*, consolidada pela lei da Libras.

Apesar das explanações, ainda é relevante mais um esclarecimento: o significado do termo "surdo-mudo". Isso porque se nota que PETERSON (2003) recorre à nomenclatura utilizada pelo Padre Eugênio Oates, não obstante tal nomenclatura está em desuso, haja vista que condiciona a pessoa surda à impossibilidade de falar – o que é uma inverdade, visto que as pessoas surdas, em sua grande maioria, não possuem problema no aparelho fonoarticulatório. Dessa forma, não os impossibilita de falar, assim como ser um sujeito que não se pode articular nenhuma palavra de forma sonora. (GESSER, 2009).

Há inúmeras evidências de surdos e ouvintes que aprenderam a Libras com este material de simples compreensão. Através de sua estrutura intuitiva, era possível o aprendizado dos sinais com muita praticidade – inclusive, o material foi elaborado para que os surdos que não soubessem ler em Língua Portuguesa fossem capazes de identificar os sinais somente pela imagem ilustrativa do termo e o desenho do próprio sinal. Vale destacar que, neste período, ainda não havia sido criada a escrita dos sinais – somente o desenho dos sinais –, que era a forma mais prática e de baixo custo, pois as filmagens eram bem mais dispendiosas do que o registro e a produção de material filmado.

A estrutura do material era composta basicamente por imagens preto e branco, com um quadro dispondo quatro sinais por página, na seguinte ordem: desenho ilustrado - Sinal em Libras - palavra escrita em Língua Portuguesa, que, subseqüentemente, foi adicionada à escrita em Língua Inglesa e Espanhola para facilitar o aprendizado da Libras de surdos de outros países. Também possui um número no canto superior direito de cada palavra com o objetivo de marcar por ordem crescente cada sinal, conforme recorte na ilustração abaixo:

Figura 3 - Livro comunicando com as mãos - Sinal de porta

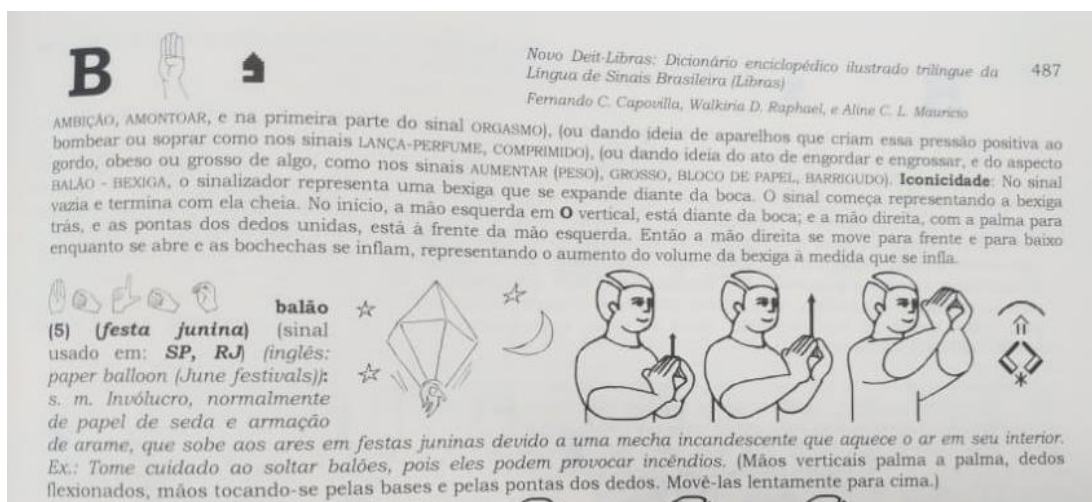


Fonte: PETERSON, 2003, p. 16

No século XXI, houve a publicação do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira - Deit-Trilíngue, obra que reúne uma produção mais elaborada, através da agregação com mais de quatorze mil verbetes em Libras. Isso trouxe uma nova realidade em direção à padronização dos sinais em Libras em todo território nacional.

O diferencial desse dicionário é que ele vem apresentando os verbetes em ordem alfabética: traz a palavra em Língua Portuguesa, a ilustração da palavra com uma imagem, o sinal em Libras, a descrição da execução do sinal e em quais contextos esse sinal é utilizado. Além de todas as descrições apresentadas, o dicionário também apresenta o verbete em escrita de sinais.

Figura 4 - Sinal de Balão do novo Deit-Libras



Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO (2012, p. 487)

Uma produção que durou mais de vinte anos para ser produzida, com mais de duzentas pessoas envolvidas direta e indiretamente e premiada pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU).

Todos esses materiais foram, de certa forma, consolidando e disseminando a língua em uso para que as pessoas surdas pudessem ter acesso às informações presentes na sociedade em diversos segmentos. O que os levou à organização de grupos de pessoas surdas usuárias da Libras, o povo surdo, bem como profissionais intérpretes de Libras, professores, instrutores, amigos e familiares das pessoas surda, culminando em uma organização política e social que se mobilizou para o início de lutas que defendiam e buscavam os direitos das pessoas surdas, a acessibilidade, educação, informação para a interação com a sociedade na qual estão inseridos. Isso aconteceu a partir do surgimento, com o tempo, de associações, de federações que militavam, e ainda militam, para que os direitos linguísticos fossem assegurados.

Com todo esse contexto, a comunidade surda brasileira passa a articular alguns marcos legais constituintes das conquistas históricas do povo surdo brasileiro. O primeiro marco legal de conquista foi a lei da acessibilidade de número 10.098, aprovada em 19 de dezembro de 2000, trazendo a primeira possibilidade de acessibilidade das pessoas com deficiências. Englobou as pessoas com surdez e pessoas surdas.

O segundo marco legal, que foi considerado como um dos mais importantes na história da Libras no Brasil, foi o reconhecimento da Libras como uma língua – deixando de ser

considerada uma forma de comunicação alternativa para ser concebida como uma língua legítima da comunidade surda brasileira, saindo, dessa forma, de um *status* de linguagem para o reconhecimento de uma língua legítima. É válido mencionar que muitos acabam interpretando a lei equivocadamente, afirmando que a língua foi reconhecida como língua oficial – o que é inverídico –, visto que a lei a menciona como ‘língua reconhecida’. Se fosse oficial, todos os documentos oficiais deveriam estar em Libras, o que, por si só, já é um argumento que não necessita de outro para rebater a afirmação sobre a língua ser oficial, sendo reconhecida pela lei 10.436 aprovada no dia 24 de abril de 2002.

O terceiro marco legal foi o decreto 5.626 de 2005. Este vem pormenorizar o que a lei da Libras não apresentou. Constitui uma grande vitória para a comunidade surda, pois nela consta a acessibilidade em diversos aspectos, formação de profissionais intérpretes de Libras, formação de profissionais que iriam atuar na educação de surdos, exames de proficiência em Libras, acessibilidade na saúde educação, dentre outros dispositivos que beneficiam o povo surdo brasileiro e toda a comunidade.

O quarto é a Lei Brasileira de Inclusão, aprovada sob o N° 13.146 em 6 de julho de 2015. Esta lei foi outra vitória para as pessoas com deficiências, de forma geral, mas os surdos também foram beneficiados. Com este dispositivo legal, foi possível oferecer emancipação às pessoas com deficiência, bem como alterar alguns pontos no Código Penal Brasileiro, e em outros dispositivos legais, criminalizando, portanto, o preconceito em relação às pessoas com deficiência. Retomando: assim como o decreto trouxe mudanças em diversas áreas, sendo algumas delas em relação à mobilidade, acessibilidade, saúde, educação, lazer, esporte e justiça.

O quinto e último é reconhecimento através do projeto de lei sancionado pelo presidente da República Jair Messias Bolsonaro, através da lei de N° 14.191, sancionada no dia 3 de agosto de 2021, a qual modifica a Lei Brasileira de Diretrizes e Base da Educação Nacional, ao trazer uma compreensão de que a Educação Bilíngue é uma modalidade de ensino independente, de forma que a Libras é a primeira língua de instrução e a Língua Portuguesa como segunda língua, respeitando e assegurando o direito de escolha por uma modalidade linguística que atenda às suas especificidades, tornando possível, dessa forma, a oferta de Educação Bilíngue na Educação Infantil.

Para que todas essas conquistas fossem possíveis, precisou-se do aprendizado, da disseminação e da construção de uma base linguística, cultural e de identidade para que, então, os dispositivos legais fossem alcançados.

2.2 O QUE ENCONTRAMOS NA LITERATURA SOBRE L1 A RESPEITO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS?

A experiência de Educação Bilíngue Libras/Português para crianças surdas por professores surdos em sala bilíngue, torna-se um recorte bem específico e relevante sobre as interações presentes neste campo. Isso porque a reunião de produções, ou pelo menos das temáticas que tangenciam esta área de conhecimento poderão solidificar e contribuir para presente produção e demais obras científicas acerca dessa experiência.

Realizar uma compilação destes trabalhos é de significativa relevância social, haja vista que contemplam a comunidade surda, sendo mais específico, no Brasil, no campo educacional que abrange as crianças surdas, nos anos iniciais da formação escolar. Assim, poderá trazer luz a uma melhor compreensão da Libras como L1, já amplamente utilizada por professores surdos em sala bilíngue.

Dito isso, será exposto um breve levantamento dos últimos cinco anos de publicações científicas que dialogam a respeito da educação de crianças surdas, ligadas ao ensino de Libras como primeira língua (L1), além da exposição conteúdos relacionados às disciplinas escolares, através da língua de sinais como língua de instrução, enquanto que o processo de aquisição linguística acontece.

Produções essas que estão disponíveis através de artigos dissertações e teses, cujo destaque se dará mediante levantamento bibliográfico às que permeiam o referido campo de estudo, direta ou indiretamente. Quanto aos locais de publicação/depósito, estas se encontram disponíveis no programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), na Biblioteca de Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e também no banco de dados do “Google Acadêmico”. São agregadoras ao presente trabalho por lançarem as bases do conhecimento teórico e facilitarem o entendimento da experiência bilíngue entre professor e estudantes surdos.

Para as buscas destas produções, foram delimitadas as palavras-chave, que estão presentes nesta dissertação, concentrando os esforços no campo educacional das pessoas surdas. Esses termos ventilam a compreensão acerca da língua, artefato cultural do povo surdo brasileiro, o uso de duas línguas distintas que fazem parte do processo de formação linguística das crianças surdas, bem como o entendimento do que se configura como primeira língua e

também quem são os agentes envolvidos nesse processo em que utilizam a Libras como principal meio de interposição da cognição.

A primeira fase das buscas esteve focada no repositório do próprio banco de dissertações do PPGESA, a serem dispostas por ordem de produção, o que não significa dizer que seja por ordem de importância, conforme abaixo:

Quadro 1 - Estudos sobre a educação de pessoas surdas, produzidos no PPGESA.

Autor	Título	Local e Ano	Tipo de Trabalho	Palavras-chave
OLIVEIRA, Maria Nacelha Ferreira	Uso do Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais – ELiS no processo de letramento de crianças surdas em uma escola pública municipal de Juazeiro-BA e outra de Curaçá-BA.	Juazeiro- BA – UNEB, 2018	Dissertação	ELiS. Libras. Crianças surdas. Letramento.
BARBOSA, Gabriela Lapa Teles	O lugar do sinal-nome nas comunidades surdas no semiárido pernambucano	Juazeiro- BA – UNEB, 2019	Dissertação	Identidade Surda. Sinal-nome. Semiárido pernambucano. Representação. Desconstrução
PEREIRA, Aurinete Barbosa Mulato	Ensino da escrita para surdos: metodologias no Atendimento Educacional Especializado-AEE	Juazeiro- BA – UNEB, 2021	Dissertação	Língua Portuguesa; Ensino da Escrita; Surdo; Sala de AEE.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

As produções disponíveis no banco de dissertações do PPGESA, embora não dialoguem diretamente com a temática desta produção, podem trazer luz ao entendimento tangencial, esclarecendo diversas áreas, algumas delas partilhando conceitos acerca do povo e a comunidade surda brasileira, assim como o campo educacional das pessoas surdas.

Acerca da relevância de se entender sobre as nuances do campo, é necessário entender o que é um espaço de estudo e reflexão de acordo com Rodrigues (2020, p. 23): “o campo educacional é um espaço de estudo e reflexão sobre a educação, suas práticas, instituições, políticas e sujeitos envolvidos.” Vê-se que apresentar produções é abrir possibilidades para a reflexão do campo pesquisado através de diversos olhares.

A segunda fase das buscas focou nos outros repositórios, outrora mencionados, além das delimitações, relacionados aos bancos de dados de publicações científicas escolares e aos termos pesquisados, tentando-se realizar um refinamento em relação aos trabalhos que dialogassem com os conceitos pretendidos. As atenções estiveram voltadas às últimas produções sobre a educação de surdos, especificamente acerca de salas bilíngues com professores surdos, ou que envolvem direta ou indiretamente sobre este campo, em um recorte temporal, levando em consideração os anos de 2017 a 2021. Conforme compilação dos dados no quadro a seguir:

Quadro 2 - Estudos sobre a educação de pessoas surdas, produzidos de 2017 a 2021.

Autor	Título	Local e Ano	Tipo de Trabalho	Palavras-chave
MIRANDA, Dayse Garcia	Libras, Bilinguismo e Educação Bilíngue: O Território do Surdo	Signótica. 2021, v.33: e64643	Artigo	Bilinguismo. Língua de Sinais. Educação Bilíngue.
SOUZA, Isabel Cristina Langsdorff de; FREITAS, Maria Cecilia Martínez Amaro	O professor bilíngue na educação infantil com crianças surdas	X Mostra Científica do Curso de Pedagogia – UniEvangélica, 2021	Artigo	Bilinguismo. LIBRAS. Professor. Criança surda.
SILVEIRA, Joicemara Severo	Identidade e bilinguismo: um estudo com pessoas surdas	UEM, 2020	Dissertação	Linguagem; Língua de Sinais; Bilinguismo; Identidade Surda; Cultura
APARÍCIO, Ana Sílvia Moço;	A abordagem bilíngue para crianças com	Periódico, Cadernos de Educação, v.18,	Artigo	Abordagem bilíngue para surdos; prática docente;

OLIVEIRA, Amanda Cavalcante; RENDERS, Elizabete Cristina Costa	surdez e a prática docente: em perspectiva os objetos de aprendizagem	n. 36, jan.-jun. 2019		Objetos de aprendizagem; Português como língua adicional.
CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da, PRADO, Rosana	Educação bilíngue e letramento visual: reflexões sobre o ensino para surdos	Periódico Científico do INES, Revista Espaço, N. 52, Jul - Dez, 2019	Artigo	Educação bilíngue para surdos; Letramento visual; Libras; Língua Portuguesa escrita
MIRANDA, Eliane dos Santos; CERQUEIRA, Lorena de Oliveira Moreira; SILVA, Márcia Aparecida Rodrigues e.	Libras como ferramenta pedagógica no processo educacional do aluno surdo	Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 1, n. 2, p. 159-173, mai./ago. 2019	Artigo	Aluno surdo; Educação Bilíngue; Libras; Processo Pedagógico.
KARNOPP, Lodenir Becker; POKORSKI, Juliana de Oliveira; ZANINI, Joseane Veloso	Narrativas sobre a Docência na Educação de Surdos	Revista The Specialist, Vol. 4 N. 3, PUC/SP, 2019	Artigo	Educação Bilíngue, Narrativas, Libras, Identidade Surda
SILVA, Juliana Gemelli	Bilinguismo na Escola – uma gestão inclusiva para surdos e ouvintes	UFFS, 2018	Artigo	Surdez. Escola Regular. Inclusão. Bilinguismo
SANTOS, Angélica Niero Mendes dos	A língua brasileira de sinais na educação de surdos: língua de instrução e disciplina curricular	FEUSP, 2018	Dissertação	Currículo. Escola bilíngue. Educação bilíngue. Educação dos surdos.
VIEIRA, Claudia Regina	Educação bilíngue para surdos: reflexões a partir	FEUSP, 2017	<u>Tese</u>	Educação dos surdos. Educação bilíngue.

	de uma experiência pedagógica			Práticas pedagógicas. Libras.
CAMPOS, Sandra Regina Leite de	A representação social dos professores de surdos sobre o ensino de Libras e Língua Portuguesa no Ensino Fundamental I	FEUSP, 2017	Tese	Educação de surdos. Educação bilíngue para surdos. Representação social. Libras. Surdos. Língua de sinais.
VITORINO, Anderson Francisco	Educação bilíngue: o desdobramento das práticas pedagógicas com alunos surdos	UFS - PPGED, 2017	Dissertação	Bilinguismo. Educação bilíngue. Libras. Pesquisa Colaborativa. Práticas Pedagógicas

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Vale salientar que foi utilizada a estrutura, na construção do quadro anterior, que apresenta o autor, o título da obra, local/ano. Contudo, para proporcionar melhor visão das produções e compreender a sua abrangência, também se incluiu o espaço para referir que tipo de trabalho (artigo, dissertações, teses, periódicos etc.), além do campo de palavras-chave. Esse refinamento permite a aproximação possível do objeto de estudo desta dissertação.

O levantamento bibliográfico não se restringiu somente às doze produções dispostas no quadro anterior, mas também a 25 produções encontradas, que, indiretamente, discorrem sobre a Libras, legislações e educação de pessoas surdas. Todavia, após os filtros especificamente aplicados à temática pesquisada, bem como as palavras-chave da presente produção, chegando-se às compilações dispostas no quadro 2.

Tais produções oportunizam o entendimento dos conceitos acerca do bilinguismo e da Educação Bilíngue, assim como as bases legais que situam estas temáticas e o desenvolvimento da criança surda e o papel do professor bilíngue: algo que está intrinsecamente ligado ao aprendizado da Libras como L1, no processo pedagógico do aprendizado linguístico de estudantes surdos.

As dissertações e teses com as quais se deparou dialogam diretamente sobre questões culturais e da identidade da pessoa surda. Ademais, encontraram-se trabalhos que focam na abordagem bilíngue através da prática docente que está ancorada em um entendimento da surdez como uma experiência visual que envolve a interação entre duas línguas. Dialoga, outrossim, diretamente com o letramento visual e evidencia as fragilidades dos espaços de educação bilíngue que, por vezes, não possuem profissionais com formação apropriada para atuar neste espaço de aquisição linguística das crianças surdas.

Nas produções, notaram-se narrativas de docentes na educação de surdos, bem como o enfoque dos professores serem fluentes na Libras, como forma de valorização de todos os aspectos relacionados à cultura da pessoa surda e sua identidade. Outro ponto relevante observado está relacionado aos documentos legais que normatizam a educação bilíngue de pessoas surdas.

Outra questão destacada nas produções consultadas, e compiladas no quadro 2, é o protagonismo que a Libras tem como língua de instrução e também como disciplina na matriz curricular no ensino bilíngue da pessoa surda, bem como as práticas pedagógicas que acontecem no espaço assumidamente bilíngue, o que, por sua vez, acaba diminuindo o protagonismo da Língua Portuguesa, contudo passa a tomar uma posição que o aprendizado acontece naturalmente à medida que a língua de sinais está sendo adquirida, proporcionando o empoderamento linguístico, formando base sólidas para a construção da identidade surda, que tem como referentes os seus pares, adultos, fluentes na língua e modelos a serem seguidos. Uma representação social dos professores surdos, pautando o ensino na educação bilíngue. Buscando, assim, entender o surdo como um sujeito cultural, que, por meio de sua língua, exprime todas as suas lutas e conquistas para o seu próprio bem e também de toda a comunidade.

Outro destaque relevante encontrado nas produções se dá ao fato de que boa parte das famílias estão ausentes no processo do desenvolvimento linguístico das crianças em destaque.

Por fim, durante o levantamento bibliográfico, verificou-se que, embora muitos trabalhos apresentassem em suas palavras-chave, os termos "bilíngue" e "surdos", após serem investigados com maior cautela, estes estavam se referindo a uma educação inclusiva, a qual contempla o profissional intérprete de Libras e professor regente da sala de aula regular, levando a um entendimento equivocado sobre a modalidade bilíngue. Apesar de a figura do professor regente utilizar a Língua Portuguesa na regência da aula e o profissional intérprete/tradutor fazer uso da Língua de Sinais no mesmo espaço de sala de aula, não apresenta elementos suficientes para considerar a inclusão dos estudantes surdos como um

processo de Educação Bilíngue. Algo que se pode refutar, facilmente, a começar pela língua de instrução na modalidade bilíngue para crianças surdas, que é a Língua de Sinais e não a Língua Portuguesa. Outro ponto está relacionado à ausência da Libras na matriz curricular da própria modalidade em destaque, além de todos os planos de aulas não serem pensados nas pessoas surdas, mas para pessoas ouvintes.

Curioso também foi o que se encontrou, durante o levantamento bibliográfico, é a respeito dos Atendimentos Educacionais Especializados, assim como as salas de recursos, que, equivocadamente, produzem pseudopositivo acerca do entendimento bilíngue. Tais pontos, de fato, configuram-se com real importância da educação de pessoas com necessidades específicas, até mesmo na educação de surdos, contudo não conseguem expressar a real forma do *modus operandi* da sala bilíngue, o que, por sua vez, podem produzir materiais acadêmicos com concepções e entendimentos limitados ou, até mesmo, equivocados sobre a Educação Bilíngue.

2.3 PRIMEIRA LÍNGUA

Para a pessoa surda, existe uma grande dificuldade de aprendizagem da língua oral-auditiva, principalmente porque ela se depara com obstáculos para expressar sua identidade em uma língua que não lhe é natural, tornando-se imprescindível aprender a Língua de Sinais.

Naturalmente, é indispensável se comunicar com as outras pessoas, o que leva a compreender a necessidade da existência de uma identidade linguística para tal interação. Nesse sentido, a Libras assume essa posição para comunicação da pessoa surda, para qual que vem a ser o principal meio de comunicação para interagir e exprimir seus sentimentos, ideias e se fazer presente enquanto sujeito atuante na sociedade (QUADROS, 1997).

No tocante ao espaço escolar, ao se deparar com uma sala bilíngue, acredita-se que a esta, por utilizar a Libras como base linguística de ensino, poderá possibilitar uma comunicação natural entre os estudantes surdos e o docente. Nessa perspectiva, o espaço escolar acaba se configurando um bom local de aquisição linguística, conforme destaca OLIVEIRA (2018):

Para o surdo, a exposição a Libras na escola tem grande valor, principalmente, na infância, justamente devido ao fato de a maioria ser oriunda de famílias de pessoas não surdas, não usuárias da LS, impossibilitando a aquisição de sua língua natural e da língua oral (devido à modalidade oral-auditiva). Consequentemente, se não for exposta a um ambiente favorável, a aquisição da LS de sinais chegará à escola sem um sistema linguístico sistematizado (OLIVEIRA, 2018, p. 48).

Refletir sobre a possibilidade desse espaço é fundamental, haja vista que a maioria dos surdos, oriundos de famílias que não dominam a Língua de Sinais, interagem pouco com seus pais (KELMA 2011), o que, por sua vez, não possibilita uma aquisição linguística em virtude de não manter contato com seus pares. Nessa lógica, os surdos acabam chegando à escola como aqueles que não possuem uma língua definida, mas com adaptações no processo comunicacional (SILVA, 2007).

Para que os surdos possam deixar essa condição de “não conhecedores” da própria língua, faz-se necessária a interação comunicacional em diversos espaços, conforme afirma Negrelli e Marcon (2006) sobre uso interativo da língua:

[...], na educação e nas escolas, vai proporcionar a vivência de uma realidade bilíngue das relações culturais, institucionais e sociais.” Imersos no contexto de uso linguístico, poderá proporcionar o desenvolvimento em diversos campos, conectando os sujeitos a sua cultura, identidade e lhes possibilitando o acesso ao multiculturalismo, a saber, o seu próprio mundo e também uma abertura ao aprendizado do mundo dos “ouvintes. (NEGRELLI e MARCON 2006, p.103)

Um campo que é afetado diretamente pela falta da aquisição linguística é a formação e o desenvolvimento psicológico das crianças. Levando-se em consideração que as crianças surdas não estão fora desta realidade, faz-se necessário que estas possam desenvolver esses aspectos através das relações e interações sociais. Conforme Vygotsky (1989), o desenvolvimento psicológico acontece de forma gradual e individualizada. Dessa forma, é possível compreender que o acesso a uma língua que contemple as especificidades acaba gerando um avanço significativo em sua formação educacional.

Apesar de tudo, não se pode afirmar que pessoas surdas com uma língua não adquirida são seres “desprovidos de mente”, como pensavam os gregos a respeito da pessoa surda (STROBEL, 2009). Isso porque a ausência de uma língua pode acarretar diversos prejuízos, como destaca Sacks (1998 p. 52), ao afirmar que: “(...) está gravemente restrito no alcance de seus pensamentos, confinado, de fato, a um mundo imediato, pequeno”. Em outras palavras, limita-se a pessoa surda a não compreender, de forma holística, o mundo ao qual ela está imersa, mas limitada, sem acesso ao conhecimento de sua própria língua. Por vezes, a sociedade acaba assimilando as filosofias deixadas no passado, trazendo-as para “atormentar o presente”, quando tentam “curar” a pessoa surda através do ensino de uma língua oral-auditiva que, ao invés de trazer crescimento e aprendizagem, acaba plantando desencontros e colhendo déficit de aprendizagem.

Quando o direito comunicacional é cerceado, o agente passa a acumular diversos prejuízos, barreiras comunicacionais, emocionais e sociais. Como assinala Reis (1997), em sua pesquisa, com os pais que possuem crianças surdas, o maior medo dos pais ouvintes não era a limitação dos surdos em não ouvir, e sim de não serem compreendidos, em virtude de estarem em um mundo baseado no som.

Aspectos esses que levam diretamente à formação de identidade das crianças surdas. Diante desse fato, cabe questionar: como formar uma identidade de “ouvinte” se a comunicação dos surdos não estiver baseada no som? Tal qual a formação de uma identidade “surda” sem uma língua visual espacial adquirida.

É fato que a construção da identidade surda está intimamente ligada ao aprendizado da língua, bem como a interação entre eles, nos espaços onde os mesmos estão inseridos, o que, gradativamente, garante a construção da identidade, conforme destaca Miranda (2001):

A comunidade surda constrói uma cultura e produz identidades em espaços geográficos, no sentido de não nascerem dentro desses, mas em espaços possibilitados ou conquistados para que ocorra, intencionalmente ou não, a organização e a produção surda. (MIRANDA, 2001, p. 20).

Percebe-se que a construção da identidade acontece em “espaços possibilitados ou conquistados”, conforme Miranda (2001). O ambiente escolar, através da sala bilíngue, foi resultado de conquistas históricas através de lutas da comunidade surda. Nesse espaço educacional, a língua de instrução é a Libras, o que, de fato, corrobora para o fomento da produção surda e fortalecimento da cultura e identidade. Destarte, quando o(a) professor(a) regente for surdo(a), todo esse processo acontece fortalecendo a comunidade surda. (PERLIN, 2000)

Nesse sentido, destaca-se a importância deste espaço bilíngue para as crianças surdas, através da regência de professores surdos, em virtude de ambos poderem compartilhar da mesma modalidade linguística, o que lhes possibilitará uma metodologia baseada no letramento visual. Sobre o processo metodológico para o ensino de crianças surdas, pode-se afirmar que não é o mesmo utilizado para crianças ouvintes, pois evidencia particularidades, certas complexidades que estão para além da língua, como assevera Silva (2008):

A metodologia de ensino para alunos surdos não é a mesma aplicada ao ensino de alunos ouvintes. Existem diferenças que ultrapassam o uso da língua, logo não se resolveria apenas disponibilizando intérpretes nas salas de aula. Pensar a pedagogia

que o ensino para alunos surdos é o primeiro passo para fazer acontecer o processo de inclusão. (SILVA, 2008, p. 36)

Como alguns pensam equivocadamente que a presença do profissional intérprete já bastaria para o ensino das crianças surdas – pois todo conteúdo que está sendo ministrado para as crianças ouvintes – simplesmente poderia ser transportado de uma língua para outra. Contudo, sendo otimista a este respeito, como Silva (2008) declara, é o pontapé inicial para “acontecer o processo de inclusão”.

Todas essas questões fazem voltar os olhares para as questões do campo visual das pessoas surdas – aspecto fundamental para a compreensão do mundo no qual os surdos estão inseridos, visto que, para a pessoa surda, é tão natural quanto para os ouvintes quando ouvem seus primeiros sons, consoante destaca Campello (2008):

Na vida cotidiana os Surdos adquirem e operam gradativamente os signos visuais como alguma coisa muito íntima, despertando a sua consciência interna, já no momento do nascimento e do desenvolvimento da linguagem, como uma vara mágica ao tocar na sua cabeça. Os signos visuais, com os próprios olhos, são como uma música visual, assim como os ouvintes quando ouvem os primeiros sons. (CAMPELLO, 2008, p. 141).

A assimilação desses “signos visuais” irá formar uma estrutura que servirá de base para a aquisição linguística, que, por sua vez, servirá de canal principal de aprendizado de saberes e processos comunicacionais em toda a sua vida – principalmente no campo educacional, que irá oportunizar o acesso a diversos espaços no processo de construção das identidades dos sujeitos.

Dessa forma, para se compreender melhor sobre as questões levantadas, embasando as produções existentes e a análise das relações presentes no estudo de caso destacado, acredita-se ser possível aprofundar os estudos sobre esse campo e trazer contribuições para a educação dos surdos.

2.4 BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Quando se fala em bilinguismo, está-se referindo ao entendimento de um indivíduo que possui a capacidade de aprender e operacionalizar o uso da comunicação em duas ou mais línguas, de forma que o aprendizado das línguas possa acontecer de forma espontânea por estar inserido em um ambiente linguístico favorável para tal aprendizado, garantindo que o indivíduo

esteja em situação comunicacional do dia a dia e que necessite do uso das línguas ou mediante aprendizado, que é uma escolha do sujeito. Vale salientar que isso acontece em qualquer parte do mundo (MIRANDA, 2021).

Outra definição para bilinguismo, em poucas palavras, é a encontrada em Miranda (2021), quando busca em Grosjean (1982): “o uso regular de mais de um idioma”, envolvendo todo o país, todas as classes sociais e idades.

Quando se traz esse entendimento para as crianças com surdez, refere-se à compreensão de que elas utilizam a língua de sinais e os demais ouvintes estão utilizando a língua oral. Segundo Miranda (2021), há uma diversidade de domínio das línguas, algumas possuem maior assimilação e desenvolvimento na Língua de Sinais e outras na língua oral, existe uma evidência maior, até mesmo um equilíbrio entre ambas. Ainda segundo a referida autora, existem os diferentes tipos de bilinguismos: “Podemos encontrar diferentes tipos de bilinguismo nas crianças surdas; sendo assim, usarão ambas as línguas nos diversos contextos, tanto no universo surdo quanto no universo ouvinte”.

Sobre esses tipos de bilinguismos, em relação à pessoa surda, Quadros (2019), classifica como bimodal e/ou intermodal e o bilinguismo unimodal. O primeiro está relacionado à capacidade de utilização da língua de forma simultânea, uma vez que utilizam diferentes articuladores, visual e oral. Para Quadros, Lillo, Pichler (2013), esta simultaneidade pode acontecer de forma sobreposta (code-blending), alternada (code-switching), e a mistura de ambas as línguas (code-mixed). Contudo, vale destacar que há uma tendência para acreditar que, nesse processo, existe uma dominância ou preferência linguística para nortear o processo de comunicação ou na sobreposição ou no uso simultâneo. Uma situação bilíngue distinta de qualquer outra, visto que, quando se trata da pessoa surda, menciona-se o uso de duas línguas que não estão na mesma modalidade, pois uma é visual espacial e a outra é oral auditiva (QUADROS, 2019).

Já o segundo, os bilíngues bimodais, relaciona-se à impossibilidade de produzirem palavras em duas línguas ao mesmo tempo, somente de forma sequencial, em virtude de estarem na mesma modalidade de língua (MIRANDA, 2021).

Neste contexto, quando se mencionam as crianças surdas bilíngues, há um entendimento de que elas utilizam a Língua de Sinais como principal meio de mediação da comunicação e a língua oral está relacionada à aquisição na sua forma escrita, sempre em uma perspectiva de

segunda língua. Já em relação à primeira língua, alude-se à fala de Miranda (2021), a qual afirma que: “A LS deve ser adquirida como L1, sendo esta considerada o único meio de comunicação que a criança surda deve usar para desenvolver suas capacidades cognitivas, adquirir conhecimentos, comunicar-se plenamente e compreender o mundo que a cerca” (MIRANDA 2021, p. 12). Por esse motivo, destaca-se, repetidas vezes, a importância da exposição das crianças surdas à Língua de Sinais, sendo utilizada como meio de mediação dos conteúdos ministrados através de variadas matérias escolares. Dessa maneira, nota-se o desenvolvimento em diversas áreas da vida.

Conforme Miranda (2021), entre as crianças surdas bilíngues existem poucas exceções em que elas consigam competência nativa em duas línguas. Nessa perspectiva, a referida autora destaca que: “(...) alguns podem ter alta competência em ambas as línguas na modalidade oral e/ou escrita; outros, melhor desempenho na compreensão e/ou na habilidade oral (MIRANDA, 2021, p. 13)”. Além disso, salienta a importância de identificar em que contexto a criança está sendo identificada como bilíngue.

Miranda (2021) recorre a Jean Ann (2004, p. 42), quando frisa sobre a aquisição da segunda língua (L2), mencionando, portanto, que existe certa imprevisibilidade em virtude de alguns fatores assevera que:

A aquisição da L2 de um indivíduo pode se desenvolver em diferentes níveis, pois estão incluídos os fatores mais diversos, tais como idade, razões para aprender segunda língua, tipo de formação na segunda língua, motivação para aprender a L2, função que a L2 desempenhará na vida e razões sociolinguísticas para preservar pedaços da L1 na produção da segunda. (MIRANDA, 2021 apud Jean Ann, 2004, p.42).

Quando Jean Ann (2004) destaca essa diversidade de fatores, que, conseqüentemente, irão gerar diferentes tipos de crianças bilíngues, torna a compreensão deste campo bem difícil, tanto para ouvintes quanto para surdos. No entanto, quando aborda a “motivação para aprender”, traz-se uma reflexão no sentido de que, em sua grande maioria, as crianças surdas, nascem em famílias de pais ouvintes (SILVA, 2007), o que, por seu turno, gera uma barreira que irá dificultar e poderá até impedir a motivação para aprender. Neste caso, os pais que utilizam uma língua oral para a comunicação familiar, em sua grande maioria, não fazem uso da língua de sinais para se comunicarem com seus filhos.

Outro ponto relevante é que, mesmo que o surdo consiga dominar a sua L1 com fluência, e consiga dominar a sua L2, no caso a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, a maioria dos ouvintes poderão não os considerar bilíngues, sendo isso um dos motivos: a dominância de sua primeira língua, também sabe uma segunda língua, em outra modalidade, mas não consegue pronunciar uma palavra na língua oral (MIRANDA, 2021). Dessa forma, sendo levados a descrédito em relação a sua condição de bilíngue, o que, de fato, é uma falácia, pois, uma vez que consegue dominar uma segunda língua, já está na condição de uma pessoa bilíngue – mesmo que a dominância seja em modalidade linguística distinta. Esse tipo de olhar sobre os usuários da língua e a própria língua interfere no desempenho linguístico, como afirma Miranda (2021) através de Grosjean (1982), quando diz:

Atitudes e valores sobre a língua afetam seus usuários, sendo difícil separar a língua de seus utentes. Portanto, a autora discorre sobre a LS ser, geralmente, usada entre surdo-surdo e surdo-ouvinte (que saiba a LS) para conversar, assistir palestras e aulas, logo, ela é a língua de interação. (MIRANDA, 2021, apud GROSJEAN, 1982, p. 15).

Quando destaca que é uma língua de interação, os autores encontram no cerne do bilinguismo, que é a própria língua em si, que sem as línguas e sem a interação através de quem utiliza a língua também não existe bilinguismo, assim como refletir que, quando a língua é desmerecida, todos os seus usuários também são, de modo a haver com algo lógico sobre o assunto.

A compreensão de quem é a pessoa surda e a Libras se faz necessário através do entendimento de conceitos fundamentais sobre o povo surdo e sua língua para o início da apresentação de qualquer outro aspecto sobre este campo. Isso porque, uma vez bem definidos esses termos, os quais se propõem a dialogar, será possível esclarecer sobre eventuais mitos ou compreensões equivocadas sobre o assunto e se fará compreender os caminhos percorridos pela educação das pessoas surdas em nosso país.

Nos próximos parágrafos, há de se concentrar em definir esses dois termos, a fim de trazer melhor entendimento sobre os mesmos. Por vezes, existe uma compreensão de que o conceito de "surdos" e "surdez" são sinônimos, sendo bastante comum em publicações. Igualmente com o termo "Libras", que vem sendo atribuído equivocadamente a um código de comunicação ou uma "linguagem" assim chamada.

O conceito mais utilizado em relação à pessoa que não ouve está estabelecido em uma concepção clínica terapêutica. Isso porque esta forma de compreender e de classificar aquele

que não ouve está diretamente ligada a sua perda auditiva, verificada através de um exame audiométrico, que possibilita a mensuração do nível de audição que esses agentes possuem. Esse exame é realizado por um profissional médico otorrinolaringologista ou um fonoaudiólogo. Tal fato leva à dedução de que a condição da pessoa que não ouve é classificada de forma médica.

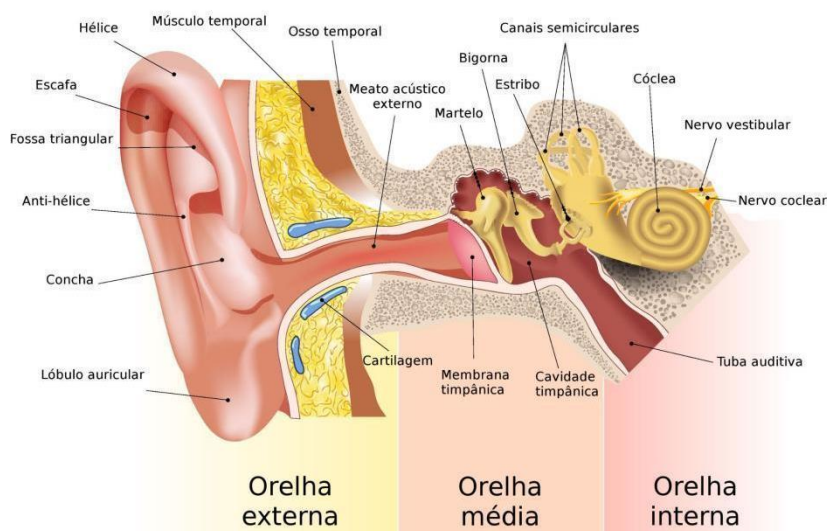
Nesta concepção, há de se estar utilizando o termo "surdez" para aqueles que não ouvem ou ouvem com dificuldade, isto através de uma perspectiva clínica, que entende a surdez como uma patologia presente nos sujeitos, que pode ser verificada através de níveis de classificação auditivos. Conforme legislação específica, a qual, no capítulo I, parágrafo único, define a perda auditiva e a deficiência auditiva da seguinte forma: "Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500 Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz" (BRASIL 2005).

A classificação da surdez irá definir que o indivíduo pode possuir uma perda auditiva de forma leve, moderada ou profunda. Isso se faz a partir da medição de frequências de ondas sonoras denominadas de Hertz (Hz), unidade de medida da frequência do som, estabelecida no sistema internacional de unidades (SI), que corresponde a ciclos percorridos pelo som no tempo de um segundo. Vale salientar que a audiometria é feita uma distinção em audiometria tonal e de voz. A primeira refere-se à realizada de forma aérea, emissão de som, e com base óssea. Já a segunda está relacionada a palavras que são lidas e devem ser repetidas pelo paciente (SERENITY, 2022).

A emissão de sons em diferentes frequências e intensidades traz como resultado uma avaliação da audição para saber o nível de perda auditiva e qual seu tipo mediante curva obtida, denominada de audiograma. A realização do exame se dá em local adequado: uma cabine à prova de som, na qual se utiliza frequência sonora de referência, chamada de baixa e alta frequência, em que a baixa equivale a 125 Hz e a alta vai até 8000 Hz (SERENITY, 2022).

Os resultados são obtidos através das vibrações sonoras percorridas através dos pequenos ossos do ouvido denominados de ossículos auditivos (mastóide) e da propagação do som pelo ar até atingirem o tímpano, que é uma pequena e finíssima membrana elástica localizada no canal auditivo, que separa, assim, a orelha externa da orelha média. Para se entender melhor esses aspectos, vale destacar a estrutura do aparelho auditivo.

Figura 5 - Anatomia da Orelha



Fonte: SILVA (2022)

Vale salientar que as perdas auditivas podem acontecer de forma indutiva pura (SERENITY, 2022) que variam de questões traumáticas, doenças e surdez de natureza congênita, ou seja, o agente nasce com esta condição. As questões traumáticas podem ocorrer por perfurações acidentais, através de diversos objetos – cotonetes, palitos, chaves, acidentes de mergulho, etc. (SERENITY, 2022). Já as questões relacionadas às doenças podem acontecer por meio de meningite, rubéola, sarampo, dentre outras. Nestes casos, causando uma surdez denominada de neurosensorial, ocorrendo a lesão nas células sensoriais e nervosas, que levam o estímulo até a cóclea e, conseqüentemente, até o cérebro (JORGE, 2018).

Até mesmo altas dosagens prolongadas de medicações podem causar a surdez. Já a surdez congênita é adquirida durante a gestão, o que pode levar o bebê a ficar surdo por meio das patologias citadas anteriormente, ou através de medicamentos ingeridos pela mãe da criança e até mesmo por questões de hereditariedade. (RINALDI, 1997).

Como forma de "solucionar" esta patologia, consoante concepção clínica terapêutica, há o uso de próteses auditivas, as quais podem ser de ampliação sonora linear, ou não linear, conforme destaca COSTA & IÓRIO (2006):

Atualmente, podemos definir dois tipos diferentes de amplificação sonora, baseado na maneira como o ganho é proporcionado. Quando não há variação do ganho, ou seja, a quantidade de amplificação é a mesma para todas as intensidades sonoras de entrada, classificamos como próteses auditivas lineares. No entanto, quando há alteração

automática nos parâmetros de amplificação, especialmente do ganho, essas próteses são classificadas como não lineares. (COSTA & IÓRIO, 2006, p.22)

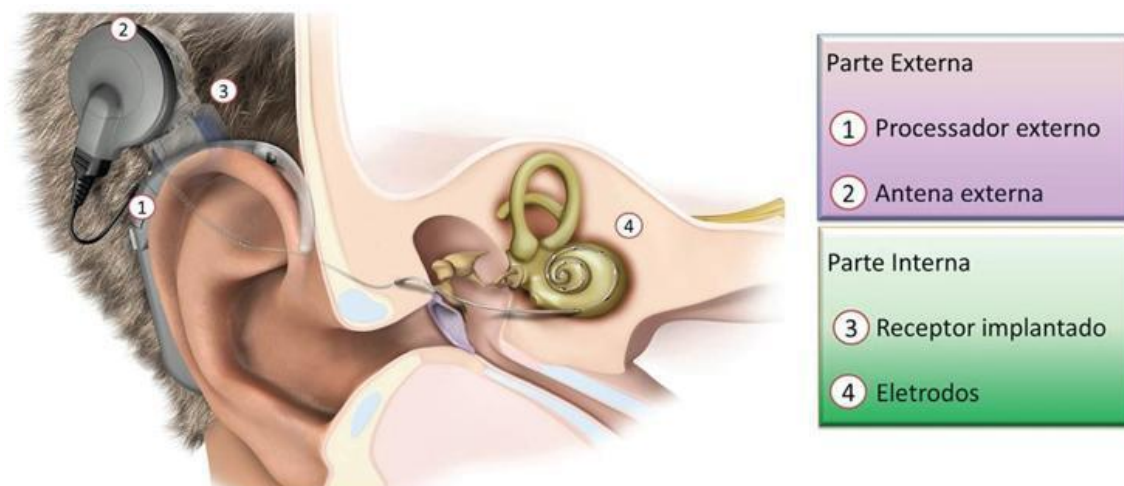
Por meio dos exames audiométricos, com a classificação auditiva, o profissional da saúde recomenda o uso das próteses auditivas, que irão funcionar como um amplificador do som – um aparelho que capta o som ambiente e reproduz de forma amplificada diretamente na orelha média, apresentando um ganho exponencial do som. Embora exista a ampliação sonora, mesmo que o surdo utilize sendo classificada com surdez profunda, a utilização de próteses auditivas não irá garantir que a pessoa surda consiga ouvir e decodificar o som com clareza.

Além da utilização dos aparelhos auditivos, outra forma de trazer a pessoa surda para o mundo dos ouvintes – já que, segundo publicações, a surdez é motivo de "enfrentamento" – é através da cirurgia denominada de Implante Coclear (IC) que os profissionais médicos buscam resolver a situação da surdez. Trata-se de um procedimento médico em que se implanta um dispositivo eletrônico de alta complexidade no indivíduo, segundo assevera COSTA, XAVIER, CUSTÖDIO, TEZA, ALVES, ALMEIDA (2020) apud ANGELO (2012):

O IC é um dispositivo eletrônico de alta complexidade tecnológica, que auxilia a audição de portadores de distúrbio coclear (surdez neurossensorial), através do estímulo das fibras nervosas remanescentes, permitindo a transmissão do sinal elétrico ao nervo auditivo a ser decodificado pelo córtex cerebral (COSTA, XAVIER, CUSTÖDIO, TEZA, ALVES, ALMEIDA, 2020, p. 2 apud ANGELO TCS, 2012)

É válido destacar que, quando o implante é realizado, o indivíduo surdo passa a utilizar a parte interna do aparelho auditivo (chip) – um dispositivo implantado que se conecta, magneticamente, à parte externa do aparelho (processador de fala e antena), que capta o som e enviar para o aparelho interno que o transforma em corrente elétrica, conduzida pelos eletrodos que, por sua vez, realizá-los estímulos das fibras nervosas, percorrendo a cóclea, enviando esses estímulos, por meio do nervo auditivo para o cérebro decodificar o som (COSTA, XAVIER, CUSTÖDIO, TEZA, ALVES, ALMEIDA, 2020) A seguir, será exposta uma ilustração deste complexo processo realizado pelo dispositivo.

Figura 6 - Implante Coclear



Fonte: TEFILI (2013)

Toda a descrição acima leva a compreender, de forma técnica e biológica, a surdez; e a entender, do ponto de vista médico, como uma patologia presente nos agentes com surdez, numa perspectiva médica, configura alguém que precisa ser "curada" ou, até mesmo, "consertada", pois existe a ausência de algo que precisa ser resolvido para possibilitar a "normalização" presente naqueles que ouvem. Dessa forma, para "normalizar" esses sujeitos é necessária a utilização de próteses auditivas, técnicas de terapias vocais para ensinar o indivíduo a falar e, inclusive, intervenções cirúrgicas que possibilitam o ouvir e o falar.

Isso induz a pensar que todo esse processo para garantir uma vida dentro do padrão de normalidade é algo positivo. Todavia, é importante compreender que a assimilação sobre o que não ouve e não se comunica com a Língua Portuguesa está muito além de entendimento puramente físico/patológico ou simplesmente serem chamados de deficientes.

Para além da conceituação clínica terapêutica sobre a pessoa com surdez, também há o conceito social sobre esses sujeitos, pois este médico enfatiza a ausência de algo, assim como evidencia um indivíduo completo, para quem não lhes falta mais nada, posto que o mesmo tenha adquirido a Língua de Sinais como principal meio de comunicação.

A possibilidade de compreender esses sujeitos através da língua direciona a entender como acontece o processo de formação da identidade dos mesmos e a base para a utilização do termo "Surdo". Este estará sendo utilizado daqui para frente para se referir às pessoas com perdas auditivas, de qualquer natureza, mas que não utilizam a Língua Portuguesa, em sua forma oral, como língua materna, mas utilizam a Língua de Sinais como principal forma de

comunicação e possuem a compreensão e aceitação de uma identidade e o pertencimento a um povo, o qual interage com o mundo através de experiências visuais através da Libras, conforme o decreto 5.626 de 2005, em seu primeiro capítulo, quando diz:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (BRASIL, 2005).

Evidencia-se que a própria lei reconhece a pessoa surda como aquela que possui uma experiência visual – sobretudo as pessoas surdas possuem sua língua, cultura, artefatos e particularidades, e o orgulho de serem denominados de "povo surdo" – que integram a sociedade e se relaciona com ela através da Língua de Sinais e através daqueles que pertencem a um grupo denominado de "comunidade surda".

Para que se possa entender melhor os aspectos mencionados no parágrafo anterior, optou-se por esclarecer os dois termos. O primeiro é "o povo surdo", que se refere especificamente a todos os surdos espalhados por uma determinada região. Já quando se fala em "povo surdo brasileiro", está se aludindo a todos os surdos brasileiros, não contemplando pessoas que ouvem, surdos estes que utilizam a Libras como principal meio de comunicação. Já o segundo termo, relacionado à "comunidade surda", diz respeito a todos os surdos e aos profissionais tradutores intérpretes de Libras, aos familiares das pessoas surdas, professores ouvintes e simpatizantes da causa, que participam da comunidade ou qualquer outro que esteja ligado ao povo surdo.

Esclarecidos os termos, pode-se dar um passo adiante para se entender sobre o conceito social acerca da pessoa surda. O povo surdo se mostra com orgulho por fazer parte de um grupo que possui identidade e uma língua própria. Não obstante, numericamente, acaba sendo minoria dentro da sociedade brasileira, isso em todos os aspectos. Primeiramente, pela quantidade de pessoas surdas no Brasil que, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, representa 5% da população. Vale salientar que, dentro desse número, nem todos utilizam a língua de sinais para se comunicarem. Esse percentual representa cerca de 10 milhões de pessoas. Deste quantitativo, 2,7 milhões não conseguem ouvir nada. (IBGE, 2010).

Dessa forma, quantitativamente e linguisticamente, está-se tratando de uma parte pequena da população brasileira. Em relação à maior parte da população falante de Língua Portuguesa, aqueles que denominamos de "ouvintes". Estes que, historicamente, olharam as

peças surdas como aqueles que poderiam ser "normalizados" (com exceção do período da antiguidade que, em sua maioria, eram exterminados ou deixados à própria sorte), pensamento este que acarretou em diversas perdas de direitos relacionadas à acessibilidade linguística, educacional e comunicacional do povo surdo, isso em nível mundial.

Para a compreensão do conceito social, também é necessário entender a importância da Língua de Sinais para as pessoas surdas e como, de fato, ela funciona no cérebro destas. Isso porque a compreensão da lateralização do uso das línguas de sinais assegura que se está dialogando sobre uma língua legítima que faz parte de um povo específico e que, por meio dela, interage com o mundo, sendo assegurado, além disso, todos os aspectos de que uma língua oral possibilita para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Nessa perspectiva, foram realizadas pesquisas em Língua de Sinais Americana (ASL), no sentido de entender como um indivíduo com comprometimento cerebral poderia desenvolver questões relacionadas à comunicação. Nos estudos, foram apresentados resultados voltados para a dominância de cada lado do cérebro. O que pôde ser notado foi que, nas pessoas destros, o hemisfério cerebral que se destaca em relação à comunicação e linguagem, quem dominava era o lado oposto, ou seja, o hemisfério esquerdo, com exceção dos canhotos que tinham as ligações invertidas. (SACKS, 1998, p. 53).

Também foram estudadas algumas pessoas surdas que tiveram comprometimentos cerebrais, em virtude de acidentes que lesionaram o cérebro, alguns, inclusive, perdendo massa encefálica. Com a observação, nestas pessoas surdas, perceberam que aqueles com comprometimento do lado esquerdo do cérebro, tinham sérias dificuldades de comunicação utilizando a ASL, já aqueles que possuíam lesões no lado direito, não havia nenhum comprometimento na comunicação. Fato que coloca a Língua de Sinais no mesmo hemisfério cerebral que as línguas orais. Com isso, é possível entender que a Língua de Sinais ocupa o mesmo patamar linguístico que qualquer outra língua humana. (SACKS, 1998).

Ainda que a Língua de Sinais utilize a visualidade, como canal comunicacional, mesmo assim estão localizadas no mesmo hemisfério cerebral, responsável pela linguagem. Enquanto que as línguas orais utilizam o canal fonoarticulatório, a Língua de Sinais utiliza o que é chamado de modalidade visoespacial, ou seja, todo o corpo e espaço são utilizados no processo de comunicação. Como destaca Ferreira (1997):

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são

percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. (FERREIRA - BRITO, 1997, p. 2)

Mesmo que de modalidade distinta, ainda assim apresentando todos os requisitos estruturais que qualquer outra língua possui, fazendo com que aqueles que se utilizam delas, no processo comunicacional, sejam compreendidos e percebidos de forma visual.

Dado o exposto, espera-se que o entendimento sobre a pessoa surda e o uso de sua língua esteja bem estabelecido para que se possa dar passos mais firmes sobre as questões que se pretende dispor ao longo do trabalho, no que concerne a uma experiência de proposta bilíngue.

Também tem importância o destaque das lutas travadas pela comunidade surda petrolinense em relação à busca de uma educação acessível em Libras, não só por meio dos profissionais intérpretes de Libras, mas também pela presença de professores e instrutores de Libras. Para isso, foi necessário a realização de concursos públicos no município para suprir as demandas que estavam aguardando esses profissionais.

Em 2019, a Câmara de Vereadores de Petrolina aprovou a Constituição dos cargos de professor e de instrutor da Língua Brasileira de Sinais. No ano anterior, a prefeitura havia publicado o edital de número 003/2018, no qual constavam vagas para o cargo de professor Brailista e professor/instrutor de Libras, bem como profissional intérprete de Língua Brasileira de Sinais. Somente em 2020 é que foram convocados os aprovados(as) no certame. Com 5 instrutores(as) aprovados(as), destes somente 2 instrutoras surdas, os demais instrutores são ouvintes. Já em relação aos Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais/Portuguesa foram aprovados 10 profissionais (BRASIL, 2020).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos, assim como se estará discorrendo, de forma breve, acerca do tipo de abordagem realizada durante a pesquisa. Além disso, haverá a caracterização da escola e da sala bilíngue, dos participantes, dos instrumentos e recursos utilizados e a forma de trabalhar com os dados coletados.

3.1 TIPO DE ABORDAGEM

A pesquisa foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa, buscando estabelecer o campo de coleta de informações por meio de um estudo de caso, o qual oportuniza uma compreensão sobre o ensino da Libras como L1 em uma sala bilíngue na cidade de Petrolina-PE, mediante a coleta de dados e informações dos participantes envolvidos nesta pesquisa. Sobre a pesquisa qualitativa, Triviños (1987) afirma que

1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...] (TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130)

O processo descritivo, na perspectiva de abordagem qualitativa, configura uma possibilidade viável no registro da pesquisa, pois, de fato, pode contemplar o que está acontecendo no campo a ser pesquisado e fornecer um vislumbre das perspectivas de análises multifacetadas na construção da pesquisa. Ademais, para que seja possível realizar esse processo de descrição, o pesquisador necessita observar o ambiente natural onde tudo acontece.

Conforme Triviños (1987), ‘estar buscando investigar o campo de pesquisa no “ambiente natural” com o foco qualitativo garantirá colher informações que permitirão evidenciar como esse ensino está sendo estabelecido e quais resultados estão sendo colhidos como fruto do processo pedagógico’ – através do uso da Libras, como primeira língua, e, principalmente, como a professora surda está oportunizando este aprendizado.

Para isso, concentrou-se a pesquisa na Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza (EMPEAS), afunilando o campo de pesquisa na sala bilíngue da referida instituição, que

contempla alunos surdos matriculados e a presença de uma professora surda na sala com proposta bilíngue.

A sala em questão se configura como essencial para a presente pesquisa, haja vista que permite ser espaço de observação da interação entre professor e aluno, por meio do uso da língua de sinais. Este caso específico está nos fornecendo informações que certamente não seria possível através de materiais bibliográficos. Assim, estar neste ambiente é poder perceber o dinamismo das relações do mundo real e o sujeito presente, como afirma Prodanov (2013, p. 70): "[...] um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números."

Ao fornecer uma gama de informações de como todo esse processo está acontecendo em uma sala, com proposta bilíngue, contemplando os participantes envolvidos, a saber: a professora regente (ouvinte), a instrutora de Libras (surda), bem como os estudantes. Além de permitir "ler as entrelinhas" de todo esse processo, o lugar de fala de cada participante e dos pais das crianças surdas, mostrando uma visão de pré-ingresso à sala bilíngue e durante o processo de interação na referida sala. Com isso, pode-se ter um arcabouço completo sobre toda essa situação.

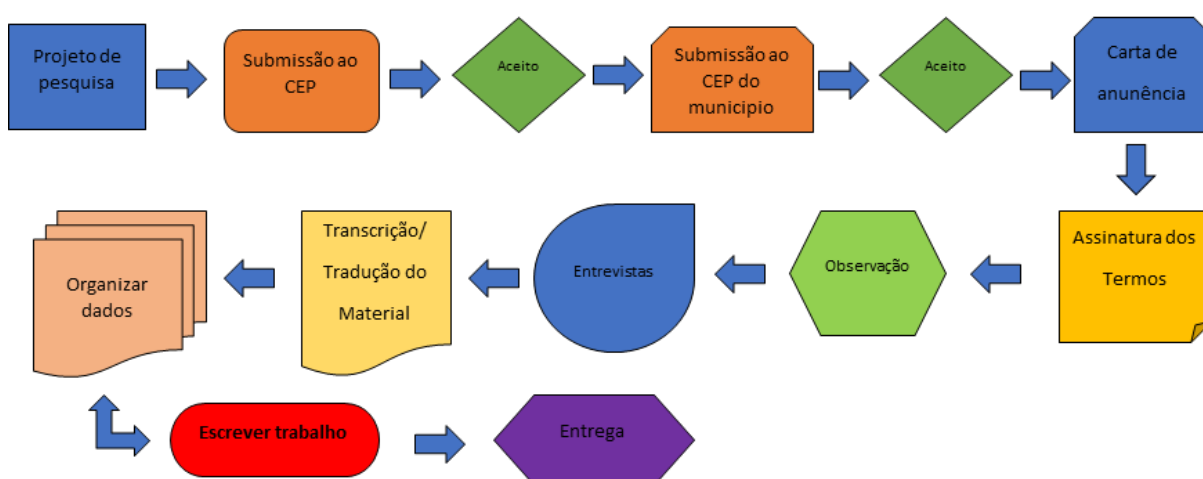
Ainda sobre os procedimentos técnicos relacionados à pesquisa, a sala bilíngue está sendo o campo de estudo, através da qual foi observada a docente surda e suas interações diretamente em sala. Segundo Gonçalves (2001):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (GONÇALVES 2001, p. 67).

Esse tipo de pesquisa possibilitará perceber maiores detalhes, pois, quando o referido autor afirma "reunir um conjunto de informações", leva a ponderar este "conjunto", como as relações entre professor e aluno, entre alunos e alunos, discentes e demais colaboradores da instituição e as relações presentes no seio familiar, bem como todo este processo acontecendo através da língua de sinais como basilar nas relações a serem observadas. A partir desses procedimentos, reunir-se-á o máximo de informações que servirão para a produção da dissertação.

Vale salientar que, em cada etapa percorrida, houve algumas particularidades que era necessário despendar um pouco mais de tempo para que se passasse para a etapa seguinte. Outro detalhe é que entre o momento de observação e entrevistas, estava-se aguardando o parecer final da qualificação para que se pudessem realizar as alterações que iriam contribuir para melhorar a estrutura e qualidade do trabalho. Recebido o parecer, prosseguiu-se em realizar as observações sugeridas, sempre mantendo contato como orientador.

Figura 7: Caminho da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor

Seguindo os passos metodológicos para a pesquisa, organizou-se, de forma sistemática, a proposta e se apresentou para a gestão da escola. Lembrando do encaminhamento da carta de apresentação da instituição a que o presente pesquisador está vinculado. Além disso, a apresentação dos diversos termos, tais como: autorização institucional do coparticipante e proponente, compromisso do pesquisador, concessão dos professores, confiabilidade, assentamento do menor, também. Vale destacar que todos esses documentos foram apresentados ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), com a devida aprovação com parecer de número 5.380.722.

Obtida a aprovação CEP, acreditou-se que se poderia estar indo a campo, contudo quando se foi a campo, a instituição escolar, que, após receber o pesquisador com toda a gentileza, instruiu que se deveria apresentar à Secretaria Municipal de Educação. Assim foi feito. Chegando a este espaço, a orientação foi a de que se deveria submeter o projeto de pesquisa à apreciação e aprovação da comissão de ética da Secretaria de Educação do Município de Petrolina-PE. Novamente, assim foi feito. Com um prazo de quinze dias úteis para se obter

um retorno, com a aprovação ou não, para ida a campo. Recebeu-se um parecer favorável e uma carta de anuência, permitindo a ida à instituição pesquisada.

Com a carta de anuência em mãos, apresentada à gestão da escola, pôde-se realizar os trabalhos de observação e entrevistas. Dessa forma, prosseguiu-se na realização dos trabalhos relacionados à pesquisa, com a transcrição/tradução/interpretação do material coletado no campo, em seguida, a organização e dos dados para escrita e compilação dos dados.

3.2 CONHECENDO A ESCOLA E A SALA BILÍNGUE

Para a execução da pesquisa, realizou-se um recorte geográfico bem específico, a saber: a cidade de Petrolina-PE, a qual está situada no semiárido brasileiro, na região Nordeste, cerca de 712 km da capital pernambucana (IBGE, 2022). Conforme podemos visualizar no mapa a seguir:

Figura 8 - Mapa do Pernambuco com destaque Petrolina e Recife



Fonte: COUTINHO (2011)

A escolha por essa cidade é importante devido à existência de uma sala com proposta bilíngue na Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza – EMPEAS. Essa instituição está em pleno funcionamento desde 23 de dezembro de 1998, tendo como missão estar abraçando a todos que nela buscam a formação para vida, levando em consideração o potencial humano, como está destacado em seu Projeto Político Pedagógico – PPP. Escola que desde de

sua fundação vem sendo considerada uma referência na educação municipal de forma que se destaca no sertão pernambucano, através da realização de diversos projetos e propostas pedagógicas, que proporcionam aos estudantes o aprendizado do alfabeto, a decodificação, a fluência na leitura, bem como os aprendizados dos conteúdos referentes às matérias das respectivas séries.

Figura 9 - Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza – EMPEAS



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Vale considerar que o nome da escola vem homenagear uma professora integrante do quadro de professores efetivos do município. Servidora que dedicou a sua vida ao ensino, respeitada por todas as escolas onde lecionou, tanto pelos estudantes, quanto pelos pares, sendo considerada uma professora exemplar, que, infelizmente, teve sua vida ceifada precocemente. Contudo, a sua memória foi eternizada através da homenagem realizada e sua representatividade evidencia os valores e a trajetória histórica percorrida pelas suas companheiras e companheiros de profissão. Destacando a instituição escolar EMPEAS como uma escola que está construindo bases sólidas na educação de crianças no sertão pernambucano.

A escola vem se firmando como espaço educacional de referência, com zelo pela educação de crianças do primeiro ao 9º ano do Ensino Fundamental, atendendo crianças com deficiência, através da sala do Atendimento Educacional Especializado - AEE, oportunizando uma educação acessível a todos, além de estar em conformidade com o decreto 03/2008 do governo do Estado de Pernambuco, que oportunizou a educação em Direitos Humanos, considerando como tema gerador como parte importante da construção do Projeto Político Pedagógico das escolas, bem como sua incorporação ao currículo escolar como conteúdo essencial.

Para além do recorte geográfico, focou-se na referida cidade, haja vista que esta possui professores surdos no quadro efetivo da rede municipal. Vale salientar que esta possui legislação específica sobre a Libras, como também a respeito da acessibilidade de pessoas surdas. A exemplo disso, há a definição presente no decreto 5.626/05, no Art. 22, dizendo: "§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo" (BRASIL, 2005). Dessa forma, fortalece e justifica a existência de uma sala que contempla as especificidades linguísticas das pessoas surdas, desde a infância.

A seguir, será realizada uma descrição detalhada sobre o que se pode observar na estrutura organizacional da sala. Uma descrição que contempla estrutura física e organização de materiais neste espaço. Todas essas informações foram coletadas, fotografadas e registradas no diário de campo, a fim de serem organizadas e apresentadas neste espaço.

Para que se possa entender como é a estrutura física da sala, será realizada uma breve descrição do espaço: a sala possui dimensões de aproximadamente 3,30 metros de largura por 6,80 metros de comprimento, totalizando cerca de 22,44 metros quadrados. Em síntese, a estrutura física e mobiliária da sala é vista no quadro a seguir:

Quadro 3 - Estrutura física da sala bilíngue

Item	Quantidade
Carteira	4
Mesinha pequena	1
Birô	2
Estantes de ferro	2
Armário com portas	1
Ventilador de parede	1
Aparelho de ar condicionado	1
Pontos de Luz	2
Janelas	2
Quadro branco	1

Porta	1
Pontos de energia (tomadas)	3

Fonte: Elaborado pelo autor

Outro detalhe importante sobre a sala é referente à ornamentação, a qual tem vários sinais afixados nas paredes, com diversos temas, cores, alfabeto, números, sinais básicos. De forma que para onde se olha, aprende-se um assunto distinto, mas focado no aprendizado da Língua Brasileira de Sinais e, concomitantemente, o aprendizado da Língua Portuguesa. Conforme apresentada na imagem:

Figura 10 - Sala bilíngue



Fonte: Arquivo do autor (2022)

A importância de estar neste espaço físico é fundamental, haja vista que possibilita ao pesquisador compreender onde as relações de interação entre estudantes e professores estão acontecendo, assim como se pôde observar a estrutura comporta a quantidade de estudantes presentes.

3.3 CONHECENDO OS PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram: as professoras, os estudantes surdos, sendo possível a inclusão dos pais ou responsáveis pela criança. É importante tecer uma breve descrição sobre cada um desses agentes e justificar a importância da participação dos mesmos.

Vale destacar que, como forma de preservar a identidade de todos os envolvidos na pesquisa, estarão sendo utilizados sobrenomes, como codinomes, para se referir aos participantes observados e entrevistados durante a pesquisa. Além disso, destaca-se que todos os termos foram assinados e todos concordaram participar da pesquisa. Apesar disso, buscou-se preservar a identidade de cada participante. Conforme quadro apresentado a seguir:

Quadro 4: Participantes da pesquisa e seus codinomes

Grupos	Codinomes	Quem é ?
PROFESSORAS	MACEDO	Professora regente Ouvinte com conhecimento intermediário da Libras
	CARDOSO	Instrutora/professora Surda. Fluente na Libras e utiliza a língua como sua L1
ESTUDANTES	FREITAS	Estudante surdo filho de SANTOS. Com surdez bilateral. Conhece somente alguns sinais na Libras.
	COELHO	Estudante surdo filho de DINIZ. Com surdez bilateral, Implantado. É o estudante que mais sabe Libras, mas não é fluente.
	ARRAIS	Estudante surdo filho de CARTER. Com surdez bilateral, Implantado. Conhece somente alguns sinais na Libras.
	SILVA	Estudante surdo. Com surdez bilateral. Conhece alguns sinais. É o estudante que menos consegue se comunicar utilizando a Libras.
MÃES	SANTOS	Ouvinte mãe de FREITAS. Tem conhecimento de alguns sinais na Libras, mas não consegue desenvolver um diálogo básico em Libras.
	DINIZ	Ouvinte mãe de COELHO. Tem conhecimento de alguns sinais na Libras, inclusive fez curso de Libras, mas não consegue desenvolver um diálogo intermediário em Libras.
	CARTER	Ouvinte mãe de ARRAIS. Tem conhecimento de

		alguns sinais na Libras, mas não consegue desenvolver um diálogo básico em Libras.
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

Outro esclarecimento necessário para o entendimento da posição dos sujeitos observados, em especial as professoras da sala bilíngue, é a nomenclatura utilizada para diferenciar o cargo/função de uma e da outra, enquanto que uma é chamada de “professora de Libras” e a outra é chamada de “Instrutora de Libras”.

A diferença entre o professor e o instrutor de Libras está na formação e habilitação profissional. O professor de Libras é uma pessoa que tem formação específica e habilitação para atuar na educação escolar, ensinando a Língua Brasileira de Sinais, como primeira ou segunda língua ou como disciplina em escolas públicas ou privadas. Ele precisa ter formação em nível superior em Letras: Libras ou em Letras/Língua Portuguesa como segunda língua. Conforme decreto 5.626 de 2005, quando diz:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua. (BRASIL, 2005)

Enquanto que a atuação do professor de Libras nas séries iniciais exige a formação em pedagogia ou o antigo curso denominado de “Normal Superior” ou “Médio Normal”, com o enfoque da Libras e a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, tenham sido línguas de instrução. Conforme destaca o decreto:

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngüe, referida no caput. (BRASIL, 2005)

Já o instrutor de Libras é uma pessoa que tem conhecimento e habilidade na comunicação em Língua Brasileira de Sinais e pode atuar em diversos contextos, como escolas, empresas, organizações governamentais, entre outros. É importante que tenha uma boa formação em Libras, como cursos de educação profissional, formação inicial e continuada

ofertado por instituições de ensino superior e credenciadas pelas secretarias de educação, também por sociedade representativa da comunidade. Neste, destacam-se as associações, as federações, institutos dentre outros, conforme apresentado no decreto, assim como a importância de o instrutor possuir experiência na área para atuar de forma adequada.

Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de: I - cursos de educação profissional; II - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação.

§ 1º A formação do instrutor de Libras pode ser realizada também por organizações da sociedade civil representativa da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por pelo menos uma das instituições referidas nos incisos II e III.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput. (BRASIL, 2005)

Encontrou-se, no decreto outrora mencionado, a prioridade das pessoas surdas em relação à formação tanto de professor quanto de instrutor de Libras. Isso leva a compreender que esta prioridade não está relacionada a questões vitimistas, mas sim a toda uma luta de classe envolvida para que as pessoas surdas sejam protagonistas no processo de formação de seus pares. Vale salientar que essa prioridade não extingue a participação de pessoas ouvintes, pelo contrário, ela nivela as oportunidades de ingresso nas formações ofertadas.

A professora ouvinte é ocupante do cargo, efetivo em nível superior, de professora regente na sala, em virtude de ter participado do concurso público, que exigia formação superior para sua atuação nas escolas do município. Dessa forma, quando se refere a ela, utiliza-se o termo “professora”, e não “instrutora” ou de “intérprete de Libras”, devido à diferença de formação e até de atividades desenvolvidas serem diferentes.

A professora surda é ocupante do cargo, efetivo em nível médio, de instrutora de Libras, assim como a professora regente, que optou por concorrer a este cargo e também foi lotada na sala bilíngue. Vale salientar que, mesmo sendo um cargo com uma formação distinta, neste caso como já mencionado, um cargo de nível médio, a professora surda possui formação superior, atendendo aos requisitos legais que a credenciam a ser chamada também de professora. Por isso, daqui em diante se estará utilizando o termo “professora”, e não “instrutora”, ao fazer referência a ela.

A sala bilíngue é composta por duas profissionais da educação. A primeira é uma professora ouvinte, a quem se chamará de MACEDO, a qual atua como professora regente. Ela

possui a Língua Portuguesa como língua materna e utiliza a Libras como língua de mediação comunicacional na sala bilíngue. Possui formação em pedagogia, com ênfase em educação especial.

O seu envolvimento com a Língua Brasileira de Sinais iniciou-se com um curso que era ofertado a Libras e o Braille, a fim de suprir a demanda de professores para atuar diretamente na sala de Atendimento Educacional Especializado do município, curso realizado em 2013, ministrado por uma professora surda.

Dessa forma, foi o seu primeiro contato com a Libras, passando a atuar como professora de 2013 a 2020, como servidora temporária. No ano seguinte, foi convocada para assumir o concurso público realizado pelo município de Petrolina, onde contemplava vagas para profissionais intérpretes de Libras, Instrutores e Professores de Libras, sendo essa última a sua opção, quando foi submetida ao processo seletivo, para investidura no serviço público, sendo aprovada e inserida no quadro funcional do município efetivamente.

Antes de ingressar efetivamente como professora de Libras, esteve atuando na função de instrutora na Educação Especial do município, atendendo diversas crianças, até que, por um breve momento, atuou no ensino regular. Em seguida, assumiu, como professora regente, a sala bilíngue em setembro de 2021. Neste período, também houve uma substituição do instrutor surdo por uma instrutora surda, a qual, atualmente, continua atuando em parceria com a professora regente.

Assim, entrevistar a referida professora é de suma importância. Primeiramente, por ela ser a professora regente da sala bilíngue, visto que suas, em suas falas, há valiosas contribuições para essa produção.

A segunda profissional é uma professora surda, a quem se estará referindo pelo sobrenome “CARDOSO”, que utiliza a Libras como sua primeira língua e a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua.

Sobre a professora CARDOSO, é importante salientar o seu papel no processo de interação dos estudantes surdos e na mediação como agente responsável no processo de letramento visual das crianças surdas. Por esse motivo, realizou-se também uma entrevista com a referida professora, pois pode trazer questões relevantes sobre a relação presente entre estudantes surdos e professor surdo, além de proporcionar um vislumbre sobre o desenvolvimento dos estudantes em relação a Libras.

Ao ingressar no campo de pesquisa, durante o período de observação, percebeu-se que a professora surda está lotada como Instrutora de Libras, estando em consonância com o decreto 5.626/05, em seu Art. 7º, o qual define o instrutor de Libras, dizendo: "II - instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação" (BRASIL, 2005).

É pertinente justificar o uso do termo "professora" ao invés de "instrutora". A referida profissional, além de possuir os requisitos, destacados no decreto 5.626/05, também atende aos que são solicitados pelo cargo, conforme certame do concurso público para cargos de professor do Grupo Magistério Público para a Educação Especial – realizado de forma conjunta, pelo Serviço de Atenção Domiciliar - SAD e a Secretaria de Educação do Município de Petrolina - SEDU, com número 003/2018. No próprio certame, é utilizado o termo "professor instrutor de Libras"; dessa forma, justifica a referência ao termo "professora" para a profissional da educação.

Além de colocar a língua em uso nas situações dialógicas, as professoras buscam meios e estratégias que possibilitam que a Libras esteja como protagonista no processo de formação das crianças surdas. Isso pelo fato de que elas conhecem os estudantes, o *status* linguístico e nível de interação através da língua em uso, no espaço da sala bilíngue e, inclusive, no espaço escolar, de forma mais ampla, além de saber mensurar, obviamente, dentro de cada contexto, os ganhos obtidos pelos discentes. Também foram procurados os pais e/ou responsáveis pelas crianças surdas. No entanto, somente as mães se mostraram disponíveis para participar da pesquisa.

A primeira mãe é ouvinte e será chamada de senhora SANTOS, a qual, prontamente, aceitou participar da pesquisa. Ela estudou somente até o sexto ano do ensino fundamental, tem um conhecimento limitado a respeito da Língua Brasileira de Sinais, embora conheça alguns sinais por ter convivido com outro surdo antes de gerar um filho surdo, seu nível de conhecimento não proporciona desenvolver um diálogo com fluência em Libras.

A segunda mãe, também ouvinte, é a senhora DINIZ. Ela possui formação superior e atua na rede municipal de ensino. Assim como ela, o seu esposo e o primogênito realizaram cursos de Libras, no entanto, não é possível afirmar que ela possui domínio suficiente para desenvolver diálogos em Libras com fluência.

A terceira mãe, ouvinte como as outras duas, a senhora CARTE, com formação superior, também estudante universitária, não possui conhecimento da Libras o suficiente para desenvolver um diálogo básico na língua. Entretanto, ela demonstra conhecer alguns sinais básicos suficientes para sinalizar algumas “palavras soltas/descontextualizadas”.

Sobre as mães participantes da pesquisa, destaca-se a importância delas na construção deste trabalho, através de seus depoimentos, pois elas já convivem com as crianças surdas, tendo, pois, propriedade para falar sobre seus filhos em questões que dificilmente são percebidas na sala bilíngue. Fator esse que as coloca em uma posição distinta das professoras, através de uma ótica diferente do contexto da sala, possibilitando um relato sobre as experiências pré-sala bilíngue. Com isso, pôde-se obter informações relevantes sobre o desenvolvimento cognitivo, linguístico e de interação, mesmo que por “sinais emergentes”. Esse último termo é utilizado para se referir à comunicação desenvolvida de forma embrionária no seio familiar, quando criam uma forma de comunicação através de sinais caseiros (home signs) (SILVA, 2008).

Entrevistar todas as crianças surdas, que estão presentes no fundamental I, inseridas na sala bilíngue, respectivamente o quinto ano do ensino fundamental, constitui-se como o cerne desta pesquisa. Isso porque é através de suas falas que se percebem diversos aspectos supracitados, bem como a interação real, acontecendo em um ambiente que utiliza a Libras como base linguística para o ensino de todas as disciplinas. e, conseqüentemente, a construção de saberes não evidentes no currículo escolar, como a descoberta da língua em uso, através da interação dos estudantes surdos, com seus pares, os próprios alunos e a professora surda.

A primeira criança, que será chamada FREITAS, com dez anos de idade, ingressou na sala bilíngue em 2018. Ele é uma criança surda com perda bilateral. Conhece alguns sinais em Libras, contudo não adquiriu a língua de forma que possa utilizá-la com fluência. Dessa forma, não é uma criança que é usuária da Libras, utilizando, em sua grande maioria, gestos para se comunicar. É uma criança que nunca esteve fora da escola e que, antes de ingressar na sala bilíngue, estudou em sala regular e era atendido por instrutor surdo. Mesmo com esse contato pontual com uma pessoa surda, não havia tempo suficiente para adquirir a Libras e utilizá-la fluentemente.

O segundo estudante é a criança surda que será chamada de COELHO. Ingressou na sala bilíngue em 2020. Filho de pais ouvintes, com dez anos de idade, é a criança que possui conhecimento da Libras com maior habilidade. Todavia, não se pode afirmar que é aquela que

domina a língua, mas que apresenta um conhecimento e uso da língua melhor do que os demais, podendo responder perguntas que não exigem maior complexidades. Ela utiliza gestos dêiticos, como a apontação, em diversas situações de sua comunicação.

Vale pontuar que COELHO possui surdez profunda bilateral, visto que nasceu surdo. Passou por diversos médicos até que o seu diagnóstico fosse concluído, levando, assim, os pais a buscarem submetê-lo ao implante coclear. Mas, essa criança não utiliza a unidade externa do IC, isto por não querer utilizar o aparelho. Uma curiosidade observada em relação a esta criança é que ela estudava em sala regular com ouvintes. Era assistida por instrutor surdo, no contraturno, por duas ou três vezes semanalmente. Expressava a sua aprovação em relação à sala bilíngue, contudo também demonstrava que o ensino regular era melhor. Buscou-se entender isso. Através das observações realizadas, entrevistas com a mãe do estudante e também com as professoras, entendeu-se que ele expressava maior apreço pela antiga escola em virtude de haver mais colegas para interagir, mesmo que os colegas eram ouvintes e não sabiam Libras, uma vez que, na sala bilíngue, havia somente quatro estudantes, incluindo ele mesmo.

Outro ponto sobre o estudante COELHO é que ele é filho de pais que atuam na educação com professores. Toda a família realizou diversos cursos de Libras, todavia não possui domínio da língua, o que não impede a comunicação com ele, contudo, devido à limitação linguística de todos os integrantes da família, conversas que exigem maior complexidade no uso da língua dificilmente não acontecem.

O terceiro estudante será chamado de ARRAIS, que é uma criança nascida em lar de pais ouvintes. Iniciou seus estudos na sala bilíngue em 2021. Não é usuário da Libras, porém conhece alguns sinais e os utiliza de forma “solta”. Tem doze anos de idade e se comunica basicamente através de gestos de apontação e pantomima. Ele estudava em uma instituição escolar privada em que não havia intérprete de Libras. Posteriormente, mudou-se para outra escola privada que implementou a disciplina de Libras na Educação Infantil ministrada por uma professora surda em sua sala, colocando-o, dessa maneira, a ter o primeiro contato com a Libras. Depois foi matriculado na rede pública municipal de ensino, em Petrolina-PE, de forma passa a fazer parte da sala bilíngue.

Esse estudante, conforme relatos da mãe, foi quem mais passou por médicos e realizou inúmeros exames para que ela pudesse lançar mão sobre qualquer dúvida a respeito da surdez

do filho. É o segundo estudante com IC e, assim como o estudante COELHO, não gosta de utilizar o aparelho que faz parte do implante.

Quando a Libras foi apresentada à mãe de ARRAIS, através de conversas informais no condomínio em que morava, despertou nela o interesse para o aprendizado da língua e o desejo de que seu filho pudesse aprender também.

A quarta criança, chamada de SILVA, possui surdez bilateral profunda. Foi matriculada na sala bilíngue em 2018. Tem onze anos de idade. Não é usuária da Libras, somente sabe alguns sinais “soltos”. Porém, a sua comunicação está baseada em apontar e pantomima. Não se apresentam maiores detalhes esse estudante é porque a mãe/responsável não permitiu ser entrevistado(a), porém autorizou a participação de seu filho, assinando a documentação que permitia que seu filho fosse incluído neste estudo. Apesar disso, não se conseguiu obter muitas informações pelo fato de que, na maior parte do processo de observação, ele foi o estudante que mais estava ausente na sala. Mas quando estava presente, percebeu-se que era o que menos interagia com os outros três estudantes. Primeiro, por conta da limitação linguística; segundo, por questões relacionadas ao vínculo afetivo desenvolvido entre os estudantes, que, obviamente, era menor devido à menor assiduidade na sala.

Todas as crianças surdas observadas da sala bilíngue não estudam com as crianças ouvintes. O único momento em que elas interagem com os ouvintes é durante o intervalo, que é juntamente com todos os estudantes da instituição. Neste momento de intervalo, eles brincam e lancham juntos. Entretanto, na maioria das vezes em que o pesquisador esteve presente na sala, notou que os estudantes surdos preferiam permanecer na sala lanchando e conversando entre si.

Destaca-se ainda que, estando em campo, observando e buscando realizar todas as entrevistas, com os sujeitos acima descritos, ao se fazer referência às crianças “surdas”, está-se utilizando o conceito social, sobre a pessoa surda, outrora abordado.

3.4 OS INSTRUMENTOS E RECURSOS

Com relação aos instrumentos utilizados para o registro dos dados, destacam-se: o diário de campo, observação, entrevistas e documentos (laudos, relatórios sobre os alunos, portfólios, frequência etc.).

O diário de campo foi utilizado para realizar o registro de toda a movimentação durante as visitas realizadas ao campo, bem como cada dia de pesquisa. Servindo como "uma linha do tempo", através da qual está sendo consultado durante a escrita da dissertação, tendo o cuidado de conseguir extrair o máximo de informações e o mais detalhado possível. Tal instrumento foi feito mediante a escrita manual em uma agenda de anotações, as quais, posteriormente, foram digitadas.

Em relação à observação, observou-se direta como a técnica de coletas de dados (LAKATOS e MARCONI, 2003), verificando-se todo o contexto de sala, bem como as relações presentes neste espaço entre professoras e estudantes, assim como a relação presente entre alunos surdos e seus pares. Além disso, o processo pedagógico durante o ensino das matérias, estratégias metodológicas e materiais utilizados no ensino, sempre tomando nota no diário de campo para que não sejam "perdidas" informações coletadas. De acordo com LAKATOS e MARCONI (2003):

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p.191).

Vale salientar que o processo de observação se dá pela ida à sala, contudo se buscou não interferir nos processos de interações entre as profissionais de educação e os estudantes surdos para que não atrapalhar o andamento das aulas e garantir a colheita das informações que não se conseguiria através da entrevista. Percebeu-se que todo o processo aconteceu naturalmente e as relações foram desenvolvidas – a aquisição da língua, de acordo com a necessidade comunicacional dos estudantes.

Um dos instrumentos investigativos utilizados foi a entrevista semiestruturada para a coleta de informações, visto que este tipo de entrevista possibilita maior liberdade para o entrevistado(a) como afirma LAKATOS e MARCONI (2003):

O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 197).

A relevância deste tipo de entrevista também está no fato de que pode fornecer dados que, possivelmente, não estariam presentes em um questionário fechado, assegurando, dessa maneira, ao pesquisador mergulhar um pouco mais fundo nas subjetividades da situação observada, tanto em sala quanto nas falas dos participantes entrevistados.

Por não se utilizar uma estrutura formal de perguntas, lança-se mão de temas norteadores (disponíveis no anexo I) para avançar nas entrevistas, focando no objeto estudado, em virtude de se estar investigando uma situação específica. Dessa maneira, há maior liberdade para dialogar com os participantes envolvidos, colher informações, realizar sondagens sobre o campo específico e esclarecimentos, além de outras questões aqui não contempladas (LAKATOS; MARCONI 2003).

Ao se utilizar uma entrevista semiestruturada, alcançou-se o objetivo com os três grupos entrevistados, a saber: as professoras, os discentes e as mães dos alunos. A proposta de obter dados dos grupos mencionados foi realizada, gradativamente e preferencialmente, de forma individual, assegurando maior conforto aos participantes. Além disso, no caso das crianças, foi possível, mesmo que limitada, coletar respostas individualizadas, pois, nesse caso, se fossem realizadas em grupo, as crianças poderiam seguir as outras em suas respostas.

Ademais, é válido frisar que todas as entrevistas foram filmadas, haja vista que a câmera, como recurso técnico, é a melhor forma de registrar uma língua de modalidade visual, já que respeita a particularidade linguística de cada entrevistado surdo, deixando-os livres para expressarem seus relatos, sem limitar a um conjunto de perguntas fechadas.

Embora existam estratégias para o registro escrito da Libras, como o sistema de escrita Elis (Escrita da Língua de Sinais), Sing Writing (SW - Escrita de Sinais), também o SEL (Sistema de Escrita de Língua de Sinais), dentre outros que poderiam realizar o registro. Pela praticidade e agilidade, além de outros aspectos gramaticais não serem possíveis obter, o registro visual escrito, em sua plenitude, foi mais assertivo o registro através de foto e vídeo.

Com o primeiro grupo (professoras), de forma específica, a professora CARDOSO, por se tratar de uma pessoa surda, o processo de entrevista foi realizado em Língua de Sinais Brasileira – considerando que o presente pesquisador possui fluência na língua; desta forma, não foi necessária a intermediação da entrevista por meio do profissional intérprete da Libras, fato que minimizou eventual desconforto, com a presença de uma terceira pessoa durante a entrevista.

Com o segundo grupo (alunos surdos), assim como com o primeiro, foi utilizada a Libras, bem como recursos miméticos, pantomima e classificadores linguísticos. Não obstante, é preciso ressaltar que este grupo, em especial, apresentou um desafio maior, haja vista em não dominarem a Libras e não serem usuários com fluência na mesma e também não apresentaram domínio da Língua Portuguesa escrita.

Em sua grande maioria, esses participantes são oriundos de lares com pais ouvintes, os quais, em grande parte dos casos, não dominam a Libras. Fato confirmado após as observações e o processo de entrevista. Assim, as crianças não adquirem nem a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita ou oral, por não ouvirem, nem a Libras por não haver o contato com a comunidade surda para possibilitar a aquisição linguística. Por esta razão, muitos acabam criando um mecanismo de comunicação através de gestos e dramatizações para estabelecer uma comunicação, formas estas conhecidas como "sinais caseiros" ou "sinais emergentes": forma de comunicação que limita a compreensão de diversos assuntos, que, conforme relatos das mães, é a base comunicação no seio familiar.

Nesse contexto, entrevistar os alunos exigiu do pesquisador uma reflexão e a criação de estratégias que possibilitem obter os dados almejados, o que não foi possível de forma plena, em virtude da limitação na comunicação. Mesmo utilizando estratégias ancoradas principalmente no uso de gestos, dramatização e outros recursos que estejam priorizando o campo imagético. Assim como é fundamental no processo de ensino, como afirmam Belaunde e Sofiato (2019 p. 18), que: "[...] é imprescindível a utilização de recursos visuais no processo de ensino e aprendizado desses sujeitos." É válido considerar que este é o ponto crucial em colher as informações necessárias para compreender a interação entre a docente e discente surdo.

Com o terceiro grupo (mães), a entrevista foi realizada em Língua Portuguesa (LP), posto que elas não dominavam a Libras e sua L1 era a LP. Dessa forma, através de temas norteadores, assim como a entrevista realizada com os demais participantes, também foi aberta a possibilidade de realizar gravações em áudio das entrevistas, contudo não foi necessário, pois as mães não apresentaram objeções nas entrevistas gravadas em vídeo. Deixando-as à vontade para relatar suas vivências acerca dos seus filhos, antes e durante o processo de interação na sala bilíngue.

Em relação aos documentos disponíveis, cabe uma observação. Quando se refere aos documentos, está-se mencionando que todo material poderia contribuir com a pesquisa, tudo

aquilo que possibilitaria trazer informações relevantes sobre os discentes. Dentre esses, foram consultados: as pastas pessoais dos estudantes, que continham frequências, dados pessoais, documentos de matrícula escolar e laudos médicos, o PPP da unidade escolar, planilha com dados sobre os alunos com deficiência que são de abrangência do Centro de Educação Inclusiva - CEIP, além de cadernos de tarefas que indicaram pequenos avanços, em relação à escrita dos estudantes surdos. Embora a pesquisa não seja bibliográfica, foram utilizados, eventualmente, dados numéricos para trazer maior riqueza de detalhes à pesquisa.

Como recurso técnico, foram utilizadas algumas ferramentas. Uma delas foi a câmera fotográfica, pois esta possibilitou o efetivo registro visual das atividades e instrumentos usados pelas professoras durante o processo de ensino e interação através da Libras. O referido aparelho também foi utilizado para filmagem das entrevistas, uma câmera do tipo DSLR (Digital Single Lens Reflex), aparelho compacto e de multiuso.

Além da câmera filmadora, foi utilizado o smartphone, posto que também se trata de uma ferramenta compacta e multifacetada em sua utilização, prática e rápida, a gravação de vídeo, foto, áudio e blocos de textos. Embora este aparelho consiga realizar múltiplas tarefas, não foi descartado o uso da câmera fotográfica/filmadora, tendo em vista que o espaço e a qualidade de armazenamento das mídias registradas, através da DSRL, são superiores às dos smartphones.

Pensou-se, inclusive, na possibilidade do uso de gravador de áudio, contudo não foi necessário, na hipótese de os participantes se sentirem constrangidos em realizar a entrevista através do registro em vídeo, o que não aconteceu.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Essa fase é bastante relevante, pois de posse das informações, deve-se proceder à sua análise, a fim de compreender o que se pretendeu pesquisar e se certificar se os objetivos foram atingidos. Conforme Lakatos (2003): "[...] A importância dos dados está não em si mesmos, mas em proporcionarem respostas às investigações" (LAKATOS e MARCONI, 2003, p.167).

O diário de campo, o qual serviu como recurso de memória das atividades desenvolvidas, foi revisado durante a pesquisa e possibilitou a retirada de notas que serviram como material de apoio para a escrita do trabalho. Além de outros registros pessoais, presentes

no diário, que também foram consultados, com o objetivo de relembrar as impressões do pesquisador e as anotações do campo.

Todas as gravações em vídeo, durante a entrevista, foram transcritas para a Língua Portuguesa, compondo os dados da pesquisa para análise, através da interpretação descritiva. A transcrição desse material foi de grande importância, já que está compondo a "fala" dos principais participantes pesquisados.

O método da interpretação descritiva dos dados coletados, através das entrevistas, se configura como uma atividade razoável, posto que: “[...] procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Em geral, a interpretação significa a exposição do(s) significado(s) presentes no material, em relação aos objetivos propostos ao tema” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 168). Dessa forma, poderá aproximar do que se almeja investigar, obviamente lançando mão de embasamentos teóricos que assegurem uma interpretação coerente das entrevistas analisadas.

As fotos registradas durante a visita de campo foram organizadas em uma pasta virtual por data. No total, foram realizadas trezentas e cinquenta e duas fotos de todos os materiais e atividades observadas, compondo o acervo do pesquisador. Algumas delas foram utilizadas para situar o leitor sobre o assunto abordado na sessão apresentada, bem como destacar as estratégias e metodologias que as professoras utilizaram durante o processo de ensino da Libras como L1. Destaca-se que as imagens que contêm o rosto das crianças não serão expostas nesta produção e também não serão disponibilizadas para qualquer outra produção acadêmica. Essa atitude justifica-se por conta da pretensão de se proteger a identidade visual dos menores, mesmo com a autorização das mães, pois o objetivo da autorização é não haver alguma problemática posterior, no sentido de trazer constrangimento.

4 ASPECTOS ACERCA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE RELATIVOS AOS DADOS E INFORMAÇÕES OBTIDAS

Neste momento, serão apresentadas a compreensão e a interpretação de alguns dados coletados durante as entrevistas e durante o período de observação direta de campo, algumas ações desenvolvidas em sala de aula e métodos pedagógicos desenvolvidos com os estudantes surdos.

Durante a permanência na sala bilíngue, observou-se, no período de quatro meses, tomando nota no diário de campo, quatro estudantes surdos, uma professora ouvinte e uma professora surda. Além disso, entrevistas foram realizadas com os quatro estudantes surdos e com as três mães. Essas entrevistas contemplam pontuações acerca da sala, dos participantes e das atividades desenvolvidas neste espaço, conteúdo que será apresentado a seguir.

4.1 OBSERVAÇÕES DO DIÁRIO DE CAMPO

A observação do momento da pesquisa foi realizada dentro de um período de seis meses, iniciando no dia 06 de junho de 2022 e encerrando no dia 19 de dezembro de 2022: totalizando vinte e cinco dias de observação direta. Vale destacar que o início se deu na referida data, por se estar aguardando apreciação e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), parecer de Número 5.449.632, aprovado no dia 06/06/2022.

Após cumprir com todas as formalidades documentais, em relação à pesquisa, tanto no CEP quanto da Secretaria de Educação do Município, porque também foi necessário apresentar a esta o projeto de pesquisa e aguardar a aprovação.

De forma didática, organizou-se o período de observação, entrevistas e locais conforme disposto no quadro 5 logo abaixo. Em seguida, algumas considerações sobre o referido quadro.

Quadro 5: Atividades de campo

Atividade de campo	Quantidade	Observações
Pessoas entrevistada	9	Professoras, crianças e mães.
Pessoas observadas	6	Professoras e crianças.
Meses	6	Período da aprovação a coleta de dados.

Dias em sala	25	Dias alternados.
Horas em sala	63	Soma de horas em sala.
Locais visitados	4	Sala bilíngue, CEIP, Secretaria de educação, Parque da cidade.
Registros fotográficos	352	Fotos de todas as atividades observadas.
Tempo de gravações de vídeo	195 min.	Soma aproximada de todas as entrevistas, chegando quase a 200 minutos

Fonte: Elaborado pelo autor

A priori, almejou-se entrevistar dez pessoas, contudo, em virtude de várias tentativas, todas frustradas, ainda foi possível realizar nove, pois a última pessoa que seria entrevistada, que era uma das mães de um estudante surdo, optou por não participar, porém autorizou a realização da entrevista com seu filho. Com exceção desta, todos os outros foram entrevistados e observados conforme planejado.

Em relação à duração do período de observação em campo, o tempo transcorreu durante o intervalo de seis meses, haja vista ser necessário estar presente na sala bilíngue em períodos alternados e sem avisos prévios, com exceção do período de formalização da pesquisa, para que a presença do pesquisador não se tornasse algo corriqueiro, modificando, portanto, os comportamentos dos que estavam presentes em sala. Para isso, visitas em horários alternados e dias diversos proporcionaram entender a dinâmica do campo de pesquisa, relacionada às atividades desenvolvidas, os materiais produzidos e as interlocuções ocorridas na sala.

Em relação aos dias de observação em sala, estes contabilizaram vinte e dois dias, nos períodos matutinos, que é o horário de funcionamento da sala, das 7h30, com intervalo às 9h30, encerrando as atividades às 11h45 da manhã. Todos os dias de observação foram registrados no diário de campo do pesquisador.

Além do período de observação em sala, compareceu-se ao CEIP para compreender como funciona a estrutura hierárquica da sala bilíngue, especialmente por se ter sido informado de que a sala era subordinada ao Centro de Educação Inclusiva. Conforme relatos da gestora do referido centro, o CEIP administra todos os profissionais no campo da Educação Inclusiva, que são eles: Brailistas, Instrutores/Intérpretes/professores de Libras, professores de AEE, profissionais de apoio escolar, somando mais de cinquenta e seis mil estudantes, dentre os quais mais de quinhentos com deficiência.

Foram realizadas duas visitas ao referido núcleo. Uma para compreender sobre a trajetória histórica da sala e gestão organizacional. A outra relacionada à formação para os professores, bem como para os intérpretes de Libras do município. Na oportunidade, as duas professoras da sala bilíngue estavam presentes na formação, o que permitiu realizar essa visita à formação que estava sendo oferecida às professoras da sala observada.

Ressalta-se que, além do período de observação em sala, bem como a visita e observação da formação realizada no CEIP, também se esteve em um evento organizado em alusão ao “Setembro Surdo”, reunindo estudantes surdos matriculados nas escolas do município e também os estudantes das escolas estaduais em Petrolina-PE, realizado no parque municipal Josefa Coelho, local utilizado para práticas esportivas, de lazer e eventos de interação social. Neste evento, os estudantes surdos da sala bilíngue iriam realizar uma apresentação sobre a história da educação dos surdos, material desenvolvido e trabalhado em sala, como culminância das ações aprendidas em sala, sobre essa proposta a serem detalhadas.

Quanto às anotações no diário de campo, estas foram realizadas de forma manual e depois transcritas para utilização como suporte para a escrita da presente dissertação.

No primeiro dia em campo, procurou-se a gestão da instituição para colher algumas informações sobre a existência da sala bilíngue, questões relacionadas ao seu surgimento, quanto tempo de funcionamento, dados que pudessem situar e justificar a existência da referida sala. As primeiras informações eram relativas à referência à sala bilíngue no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição de ensino ou em qualquer outro documento da instituição. Consultado o PPP, assim como outros documentos, de fato, confirmou-se a procedência das primeiras informações.

Contudo, vale frisar que o CEIP vem justificar a Educação Bilíngue para crianças surdas baseada na Libras como língua de instrução, conforme decreto 5.626 de 2005 e o Estatuto da Pessoa com Deficiência 13.146 de 6 de julho de 2015. Assegurado no Plano Municipal de Educação - PME, na meta 4 relacionada à educação inclusiva/especial das estratégias:

4.8. Garantir a oferta de Educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) e, como segunda língua a Língua Portuguesa na modalidade escrita (L2), aos alunos surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos;(BRASIL, PME, 2006, p.54)

Com essa nova realidade, houve uma busca para entender a existência deste espaço. Foi então que surgiu a primeira visita ao Centro de Educação Inclusiva de Petrolina (antigo Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Específicas - NAPNE). Assim, foi possível construir uma linha histórica do surgimento da sala.

Embora não seja o objetivo principal do projeto. Compreender como a sala está estruturada e seu processo de composição histórica, bem como entender em qual a proposta que esta sala está relacionada é fundamental, pois poderá nos evidenciar se de fato estamos tratando de uma sala com modalidade bilíngue ou não.

Ao comparecer ao CEIP, através de uma conversa com a diretora deste núcleo, conseguiu-se algumas importantes informações que fazem parte da história da implementação e o surgimento da sala com proposta bilíngue no município. Segundo os relatos da diretora, as discussões acerca da implementação da sala com proposta bilíngue surgem no ano de 2018, mediante uma demanda apresentada pela Associação de Surdos de Petrolina - ASP, à Secretaria de Educação do município, onde evidenciava a importância da acesso à Libras, pelas crianças surdas do município desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, como forma de fortalecer o processo de aprendizado. Essas crianças estavam chegando ao Ensino Fundamental II sem o conhecimento da própria língua, tendo dificuldades de aprendizagem em salas regulares, as chamadas salas inclusivas. Com essa demanda, as discussões sobre o assunto foram sendo agregadas a outras representações, como a Gerência Regional de Educação - GRE (Estado de Pernambuco). Dessa forma, compondo três segmentos que discutiam como auxiliar esse público. Assim, nasce a criação da sala com a proposta de ensino bilíngue para crianças surdas.

O *modus operandi* para a implementação e manutenção da sala segue, *a priori*, através do levantamento da Secretaria Municipal de Educação, sendo encabeçada pelo CEIP, com uma equipe responsável pela busca ativa de crianças que estão fora da escola. Tal levantamento localiza as crianças com problemas auditivos no município, chegando ao número de treze crianças com surdez profunda; destas, somente oito estavam matriculadas na rede municipal (dados do CEIP, no ano de 2018, ano do levantamento e organização da sala. Atualmente, conta com vinte e sete crianças com deficiência auditiva e as crianças surdas matriculadas).

Reunidas essas informações, os pais das crianças foram convidados para que fossem esclarecidos sobre a proposta, que estava de forma embrionária, para que todos os respectivos pais realizassem a matrícula das oito crianças surdas em uma única escola e em uma sala multisseriada. Devido ao número maior de crianças que residiam nas proximidades da Escola Municipal Nossa Senhora Rainha dos Anjos, hoje chamada de Colégio Municipal de Ensino Integral - CMEI, Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - CAIC. A CEIP

resolveu implementar a sala no CAIC, por questão de logística. Dessa forma, os pais dos oitos alunos surdos deveriam matricular seus filhos no ensino regular do CAIC (quando se menciona “ensino regular”, refere-se aos estudantes surdos matriculados na sala com os estudantes ouvintes), em suas respectivas séries e as crianças surdas serem direcionadas para a sala multisseriada de proposta pedagógica bilíngue, com uma quantidade máxima de 20 estudantes na sala.

Escolhido o local para a implementação da sala, de forma que contemplasse o maior número possível de estudantes, notou-se que cerca de dois estudantes moravam em um bairro um pouco mais distante do CAIC. Para contornar a situação, o CEIP providenciou passe livre, através de carteirinhas para uso no transporte nos ônibus circulares do município, para as crianças e os pais, a fim de que pudessem levá-los para a escola. Contudo, a diretora do CEIP relata que, dos oito estudantes surdos, somente cinco foram efetivamente realizadas as matrículas para serem direcionados à sala bilíngue. Destes, somente três estudantes estavam comparecendo à sala, conforme imagem da primeira turma da referida sala.

Figura 11- Primeira turma da sala bilíngue



Fonte: PASSOS (2019)

Como se vê, a sala inicia suas atividades com uma quantidade pequena de alunos, mas havia uma recorrente solicitação da comunidade surda petrolinense pelo surgimento desta sala, a fim de contemplar essas crianças surdas.

No ano seguinte (2019), com o intuito de contemplar um número maior de estudantes surdos e uma localização geograficamente estratégica e central, bem como a mobilidade através

do transporte coletivo, o Centro de Educação Inclusiva decidiu transferir a sala para a Escola Municipal Professora Eliete de Araújo de Souza - EMPEAS. Assim, iniciaram-se as atividades da referida sala no ano 2019, buscando compor a estrutura organizacional da sala com a lotação de professores efetivos. Além disso, foi realizado concurso público para provimento de vagas direcionadas aos intérpretes de Libras, professores e aos instrutores de Libras. Com a presença dos professores na sala em questão, os trabalhos foram desenvolvidos, com cerca de quatro alunos, através do ensino dos estudantes e a produção de materiais para a utilização na educação das crianças surdas.

Os trabalhos passam a ser desenvolvidos na EMPEAS, a sala que havia sido transferida recentemente, contudo se depara com o início da pandemia da COVID-19, no primeiro trimestre de 2020. Fato que provocou o isolamento de vários segmentos inclusive na educação, com a suspensão das aulas presenciais interrompendo o fluxo de atividades presenciais, passando a iniciar educação dos estudantes de forma remota. Com essa situação, os professores que estavam atuando na sala não suspendem suas atividades, mas continuam produzindo, mesmo que remotamente, atividades, materiais e produções que possibilitassem os estudantes serem atendidos. Contudo, era necessário que os pais das crianças surdas fossem até a escola para pegar o material elaborado pelas docentes, fato que não aconteceu com regularidade no que diz respeito ao suporte aos pais. Em meio a essa situação, a efetiva participação dos estudantes diminuiu provocando uma evasão na sala, resumindo o atendimento a somente um estudante, durante esse período.

A direção do CEIP atribui aos pais das crianças essa quebra de continuidade dos trabalhos da sala e a diminuição da efetiva participação dos estudantes na sala em questão.

Vale destacar que a sala retornou suas atividades presenciais obedecendo aos protocolos de biossegurança estabelecidos pelo poder público. Com esse retorno, as crianças acabam voltando às atividades presencialmente, visto que era preciso um atendimento a cinco alunos regularmente matriculados na escola.

A sala contempla as séries do quarto ao quinto ano do Ensino Fundamental, proposta essa realizada na mesma configuração de sala multisseriadas. Os alunos que lá estão são matriculados em sala regular, mas são deslocados para a Sala Bilíngue - SB. Vale salientar que a sala não está reservada exclusivamente para alunos surdos, mas aberta também para alunos ouvintes, já que não há uma demanda de alunos ouvintes para a sala bilíngue.

Em um dos dias de observação direta, em sala, pôde-se perceber que os estudantes da SB estavam sendo submetidos, assim como todos os estudantes da escola, a uma avaliação

chamada de Índice de Qualidade de Ensino (IQE), que serve para avaliar a qualidade do ensino e indicar pontos norteadores para melhorar todo processo escolar.

Neste dia da realização do IQE, as duas professoras solicitaram auxílio para realizar a interpretação da avaliação IQE para os estudantes presentes. Mesmo receoso de interferir no processo, mas ao mesmo tempo cercado pelo pedido de socorro das professoras e o desejo de contribuir, assistiu-se à leitura prévia da avaliação, a fim de se familiarizar com os termos e conteúdos contidos no documento para realizar uma interpretação/tradução do conteúdo solicitado, pelo fato de se possuir exame de proficiência em interpretação da língua de sinais Brasileira para a língua portuguesa e vice-versa, exame realizado através da chancela do Ministério da Educação (MEC), o que o qualifica para realizar atividades desta natureza.

Esse pedido de ajuda das duas professoras evidenciou que, mesmo a SB, com uma professora surda fluente em Libras e outra ouvinte com domínio parcial da língua de sinais brasileira, ainda existe a necessidade de apoio de um profissional intérprete/tradutor de Libras. As referidas professoras justificaram a solicitação de auxílio devido a avaliação de IQE conter muito texto em Língua Portuguesa e poucas ilustrações para facilitar o entendimento da avaliação. Por se tratar de uma avaliação externa, era imprescindível a presença de um intérprete/tradutor de Libras.

Por ser uma função distinta de um instrutor ou professor de Libras, fato que descarta a possibilidade de dispensar os serviços destes profissionais em eventuais situações relacionadas a palestras, reuniões, avaliações externas como a da IQE e culminâncias de projetos dentro da comunidade escolar. Ainda nesse sentido, verificou-se que, por duas vezes, houve falta de acessibilidade para a comunicação à professora surda, pois não havia o profissional intérprete de Libras, para mediar a comunicação em uma formação que estava acontecendo na escola e também a culminância de um projeto de leitura também estava acontecendo, inclusive, abrangia os estudantes surdos.

Ao iniciar a interpretação/tradução da IQE foram utilizadas diversas formas de sinalização, pantomima, classificadores, soletração datilologia e expressões faciais e/ou corporais para que pudesse possibilitar aos estudantes a compreensão da referida avaliação. Durante o processo de interpretação, para a Libras, da IQE. Percebe-se que um dos estudantes, COELHO, destacava-se mais do que o outro, ARRAIS, no entendimento da interpretação e, conseqüentemente, a compreensão da IQE. Passando a respondê-la tranquilamente. Dessa forma, foi realizada toda a interpretação da avaliação, questão por questão, até que fosse finalizado todo o exame, que era composto de vinte questões.

Os recursos utilizados durante a interpretação estavam objetivando trazer o máximo de clareza e fidelidade possível ao texto original. O uso de diversas estratégias de interpretação foi necessário devido ao nível de conhecimento linguístico acerca da Libras pelas crianças, as quais não possuíam o domínio da Língua Portuguesa, nem domínio com fluência de sua própria língua, pois ainda estavam em processo de aquisição linguística.

Um fato interessante que aconteceu, não menos importante, enquanto se estava realizando a interpretação do exame IQE, foi a percepção de que outro estudante ouvinte foi trazido para a SB, a fim de também realizar a avaliação. A justificativa para trazê-lo para a sala, mesmo ele não sendo estudante dela, foi porque ele não estava conseguindo se concentrar na sala regular, fato que coloca em destaque a importância da sala, não somente para os estudantes surdos, mas também como um espaço que consegue contemplar estudantes não surdos.

Outro fato notado foi que a sala bilíngue também estava sendo utilizada como sala de AEE, em virtude de outro estudante surdo estar matriculado na mesma escola, mas estava cursando o sexto ano do Ensino Fundamental. Série esta que não era área de abrangência da sala bilíngue. Contudo, o referido estudante frequentava o espaço bilíngue, pois, na sala regular, não tinha a presença de profissional intérprete de Libras. Como forma de minimizar os danos sofridos pelo estudante, ele frequentava a sala bilíngue duas vezes na semana. Após o profissional intérprete ter sido providenciado para o estudante, este deixou de frequentar a sala bilíngue. Não foi o objetivo buscar entender os motivos que não levaram o estudante a continuar frequentando a sala bilíngue, no contraturno, mesmo com o acompanhamento do profissional intérprete de Libras.

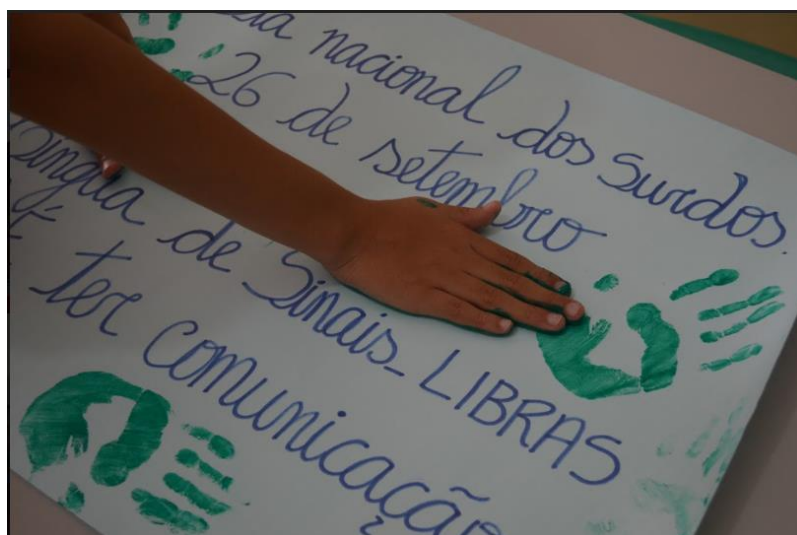
Com o decorrer das observações, pôde-se notar que a sala bilíngue também é utilizada de forma esporádica, como uma espécie de “sala calma”, para que outros alunos ouvintes possam vir para realizar provas, ou outra atividade extrassala, funcionando como uma sala de recursos para os alunos que precisam de algum atendimento específico. Novamente reforçando a importância deste espaço não somente para as crianças surdas, mas também para estudantes ouvintes.

Em outro momento em que se esteve observando, percebeu-se que havia uma mobilização diferente, pois, no dia seguinte, haveria um evento que estaria acontecendo, integrando os estudantes surdos da rede estadual e municipal de ensino, da cidade de Petrolina, assim como os instrutores, professores e profissionais intérpretes de Libras, que era um dia em alusão ao Dia Nacional dos Surdos. Conforme imagem abaixo:

Figura 12 - Dia nacional dos surdos

Fonte: Arquivo do autor (2022)

Para esse evento, estavam sendo preparados cartazes, além da produção de uma história ilustrada acerca da educação dos surdos. Produzida a partir de um vídeo de domínio público disponível no You Tube, produzido pelo Instituto Transforma - INTRA, localizado em Juazeiro do Norte-CE, intitulado “História dos surdos e a língua de sinais ao longo dos anos”. Após a produção do material que estava sendo desenvolvido pelos estudantes da SB ter sido concluída (Conforme figura 11), haveria uma apresentação em Libras no referido evento, a ser realizada por COELHO e, em seguida, uma apresentação musical, em Libras, juntamente com seus colegas de sala, para toda a plateia presente no evento, composta, em sua grande maioria, de pessoas surdas.

Figura 13 - Produção de cartaz

Fonte: Arquivo do autor (2022)

Produções dessa natureza, bem como a participação do evento supracitado, prestigiando e realizando apresentações para seus pares, configura-se como uma forma de incentivar a cultura surda e a afirmação da sua identidade e cultura. Através do processo de troca de experiências, as relações presentes entre as pessoas surdas acabam se solidificando, como estava acontecendo neste evento. Neste, as crianças surdas puderam pintar, brincar, interagir com outros surdos adultos fluentes na Libras, assim poder interagir com algumas pessoas surdas consideradas referências na comunidade algumas referências dentro da sua própria comunidade.

Também foi observado que, durante a rotina da SB, havia dois dias, nas terças e quintas, os estudantes podiam ir ao parque Josefa Coelho, o mesmo lugar onde o evento citado anteriormente aconteceu, para caminhar, brincar no parquinho; enfim, ter momentos recreativos. Somente os alunos da sala bilíngue, juntamente com os estudantes da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Petrolina-PE.

Outra área observada foi relacionada à regularidade de frequência dos estudantes na SB, o que permitiu a percepção de que havia uma maior assiduidade de dois estudantes. Dessa forma, cinquenta por cento da turma estava presente e a outra parte faltava, visto que havia regularidade, por parte de todos os estudantes, na frequência à SB. Esse fato gera uma descontinuidade nas atividades desenvolvidas em sala, conforme relatos das professoras. Essa interrupção das atividades ocasionava diversos prejuízos para o aprendizado destas. Necessitando retomar os assuntos por diversas vezes, pois, devido às ausências, o conteúdo era esquecido, gerando um retrabalho realizado pelas professoras.

Foram percebidas algumas dificuldades dos estudantes. Em um deles, foi percebido que, durante o processo de copiar do quadro, o estudante SILVA apresentava dificuldade em escrever algumas palavras, letras e também alguns números, pois ele copiava do quadro de forma invertida. Por exemplo, o número 4 (quatro) escrito ao contrário.

Já o estudante ARRAIS apresentava facilidade de assimilação dos conteúdos relacionados aos exercícios que envolviam cálculos matemáticos, contudo tinha muita dificuldade em escrever o próprio nome completo sem copiá-lo do quadro. Dessa forma, ele estava sendo direcionado para exercitar a escrita de seu nome e também o nome de seus pais.

Seguindo na contramão dos dois estudantes citados anteriormente, o estudante COELHO apresentava domínio na escrita de seu nome e também conteúdos matemáticos. Por isso, estava sendo direcionado a exercícios relacionados à escrita em Língua Portuguesa e em Libras, através do auxílio da professora surda.

O exercício da escrita em Língua Portuguesa consistia em formar os pares das imagens com as palavras, com alguns cartões, que representam uma sandália. Esse exercício estava sendo utilizado com o objetivo de estimular a fixação de verbetes nas duas línguas, isso de forma concomitante. Conforme figura, a seguir.

Figura 14 - Exercício das sandálias.



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Outra curiosidade que se percebeu na sala é que há um sinal sonoro na escola e esse sinal só é reconhecido pelos estudantes surdos quando as professoras presentes avisam, por exemplo, mudança de uma disciplina ou o horário do intervalo. Isso causa dependência todo o tempo em relação a esses avisos, impedindo que os estudantes tenham maior autonomia. Isso poderia ser resolvido com a instalação de sinal luminoso na SB, vinculado à campanha sonora, para que os alunos soubessem quando algum aviso sonoro fosse acionado, assim como os estudantes ouvintes têm acesso.

Durante o período de observação, também pôde-se observar uma formação ofertada pelo CEIP aos professores, instrutores e intérpretes de Libras do município de Petrolina. Dentre esses profissionais, estavam as duas professoras da SB, fato que levou o pesquisador a ir até o local e também observar esse momento. Embora não sejam atividades na sala bilíngue, as ações apreendidas e desenvolvidas nesta formação, certamente irão impactar diretamente na SB, haja vista que professores com as atualizações poderão desenvolver estratégias atualizadas ou repensar em suas metodologias de ensino para contemplar os estudantes.

Refletir sobre momentos como esse é extremamente importante, pois, de fato, evidencia uma preocupação com a qualidade dos profissionais e, conseqüentemente, com a qualidade do

ensino. Pensar em alcançar os surdos, através das salas bilíngues, também é pensar para além das quatro paredes da escola.

No dia em que a formação estava acontecendo, viu-se que havia sido convidada uma professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf, docente responsável pelas disciplinas relacionadas ao ensino de Libras e que dialogavam diretamente com esse campo.

Na fala da docente convidada, destacou-se a importância da leitura de materiais que dialoguem sobre a aquisição linguística, quando se trata de crianças surdas que não sabem Libras. Vale um destaque sobre a palestra, a qual foi toda sinalizada em Libras, embora a palestrante seja ouvinte, não foi utilizada a Língua Portuguesa durante sua fala. Dessa forma, contemplou os professores e instrutores surdos presentes na formação. Ainda em sua fala, salientou a relevância da utilização de estratégias visuais, como as imagens, a dramatização, a pantomima, a fim de contemplar as crianças surdas.

A convidada apresenta as fases iniciais do aprendizado de crianças surdas, colocando em evidência o compreender, ler e escrever, mostrando que o processo de alfabetização da criança surda é diferente do ouvinte, pois não se baseia somente no ensino do alfabeto. A professora mencionou que, primeiramente, é necessário que eles aprendam o sinal, que vejam a imagem que representa o sinal aprendido, em seguida, que se inicie a introdução das letras.

Essa fala da professora vem corroborar com as atividades que estão sendo executadas na SB, onde se observou *in loco*, as ações desenvolvidas que coincidem com a descrição do processo descrito pela docente da Univasf.

Durante a formação, apresentaram-se algumas propostas de atividades, dentre elas: jornal informativo, folheto, revista, painel, *app*, *blog*, canal no youtube, vídeo, livro, história, adaptações, algum produto, evento, oficina, minicursos, tutorial e cartilhas. Após o momento da palestra, responderam-se as perguntas e permitiram-se contribuições.

4.2 MÉTODOS PEDAGÓGICOS DESENVOLVIDOS NA SALA BILÍNGUE

A respeito dos materiais utilizados na sala com experiência bilíngue, pode-se descrever que é composto por diversos materiais visuais que já são evidenciados na própria parede da sala ao entrar: é um espaço repleto de imagens, sinais números, dentre outros, que possam aproveitar a oportunidade para ensinar Libras e atividades do cotidiano; dessa forma, a ornamentação da sala se baseia em recursos visuais para o ensino de uma língua visual. Isso porque os sujeitos surdos estão intimamente ligados a experiências visuais, conforme afirma Strobel, quando diz

que: "Os sujeitos surdos veem o mundo de maneira diferente, em alguns aspectos, porque suas vidas são diferentes por terem mais experiência visual e por estarem longe da experiência auditiva" (STROBEL, 2008, p. 59).

Nesta perspectiva, justifica a organização da sala, com a proposta bilíngue, repleta de visuais afixados nas paredes, que representam a língua, situações imagéticas e disposição de diversas características que aproximam um misto das duas línguas em uso, através das palavras, das imagens e dos sinais envolvidos. Conforme visto na figura abaixo:

Figura 15 - Imagens da sala bilíngue



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Outro destaque interessante que se percebeu foi o fato de as professoras sempre estarem atualizando os estudantes a respeito do dia em que estão e o que irão realizar.

Além disso, foram observadas as datas comemorativas e temáticas abordadas durante todo o mês, sempre localizando os estudantes sobre as programações e os trazendo ao calendário fixado ao lado quadro.

Figura 16 - Calendário em Libras

Fonte: Arquivo do autor (2022)

No primeiro momento, pode parecer habitual a apresentação do calendário, mostrando os dias da semana e o mês corrente. Contudo, quando se observa o uso do calendário, como uma ferramenta de ensino tanto da Libras, como da Língua Portuguesa, entende-se que fazia sentido para os estudantes, pois estavam tratando diretamente de atividades que faziam parte de suas rotinas de estudos, dando um sentido ao que estava sendo aprendido, muito antes mesmo de sentar na carteira e iniciar as atividades.

Isso foi percebido também, logo após a professora surda apresentar o número do dia em que estavam, bem como o sinal do dia da semana, o mês com seu respectivo sinal e ano. Aproveitando a oportunidade, a professora inicia pequenos relatos de experiências vivenciadas pelos estudantes e por ela mesma, despertando o interesse deles em relatarem suas atividades desenvolvidas fora da escola, fazendo com que aqueles dias que passaram, fizeram parte de sua história, constituindo, assim, um arcabouço de experiências vivenciadas pelos estudantes surdos durante sua trajetória de vida. Tudo isso sendo visto na figura da professora surda. Essa afirmação de suas vivências é extremamente relevante. Sobre isso, Strobel (2008), afirma:

O sujeito surdo ao conhecer e a vivenciar a história de surdos desenvolve a sua identidade pessoal, do 'eu', começa a ter uma visão mais sistematizada acerca sua diferença e do povo surdo em que vive, através de suas descobertas e discussões, enxerga o mundo, discute, descreve e escreve o que vê, o que sente em relação ao seu ser surdo. Ele exterioriza a sua subjetividade e desenvolve sua autoestima. (STROBEL, 2008, p. 41).

Compreender a relevância de seus relatos no processo de formação escolar acaba se tornando uma forma de fazer os estudantes enxergarem o mundo visual, que faz sentido em suas respectivas vidas e relações presentes, afirmando o desenvolvimento de sua identidade, a questão do "ser surdo", como afirma Strobel (2008).

Outro recurso presente na sala, na mesma perspectiva de ensino, através de algo que faça sentido ao que eles estão aprendendo, são as horas, levando uma compreensão temporal, complementando o calendário, mediante a noção de horas, números e configurações de mãos que representam os números, mas também podem ser utilizadas para noções de quantidade e execução de outros sinais durante a língua em uso.

Figura 17 - Relógio em Libras



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Um fato interessante é que o aprendizado das horas, através do uso do relógio, não se limita ao que se discorreu anteriormente. Nota-se, através da observação direta, que, para além dos números, há também um aprendizado multidisciplinar, evidenciando as cores, natureza, noções básicas das operações matemáticas, ou seja, todo material produzido e utilizado leva o aprendizado a diversas possibilidades em diversos contextos, sendo que o seu aproveitamento é multifacetado.

A exemplo disso, foi observado que, assim que os estudantes foram ensinados sobre as horas e as cores presentes nos números coloridos, que estão no recurso didático, foram apresentados o uso das cores em diversas situações cotidianas, culminando em exercício de pintura das frutas, no caso a atividade observada no dia. A todo instante, a professora, passando de carteira em carteira, solicitando aos estudantes que lhes respondessem em Libras quais cores estavam utilizando e quais cores iriam utilizar, evidenciando uma compreensão de temporalidade, canal de diálogo aberto sendo aos poucos substituídos os gestos rudimentares pela língua estruturada, por meio das construções frasais que possuem um encadeamento de ideias lógicas e compreensíveis. Atividade que poderia parecer uma simples pintura, mas sendo mediada pela professora surda, potencializa inúmeras possibilidades de estímulos de aprendizagem.

Figura 18 - Aprendo as cores



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Vale destacar que a maioria desses materiais é produzida pelas próprias professoras. Notou-se, ainda, que há uma parceria entre elas, tornando maior a evidência da professora ouvinte na produção e adaptação de materiais que, por sua vez, são analisados, implementados e executados através da prática de sinalização da professora surda, que assume essa posição com maior protagonismo. Uma vez o material pronto, a professora surda realiza a mediação com os estudantes através dos materiais produzidos pela professora ouvinte, considerando o fato de que existem materiais produzidos pela professora surda. Contudo, percebeu-se uma divisão informal das atividades, ambas se auxiliando e se colaborando no processo de ensino das crianças.

Através da observação, viu-se que, além dos recursos visuais afixados em sala, as professoras também utilizam cartazes que explicitam a ideia do aprendizado de forma visual do objeto associado ao sinal em Libras articulado pela professora surda, utilizando a Libras como base para instrução dentro da SB.

Figura 19 - Cartazes de imagens e contextos



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Cartazes desta natureza mostram uma associação do objeto apreendido à situação do cotidiano para fixar o termo. A exemplo, há o verbete "gato", representado na imagem do animal, permitindo à professora explorar as cores, o tamanho, as formas do animal, classificadores em Libras, que evidenciem as características do animal. Em seguida, outro cartaz é apresentado com duas crianças brincando com o animal, oportunizando, dessa forma, o aprendizado de verbos, relacionado às ações desenvolvidas com o gato. Ademais, permite o aprendizado de substantivos, pronomes, gênero, plural, dentre outros aspectos gramaticais explorados em cada imagem apresentada.

Outro destaque relevante observado, com o uso desses cartazes, foi que os estudantes surdos traziam suas experiências vivenciadas, acerca das imagens apresentadas, formulando narrativas, com um misto de gestos e sinais em Libras. Quando utilizavam os gestos e a pantomima, a professora realizava a afirmação da fala através da substituição do gesto por um sinal correspondente na Língua Brasileira de Sinais, acontecendo com todos os estudantes, surgindo, assim, o aprendizado da língua sinalizada e escrita e estruturas básicas gramaticais, que é um fator muito importante para o desenvolvimento linguístico da criança, na trajetória

escolar; caso contrário, o estudante teria grandes dificuldades neste percurso (PIMENTA, STROBEL, MAESTRI, 2021).

Sobre o aspecto metodológico, todos os conteúdos ministrados em sala bilíngue são realizados em Língua Brasileira de Sinais, como já citado, as atividades também acontecem na mesma língua de forma visual. Outro fato que deve ser notado é a exploração das questões visuais do ensino da Língua de Sinais e no ensino das demais disciplinas.

Em outro momento de observação, pôde-se perceber as formas diversas de domínio da Libras, de pelo menos três estudantes, quando a professora surda solicitou a eles para contarem história, como proposta de atividade dirigida.

Quando o primeiro estudante inicia a atividade, COELHO, durante a contação da história em Libras, viu-se que este demonstrava um domínio básico de alguns sinais e também alguns classificadores em Libras, além de alguns aspectos referentes à lateralização desta e expressões não manuais.

O segundo, FREITAS, dando prosseguimento à atividade mencionada, demonstrou domínio de alguns sinais em Libras, fazendo uso de gestos e expressões faciais. Vale destacar que o domínio dele em relação a Libras é menor que o anterior, contudo demonstrava melhor domínio dos classificadores na Libras.

O terceiro estudante, SILVA, foi chamado para também contar uma história. A professora colocou o computador para que ele pudesse copiar os sinais executados em Libras, demonstrando pouco domínio da língua.

Atividades como esta auxiliam no processo de formação das sentenças lógicas na mente dos estudantes surdos, pois eles acabam estruturando o raciocínio lógico, criativo e a necessidade do uso dos sinais, que se tornam mais latentes. Sendo um gatilho para o uso contextualizado dos sinais, nessa perspectiva, os sinais, ou a palavra, passam a fazer sentido no uso durante o discurso. Isso possibilita ganhos relacionados a diversos aspectos, dentre eles a organização estrutural da linguagem, sendo esse um recurso pedagógico extremamente importante, como afirma o Ministério da Educação.

"A contação de histórias é uma prática que faz parte do universo infantil, pois possibilita a transmissão de conhecimentos, valores e cultura. Através das histórias, as crianças desenvolvem a imaginação, a fantasia e a criatividade. A contação de histórias tem um papel importante no processo de alfabetização, pois ajuda a desenvolver a compreensão oral, a estruturação da linguagem e a capacidade de contar histórias, elementos importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita." (BRASIL, 2007, p. 36)

Vale salientar que, embora o documento mencione “compreensão oral”, para as crianças ouvintes, segue o mesmo princípio de compreensão linguística para as crianças surdas, no caso uma compreensão visual, em virtude da modalidade da língua ser visual.

Dentre várias histórias contadas em sala, verificou-se que o foco sempre era contar histórias que tivessem uma referência surda ou que dialogassem diretamente sobre esse campo de conhecimento ou estivesse presente a valorização da educação bilíngue.

Uma das histórias utilizadas em sala foi a do Ursinho Surdo. Essa pequena narrativa infantil estava sendo utilizada como material de cunho literário, mostrando pais ursos, ouvintes, com um filhote surdo, ridicularizado pelos outros animais, colocando em destaque a aflição dos pais sem saberem como reagir com o filhote diferentes dos outros animais, que não se comunicava e estava demorando a falar, posteriormente descobrindo que era um filho surdo. Após a descoberta sobre a condição do filhote, tudo começa a fazer sentido para os pais, pois estes conseguiram entender como era ter um filho surdo e como ele poderia se comunicar com ele através de sinais. Para isso, foi preciso a ajuda de outro par de animais que tinham filhotes surdos e se comunicavam em Libras, sendo resolvida toda a situação e tudo ficando bem no final da história.

Para essa pequena história, o processo de atividade explorada foi desenvolvido conforme sequência apresentada a seguir:

Figura 20 - Percurso da atividade



Fonte: Elaborado pelo autor

A princípio a professora, após selecionar a história que iria trabalhar, transcreve todo o texto para a Língua Portuguesa para o quadro, a fim de que os estudantes possam copiar todo o texto, exercitando a escrita e, aos poucos, conhecendo novas palavras.

O segundo passo, nesta atividade especificamente, é o momento em que a professora realiza a leitura da história, escrita no quadro. A leitura da narração é realizada em Libras e em

Língua Portuguesa. Durante a narração da história, os estudantes somente observam. Neste momento, é o tempo de apreender o que está sendo apresentado, de compilar todos os sinais e os associar às palavras outrora copiadas no caderno, até que toda a história narrada seja finalizada.

Feito isso é o momento de poder visualizar e analisar o quanto da história foi internalizada pelas crianças, mensurar a quantidade de palavras que foram utilizadas, analisar o desempenho na contação de história, no encadeamento das ideias e de uma sequência lógica nas narrativas, o quanto de sinais foram aprendidos e, por fim, visualizar a Libras em uso. Este também é o momento em que os estudantes contam a história para todos presentes. Sob o olhar clínico da professora, que realiza as correções no momento das narrativas, essa atividade acaba se tornando um movimento de mão dupla, através da qual o estudante apresenta sua própria narrativa, a professora corrige a execução do sinal (caso seja necessário) ou, até mesmo, a sequência da história, que, por sua vez, retorna para o estudante recontar, utilizando as correções solicitadas pela professora.

Figura 21 - Professora narrando história em Libras



Fonte: Arquivo do autor (2022)

A dinâmica que acontece neste ponto da atividade se mostra fundamental, pois permite que se percebam as relações e também as trocas de experiências linguísticas entre a professora e os estudantes surdos, construindo e reconstruindo as narrativas em Libras. Lembrando que esta atividade desenvolvida não só exercita a escrita ou o aprendizado de novos verbetes, mas

também apresenta um potencial multifacetado de conhecimentos adquiridos, no campo linguístico, cognitivo, relacional e social.

Outra atividade percebida que se realizava com frequência era a repetição da escrita. Como exemplo, a repetição do próprio nome completo. Cada estudante, especialmente aqueles que ainda não haviam aprendido a escrever os seus nomes completos, realizavam essas repetições. No entanto, alguns repetiam, mas não com clareza a grafia das letras. Por isso, deveriam fazer novamente, até que o nome estivesse legível e as repetições estivessem completas.

Após essa fase, a professora surda passa a realizar a datilologia dos nomes para que eles pudessem escrever no quadro os que ela estava soletrando de forma visual, possibilitando, assim, a associação das letras e ao mesmo tempo o alfabeto datilológico e também a fixação mental dos seus respectivos nomes.

Figura 22 - Datilologia de termos



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Dessa maneira, eles memorizavam a escrita de seus nomes, exercitando a caligrafia, além de exercitar a concentração mental em uma atividade específica. Percebeu-se também que, mesmo com essas diversas repetições, ainda assim metade dos estudantes, quando era necessário escrever os seus nomes no cabeçalho das atividades erravam, trocando letras, esquecendo outras e com uma grafia, por vezes, difíceis de ler. Por esse motivo, procedia-se ao exercício contínuo de repetições dos próprios nomes e de termos novos. Medina (2014) destaca a importância da repetição, formando bases sólidas em nossos cérebros.

A repetição é uma das melhores formas de aprendizado porque ajuda a consolidar as conexões entre os neurônios no cérebro. Quando aprendemos algo novo, nosso cérebro cria novas conexões neurais. Mas essas conexões são fracas no início e podem ser facilmente perdidas. Repetir a informação ajuda a fortalecer essas conexões, tornando o aprendizado mais duradouro e acessível. Além disso, a repetição pode ajudar a transferir informações da memória de curto prazo para a memória de longo prazo, onde podem ser facilmente recuperadas quando necessário. (MEDINA, 2014, p. 118)

Dessa forma, os exercícios desenvolvidos pelas professoras na sala apontam para estratégias metodológicas de forma assertiva, pois, aos poucos, as conexões estão sendo fortalecidas à medida que os exercícios são repetidos.

Nessa mesma perspectiva, havia outras atividades de exercício da escrita e datilologia. A professora solicitava aos estudantes a prática da escrita de algumas palavras, como verbos, substantivos dentre outros, que seriam, posteriormente, repetidas e trabalhadas em diversos contextos de uso. Após esse processo de memorização através da escrita e soletração visual, a professora cobrava esses termos quando soletrava visualmente para os estudantes, esperando que eles respondessem em Língua de Sinais. Quando a sinalização é realizada de forma incorreta em relação aos parâmetros da Libras ou de forma fleumática, a professora CARDOSO corrigia os alunos, em relação a esses contextos.

Outra atividade realizada com frequência em sala era a utilização de imagens e cartazes, com foco especial nas questões que envolvem a memória visual e recursos imagéticos.

A exemplo disso, o uso de uma atividade que havia impressa a imagem de cédulas com réplicas de dinheiro, de forma que formavam cálculos de adição, possibilitando aos estudantes compreenderem noções de quantidades, escrita dos números e também execução de cálculos simples relacionados à propriedade da adição. Isso, por sua vez, estimulava-os a entender as quantidades do uso prático do dia a dia, como se estivessem comprando algo, ou seja, fazendo sentido a noções básicas da matemática no uso corriqueiro.

Na mesma perspectiva de atividades, a professora CARDOSO utilizava algumas fotografias de animais, solicitando os sinais dos animais a cada estudante, indo cada um à frente da sala para sinalizar cada foto apresentada pela professora. Outro detalhe importante é que, ao mesmo tempo em que estavam sendo realizados os sinais dos animais, estavam também sendo ensinados os nomes dos animais em Língua Portuguesa escrita, associando-os ao sinal do animal, buscando ensinar a construção de sentenças e suas diversas formas de uso na comunicação. Conforme cartazes apresentados na imagem a seguir.

Figura 23 - Animais e contextos

Fonte: Arquivo do autor (2022)

Todo o tempo, percebeu-se, na realização das atividades, esse andar junto com a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, fato que corrobora com o que está expresso na lei 10.436 de 24 de abril de 2002, quando diz que a Língua de Sinais não irá substituir a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, bem como proposta de ensino contemplada no decreto 5.626 de 2005, quando descreve a educação bilíngue, como uma modalidade que anda juntamente com a Língua Portuguesa escrita, mas a língua de instrução é a Libras.

Interessante também é que quando a atividade estava sendo apresentada aos estudantes, eles deveriam apresentar os sinais correspondentes para cada animal e, quando não lembravam, a professora surda intervinha. Mesmo não lembrando do sinal específico, os estudantes utilizam classificadores, pantomima, sem pensar na estrutura, e também utilizavam a criatividade para formular uma pequena história para cada animal. Inclusive, trazendo situações que aconteceram com eles, misturando um pouco o real com o imaginário. Evidenciando um pouco da criatividade do estudante, ação que não era interrompida pela professora surda, pois, neste momento, eles estavam desenvolvendo o discurso de forma natural e utilizando os sinais à medida que a necessidade estava sendo apresentada no discurso.

Lillo-Martin (1995) destaca que a sinalização espontânea das crianças surdas é um reflexo da sua necessidade intrínseca de se comunicar e, portanto, deve ser vista como uma manifestação natural da sua capacidade linguística:

A sinalização espontânea é um comportamento natural das crianças surdas que reflete sua necessidade intrínseca de se comunicar e interagir com o ambiente. Ela não deve ser vista como um desvio do desenvolvimento típico da linguagem, mas sim como

uma manifestação natural da capacidade linguística da criança. Além disso, a sinalização espontânea é um recurso valioso para as crianças surdas, pois permite que elas se expressem e sejam compreendidas pelos outros de forma efetiva. (LILLO-MARTIN, 1995, p. 52)

Essa sinalização espontânea dos estudantes, apresentada para a professora surda, facilita a espontaneidade nas narrativas, haja vista eles estarem diante de alguém que é surda e compartilha das mesmas necessidades comunicacionais visuais, possibilitando, assim, uma melhor compreensão dos classificadores e pantomimas que expressam a visualidade da situação comunicacional. Essa expressividade e espontaneidade, certamente, poderia não ser a mesma se fosse com um professor ouvinte, situação observada na SB, quando os estudantes estavam interagindo com a professora surda e não com a ouvinte, fato que aconteceu, na maioria das vezes, na observação da dinâmica da sala.

Na sala bilíngue, a relação de ensino e aprendizagem é muito dinâmica e com uma variedade de conteúdo em curtos intervalos, mas focando nas mesmas temáticas, outrora planejadas, para que fossem ensinadas aos estudantes em pouco tempo e com uma multiplicidade de assuntos. Acontecendo o aprendizado como uma espécie de fusão linguística, em sua necessidade comunicacional no processo pedagógico da experiência bilíngue da sala, todo tempo e o tempo todo é uma oportunidade para ensinar o novo, revisar o velho e relembrar o recém aprendido.

A relação presente neste processo de ensino da Libras, como primeira língua, entre professora e alunos surdos, acaba se configurando extremamente relevante, haja vista que o processo passa a acontecer com naturalidade e leveza. Isso leva a crer que, quando os estudantes estão contando as histórias e interagindo com a professora surda, eles acabam não percebendo que ali estão exercitando a formação estrutural da construção do discurso no processo de aquisição linguística.

Outra atividade um pouco mais elaborada, seguindo a mesma proposta de realizar cópias, repetições, desta vez, ocorre através de um pequeno texto. Após a cópia, os estudantes deveriam realizar ilustrações sobre o texto produzido. Em seguida, a professora surda seleciona palavras consideradas chave para a compreensão do texto, realizando um tipo de ditado. Com a datilologia do termo, o estudante deveria realizar o desenho referente ao termo soletrado.

Assim como em outras atividades, a professora faz uso de imagens que representam os termos selecionados, de modo que, quando não está utilizando cartazes, recorre ao uso do aparelho celular, através de sites de busca de imagens correspondentes aos termos.

Figura 24 - Usando o celular

Fonte: Arquivo do autor (2022)

Para termos uma visão holística do processo percorrido pela atividade, serão apresentadas as etapas percebidas durante esse processo, focada em fixar as palavras, obter um ganho de vocabulário de forma exponencial, compreensão e produção textual. De forma didática, dividir-se-á em passos, fruto dos dias de observação em relação ao estudo da disciplina de Língua Portuguesa, no que concerne à leitura e interpretação de texto.

Passo 1 - Seleção do texto

Escolher um pequeno texto, grifar algumas palavras-chave. Essas palavras são aquelas que fazem sentido no texto, ou que podem trazer luz a uma compreensão do mesmo e que são fundamentais, pois, sem elas, o texto não faz sentido.

O texto escolhido geralmente acompanhava alguma temática relacionada a datas comemorativas. Quanto ao cronograma escolar para a série correspondente, este contemplava assunto que deveria ser ensinado sobre algum aspecto da vida relacionados ao cotidiano, ética e cidadania. Assuntos que geralmente não teria como aprender em casa, em virtude da dificuldade comunicacional.

Passo 2 - Seleção das palavras

A professora começa a trabalhar com as palavras grifadas. Neste momento, são realizadas pesquisas sobre as palavras, imagens que as representam, organização de estratégias que possam melhor explicá-las. Também há uma busca dos sinais em Libras de cada palavra. Dessa forma, quando for o momento de apresentá-las aos estudantes, a professora já estará com todo o material pronto para execução.

Passo 3 - Apresentação das palavras

Neste passo, as palavras são apresentadas aos estudantes, contudo ainda não é entregue o texto, mas sim somente as palavras, isso de forma intencional, pois o objetivo é que os estudantes primeiro se familiarizem com os termos e seus sentidos, aprendam a escrevê-los e analisá-los.

As palavras são inseridas no quadro para que os estudantes possam copiá-las em seus cadernos. Dessa forma, eles conseguem memorizar a grafia das palavras, exercitam a escrita e também a datilologia.

Passo 4 - Repetição dos termos

Neste passo, os estudantes passam a realizar repetições delas no caderno, escrevendo-as várias vezes. As repetições geralmente ficam dispostas em uma única página, chegando entre cinco a dez vezes cada palavra. Lembrando que esse exercício é realizado ao decorrer da semana, por vezes, pode ser mais de uma semana. Acontece dessa forma em virtude da dinâmica e variedade de atividades em sala.

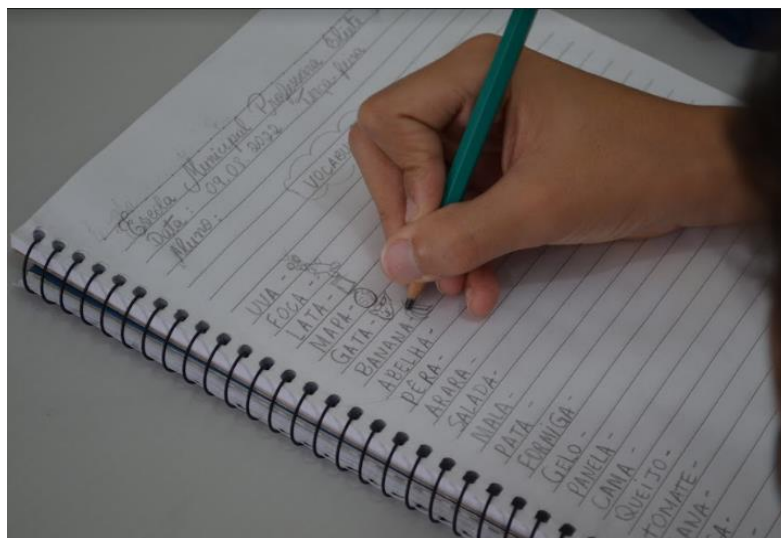
Este também é o momento em que o estudante passa a associar a palavra escrita a uma representação visual do termo. Trabalhos dessa forma, os termos e as imagens associados permite uma absorção efetiva e duradoura que irá ativar sua memória visual. Quadros (2013) destaca a importância do uso das imagens no desenvolvimento linguístico:

"O uso de imagens e símbolos é fundamental para o desenvolvimento da linguagem e da alfabetização de crianças surdas, uma vez que a língua de sinais, embora rica em expressões e recursos visuais, ainda é limitada em termos de representação escrita. Assim, é importante que a criança surda seja exposta a uma grande variedade de imagens e símbolos que possam ajudá-la a compreender e a expressar ideias, conceitos e sentimentos, favorecendo o seu desenvolvimento cognitivo e emocional." (QUADROS, 2013, p. 143).

Neste passo, a criança é exposta a uma variedade de imagens associadas aos termos aprendidos, facilitando o aprendizado, já que não se estará escrevendo os termos somente em

LP, mas também representando visualmente através de desenhos realizados pela estudante, conforme figura abaixo.

Figura 25 - Caderno de um estudante



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Passo 5 - Sinalização e explicação dos sentidos

Efetivamente, este é um dos passos em que se inicia a dar destaque aos sinais. Neste ponto, a professora sinaliza cada palavra, explicando o sentido de cada termo, os seus significados e o uso de cada termo dentro do contexto, obviamente dentro do texto em que foi previamente escolhido para essa atividade.

Figura 26 - Professora sinalizando para estudante



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Esse processo geralmente não acontece no mesmo dia, por conta de a sala ter estudantes com diferentes níveis de compreensão na comunicação em Libras. É aqui que a professora trabalha o alinhamento linguístico em relação aos termos propostos. Assim que todos conseguem assimilar bem as palavras em sinais, passa-se para o passo seguinte.

Passo 6 - Ditado em Libras - resposta em português escrito

Aqui se inicia uma análise de como está acontecendo o aprendizado dos termos em Língua Portuguesa e também a leitura dos sinais. Isso porque, neste momento, é realizado um ditado em Libras e se espera que o estudante possa escrever a palavra em Língua Portuguesa, que seja equivalente ao sinal realizado. Dessa forma, há um aprendizado concomitante da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa.

Figura 27 - Ditado em Libras



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Passo 7 - Ditado em Libras - resposta com desenho

Este passo é marcado pela retomada da visualidade, fazendo com que os estudantes possam acessar suas memórias visuais, quando associam a palavra escrita à imagem. O estudante passa a realizar desenhos que representem as palavras solicitadas no ditado em Libras. Assim passa-se a fixar os sinais aprendidos, associando-os às imagens.

Passo 8 - Ditado em datilografia - resposta com sinais

Neste passo, sem que os estudantes tenham acesso ao caderno, onde estão os termos já copiados e também as imagens correspondentes às palavras, é iniciado um processo de

datilologia dos termos, com o propósito de que os estudantes possam reconhecer e responder com os sinais. Eles devem dar um retorno de forma visual para a professora a respeito de quais termos realmente conseguiu aprender.

Figura 28 - Ditado em Datilologia



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Passo 9 - Ditado em Libras - resposta com datilologia

No momento anterior, a professora soletrava. Aqui, no entanto, é apresentado o sinal em Libras do vocabulário que já vem sendo trabalhado, solicitando dos estudantes a soletração dos termos apresentados em Libras. Nesse processo, o estudante recorre à memória do que havia escrito anteriormente, de modo que, quando não lembra da escrita do termo, o consulta o caderno.

Estes dois últimos passos são realizados até que o estudante possa apresentar o conhecimento das palavras, em sua modalidade escrita e dos sinais em Libras de cada termo.

Figura 29 - Estudante respondendo em datilologia



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Passo 10 - Leitura do texto em Libras

Após todas as etapas serem exploradas, repetido o processo por mais de uma vez, em alguns passos, até que todos os estudantes consigam estar alinhados, em relação aos termos trabalhos. É o momento de realizar a leitura do texto, palavra por palavra, esclarecendo o contexto do texto para que possam fazer sentido o conteúdo estudado.

Em cada passo, era explorado o potencial de aproveitamento do ensino o máximo possível, assim como os estudantes que foram corrigidos gradualmente. Neste momento, a professora passa todo o texto para os estudantes, sinal por sinal, realizando a leitura em Libras do texto e, em seguida, solicitando aos estudantes que assim o façam lendo e sinalizando.

Figura 30 - Leitura em Libras



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Quando a atividade consegue atingir o objetivo proposto, é o momento de a professora voltar e apresentar um novo texto com novas palavras, por vezes, adicionando mais passos, como a contação de história, a dramatização e a ilustração autoral dos textos, realizadas por cada estudante. Isso evidencia que todo o processo é dinâmico e se adapta de acordo com as necessidades de aprendizagem de cada estudante em cada etapa.

Dessa forma, possibilita-se aos estudantes a leitura do texto de forma completa e não somente palavras isoladas, para que seja entendido o contexto em Língua Portuguesa e a adaptação para Libras, compreendendo as inferências e interpretação textual, pronomes, dentre outros aspectos da língua.

Observou-se, ainda, que, quando o texto em questão está tratando de alguma literatura específica em que os personagens não possuem um sinal visual, é o nome sinalizado do personagem que identifica cada indivíduo com um sinal pessoal, os próprios estudantes ficam encarregados de fornecer o sinal visual, para os personagens. Esse exercício leva os estudantes a analisar o texto como um todo, verificando características físicas, emocionais ou simplesmente a aparência do personagem para que possam usar a criatividade e fornecer um sinal visual pessoal. Dessa maneira, pode-se fornecer algumas competências aos estudantes, dentre elas: leitura, escrita, memorização, memória visual, criatividade e aprendizado da Língua Brasileira de Sinais.

Em datas temáticas, havia atividades que acompanhavam esses dias. Exemplo disso foi uma atividade realizada no dia do município, em que os estudantes pintaram a bandeira. Ademais, havia algumas perguntas relacionadas às cores e seus significados, questões históricas sobre a criação da bandeira, primeiro hasteamento, além de desenhos e pinturas do brasão da bandeira.

Figura 31 - Pintura da bandeira

Fonte: Arquivo do autor (2022)

Como em outras oportunidades, a professora surda inicia o processo de explicação sobre todo o conteúdo, trazendo os estudantes para mais próximo de sua mesa e explica detalhadamente sobre a bandeira, as cores, a história bem como o simbolismo de cada elemento. Há a utilização tanto da Libras, de gestos que facilitam o entendimento dos estudantes, bem como fotos, vídeos, imagens da cidade, imagens da ponte, com o objetivo situar os estudantes sobre o que está sendo dialogado.

Quando se tratava de atividades relacionadas a datas comemorativas, o pesquisador conseguiu identificar alguns elementos que geralmente se repetia, com poucas alterações e adaptações. Seguindo, basicamente, estrutura apresentada a seguir:

- 1 - A PROFESSORA ELABORA UMA ATIVIDADE DE ACORDO COM AS DATAS COMEMORATIVAS;
- 2 - APRESENTA AOS ESTUDANTES (momento em que não há maiores explicações);
- 3 - OS ESTUDANTES COMEÇAM PINTANDO;
- 4 - A PROFESSORA EXPLICA EM LIBRAS;
- 5 - A PROFESSORA ESCREVE EM PORTUGUÊS NO QUADRO;
- 6 - ESTUDANTES COPIAM DO QUADRO;
- 7 - PROFESSORA EXPLICA NOVAMENTE;
- 8 - OS ESTUDANTE FINALIZAM A ATIVIDADE FAZENDO UM DESENHO DE SUA PRÓPRIA AUTORIA.

Em relação às avaliações realizadas na sala, após os momentos de observação e conversa com as professoras, destacou-se que o conteúdo das avaliações são os mesmos utilizados na sala regular, ou seja, as avaliações são preparadas para os estudantes ouvintes pelas professoras de cada disciplina, não havendo, portanto, a participação das professoras da sala bilíngue na elaboração das avaliações; contudo as referidas professoras realizavam a adaptação desse material, haja vista que essas provas estavam totalmente elaboradas em Língua Portuguesa e, por isso, não contemplava os recursos visuais necessários para facilitar a compreensão dos estudantes surdos. Assim, as professoras da sala bilíngue precisavam reconfigurar toda a avaliação.

Figura 32 - Avaliação de língua portuguesa adaptada



Fonte: Arquivo do autor (2022)

A palavra-chave que mais se percebia nas atividades, nos conteúdos e nas avaliações era “adaptação”. Tudo era adaptado, pois todo material que havia disponível na instituição havia sido idealizado para ouvintes e não para surdos. As adaptações também estão relacionadas à parte gramatical, reduzindo palavras, por isso, naquele momento, os estudantes estavam em fase de aprender mais palavras para, em seguida, formar frases e depois pequenos textos.

Nesse processo de adaptação, percebe-se que há uma parceria entre as professoras, comportamento notado em diversas oportunidades. A exemplo disso, percebeu-se que, na aplicação de uma avaliação de Língua Portuguesa, a professora surda estava realizando a

leitura, adaptando em Libras para os estudantes, enquanto a professora ouvinte estava dando suporte, explicando e contextualizando as palavras em LP, que eram desconhecidas pela professora surda, de forma discreta, sem que os estudantes percebessem.

Na aplicação da avaliação de LP, a professora CARDOSO incentivava os estudantes a realizarem a interpretação dos textos e imagens, solicitando-os que sinalizassem o que estavam vendo, quando os estudantes não conseguiam entender algumas palavras em Língua Portuguesa ou alguns sinais que a professora sinalizava. Então, a professora utilizava o aparelho celular, com conexão à internet, para lançar mão de imagens que correspondem às palavras que estavam contidas na avaliação ou que se aproximassem da palavra no seu contexto na prova. Dessa forma, ela reforça o uso da tecnologia para auxiliar no processo de compreensão e fixação das palavras na avaliação, utilizando o momento da avaliação como oportunidade de aprendizagem e não somente como forma de medir o conhecimento.

Após o acesso à referida avaliação, na de Língua Portuguesa, que foi adaptada, pôde-se observar que a construção desta foi realizada utilizando fotos das cenas do vídeo (vídeo apresentado aos estudantes para interpretação de texto), colocando-os na avaliação, de forma ordenada, na mesma sequência do vídeo. Assim, toda a prova foi realizada utilizando a datilologia das palavras, estando impressa na avaliação. (Conforme figura 31)

Ainda sobre esta avaliação, foi notado que a adaptação apresentava as questões em formato de múltipla-escolha: com enunciados curtos, com imagens que conseguiam descrever o enunciado, contendo alternativas com palavras curtas de fácil compreensão, uma vez que os estudantes não possuíam um vasto vocabulário. Quando se tratava de questões que exigiam a interpretação do vídeo, de texto ou tirinhas, os estudantes, ao invés de escreverem as respostas em Língua Portuguesa, eles tinham a opção de realizar um desenho ilustrativo sobre aquele conteúdo visto para que eles pudessem externar o entendimento das imagens do vídeo. Dessa forma, garantia-se maior autonomia dos estudantes de se expressarem e transmitirem o real entendimento sobre o vídeo ou texto apresentado.

Outro recurso utilizado em sala são as dinâmicas. Frequentemente, a professora CARDOSO utilizava essa estratégia como mais uma alternativa de ensiná-los a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais. Nesse tipo de atividade, havia uma competitividade entre os estudantes, de forma que eles mesmos faziam comparação de quem mais conseguia acertar as palavras e, conseqüentemente, pontuar.

Aqui vale apresentar pelo menos uma das dinâmicas observadas em sala. Após finalizarem as atividades do dia, a professora CARDOSO, sentava-se à mesa, chamava para junto de si os estudantes, de forma que eles ficavam de frente para ela. Utilizando pequenos

cartões (material de confecção própria) que continham uma ilustração e a palavra em Língua Portuguesa que representava a imagem, de modo que cada estudante deveria realizar o sinal correspondente a um verbo ou substantivo em Língua Portuguesa.

Figura 33 - Cartões visuais



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Ainda na mesma atividade, os estudantes desenvolviam narrativas sobre os assuntos do dia a dia ou questões familiares relacionadas às imagens dos cartões, surgindo espontaneamente, partindo da narrativa dos próprios estudantes, com misto de pantomima, dramatização, apontação e a Libras: tudo conduzido pela professora CARDOSO. Vale destacar que, nessa dinâmica, os gestos em uso estavam sendo aos poucos substituídos pelos sinais em Libras, havendo espontaneidade nas narrativas e, ao mesmo tempo, a mediação da professora CARDOSO.

Mesmo aqueles estudantes surdos, que usam a sala bilíngue, em sua maioria, os gestos na comunicação, ainda assim não se pode caracterizá-los como desprovidos de comunicação. Isso porque existe uma coerência em seus discursos, uma sequência estruturada nas narrativas e um destaque naquilo em que querem enfatizar. Essa ênfase é proposital, não sendo algo sem nexos ou sem uma ordem lógica, o que evidencia, assim, que estão se comunicando, mesmo sem os sinais formalmente da Libras, mostrando uma sequência cognitiva nas narrativas apresentadas durante as atividades.

Por fim, outro recurso metodológico utilizado na SB é a apresentação de vídeos em diversos formatos, visto que a professora utiliza o seu computador pessoal para exibir o material que é utilizado na sala, de acordo com os objetivos pretendidos para a aula específica.

Figura 34 - Exibição de filmes

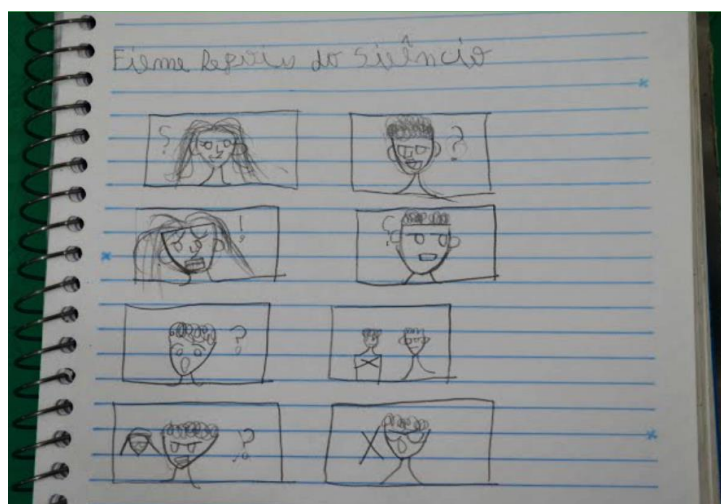


Fonte: Arquivo do autor (2022)

Um dos filmes exibidos durante o momento de observação direta na SB foi uma produção intitulada “Filhos do Silêncio”. Para esta produção, foi solicitada uma atividade que buscava exercitar a interpretação do filme, a compreensão do enredo apresentado e entendimento de forma ampla dos assuntos discutidos.

Após a exibição, o estudante deveria produzir uma síntese visual, representada através de desenhos sequenciais e, logo após, apresentá-los à professora.

Figura 35 - Atividade relacionada ao filme



Fonte: Arquivo do autor (2022)

A sequência didática da atividade era a seguinte: 1 - Escolha do filme que contemplasse o campo da comunidade ou do povo surdo em suas diversas áreas; 2 -Exibição do material; 3 - Produção de uma síntese visualmente, através de desenhos sequenciais; 4 - Apresentação sinalizada do filme assistido, tomando por base o passo anterior. Em linhas gerais, esse era o processo percorrido durante a realização da atividade.

Durante o período de observação em campo, verificou-se que a sala também estava envolvida nos projetos da escola, embora a sala seja de gerência do CEIP. Os projetos propostos pela escola também fazem parte das atividades da sala bilíngue. Assim, houve a oportunidade de estar presente em, pelo menos, um dia de culminância de um dos projetos desenvolvidos pela escola. O projeto era intitulado de "Ler mais +, Escrever +". No momento da culminância, os estudantes apresentaram músicas, contação de histórias, que eram desenvolvidas durante o semestre letivo.

Um fato que chamou atenção é que, durante o período das apresentações, não havia intérpretes de Libras para que a professora surda pudesse acompanhar as atividades, tampouco para que os alunos surdos pudessem entender também. Assim, foi solicitado apoio. Contudo, o barulho estava muito grande, devido à mistura do som com as vozes das crianças e, devido à quantidade de crianças presente na culminância do projeto, posicionou-se na última fila, bem distante do palco, impossibilitando compreender o que estava sendo apresentado, com os sons inaudíveis.

Outro fato que desperta a atenção, haja vista que, mesmo tendo uma sala bilíngue com estudantes surdos, para a garantia da acessibilidade (como disposto no decreto 5.626/2005 e na lei 13.146/2015), ainda assim é um ponto que seria necessário um amadurecimento institucional sobre o assunto na promoção e fomento da acessibilidade institucional.

4.3 A RELAÇÃO DA PROFESSORA SURDA E ALUNOS SURDOS EM SALA BILÍNGUE

Após vinte e cinco dias de observação no campo de pesquisa, foi possível tomar nota das relações que estavam acontecendo na SB, dentro da instituição, de modo geral, bem como as relações que acontecem externamente, através das mães e CEIP. Contudo, buscar-se-á evidenciar somente as relações presentes na SB, haja vista este espaço está intrinsecamente ligado aos objetivos desta pesquisa. Dessa forma foram registrados alguns dados no diário de campo, que por sua vez estaremos apresentando algumas dessas relações observadas.

A princípio, destacou-se que ambas as professoras desempenham suas atribuições com maestria, na oferta de um ensino que esteja preocupado no desempenho do aprendizado dos estudantes em questão. Todavia, notou-se que a professora surda estava um pouco mais próxima dos estudantes surdos, mesmo a professora ouvinte também estando neste mesmo espaço e no mesmo processo de ensino. A proximidade dos estudantes com a professora surda é maior. Assim, acredita-se que seja pelo fato de encontrar o seu par linguístico. Mesmo os estudantes ainda não tendo uma noção política a respeito de sua identidade e cultura, eles percebem e valorizam as suas "diferenças" em relação aos ouvintes. Sobre isso, Strobel (2008, p. 40) afirma que: "Os povos surdos estão cada vez mais motivados pela valorização de suas 'diferenças' e assim respiram com mais orgulho e riqueza das suas condições culturais!"

Sobre esse "orgulho", pôde-se observar uma situação bem peculiar que vale a pena relatar neste momento. Em um dos momentos, viu-se que a professora surda estava apresentando a diferença entre a sala regular de ensino e a sala bilíngue. Para isso, trouxe a história do "feijão surdo", que apresenta uma pequena história na qual pais ouvintes tem um filho surdo e não sabe se comunicar com ele. Por isso, matriculam-no em uma escola regular, mas percebem que isso não deu muito certo.

Em seguida, matricularam-no em uma escola inclusiva, com a presença do profissional intérprete de Libras. Novamente, percebem que o feijão não estava conseguindo aprender. É quando há a grande virada na história: o feijão é matriculado em uma escola com educação bilíngue e a língua de instrução é a Libras. Como consequência, o pequeno feijão aprendeu a se comunicar e agora é uma "criança" diferente, pois agora está diante do mundo da informação que antes não tinha e isso o deixaria triste.

Esse é um resumo da história, com vários desdobramentos e conceitos amplamente discutidos nas produções acadêmicas sobre os assuntos: inclusão, ensino regular, profissional intérprete, pais ouvintes, educação de surdos, escola e sala bilíngue, dentre outros.

Figura 36 - História do Feijãozinho surdo

Fonte: Arquivo do autor (2022)

Durante a apresentação da história, os estudantes permaneceram muito atentos, haja vista estarem vendo os visuais e a sinalização; em seguida, a professora inicia o diálogo com os estudantes, estimulando-os a expressarem suas opiniões sobre a história, mas especificamente sobre os dois modelos que ganham maior destaque na produção, que é a educação através da inclusão e a educação com proposta bilíngue. A esse respeito, cada estudante expressou sua opinião, mesmo com o vocabulário limitado na Libras. Na ocasião, havia três estudantes em sala. Dois dos estudantes rapidamente expressaram sua satisfação e aceitação, quando estavam falando sobre a sala bilíngue. Enquanto que, pela proposta inclusiva, foram veementes em demonstrar expressões faciais e corporais de desaprovação. A professora novamente questiona e os estudantes simplesmente repetem as mesmas afirmações.

Dessa forma, abre-se uma porta de oportunidade para as relações acontecerem através da utilização de uma pequena história como gatilho, que conduz a outras possibilidades de diálogo, a ponto de não parar somente nos comentários acerca da história, mas também com relatos do cotidiano de cada estudante. Eles trazem inquietações, experiências negativas e positivas, que outrora no seio familiar não seria possível expressar, justamente pela limitação comunicacional com a família.

Sobre essa dinâmica, cabe registrar que o terceiro estudante ficou um pouco retraído, sem querer demonstrar a sua opinião, acerca da história do feijãozinho surdo. Posteriormente, a professora explicou porque ele estava mais retraído: era o receio de responder de forma contrária aos demais e ter a desaprovação dos colegas. Mesmo retraído, os estudantes, sendo

estimulados pela professora a responder a indagação, apontam para a imagem que representava a inclusão.

Figura 37 - Feijãozinho surdos, diferença entre modalidade de ensino



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Chamou a atenção o fato de que, em outros momentos, o estudante expressou insatisfação com a SB. A professora pediu que explicasse os motivos e ele simplesmente disse que na inclusão havia mais amigos. Realmente, a sala possui poucos alunos, somente quatro, o que levou à reflexão de que a insatisfação não era a proposta da sala, e sim poucos estudantes da mesma faixa etária para poder interagir. Diante desse fato, pôde-se refletir a partir das questões levantadas por Strobel (2008), quando diz:

Como uma criança surda poderá desenvolver uma língua se não houver uma identificação com o surdo adulto? Como o sujeito surdo poderá fazer uma identificação com relação à sua identidade surda se ele não conviver com outros surdos que façam o uso da língua de sinais? Quem foi que disse que é só o sujeito surdo utilizar-se da língua de sinais que, por um passe de mágica, passará a ter uma aprendizagem total? E a cultura, como fica? (STROBEL, 2008, p. 91).

A pouca participação das crianças surdas na sala bilíngue, de fato, pode causar o estranhamento relatado pelo estudante, em preferir a educação inclusiva, em razão de ter outros para interagir. Porém, essa interação deve estar presente através de uma identificação com os seus pares, pois reafirma sua identidade, cultura e língua. Acredita-se, então, que, se houvesse uma maior participação, a resposta do estudante seria outra.

Em conversas iniciais com a coordenação do Centro de Educação Inclusiva (CEIP), evidenciou-se que o município possui uma equipe de “busca ativa” por crianças surdas que estão fora da escola. Atualmente, havia encontrado treze crianças com surdez profunda, sendo que somente oito estavam matriculadas.

Dentro do universo de alunos matriculados, no quarto e quinto ano do Ensino Fundamental I, havia somente vinte e sete alunos matriculados na rede municipal com essas especificidades (Conforme Anexo II); contudo, somente quatro estudantes estavam frequentando a sala com proposta bilíngue.

Segundo o CEIP, o projeto é para comportar vinte estudantes. Vale destacar que o município disponibiliza passe livre para os estudantes e os responsáveis acompanhados para o traslado, em transporte coletivo, o que livra a família desse custo, justamente para não ser impedimento de estarem na sala bilíngue. No entanto, não há a efetiva participação de, pelo menos, 50% dos alunos matriculados na rede. Informação essa que seria interessante investigar, para se ter um entendimento concreto do motivo da baixa adesão à proposta.

A esse respeito, levantam-se as seguintes hipóteses: Seria o fato de a sala não ser conhecida pela sociedade petrolinense? Falta de iniciativa da gestão? Pelos pais não acreditarem no potencial da sala? Caso a quantidade de estudantes diminua, poderá ocasionar a interrupção dos trabalhos, por falta de alunos? Isso porque a sala funciona trabalhando com estudantes do Ensino Fundamental I. Quando progredem de série, para o sexto ano, que é o Ensino Fundamental II, deixam de ser assistidos pela SB e passam a ser inseridos na inclusão, em sala regular com intérprete de Libras. A sala continuaria atuando, mesmo sem aluno? Se sim, como? São indagações relevantes que merecem maiores investigações.

Além disso, percebeu-se que parece existir uma “seleção” em relação às amizades entre os estudantes ARRAIS e COELHO, já que, em relação ao terceiro e quarto estudantes, SILVA e FREITAS, não há tanta proximidade. Esse fato foi notado em vários dias. Em nenhum momento, as professoras aprovaram esse comportamento. Inclusive, surgiram alguns questionamentos: Seria algo relacionado à afinidade? Questões relacionadas ao domínio linguístico ou algo relacionado a *status* financeiro? Não é possível afirmar, com precisão, esses questionamentos, visto que se poderia investigar.

O tempo de permanência das crianças na sala bilíngue acaba proporcionando aos estudantes a vivência com os colegas e com as professoras acerca de variados contextos. Ali, eles conseguem ter acesso a algumas informações que dificilmente teriam em casa, em virtude das barreiras linguísticas estabelecidas através da limitação comunicacional. A exemplo disso, em um dos dias, um estudante se dirigiu à professora e solicitou algumas informações relacionadas ao corpo humano, sendo mais específico às mudanças hormonais relacionadas à puberdade masculina, o que poderia ser dialogado em casa com seus pais, contudo, o estudante

compreende que pode conversar abertamente com a professora surda sobre quaisquer assuntos. Essa situação explícita que há certo grau de confiabilidade estabelecido pelo tempo e estreitamento das relações construídas na sala.

4.4 DESCREVENDO AS ENTREVISTAS

A utilização da entrevista foi extremamente relevante, pois trouxe à luz algumas informações que não se conseguiria obter somente através do processo de observação.

Assim, buscou-se realizá-las de forma individual, garantindo um ambiente o mais confortável possível, de forma que, se fosse realizada na presença dos outros participantes, causaria constrangimento, assim como outras situações adversas relacionadas às falas dos participantes. Como forma de respeitar as individualidades, preocupou-se em realizá-las separadamente e também no momento em que cada participante estivesse disponível para tal.

De todos os grupos selecionados para a entrevista, do grupo de pais ou responsáveis, somente uma das mães não participou. Apesar disso, assinou os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento do Menor, autorizando a participação do filho. Nesse sentido, participaram da entrevista: uma professora ouvinte, uma professora surda, três mães e quatro estudantes surdos. Vale destacar que não foram entrevistados pais, mas somente mães.

Estiveram envolvidos na pesquisa três grupos distintos, que estavam ligados diretamente ao campo da educação bilíngue. Após o processo de observação e entrevista, aconteceu uma “Tríada Bilíngue”, composição essa responsável pelo expressivo desenvolvimento da educação dos surdos inseridos na educação bilíngue da escola pesquisada, conforme representado e descrito na imagem a seguir.

Figura 38 - Tríade bilíngue



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Para o entendimento da Tríade Bilíngue - TB, colocar-se-á em evidência as falas dos grupos entrevistados, os quais estavam intrinsecamente ligados através de uma relação de interação, proporcionando o acontecimento da educação bilíngue das crianças surdas na SB.

Para além do entendimento da educação bilíngue, que é uma modalidade de ensino que envolve somente os processos metodológicos, as disciplinas e as línguas envolvidas neste processo de ensino e aprendizagem partem da perspectiva da família das crianças surdas, o que é extremamente importante, pois sem essa compreensão, participação e parceria, a sala bilíngue não funcionaria. Isso significa que se a família não proporcionar a chegada da criança na sala, não há para quem os professores ensinar. Sendo assim, a composição da base que possibilita a aprendizagem dos estudantes, que foi observado nesta produção, é a presença marcante da família, especificamente das mães e das professoras.

Com o processo de observação e entrevistas semiestruturadas, buscou-se realizar a análise de uma sala bilíngue no município de Petrolina, Pernambuco, a partir da seguinte organização: 1) processo de entrevista com as mães dos estudantes; 2) estruturação do desenvolvimento das entrevistas com dez tópicos específicos (disponível no Anexo I); 3) colheita de informações com esses mesmos tópicos para todas as mães, sem cerceá-las de expressarem o que pensam.

Notou-se, *a priori*, que todas as mães são ouvintes e, durante os relatos, disseram que os seus companheiros, ou ex-companheiros, também são ouvintes, confirmando as pesquisas que indicam que a maioria dos filhos surdos têm como filiação pais ouvintes. A esse respeito, Nunes (2010) afirmando:

A maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, cerca de 90% dos casos de surdez infantil no mundo ocorrem em famílias onde os pais ouvem normalmente. Esses pais não possuem o conhecimento e a experiência necessários para lidar com a deficiência auditiva dos seus filhos, o que dificulta a comunicação e a integração da criança na sociedade". (NUNES, 2010, p.88)

Em virtude disso, as crianças podem ter um contato tardio com a Língua de Sinais, estando relacionado à falta de conhecimento sobre a surdez, a vergonha, a incapacidade, dentre outros aspectos que poderiam ser melhor investigados.

Das três mães entrevistadas, duas possuem formação superior e uma com formação escolar correspondente à primeira série do fundamental II, ou seja, o sexto ano. Todas as mães participantes evidenciaram a importância de seus respectivos filhos estarem estudando na sala bilíngue, ao expressarem a evolução de seus filhos. Conforme SANTOS (2022): “É... *ele está*

evoluindo graças a Deus bem! É... aprendendo bastante, depois que ele veio para a sala bilíngue, é porque a sala bilíngue tem o intérprete e tem a professora surda também. Aí está ajudando bastante no desenvolvimento dele.”

Embora SANTOS expresse o entendimento sobre a importância da sala bilíngue para seu filho, ainda há uma compreensão equivocada a respeito da professora ouvinte, quando diz: “...é porque a sala bilíngue tem o intérprete e tem a professora surda também.” Essa menção à presença do profissional intérprete de Libras nesta sala, na verdade, significa que não há a presença do referido profissional na sala bilíngue. Isso evidencia a dificuldade de compreensão entre o papel da professora regente e o de um intérprete da Libras. Apesar disso, destaca-se como positivo a percepção da mãe da diferença em seu desenvolvimento, desde quando veio para a sala bilíngue. Enfatizando, por duas vezes, neste pequeno recorte de sua fala.

Assim como a primeira, a segunda mãe entrevistada, a senhora DINIZ (2022) também destacou o avanço de seu filho após matriculá-lo na escola e o direcionar para a sala bilíngue. Vale destacar que o filho desta senhora estava matriculado em uma escola privada sem o profissional intérprete de Libras, sem acompanhamento de Atendimento Educacional Especializado, mas estudando juntamente com os estudantes ouvintes no “ensino regular”. Contudo, quando o filho passou a ser assistido na sala bilíngue, ela destaca: “*Porque eu acredito, eu sei que lá tem a possibilidade de aprender mais, desenvolver mais. Eu acho que a socialização dele com as outras crianças surdas, é eu acho que vai facilitar e também de ser uma coisa que é direcionada, mais direcionada.*”

Vê-se que a senhora DINIZ menciona alguns pontos que merecem breves considerações. O primeiro deles é a questão relacionada ao aprendizado. Segundo ela, a possibilidade de seu filho poder aprender mais é maior do que se ele estivesse em sua antiga escola, no ensino regular. Assim, para que ela chegasse a esse entendimento foi necessária uma longa jornada realizada, buscando essa resposta através de diversos profissionais. Dessa maneira, pode-se afirmar que o entendimento desta mãe ratifica as palavras de Marschark & Spencer (2011):

Existem muitos argumentos a favor do uso da língua de sinais na educação de crianças surdas. A primeira língua das crianças surdas geralmente é a língua de sinais, e pesquisas mostram que a aquisição da língua de sinais em um ambiente educacional é crucial para o desenvolvimento cognitivo e acadêmico da criança surda. Salas de aula bilíngues, onde a língua de sinais e a língua escrita da comunidade ou do país são usadas, são uma opção educacional ideal para crianças surdas, pois permitem o desenvolvimento completo de habilidades de leitura, escrita e compreensão." (Marschark & Spencer, 2011, p. 547).

O segundo ponto destacado é sobre o desenvolvimento da criança, algo que a mãe acredita que seu filho obterá êxito. Isso é evidente quando ela afirma que tem esse conhecimento, que ele pode desenvolver mais, certamente buscou entender como funciona a educação bilíngue de pessoas surdas. Em relação a esta criança, vale destacar que estudava em uma sala regular, na rede pública do município de Petrolina e era assistida por um instrutor de Libras duas vezes por semana (informação verbal). Mesmo com o atendimento por um instrutor surdo, no ensino regular, ainda assim a mãe está convicta de que seu filho poderá aprender mais estando na sala bilíngue.

O terceiro e último destaque da senhora DINIZ (2022) relaciona-se à socialização com as crianças surdas, quando ela enfatiza: “*Eu acho que a socialização dele com as outras crianças surdas, é eu acho que vai facilitar e também*”. Facilitar o aprendizado e o desenvolvimento de seu filho leva a compreender que, mesmo tendo dois encontros por semana com um instrutor surdo, matriculado no ensino regular, ainda não era suficiente, pois era necessária a interação com outras crianças surdas. Isso porque, dessa forma, teria algo mais “direcionado”. Em outras palavras, teria uma formação escolar que iria de encontro com suas particularidades linguísticas e lhes possibilitaria maior contato com seus pares e com uma professora surda, potencializando, destarte, o aprendizado acadêmico e linguístico.

A senhora CARTER, a terceira mãe entrevistada, também traz uma fala em relação às áreas que seu filho conseguiu ganho de desenvolvimento (informação verbal).

Em tudo! É no estudo mesmo, seja em português, seja em matemática, seja na comunicação em casa, seja no desenvolver dele. Ele observa as coisas, ele percebe, ele explica o que viu, a gente consegue compreender. Ele cobra mais as coisas. Ele está mais maduro em tudo! No estudo, no pessoal, no familiar mesmo. Arrais foi um crescimento fora do comum.” (CARTER, 2022)

A mãe é enfática e categórica quando fala do desenvolvimento de seu filho: “*Em tudo!*” É visível que ela explica porque respondeu assim, evidenciando ganhos tanto na escola quanto fora dela. Além das matérias escolares, o estudante também apresentou mudança comportamental e comunicacional em casa, sendo classificado pela mãe como algo “fora do comum” o desenvolvimento do seu filho. É válido mencionar que essa criança estudava em uma escola privada, em sala regular com crianças ouvintes. Então, para sua mãe, esse era o seu “comum”, que, obviamente, não teve mudanças significativas. Após a criança ser matriculada e inserida na sala bilíngue, as mudanças aconteceram ao ponto de superarem as expectativas da senhora CARTER.

Após ela ser apresentada à modalidade de ensino bilíngue e ter entendido que esta é uma proposta de educação que conseguiu contemplar o seu filho, fala um pouco mais sobre as suas impressões quanto à sala:

A sala é algo... é... vamos dizer assim... para mim eu acho de suma importância. É um diferencial bem grande porque é algo novo. Até então nunca tinha escutado falar. E eu acho que é muito importante, tem que haver essas salas. Eu acredito que só existe essa sala, no meu conhecimento. Acredito que tem que ter mais salas bilíngues. Para a gente acolher outras crianças, outras famílias. É assim... é uma palavra gigantesca, é de suma importância, é grande, é valioso. Ajuda muito. (CARTER, 2022)

Em sua fala, destaca dois pontos que vale reflexão. O primeiro deles é quando diz: “Até então nunca tinha escutado falar.” Essa falta de conhecimento a respeito da existência da sala bilíngue torna-se um ponto relevante, pois pode expressar uma amostragem das mães de crianças surdas matriculadas no município, que, assim como a mãe em destaque, não tinha conhecimento sobre a sala. Isso conduz ao questionamento do fato de outras mães também não conhecerem esse tipo de sala. Esse ponto é digno de ponderação em virtude do quantitativo de estudantes surdos ou com deficiência auditiva mapeados pela Secretaria de Educação do município de Petrolina-PE, de acordo com os dados enviados pelas escolas até o mês de maio de 2022 (Anexo II).

Esses dados foram compilados em primeiro de junho de 2022, contando com vinte e sete crianças surdas ou com deficiência auditiva matriculadas na rede municipal. Dentre essas, somente quatro estudantes estavam na sala bilíngue no período em que o pesquisador estava na fase de observação do campo. Essa realidade impulsiona a refletir sobre a baixa quantidade de crianças surdas presentes na sala bilíngue, mesmo com uma quantidade significativa de crianças presentes na rede.

Embora a abordagem desta pesquisa não tenha sido realizar o levantamento sobre os motivos de muitos estudantes surdos não estarem na sala bilíngue, através das entrevistas pôde-se descartar as questões de logística. Em primeiro lugar, porque a sala bilíngue estava funcionando em uma escola um pouco mais distante do centro da cidade, sendo, posteriormente, transferida para a escola atual. Em segundo lugar, ainda na perspectiva da logística, porque todas as crianças, suas mães ou responsáveis, contam com transporte coletivo gratuito, através de passes escolares, para que possam se deslocar de suas casas até a sala bilíngue (informação verbal).

Isso leva a entender que a não adesão à sala bilíngue não está relacionada ao transporte, mas à conversa com as professoras e também com as mães das crianças surdas. Nesse contexto,

o que mais chama a atenção é o que foi destacado pela senhora CARTER, o desconhecimento da existência da sala, bem como uma compreensão incompleta sobre o seu funcionamento, dinâmica, potencial, auxílio da sala para educação das crianças surdas. Isso deixa evidente a invisibilidade da sala bilíngue pela grande maioria daqueles mapeados pela Secretaria de Educação. Tal realidade leva a refletir se isso também acontece com a sociedade petrolinense, de modo geral.

Outro ponto mencionado pela senhora CARTER é: *“Eu acredito que só existe essa sala”*. De fato, ela está correta. Na cidade de Petrolina-PE, existe somente uma sala com educação bilíngue para pessoas surdas, pelo menos é aquela que tem o reconhecimento como SB, pela Secretaria de Educação do município. Isso porque salas de Atendimento Educacional Especializado, há em diversas escolas, mas somente uma voltada para a educação de surdos na modalidade bilíngue.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa - IBGE, no último censo de 2021 a população de Petrolina chegou a estimativa de 359.372 pessoas. Deste quantitativo, 5,7% da população são crianças matriculadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com relação às pessoas que não ouvem, o IBGE estima 286 pessoas; e aqueles que possuem grande dificuldade de ouvir, a estimativa é de 2.594 pessoas, levando em conta aqueles que possuem alguma dificuldade de ouvir, que equivale a 9.534 pessoas. Esses números do IBGE são extremamente relevantes por sinalizar a necessidade de mais salas de modalidade bilíngue para *“...acolher outras crianças, outras famílias... é uma palavra gigantesca, é de suma importância”*, conforme afirma a senhora CARTER (2022). Dessa forma, pelo quantitativo de pessoas surdas e pela presença de somente uma sala no município, porventura seria algo a se pensar, para novas salas?

Com o intuito de se conhecer melhor sobre cada estudante, serão apresentadas breves falas das mães a respeito do histórico sobre a descoberta da surdez. A princípio, o perfil de todos os estudantes observados é de diagnóstico de surdez ainda nos primeiros anos de vida. Dois dos estudantes foram submetidos ao procedimento cirúrgico do implante coclear, no entanto, usaram pouco tempo o aparelho externo, em virtude de eles mesmos não demonstrarem muito interesse pelo aparelho, conforme relatos das mães.

A respeito da suspeita da surdez de FREITAS, a mãe afirma que se iniciou aos quatro meses de idade. Em virtude de a mesma já ter outra filha anterior a FREITAS, percebeu que as fases de desenvolvimento de cada um estavam sendo diferentes, e também os mesmos estímulos auditivos a que submeteram a primeira filha estavam tendo respostas diferentes, de modo que, enquanto que uma respondia o outro não respondia. Dessa forma, ela passa a levar o filho ao

neurologista que, por sua vez, solicitou diversos exames, os quais apontaram para a surdez, vindo a ser encaminhado para outro médico, o qual realizou mais exames e confirmou o diagnóstico da surdez.

É fato que o exame que detecta alguma alteração na surdez deve ser feito em todas as crianças brasileiras antes de saírem da maternidade, que é o teste de Emissões Otoacústicas Evocadas, conhecido como o “Teste da Orelhinha”, através do qual se mede o grau auditivo, realizado entre o segundo e o terceiro dia de vida enquanto a criança dorme. Esse procedimento está previsto na Lei N° 12.303, de 02 de agosto de 2010.

Das suspeitas até o diagnóstico e acompanhamento com médicos, no caso de FREITAS (2022), passaram-se 2 anos. Quando o diagnóstico foi estabelecido e a mãe tomou ciência de que a surdez de seu filho era irreversível, durante a entrevista, declarou: “*Foi desesperador, porque eu não esperava!*” A entrevista com essa mãe, em particular, foi repleta de momentos com uma explosão de sentimentos, choro e embargos na voz, o que levou a interromper por algumas vezes para que ela pudesse se recompor e retomar o diálogo.

A suspeita da surdez da segunda criança, COELHO, aconteceu quando ele tinha seis meses de idade. Contudo, o diagnóstico de forma concreta veio somente quando estava com um ano e três meses. Quando fez o teste da orelhinha, este não apresentou alteração em relação à surdez. A partir do momento em que a família percebeu alterações na audição do filho, repetiu-se o teste por três vezes e, em todas as realizações, não apresentava nenhuma situação adversa relacionada à audição da criança. Apesar disso, as desconfianças permaneceram. Consultaram vários outros médicos até chegarem a um diagnóstico preciso.

Frente ao diagnóstico, os pais retornaram ao primeiro médico. A criança passou a utilizar um aparelho auditivo, o que não surte efeito, em virtude de COELHO ter uma surdez bilateral profunda. Por isso, passou para outra etapa. Na tentativa de encontrar uma “solução” para a situação auditiva do filho, a senhora DINIZ optou pelo implante coclear, isso quando criança tinha por volta de quatro anos de idade. Almejando realizar a cirurgia para que possibilitasse à criança o aprendizado da fala, indo, diversas vezes, à capital do estado, na cidade de Recife-PE, por um longo período, até duas vezes por mês, gerou um esforço excessivo em relação a todo acompanhamento ao qual a criança foi submetida.

Por fim, a criança passou a utilizar o aparelho, mas não estava surtindo o efeito esperado pelos pais, pois o aparelho apresentou problemas e não havia assistência técnica nacional para a marca e modelo do aparelho, deixando a criança, por um longo período, sem a utilização. Vale destacar que COELHO (2022) estava apresentando desconforto no uso do aparelho e já não queria mais utilizá-lo.

Sobre a terceira criança, chamada de ARRAIS, conforme relatos da mãe, a senhora CARTER, toda a gestação e o parto ocorreram dentro dos “padrões de normalidade”. Atendendo à obrigatoriedade do teste da orelhinha, a criança foi submetida a este, cujo resultado foi “perda bilateral”. Frente ao resultado, a recomendação médica foi que repetisse após quinze dias. A senhora CARTER assim o fez, entretanto, o resultado foi o mesmo: ausência auditiva bilateral. Novamente, a mãe, querendo se certificar dos resultados, realizou outro exame médico, chamado por ela de BERA, também conhecido como Potencial Evocado Auditivo do Tronco Encefálico - PEATE. Este exame busca avaliar a perda auditiva, levando em consideração alguma lesão na cóclea, no tronco encefálico ou no nervo auditivo.

Após a realização do exame PEATE, apresentou resquícios de audição. A mãe relata que a questão auditiva de seu filho foi se agravando, ao ponto de chegar a uma surdez profunda bilateral. A reação desta mãe, assim como a da primeira mãe entrevistada, foi de susto, conforme ela mesma declara: *“Foi um susto pra mim, porque eu não esperava, não tenho casos na família. Nem paterna e nem materna, no meu caso. E aí foi algo tudo muito novo, angustiante de alguma maneira, porque eu não sabia lidar com aquela situação.”* (CARTER, 2022). É fato que a falta de conhecimento sobre o assunto causa estranheza e susto, por estar lidando com algo “novo”. Até o momento, esta é a reação mais comum nas mães entrevistadas. Sobre isso, Carrara (2012, p.16) menciona que:

A descoberta da surdez na criança é um momento muito difícil para as mães, que se sentem assustadas e inseguras. Ainda que tenham percebido que havia algo de diferente com o filho, receber a confirmação do diagnóstico pode ser um choque e provocar uma grande quantidade de emoções negativas. (CARRARA 2012, p.16)

Por conta dessa estranheza acerca do diagnóstico do filho, a senhora CARTER buscou realizar diversos outros exames para ter realmente o conhecimento e descartar outras possibilidades. Realizou exames para saber se o seu filho era autista, se tinha alguma síndrome, algum distúrbio, isto porque não estava satisfeita com os exames já realizados, buscando vários profissionais neurologistas. Ao levar seu filho para a cidade de São Paulo - SP, foi solicitado o teste da Síndrome de Tourette (TNA), a fim de investigar o código genético da criança, isto porque esse teste que analisa uma doença que afeta os movimentos do corpo, tiques e pode levar as pessoas a realizarem sons difíceis de controlar, isso em virtude do comportamento do filho. Mesmo com esse exame, não foi encontrado nada a respeito, ou seja, não se chegou ao diagnóstico para essa investigação específica. Segundo a mãe, tudo foi feito em relação à investigação médica.

Para esta mãe, o processo investigativo, sobre a condição de seu filho, foi bem longo, pois, de fato, poderia ser uma limitação para filho estar na condição de pessoa com surdez. Sobre esse aspecto Kusters (2017), comenta:

A mãe de uma criança surda frequentemente passa por um processo de luto pelo filho que ela imaginava que teria e pelas expectativas que tinha para o seu futuro. Ela pode sentir que o diagnóstico de surdez é uma sentença de limitações e desvantagens para o filho" (Kusters et al., 2017, p. 80).

A senhora CARTER, após submeter seu filho a todos esses exames e apresentarem o resultado que seu filho era uma pessoa com surdez, retorna para o resultado do primeiro exame realizado, o teste da orelhinha. Convencida do diagnóstico, ela passa a pensar na perspectiva de poder proporcionar um aparelho auditivo para a criança e acompanhamentos com fonoaudiólogos, e psicopedagogos, bem como diversas terapias. Ainda neste processo, a ela decide realizar o implante coclear na criança. CARTER declara que, após o implante, a criança pouco usa, demonstrando não querer utilizá-lo e ainda afirma: *“Ele não gosta muito de ouvir”*.

Outro ponto importante destacado pela mãe foi que, mesmo com todos os acompanhamentos, todas as terapias, a mãe percebeu que a criança não conseguia falar. A senhora CARTER sabia da existência da Libras, mas não tinha o conhecimento e domínio da língua e também não sabia até que ponto poderia ajudar seu filho. Quanto a isso, os médicos foram categóricos ao dizer que a utilização da Libras, durante o processo de acompanhamento médico, não era uma opção, conforme CARTER (2022) destaca: *“... eles não aceitavam, achavam que poderia prejudicar no desenvolvimento da fala”*. Pensamento esse que está associado à filosofia oralista, que imperou há séculos e se mostrou ineficaz. Ainda assim, apresenta-se com grande influência na atualidade.

Em relação à quarta criança, chamada de SILVA, não foi possível entrevistar a sua mãe, devido às várias declinações por parte dela, o que deixa com pouca, ou quase nenhuma informação, sobre a criança em relação ao diagnóstico sobre a surdez. Não obstante, o que é possível afirmar é o que está disponível no laudo médico em sua pasta escolar, bem como as observações realizadas na sala bilíngue. Assim, o diagnóstico presente no laudo é de uma criança com surdez bilateral profunda.

Outro ponto conversado com as mães participantes foi em relação ao contato das crianças com a Língua Brasileira de Sinais. As crianças COELHO e SILVA, por exemplo, tiveram contato com a Libras na escola através do Atendimento Educacional Especializado, com a presença de instrutores surdos disponíveis na rede municipal de Petrolina-PE. Encontros

que, basicamente, resumiam-se a dois ou três atendimentos semanais. Com duração que variava entre uma hora e meia a duas horas.

Já o estudante ARRAIS, teve um processo um pouco diferente. Através do contato da mãe com a atual professora surda da sala bilíngue, já que ambas moravam no mesmo condomínio e lá é que foi apresentada a Libras para a criança e sua mãe, a qual, por interesse próprio, buscou aprender e fez um pequeno curso particular com a professora surda. No mesmo período, o estudante ARRAIS passa a ter a disciplina de Libras na escola em que estudava: uma instituição particular que ofertava a disciplina de Libras para as crianças do Ensino Fundamental, especificamente para a turma em que o estudante surdo está matriculado. Dessa forma, é que a mãe desta criança percebeu a importância da Libras na vida de seu filho. Por isso, ele foi transferido para a escola pública e, atualmente, está na sala bilíngue, passando a ter contato diário com a Libras.

Sobre o acompanhamento das crianças na escola, através das entrevistas com as mães, evidenciou-se que todas foram enfáticas ao mencionar a importância de seus filhos na escola. Mesmo após o diagnóstico, não deixaram de colocá-los na instituição escolar, iniciando nas creches, e que, somente no caso de FREITAS, havia um professor para ele, que sabia Libras. Os demais, neste período de creche, especificamente, não tinham nenhum atendimento específico. Ainda que estivessem inseridos na escola, não havia um entendimento ou a utilização da Libras em seu processo de ensino e aprendizagem.

Para as mães, era uma questão fundamental, conforme afirma a senhora SANTOS (2022), quando diz: *“Ele nunca ficou fora da escola não. Isso aí é a prioridade que eu boto sempre é o estudo dele.”* Vale destacar que esta mãe, durante todos os dias de aulas, trazia seu filho para a escola e, como não tem condições financeiras para retornar para casa e depois voltar para buscar seu filho, permanecia aguardando até sua saída, das 7h00 às 11h45 da manhã, todos os dias, dedicando, integralmente, todas as manhãs para o seu filho. Outro destaque, nesse sentido, se dá ao fato de que, quando a criança estava nas séries iniciais, antes de ingressar na sala bilíngue, ela se colocava à disposição para atuar como suporte ao filho durante a realização das atividades na escola, em virtude de ninguém na instituição saber Libras para se comunicar com seu filho.

Na rede municipal de Petrolina-PE, as crianças passam a ter acesso ao acompanhamento do AEE a partir do maternal I e Maternal II, lembrando que são acompanhamentos no contraturno e que, em sua grande maioria, dificilmente passam de três encontros semanais ou mais de duas horas em cada atendimento. Dessa maneira, o contato com a Libras passa a ser

muito pouco, o que, por sua vez, pode apresentar um potencial não suficiente para o aprendizado da língua. Diferentemente da sala bilíngue em que o contato é diário e com mais horas.

Neste processo de acompanhamento, todas as mães afirmaram que seus filhos estavam se desenvolvendo bem, mesmo sem a presença de um profissional intérprete de Libras ou a ausência de atendimentos de AEE, em alguns casos. Frente a esse fato, acredita-se que esse desenvolvimento se dá pelo fato de todas as atividades nestas séries iniciais serem intuitivas e utilizarem muitos recursos visuais. Contudo, à medida que as séries vão se direcionando para o Ensino Fundamental II, as demandas relacionadas às respectivas séries também aumentam, bem como a complexidade, exigindo um maior esforço linguístico para as tarefas, algo que fica mais difícil para as crianças surdas, por não terem ainda maturidade linguística, nem na Libras, nem na Língua Portuguesa falada ou escrita.

Isso é perceptível na fala da senhora DINIZ (2022), quando solicitada a falar um pouco sobre o aprendizado de seu filho, destacando que o problema dele é a Língua Portuguesa: *“Eu acho que é porque não tem o domínio de nenhuma das duas, porque como ele ainda não tem o domínio ainda de Libras ele não conseguiu absorver o português ainda”*.

Em contraponto à questão de maior tempo de exposição linguística, é notório que o desempenho dos estudantes passa para outro nível em detrimento de estarem imersos na sala bilíngue, principalmente, porque podem ter contato diário com a língua em uso em diversas situações dialógicas. Sobre isso, a senhora CARTER afirma que:

Foi quando é... foi colocado na sala bilíngue né! Na municipal, e... foi aí que realmente eu vi muito mais. Porque ele vai às aulas todos os dias e essa desenvoltura dele só chegou a crescer. O comportamento dele que os médicos falavam, questão de hiperatividade ou alguns gritos, vamos dizer assim, o falar alto, da forma dele. Então tudo foi se acalmando, foi tranquilizando. Ele consegue ser mais compreendido, eu acredito que isso foi deixando-o mais confortável, mais confiável. (CARTER, 2022)

Vê-se que a mãe destaca não somente ganhos relacionados ao aprendizado, mas também mudanças perceptíveis no comportamento, quando menciona que ele passa a ser mais compreendido. Obviamente, quando não se consegue se comunicar, a tendência é permanecer mais inquieto ou, como a mãe destacou, “hiperativo”, uma vez que a questão comunicacional passa a não ser mais barreira, todas as outras situações mudam de cenário, passando da inquietude para a tranquilidade.

No ponto de comunicação com a família, buscou-se compreender como estava acontecendo o processo comunicacional dentro de casa, uma vez que os estudantes ainda não dominavam a Libras, assim como a Língua Portuguesa de forma oral ou escrita.

Todas as mães, em suas falas, afirmaram conhecer sinais básicos na Libras, embora afirmem ter esse pouco conhecimento da Libras. A senhora DINIZ (2022) , por exemplo, diz que todos da família fizeram curso de Libras, contudo existe um misto no processo de comunicação familiar. Ela afirma: *“Eu sei pouquinho Libras. Eu sei pouco ainda e ou a gente conversa por Libras ou algum gesto, ele compreende alguns gestos ou Libras mesmo. Mas sinalizando mesmo que num, a gente não tem domínio”*. Por vezes, a falta de domínio na comunicação no seio familiar acaba se configurando como algo negativo, pois poderá afetar diversas outras questões relacionadas ao desenvolvimento das crianças envolvidas nesse contexto.

Elas afirmaram que se comunicam em suas casas através dos gestos convencionados entre si mesmos, sendo uma forma de comunicação baseada em apontação, pantomima, de acordo com as necessidades do cotidiano. A esse respeito, a senhora CARTER assevera que:

Antes da Libras era a linguagem corporal mesmo! Um gesto, um exemplo, a forma de tomar banho, a gente tinha um gesto que ele conseguia compreender. Que era o banho ou que era para comer alguma coisa ou beber uma água. Mas a forma mesmo que a gente utilizava em casa, claro! Ela não era totalmente desenvolvida, porque eu não tinha o conhecimento da Libras. Eu falando ele não ouvia, então nós criamos essas imagens corporal. Eu me virava como podia, ele também ia me ensinando algumas coisas, como ser compreendido. Só que, claro! A partir do momento em que ele foi crescendo, que as demandas de pedidos de conversa foram aumentando, aí a dificuldade foi aumentando mais ainda, ficando muito mais difícil. Eu percebia que eu tinha que me comunicar com ele e eu não sabia como. (CARTER, 2022)

Nota-se que a mãe destaca que fazia o que estava ao seu alcance para tentar se comunicar com seu filho. A princípio, era uma comunicação mais rudimentar, mas que, aos poucos, está dando lugar à comunicação através da Libras, uma vez que, tanto a mãe quanto o estudante, estão sendo expostos à Língua Brasileira de Sinais.

O conhecimento sobre a existência da sala bilíngue está basicamente ligado ao CEIP. Em sua grande maioria, as mães passaram a ter o conhecimento através da divulgação da Secretária de Educação do município através do CEIP, com exceção de uma das mães, que teve o contato diretamente com a professora surda da sala bilíngue.

Instigante é que, no entendimento de duas mães sobre a dinâmica da sala bilíngue, vê-se que elas acreditam que a professora ouvinte ministra as aulas e a instrutora surda faz a tradução ou adaptação para a Libras, a fim de que os estudantes surdos possam aprender. Dessa forma, apresentam uma compreensão reduzida das possibilidades de alcance da sala.

Ademais, buscou-se compreender as percepções das mães em relação a seus filhos estarem estudando na sala bilíngue e contarem com uma professora surda ministrando aulas. A senhora SANTOS (2022) afirmou que: *“No caso dele, no caso do acompanhamento que tenho com meu filho. É importante, porque é a linguagem que ele sabe que...que ele entende né! Porque é o desenvolvimento dele através do professor surdo”*. Nota-se que ela apresenta um entendimento razoável sobre a importância deste profissional, uma vez que o desenvolvimento do seu filho está intrinsecamente ligado a uma pessoa surda, tendo representatividade na formação educacional. Ainda sobre isso, a senhora DINIZ disse:

Eu acho que ajuda bastante é... eu acho que até deixa eles mais a vontade, que ele tá vendo ali que é uma pessoa que ,vamos dizer que é igual a ele, que não seria a palavra correta, mas que tá igual a ele eu acho que isso ajuda muito ele já teve outra experiência com outro instrutor surdo e foi o momento que ele mais desenvolveu.(DINIZ, 2022)

Ela destaca que, na sala bilíngue, a presença de um professor surdo é fundamental, pois, estando ali, ele consegue encontrar alguém que compartilhe da mesma condição linguística. Além de mencionar que, em outra oportunidade, o seu filho havia participado de uma experiência parecida, na qual havia um instrutor surdo, de forma que conseguiu se desenvolver em quando estava como esse instrutor.

Já a senhora CARTER, quando solicitada a colocar suas impressões a respeito de uma professora surda em sala, afirmou que:

Eu acho maravilhoso! Porque é... é na pele. Ela tem o contexto, como passar isso com segurança. Com amor. Ela sente, ela sabe da necessidade, no sentimento dela. Ela tem esse conhecimento de agregar o emocional. Agregar ao conhecimento. A todo estudo que ela tem, ela está totalmente preparada para dar essas aulas. E eu tenho certeza que qualquer criança que seja é... surda. E ela tiver uma aula com outro surdo. Não vai fazer diferença para diminuir, só para acrescentar. (CARTER, 2022)

Vê-se que, para esta mãe, assim como para a outra, o fato de ter uma professora surda que seja igual e que, segundo ela, fica evidente *“...na pele”*, poderá agregar muito ao desenvolvimento de seu filho, no sentido de questões relacionadas ao desenvolvimento educacional e emocional. Além disso, destaca que a professora surda está amplamente preparada para assumir a responsabilidade da educação de seu filho, deixando bem evidente a confiança de que a participação de uma professora surda só teria a acrescentar.

O último ponto da entrevista, realizada com as mães, estava relacionado aos gostos pessoais da criança, tais como comida, esporte e lazer, dentre outros, que pudessem auxiliar o

pesquisador no momento da entrevista como os estudantes surdos. Isso porque a entrevista com as crianças seria realizada posteriormente. Frente a esse pressuposto, haveria alguns pontos que poderiam facilitar o entendimento sobre as respostas dos estudantes. Dessa forma, segundo determinados parâmetros, informações antecipadas sobre a criança, se poderia, no dia da entrevista com eles, facilitar a compreensão da sinalização, demonstrando, dessa maneira, se se estava no caminho correto para a interpretação da sinalização.

Com o propósito de entender algumas questões relacionadas a diversos aspectos da sala bilíngue, realizaram-se entrevistas com as duas profissionais presentes na sala, que conduzem o processo de ensino-aprendizagem das crianças surdas. Em virtude das entrevistas terem sido realizadas em vídeo, transcritas, no caso da professora surda, não somente filmada mas também realizado processo de tradução e transcrição das falas, resultou em um material extenso. Sendo assim, destacar-se-á, a seguir, uma síntese de suas falas nos principais temas norteadores das entrevistas, visíveis no quadro 6. Ademais, trazer-se-á alguns destaques que irão enriquecer o entendimento sobre a experiência da sala bilíngue.

Quadro 6 - Temas norteadores objetivos e respostas resumidos

PROFESSORAS	OBJETIVO	MACEDO	CARDOSO
1. Contato com a Libras	Entender o tempo de contato, pois poderá sinalizar o tempo de convívio com a Libras.	Cerca de 9 anos	Desde os 8 anos de idade
2. Experiência e tempo de ensino de Libras	Saber o tempo de experiência com o ensino da Libras.	Cerca de 6 anos	Cerca de 20 anos
3. Conhecimento dos pais das crianças sobre a Libras	Entender o nível de conhecimento linguístico dos pais sobre a Libras.	Metade se interessa em aprender e a outra metade não sabe Libras	Alguns sabem Libras outros não sabem
4. Conhecimento das crianças sobre a Libras	Conhecer quanto as crianças sabem sobre Libras.	Dois sabem alguns sinais e os outros dois não sabem nada	Todos sabem alguns sinais, mas sem fluência
5. Material de apoio e procedimentos didáticos	Compreender os procedimentos didáticos e materiais utilizados na sala	Todo material é preparado/adaptado	Adapta o material e utiliza livros, vídeos,

	Bilíngue.		celular etc.
6. Opinião sobre a sala Bilíngue	Compreender a importância da sala bilíngue para cada professora.	É a melhor forma que o surdo tem para aprender	A sala bilíngue é importante porque é uma referência.
7. Relação da escola com a Libras	Entender até que ponto a escola está envolvida com a Libras, questões de acessibilidade.	Não diria que é 100%, mas existem aqueles que querem realmente aprender.	Falta uma interação.
8. Funcionamento da sala Bilíngue	Entender a dinâmica de funcionamento da sala.	Chega às 7:30	Abre às 7:30 da manhã e vai até as 11:45.
09. Primeiro Contato das crianças surdas em sala bilíngue	Entender como foi o primeiro contato das crianças com a sala.	Somente um estudante havia chegado na sala que ainda não conhecia	Eles gostam de conversar quando se encontram.
10. Importância da sala bilíngue	Compreender a importância da sala independente de opinião pessoal.	É um espaço onde o surdo consegue aprender de forma prazerosa.	Na sala bilíngue há uma grande ajuda, eles evoluem bastante.
11. Importância do professor surdo	Compreender se realmente a presença de um professor surda em sala faz alguma diferença.	É necessário porque eles estão vendo que ela é igual a eles e que ela conseguiu aprender.	O professor surdo é um modelo, é um exemplo.
12. Trajetória da professora enquanto aluna surda	Entender a trajetória da professora surda, enquanto estava como aluna, e se isso afetou para a escolha da situação em que se encontra hoje.	(professora ouvinte)	Estudou em uma sala de somente surdos. Foi marcada positivamente. Até que estudou no nível superior de forma acessível em Libras.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Esse permite uma visão holística sobre as falas das professoras e a diferença de opinião entre ambas acerca do mesmo assunto. Somente no último ponto não houve resposta da professora ouvinte, a senhora MACEDO, em virtude de a mesma não ser surda. O destaque a esse último justifica-se por permitir entender como foi o processo aprendizagem da professora surda, enquanto aluna: se havia estudado em condições parecidas com a de seus alunos atualmente.

Outrossim, destacar-se-ão algumas falas da senhora MACEDO, que é professora ouvinte, regente da sala bilíngue, em virtude da natureza do cargo. Apesar de apresentar pouco tempo de experiência e contato com a Libras, é proativa e se empenha no desempenho da função.

Realizou um curso de Libras com uma instrutora surda. Segundo os relatos dela, não foi uma experiência agradável, por causa da metodologia utilizada no curso, o que causou alguns desconfortos e bloqueios mentais a respeito da língua. Contudo, a realidade dela mudou quando assumiu a sala bilíngue e passou a dividir o espaço de trabalho com uma professora surda, já que passaram a acontecer trocas mútuas em relação à língua, uma aprendendo com a outra. A professora MACEDO (2022) diz que: “É exatamente o que eu vivo hoje com CARDOSO em minha sala, ela me ensina.” Esse detalhe é fundamental para um bom andamento das atividades na sala, evidenciando, pois, uma sincronia, ambas ligadas a um objetivo comum, o de contemplar os seus estudantes através do ensino e aprendizado, utilizando a Libras como língua de mediação e a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita.

A princípio a sala, na localização atual, contava com a professora MACEDO e outro instrutor surdo. Estava em período pandêmico, com atividades sendo realizadas de forma online. Gravações em vídeos sendo realizadas na escola e outros materiais sendo produzidos, ficando a disposição dos pais que deveriam vir na escola pegar, levar para casa a fim de que os estudantes pudessem realizar as atividades, devolvidas na escola para serem corrigidas pelos professores. Foi nesse contexto que a professora CARDOSO assumiu a regência da sala bilíngue, no ano de 2020. Somente no ano seguinte foi realizada a troca de instrutor por outra instrutora surda, foi quando veio CARDOSO, passando a assumir a sala juntamente com a professora MACEDO.

Diferentemente das salas regulares, em que o município oferece o suporte dos instrutores por duas ou três vezes na semana com horário marcado, a sala bilíngue conta com a presença permanente da professora e da instrutora surda. Esse processo de atender as crianças e os instrutores realizarem rodízios de atendimento é algo que não é visto como positivo, conforme destaca MACEDO (2022), quando atuava como instrutora: “*Eu acredito que o aluno*

perca com isso. Então eu ficava dois dias em uma escola e dois dias em outra e a gente ia revezando para atender todas as crianças.” Para ela, havia perda nesse processo, o que se pode perceber no fato de que não havia como dar continuidade às atividades, em virtude de estar em cada semana em uma sala diferente, além de impossibilitar a criação de vínculos em relação ao aprendizado das crianças, o que não acontece na sala bilíngue, pois o contato é diário e com um período confortável para desenvolver as atividades planejadas e executadas para a sala.

Outros destaques sobre o entendimento dos pais em relação à comunicação com os filhos são testemunhados na fala da professora que destaca que alguns até fizeram cursos, outros, por outro lado, não demonstram interesse e ainda mencionam que sabem se comunicar com os filhos. Sobre isso, a professora fala que:

Quando eu ainda era instrutora e era essa mesma dificuldade porque os pais acreditam que ela vai falar. Inclusive na época eles me diziam: "Ele chama Pai, ele sabe chamar mãe". Mas por mais que você tente explicar para eles, que não é assim, eles apreciariam Libras para ajudar o filho. É tanto que a gente tem dificuldade de comunicação, porque até se o filho sinaliza para o pai, ele questiona o que é que o filho está me dizendo. (MACEDO, 2022)

Nota-se que a professora menciona algo interessante sobre a esperança de que a criança consiga falar, trazendo consigo uma esperança de que a condição em que o filho está possa ser “resolvida”. Inclusive, nas falas das mães, é possível perceber que, em sua grande maioria, buscaram-se alternativas médicas para entender toda a situação, inclusive submetendo os filhos ao uso de próteses auditivas e também a realização de procedimentos cirúrgicos. No final do processo, acabam chegando na sala bilíngue sem o domínio da Língua de Sinais e também da Língua Portuguesa.

Sobre a dificuldade em receber estudantes nas condições linguísticas em que chegam à sala, foi solicitado à professora esclarecer um pouco sobre isso. Ela disse: “*Olha, na verdade até hoje está sendo muito difícil.*” (MACEDO, 2022) Em sua fala, evidencia-se isso também na questão de adaptação de materiais para o ensino dos estudantes, além de conteúdos que são ensinados, levando a entender que os estudantes assimilaram o conteúdo, quando, de repente, é necessário trabalhar tudo novamente de uma outra forma. Sobre isso, MACEDO (2022) menciona algo que aconteceu com um dos estudantes, quando diz: “*O que foi que a gente descobriu? Que ele sabe quem é a mãe, o sinal de mãe. Mas não sabe o nome da mãe. Aí a gente teve esse retrocesso, nós começamos a trabalhar tudo uma outra vez. Era como se tivesse um trabalho pronto, mas na verdade não é.*” Está explícito que a professora havia trabalhado no processo de identificação das letras, com a datilologia, voltado para o aprendizado das

palavras, mas, com as descobertas das necessidades, fez-se necessário voltar alguns passos para poder avançar.

Outro ponto levantado durante a entrevista foi a questão da produção de materiais. Em virtude de ser uma sala relativamente nova, em funcionamento no município de Petrolina-PE, pretendeu-se entender como funciona essa dinâmica da produção destes. Sobre isso, a professora MACEDO menciona:

O material pedagógico é todo preparado, por mim e CARDOSO, a gente vai trabalhando, nós selecionamos algumas imagens e para começar a produzir frases. Com contexto, por exemplo a gente mostra a maçã, o nome MAÇÃ e uma criança comendo uma maçã. Para que eles entendam que ali tem uma frase, "criança come maçã". Então a gente faz isso com várias imagens. Tudo é feito com as produções, português e Libras. Imagens tanto de objetos, de frutas, animais, de cores, saudações, tudo para que a gente perceba que eles realmente estão aprendendo. (MACEDO, 2022)

Percebe-se que as professoras exploram os recursos visuais. Por isso, todas as imagens selecionadas, através de uma pedagogia baseada na questão imagética, obviamente partem do princípio do entendimento da modalidade da Língua de Sinais Brasileira, que é visual, traz imagens que façam sentido na construção textual, ao mesmo tempo em que estimulam a produção da escrita na Língua Portuguesa.

Por fim, foi solicitado à professora que falasse um pouco da importância da sala bilíngue e também importância da presença de uma professora surda na referida sala. Sobre o primeiro ponto, a professora MACEDO diz:

A importância da sala bilíngue. Eu entendo que é um espaço onde o surdo consegue aprender de forma prazerosa. Porque aqui ele tem contato com a professora surda e a professora ouvinte. Ele tem aqui a oportunidade de aprender Libras e português, o que é diferente em uma sala regular. Porque na sala regular ele vai ter contato só com ouvintes e que na maioria das vezes o professor vai estar só falando, falando, falando e o estudante vai ficar só sentado, que é isso que a gente nota. (MACEDO, 2022)

O potencial de oportunidades ofertadas pela sala, para as crianças surdas, é extremamente promissor, conforme destaca a professora. Segundo ela, além de oportunizar o aprendizado de forma “prazerosa”, o aprendizado de duas línguas, contando com a contribuição de duas professoras que possuem fluência, cada uma em suas respectivas línguas. Consequentemente, gera um espaço de aprendizagem bilíngue e bicultural, através de duas línguas em uso constante, no ensino-aprendizagem das crianças.

O segundo ponto está relacionado à presença de uma professora surda em sala que divide as atividades laborais com a professora MACEDO acerca do entendimento de qual a importância deste profissional e o que pode representar neste espaço. Nessa lógica, MACEDO assevera que:

A importância do professor surdo, eu diria para você que é necessário porque eles estão vendo que ela é igual a eles e que ela conseguiu aprender, chegar onde chegou e eu também digo muito aos pais que ser surdo não impede de chegar onde quiser. Ela tem formação, ela é professora e que ela aprendeu e que finalmente pode auxiliar os surdos. Então basta você querer, vai exigir um esforço em conjunto, família e surdo. Você consegue! (MACEDO, 2022)

Para além da presença de uma professora, que está ministrando as aulas, que preenche todos os requisitos de competência acadêmica para atuar na função, a professora MACEDO ainda destaca que a presença de uma professora surda, por estar ali como um símbolo, uma representação materializada do sucesso obtido por uma pessoa surda, que estudou igual a eles, e hoje está na condição de professora, não mais como estudante, é exemplo concreto de que é possível atingir seus ideais. Em outras palavras, um símbolo vivo e presente na vida dos estudantes surdos que podem esperar, ser protagonistas na concretização dos projetos de vida.

Embora seu cargo da professora CARDOSO seja de instrutora, quando se estiver falando sobre ela, utilizar-se-á o termo “professora”, cuja justificativa para tal já foi referendado. Nesse sentido, é válido salientar que, em virtude da extensão do material, não se trarão todas as falas da professora, mas somente as que estiverem ligadas diretamente à SB e que possam enriquecer o entendimento das nuances. Isso porque a entrevista realizada com ela gerou um material riquíssimo que poderia servir de base de pesquisa para outras produções, no entanto, limitar-se-á ao objeto de pesquisa desta produção.

A professora CARDOSO possui vasta experiência no ensino de Libras, com cerca de vinte anos de ensino, sendo que o seu primeiro contato com a Libras se deu por volta dos oito anos de idade quando outro surdo a convidou para uma igreja evangélica, que concentrava um grupo de surdos. Foi nessa ocasião que ela foi informada a respeito da existência de uma “sala especial”, esse era o termo utilizado na época, hoje chamada de sala bilíngue, na rede municipal de Petrolina-PE. Assim, o seu primeiro contato com esses surdos fez com que ela se comunicasse de forma natural com seus pares. Ela diz: *“Eu não tinha dificuldade para me comunicar não! Parece que eu já tinha adquirido aquela forma de me comunicar espontaneamente, parece que foi algo natural. A interação nesta sala com as pessoas surdas.”*

(CARDOSO, 2022) Isso se dá ao fato de estar imersa em um contexto linguístico que a acolhia, que fazia sentido para ela, diferente da sala regular em que estava inserida, sem contato algum com a Libras, com uma condição linguística adversa ao mundo em que ela fazia parte.

A professora foi contemplada, em sua formação, com acesso ao estudo através da sala que tinha como língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais e, posteriormente, em sua formação superior, teve acesso a uma formação acadêmica, o que lhe possibilitou contato com aulas e materiais em Libras. Dessa forma, concedendo-lhe propriedade para versar sobre essa matéria.

Desde o início do seu estágio no magistério, ela já expressava o desejo de atuar na área com regência, explicitando que foi uma escolha própria como professora/Instrutora de Libras para atuar tanto em sala bilíngue, quanto no Atendimento Educacional Especializado.

Quando questionada a respeito do conhecimento da Libras pelas crianças surdas da sala bilíngue, CARDOSO expressou uma preocupação acerca do aprendizado das crianças quando estão fora das quatro paredes da sala, visto que não estão tendo contato com a Libras, passando a utilizar somente gestos, o que não lhes proporciona maiores ganhos na aquisição e desenvolvimento linguístico. Concernente a isso ela diz:

Às vezes parece que dentro de casa, colocam as crianças surdas diante de jogos, da televisão, deixam soltas brincando na rua, parecem que não se preocupam com as crianças. Parece que dentro de casa só conseguem se comunicar através de gestos relacionados à comida, tomar banho, é... (a professor fez o gesto para PAI, simulando um bigode), somente gesto, acredito que seja somente isso. Mas manter um diálogo, conversar com os filhos, manter uma certa interação, acredito que não há.(CARDOSO, 2022)

Assim, para que se mantenha um diálogo, que seja um pouco mais duradouro, e que não se limite às atividades diárias de alimentação, higiene pessoal ou alguma atividade laboral, faz-se necessária a presença massiva do uso da língua. Isso deixa a entender, na fala da professora, que não está acontecendo, posto que a exposição a Libras, durante a permanência na sala bilíngue, acaba sendo substituída por outros meios que não contemplam a Língua de Sinais, gerando, por vezes, comunicações sem profundidade, dentro do seio familiar, pois são baseadas somente na superficialidade de gestos convencionados, dentro de um contexto específico, o que, por sua vez, poderá limitar o círculo comunicacional das crianças surdas.

Como exemplo, a professora CARDOSO destaca a experiência do primeiro contato que o estudante ARRAIS teve com ela:

Ele é um garoto que antes estudava em uma escola particular, juntamente com

ouvintes. Ele não sabia nada de Libras, zero. Então... eu comecei a trabalhar nesta escola, foi quando eu o encontrei, despertei a sua atenção, porque estava sinalizando, ficou feliz em me ver sinalizando, logo ele “colou” em mim. (CARDOSO, 2022)

Vê-se que, a partir do primeiro momento em que o estudante ARRAIS visualiza uma professora surda sinalizante igual a ele e se aproxima, como a professora disse, “colou”, ou seja, houve uma aproximação natural, pois trouxe felicidade em ver alguém que partilhava de uma comunicação visual. Foi cativado naturalmente. Diferentemente do contexto em que estava inserido com crianças ouvintes. Aos poucos, foi sendo inserido na comunidade surda, através de associações, igrejas, projetos culturais, acampamentos, dentre outros lugares que proporcionam o contato com outros surdos sinalizantes.

Outro ponto conversado com a professora CARDOSO, assim como foi realizado com a professora ouvinte, diz respeito à questão relacionada à produção de material. Basicamente, a palavra em destaque é “adaptar”, o que é evidente na fala da professora CARDOSO, quando diz:

Então, aqui na sala bilíngue nós sempre adaptamos. Por exemplo, quando recebemos as avaliações realizamos uma adaptação de forma visual, através do uso de imagens, para facilitar a compreensão. Porque os ouvintes utilizam a língua portuguesa escrita neste processo de avaliação. Para os surdos precisa ser adaptado para imagens, porque os surdos tem uma compreensão mais clara de forma visual. (CARDOSO, 2022)

Quando a professora cita as avaliações, estas não são elaboradas pelas professoras da sala bilíngue, e sim pelas professoras da sala regular, correspondente ao quinto ano do Ensino Fundamental. Uma vez que todos os alunos precisam ter um número de matrícula, os estudantes da sala bilíngue são matriculados na sala regular, contudo assistem às aulas na sala bilíngue. Contudo as avaliações são adaptadas para que contemplem a forma visual da Língua de Sinais, o que permite aos estudantes surdos realizar as avaliações sem maiores complicações.

Além das adaptações, a professora também menciona que utiliza materiais relacionados à literatura surda, tais como livros, histórias, fábulas, com visuais que são afixados na sala, explorando a visualidade o máximo possível todos os dias. A professora CARDOSO (2022) justifica o uso de materiais dessa natureza ao dizer: *“Porque é através da percepção visual que faz com que o conteúdo seja fixado. Também temos livros, apostilas que exploram os recursos visuais, juntamente com o português escrito, a Libras, a datilologia, desenhos, tudo que utilize imagens.”* Essa diversidade de materiais, que focam na questão da visualidade, acaba se configurando como benéficas para o aprendizado dos estudantes.

Outro ponto que a professora destaca é a associação do uso dos sinais juntamente com as imagens. Pelo menos nesse processo de ensino das crianças surdas, ela não utiliza somente os sinais, pois, por vezes, pode gerar uma “falsa compreensão”. Como seria na prática? O estudante ficar constantemente confirmando com a cabeça, levando a professora pensar que a sinalização foi compreendida, quando, na realidade, não foi isso que aconteceu. A professora afirma que: “*Quando percebo isso, paro e mostro a imagem e tudo fica mais claro. O uso da imagem é muito importante pois ajuda na compreensão.*”(CARDOSO, 2022) Para sanar qualquer eventual “ruído” na comunicação com as crianças, utilizando os sinais, a confirmação da compreensão dos sinais é fundamental para dar prosseguimento no processo comunicacional. Assim, por vezes, havendo a necessidade de apresentar as imagens associadas ao discurso apresentado no momento da enunciação.

Durante a entrevista, também foi solicitado à professora CARDOSO que explicasse um pouco sobre a sala bilíngue, no sentido da sua importância para a educação das crianças surdas. Ela traz à reflexão alguns pontos. O primeiro deles é em relação à sala ser referência no ensino. O segundo é o ensino concomitante da Língua de Sinais e a Língua Portuguesa e o terceiro é o modelo que se encontra no fato da presença da professora surda.

Quando a professora coloca em evidência a sala bilíngue como modelo na educação de surdos, está voltando a atenção para uma ferramenta institucional que proporciona o aprendizado de duas línguas, que, neste espaço, acontecem trocas linguísticas, de aprendizado e imersão cultural. Tudo isso dentro de um "laboratório" que proporciona o ensino e aprendizado das matérias escolares concentradas através da língua base de instrução de modalidade visual e a segunda língua em questão em sua modalidade escrita.

Ainda relativo ao segundo ponto destacado pela professora, esta afirma que o aprendizado da segunda língua não acontece de forma fracionada, mas ao mesmo tempo:

Então... a sala bilíngue é importante porque é uma referência. Em que sentido, principalmente quando estamos tratando sobre a Libras como L1 (primeira língua) e o português como L2 (segunda língua), em sua modalidade escrita. Mas não é um ensino fracionado, primeiro a Libras e depois o português escrito, não! São ensinadas juntamente, ao mesmo tempo em que é ensinado a Libras também é ensinado o português, adaptando algumas coisas nesse processo de auxílio. (CARDOSO, 2022)

Além desse ensino concomitante, o processo também acontece adaptando alguns termos, assuntos para que possam fazer sentido nas línguas, em virtude de estarem tratando de duas línguas distintas e culturas distintas. Por isso, muitas vezes, o que pode fazer sentido em uma língua não tem o mesmo peso semântico na outra, sendo necessário realizar adaptações para que se consiga chegar ao sentido equivalente e aproximá-lo da língua-alvo.

O último aspecto destacado pela professora, levando em consideração o contexto da sala bilíngue, está relacionado à figura da própria professora surda: aquela que assume o protagonismo nesse espaço bilíngue e bicultural. Para CARDOSO, essa estreita relação do professor surdo e estudantes surdos proporciona uma identificação de identidade linguística, gerando, em consequência, diversos outros benefícios para as crianças.

Outra coisa que é importante é o professor surdo como referência, pois os estudantes visualizam alguém que é igual a eles. Alguém que é um modelo. Isso é extremamente importante, pois sem essa referência surda, os estudantes não se apresentam estimulados no aprendizado. Porque eles já tiveram a oportunidade de estudar com ouvintes. Mas não o tomaram como referência, no entanto agora com uma professora surda, as expressões mudam. Levando a pergunta: Você é surda? Eu também, somos iguais! Essa identificação parece uma relação de sangue, de família, existe uma empatia, entendimento, pensar e um sentimento de igualdade. Mesmo que ele (estudante) não saiba Libras, eu entendo, porque ele quer externar seus sentimentos. É importantíssimo a presença de um profissional surdo. (CARDOSO, 2022)

Ela ainda traz a afirmação dos benefícios sobre a presença da professora surda e faz questão de enfatizar esse fato, tendo como parâmetro as reações de comportamento e o retorno que ela consegue dos estudantes, que outrora tiveram algumas experiências com professores ouvintes, as quais não foram bem sucedidas, passando a ter uma nova experiência através da sala bilíngue com uma professora surda e, a partir dos resultados, confirmando a eficácia dessa formatação de ensino de línguas.

Para a referida professora, essa relação que passa a existir entre ambos, é muito parecida com uma relação de vínculo familiar, fato visto em sua afirmação de que: “*Essa identificação parece uma relação de sangue, de família*” (2022), relacionada à empatia e a “um sentimento de igualdade”, a uma compreensão mútua, mesmo sem o uso da Língua de Sinais de forma fluente.

Ela, além disso, ressalta que a sala não é somente um espaço de estudo das matérias escolares, mas também onde acontece as trocas, as interações e o crescimento mútuo.

Porque aqui só trata sobre estudo? Não, é um espaço de contato com outros surdos, de interação, contato com outros amigos, onde as relações acontecem. O contato, a interação, os sentimentos, as emoções. Crescendo juntos, esse contato é muito importante para que possa aprender juntamente com o professor surdo. (CARDOSO, 2022)

Este crescimento recíproco foi percebido durante as observações em campo, que estava presente em todas as relações existentes na sala: professora surda e estudantes; professora ouvinte e estudantes surdos; bem como a relação de troca e crescimento correspondente através

das experiências entre as professoras. Tal sala representa um universo diverso e que contempla distintas relações que permeiam um único espaço e que permite a circulação de mundos distintos. No que tange a isso, Fernandes (2003) afirma:

Embora muitas vezes sejam considerados em conflito, a língua de sinais e a língua falada são duas culturas distintas que podem coexistir de forma positiva em uma sala de aula bilíngue. A exposição à língua de sinais pode ajudar as crianças surdas a desenvolverem habilidades linguísticas e cognitivas, enquanto a exposição à língua falada pode permitir que elas se comuniquem com a sociedade em geral. Além disso, a inclusão de crianças surdas em salas bilíngues pode levar a uma maior compreensão e aceitação da diversidade cultural e linguística." (FERNANDES, 2003, p. 31)

Durante a entrevista, a professora também trouxe a situação de que, por vezes, muitos na instituição em que a sala está funcionando, não compreendem o real significado do trabalho realizado na sala bilíngue pensando que é a mesma dinâmica de funcionamento de sala inclusiva. Nesse sentido, menciona CARDOSO que:

O trabalho da metodologia é diferente. A inclusão e a sala bilíngue não é igual não, a metodologia é diferente. Na sala bilíngue tem que haver uma insistência, repetição de conteúdo, até que os estudantes consigam aprender o conteúdo. Na inclusão são novos conteúdos todos os dias, não dá tempo do estudante assimilar o conteúdo, dessa forma o surdo não vai conseguir aprender. (CARDOSO, 2022)

A professora defende a importância de repetir o conteúdo até que o estudante consiga assimilar o que está sendo ensinado. Dessa forma o ritmo é diferenciado, pois, por vezes, não se leva em consideração a apresentação do conteúdo como um “chão de fábrica”, da mesma forma que é feito em uma linha de produção, que está preocupado com a quantidade e a produtividade. Assim, o que está em evidência é qualidade e, por consequência, há uma produção, que gera uma autoavaliação de como está sendo ensinado e aprendido.

Notou-se que a comunicação entre a professora ouvinte com as crianças evidenciava uma quebra de continuidade, de modo que, em alguns casos, as limitações linguísticas falavam mais alto. Neste momento, a professora surda passa a intervir e mediar a comunicação entre as crianças surdas e a professora ouvinte, facilitando, assim, o entendimento entre ambos, fazendo o papel de intérprete na comunicação. Embora não fosse esse o seu papel, ela o realizava, em detrimento das relações comunicacionais necessárias, estarem presentes na sala.

Nas entrevistas com as crianças surdas, destacam-se alguns pontos. O primeiro que se colocou em evidência se dá ao fato da comunicação em Libras, cujo processo foi extremamente difícil, haja vista elas não apresentarem domínio na Língua de Sinais Brasileira e basearem a

comunicação através de gestos, pantomima e outros sinais que, necessariamente, não é a Libras, mas é uma forma de comunicação que elas estavam habituadas para se expressarem, por vezes, através de um misto de gestos e sinais em Libras.

Apesar das certificações do pesquisador, que o habilitam para se comunicar em Libras, no processo de entrevista com as crianças essas certificações não significaram muito, visto que ali era necessário alguém que já estava mais habituado na comunicação cotidiana com as crianças para trazer uma interpretação de suas falas com melhor clareza. Neste caso era a professora surda, que, por seu turno, ofereceu-se para mediar a comunicação durante o momento das entrevistas. Mesmo assim, não se quis o auxílio oferecido pela professora, a fim de se querer observar como os estudantes se comportavam na comunicação. Além de buscar proporcionar um ambiente o mais confortável possível, de forma que não pudesse gerar constrangimentos para as crianças, e também evitar eventuais influências que poderiam refletir nas falas dos estudantes.

Com esse procedimento, buscou-se colher o máximo de informações possíveis durante as falas. Vale destacar, que por se tratar de crianças que não dominavam a Libras e também a LP, as entrevistas foram gravadas através de vídeo e, posteriormente, transcritas, *ipsis litteris*, ou, pelo menos, uma descrição dos gestos utilizados por elas.

No processo de entrevista, seguiram-se os temas norteadores, disponíveis no Anexo I, realizada com todos os quatro estudantes da SB. Mesmo que o estudante não houvesse compreendido a sinalização, abordou-se cada tema de forma que o estudante tivesse a liberdade para dizer o que quisesse (e como quisesse) durante as falas.

O estudante COELHO foi o primeiro a ser entrevistado. Como não houve muito progresso na comunicação, confirmando as dificuldades de comunicação, foi realizada uma segunda tentativa. Esse estudante foi o que apresentou maior desempenho no uso da Libras e, mesmo assim, não conseguiu progredir muito na entrevista, na qual foi solicitado que realizasse sua apresentação pessoal, soletração do nome e do sinal. Ele prontamente respondeu. Contudo, quando solicitado que explicasse em que série estava sendo sinalizado como opções da primeira à sexta série, ele respondeu, confirmando com a cabeça, acompanhando o olhar para os movimentos que o entrevistador estava realizando e apontando para o papel que estava na carteira do entrevistador (esse papel eram os temas norteadores da entrevista).

Também foi perguntado como ele estudava antes da sala bilíngue, o qual respondeu o seguinte: MULHER SURDA LÍNGUA DE SINAIS ESCREVER. Dessa forma, dando a entender que ele estudava em uma escola anterior à sala bilíngue com uma mulher, provavelmente remetendo à professora da sala regular em que ele estava matriculado

anteriormente. Tenta-se confirmar, com ele, se realmente era uma mulher, em virtude de relatos da sua mãe, de que ele era atendido por um instrutor surdo, sendo que a resposta foi a seguinte: (confirma com a cabeça) LÁ CASA ANDAR (CL casa CL pessoa andar dando a volta pela a casa) (para pensar com a mão na boca).

Em seguida, muda-se o foco um pouco do tema, para tentar compreender um pouco mais. Desta vez, pergunta-se sobre a distância de sua casa para a escola. Ele então responde: LÁ POUCO CASA (CL casa CL pessoa andar dando a volta pela a casa) CASA ESCOLA. Entende-se que ele vai a pé para a escola por estar perto. De fato, segundo a sua mãe, a escola que estudava anteriormente era perto de sua casa. Neste momento, volta-se a perguntar sobre a série, então ele responde: 5. Com isso, leva ao entendimento de que agora ele realmente compreendeu a pergunta. O estudante, após responder sobre a série que ele está no momento, também sinaliza o seguinte: MULHER SURDO LÁ ESCOLA ESCREVER LÍNGUA DE SINAIS DESENHAR, expressando que, lá na escola anterior, ele escrevia, desenhava e usava Língua de Sinais.

Quando se pergunta sobre a sua frequência à SB, o estudante responde o seguinte: MÃE. Indagou-se se é a mãe que manda ele vir para a escola. Ele confirma. Perguntou-se se a mãe sempre o incentivava de forma mais firme para que ele não faltasse na escola. Ele sorri e confirma com a cabeça.

Quando perguntado sobre a escola anterior, se ele considerava uma escola boa ou não, ele confirma com a cabeça. Então se quis o porquê a considerava boa. Ele responde o seguinte: AMIGOS MUITO. Pergunta-se se são amigos surdos, ele responde: OUVINTE, resposta que coincide com as falas de sua mãe e também com as da professora CARDOSO. Ele ainda quantifica quantos amigos tinha nesta escola, dizendo assim: 10, 5 (mostrando com os dedos das mãos e não com o sinal em Libras), conduzindo à compreensão de que eram quinze amigos, o que, posteriormente, ele confirma.

Assim que respondeu sobre os amigos da antiga escola, em seguida, desenvolveu um diálogo, relatando as brincadeiras que participava com os colegas e o quanto interagiu melhor com os outros colegas. Aproveitando a oportunidade, interpelou-se sobre os amigos da SB. Se ele tem ou não, ele responde assim: NÃO! (com a cabeça) LÁ BOM. Dessa forma, deixou bem claro que a escola em que estudava anteriormente era melhor, justificando isso em relação às interações que tinham com os colegas nos momentos de intervalos.

Com as respostas dadas, despertou a curiosidade para que esclarecesse mais um pouco sobre o fato de que não tinha amigos na SB. Ele respondeu o seguinte: LÁ BOM (com o polegar usando as duas mãos) AQUI MAIS OU MENOS. Pediu-se que esclareça um pouco mais. Ele

menciona: LÁ GRANDE LÁ AQUI PEQUENO. Essa resposta despertou interesse em saber se ele se refere ao espaço ou à quantidade de crianças surdas. Então, ele responde: NÃO. UM SURDO. Quando ele menciona somente um surdo, ainda está se referindo a ele mesmo, o único surdo que estava na escola anterior, confirmando, pois, sua preferência pela escola anterior, sempre justificando por ter mais amigos e o espaço ser maior do que a SB.

Ainda durante a entrevista fora perguntado sobre a SB, sobre quem é a professora na referida sala. Ele responde o seguinte: SURDO. Além disso, almeja-se saber a sua opinião sobre a professora surda. Ele responde o seguinte: BOM (com as duas mãos sinal de positivo, polegar), com expressão facial de alegria. Solicitou-se a justificativa de sua resposta. Ele disse que é porque tem a Libras, faz as atividades, brinca no parque próximo da escola, comprovando, dessa forma, que ele gosta da professora e a forma de ensino da SB. Contudo, volta a externar sua preferência pela outra escola, dando as mesmas justificativas.

De forma geral, o que se pode entender deste estudante é que, mesmo gostando das aulas da SB, inclusive sinalizando algumas palavras que aprendeu, novas palavras que têm aprendido a escrever em língua inglesa, conforme ele menciona na entrevista, a interação positiva com a professora surda, as atividades tudo isso de forma positiva acerca da SB, ele ainda assim tem marcado positivamente a interação com seus antigos colegas de classe. Acredita-se, então, que ele deu essas respostas por ser um dos que têm menor tempo na sala, posto que a sua mudança de escola ainda é muito recente, de forma que ainda não conseguiu criar memórias na sala bilíngue.

O estudante FREITA, que pode ser considerado um aluno veterano, é um dos mais antigos na sala e é um dos estudantes que mais frequenta a sala. Segundo relatos de sua mãe, ele teve oportunidade de ter contato com instrutor surdo antes de ingressar na SB. Após observar o referido estudante, percebeu-se que ele tem uma facilidade muito grande de se expressar através das expressões faciais e corporais. Contudo, mesmo com essa facilidade de comunicação, através de sinais não manuais, ele ainda assim possui uma comunicação limitada no uso da Libras. Em comparação com os demais, acredita-se que ele seja o que consegue compreender melhor a sinalização das perguntas, mas com respostas curtas, o que permite entender que seja por possuir pouco vocabulário na Língua de Sinais.

Ele inicia a entrevista soletrando o nome e informando a idade. Como forma de conseguir entender um pouco sobre sua sinalização e também saber se ele estava entendendo o que estava sendo perguntado, buscou-se dele informações sobre o que mais gostava, comida, lazer. Ele prontamente respondeu.

Quando solicitado para discorrer um pouco sobre o tempo que estuda, a resposta foi: 1,2,3,4,5 (Sinalizando as séries no braço) PEQUENO IDADE 1, dando a entender que tem conhecimento de seu percurso escolar, desde as séries iniciais, iniciando com um ano de idade. Informação que é perfeitamente confirmada com o relato de sua mãe.

Quando solicitado para falar sobre o tempo de escola ele responde: ESTUDAR ESCREVER TERMINAR (Realiza o sinal de forma incompleta) FOLGADO CAMPEÃO CASA. Uma possível interpretação dessa sentença é a seguinte: "Após finalizar a aula vou para casa para descansar". Respondendo, dessa maneira, com uma sentença lógica, referindo-se a sua rotina de aula na escola, após finalizar as atividades, ele vai para casa descansar.

A partir desse momento, passa a responder às perguntas de forma bem mais abreviada. A exemplo da frequência, ele responde: LEGAL. Sobre o atendimento educacional especializado, ele diz: ESTUDAR BOM, LIBRAS, SURDO BOM. Ambas as respostas se mostram positivas a respeito, contudo nenhuma delas são respondidas negando ou concordando, o que demonstra que ele tem uma opinião formada a respeito da Libras e sobre os estudos.

Quando perguntado sobre a Libras na escola ele responde: BOM. O pesquisador continua e pergunta porque é bom. Ele continua respondendo LIBRAS BOM BOM. NÃO TEM OUVINTE, NÃO SEI (Neste momento ele faz expressão de interrogação). A resposta dele continua na mesma perspectiva de entendimento que a língua de sinais é algo positivo.

Quando perguntado sobre a sala bilíngue, responde que tem duas professoras, uma surda e a outra ouvinte. Inclusive ele realiza o sinal pessoal das duas, que, no caso, foi o sinal de "BOM" se referindo às professoras. Ele também fala um pouco sobre sua mãe dizendo: OUVINTE ESCREVER (simulando escrever na mão) LIBRAS ACABAR FALAR BOM. Reconhecendo a diferença entre uma pessoa ouvinte e uma surda, mencionando que sua mãe é ouvinte sabe um pouco de Libras, mas também fala, referindo-se à comunicação oral. Quando perguntado sobre o que a mãe dele sabe mais, em relação à comunicação, ele responde: MÃE LIBRAS POUCO OUVINTE MAIS CURSO LIBRAS. Com essa resposta, leva-se a entender que ele sabe que sua mãe fez curso e sabe alguns sinais, mas se comunica mais usando a língua oral, no caso a Língua Portuguesa. Também foi perguntado sobre o pai dele a resposta dela foi a seguinte: OUVINTE TRABALHAR CASA CASA TERMINAR TERMINAR OUTRA OUTRA (em seguida, sinalizou algo que mostrava uma estrutura com fios, o que não se conseguiu identificar em que profissão, possivelmente seja trabalho no setor da construção civil). Ademais, perguntou-se um pouco mais para se poder compreender que profissão era, mas não foi possível. Ele também falou da composição familiar, dizendo que são quatro pessoas

em casa, pai, mãe, ele e uma irmã ou irmão, todavia, na sinalização, ele não especificou o gênero.

Além das informações sobre a família, também falou que teve alguns cachorros, três, um que morreu e outros dois de cores preta e marrom. Descreveu ainda que os cachorros haviam comido os sapatos de casa, descreveu o porte dos animais, inclusive que gostava mais de cachorros pequenos, asseverando, dessa maneira, boa capacidade de tecer narrativas mesmo com poucos sinais, mas todos com coerência e lógica na sinalização. É possível que ele tenha adquirido isso com o professor surdo que o atendia antes da SB, ou também existe a possibilidade de ele ter aprendido durante a permanência na sala bilíngue, uma vez que é um dos mais antigos da sala.

Voltando à temática da escola e sala bilíngue, perguntou-se com quem ele mais gostava de estudar. A resposta foi a seguinte: SURDO OUVINTE IGUAL. Explicou mais um pouco sobre isso dizendo: LIBRAS LEGAL BILÍNGUE. Também foi perguntado porque ele respondeu LIBRAS LEGAL quando questionado se gostava de aprender. Ele prontamente movimentou a cabeça confirmando positivamente. Então, foi perguntado sobre o que aprender na SB. Ele respondeu: APRENDER ESTUDAR AGITADO NÃO CALMO ESCREVER.

Através da fala do estudante FREITAS, percebeu-se que ele tem muito bem estabelecido o entendimento acerca da sala bilíngue, evidenciando ser algo que ele gosta e sabe para que serve, em seu caso. Além disso, por conhecer a realidade da inclusão e a realidade da sala bilíngue, ele afirma que a SB é um lugar mais calmo. Esse estudante demonstrou ter um bom uso do vocabulário, que sabe realizar os sinais de forma que atenda aos parâmetros da Libras como língua, no entanto ainda há alguns sinais que são realizados de forma incompleta. Isso talvez aconteça devido ao vocabulário linguístico limitado, ou talvez por ter adquirido a sua L1 um pouco mais tarde. Isso seria algo interessante de ser investigado, pois pode estar relacionado não somente a este estudante, mas também aos demais, com relação ao aprendizado tardio da língua. Que implicações esses estudantes podem ter? O que isso pode provocar? Dentre outros questionamentos que merecem um aprofundamento sobre os estudantes da sala bilíngue.

ARRAIS é um estudante que ingressou há pouco mais de 1 ano, ou seja, tem um curto período na SB. É oriundo de uma sala regular sem a presença do profissional intérprete de Libras. Assim como os seus colegas de classe, não tem domínio da língua, mas consegue se comunicar utilizando alguns sinais, mesclando com gestos e expressões corporais. Esse estudante demonstra um conhecimento da Libras bem limitado, visto que se restringe a utilizar poucos sinais, e sua compreensão de leitura da sinalização dos outros também é bem limitada.

Ademais, ele iniciou a entrevista soletrando o nome, contudo quando solicitado o seu sinal pessoal, não compreendeu o que foi perguntado, apesar de se ter repetido a pergunta por mais de três vezes. E foi assim durante quase toda a entrevista. Ele demonstrou não entender e também não demonstrou interesse em responder as perguntas ou manter um diálogo. Somente utilizou alguns sinais soltos, confirmando com a cabeça e, por vezes, negando com expressão corporal. Neste dia, ele foi chamado a atenção devido ao comportamento em sala. Como foi contrariado, estava com o humor alterado, pouco tempo antes de ser entrevistado, o que pode ter afetado na resposta, pois se notou que ele estava, boa parte do tempo, limitando-se em manter um diálogo, o que levou a entrevista a durar pouco mais de cinco minutos.

Apesar disso, tentou-se alternar as perguntas, mudando o foco da entrevista, para assuntos que outrora havia colhido com a mãe sobre áreas de interesse. Repetiram-se várias vezes as perguntas, contudo o máximo que se conseguiu colher foram palavras do tipo: ESCREVE, BOM, RUIM, NÃO SEI. Assim como acenos de negação com a cabeça e gestos que pareciam sem sentido, não apresentava uma estrutura lógica no diálogo. A maior parte do tempo, a linguagem corporal dele mostrava estar incomodado, de forma repulsiva e com o desvio do olhar. Por conta disso, não se conseguiu continuar a entrevista.

Durante os momentos de observação em sala, verificou-se que ele é o que interagia menos em sala, apesar da maior afinidade com o estudante COELHO. Ainda assim os diálogos eram curtos e com poucos sinais.

A entrevista com o estudante SILVA foi um desafio. É uma criança muito ativa e não tem o domínio da Libras, assim como os demais. Acredita-se que pela forma de se comunicar, utilizando quase cem por cento da sua comunicação ser em gestos e pantomimas, é o estudante com menor conhecimento linguístico. Sobre o entendimento de como mensurar o nível linguístico destes estudantes, seria algo que poderia ser investigado com maior profundidade em futuras pesquisas, de forma que poderia mensurar em que patamar linguístico estes alunos estão.

Ainda assim, esforçou-se para colher o máximo de informações possíveis durante a entrevista realizada com esse estudante. No entanto, na grande maioria das respostas, ele estava copiando tudo que lhe era sinalizado. Ou seja, a cada pergunta feita, o estudante respondia repetindo o que lhe foi perguntado.

Embora apresentasse limitação na comunicação em Libras, ele foi capaz de soletrar o seu nome, iniciar a entrevista, fazendo o sinal que representa “I Love You” (Eu te amo, em Língua de Sinais Americana, um sinal que estar sendo utilizado na comunidade surda brasileira

através do empréstimo linguístico). Ele sinalizou alguns sinais soltos, como: APRENDER, ESTUDAR, ESCREVER e outros relacionados ao campo escolar.

Foi percebido também que ele não consegue executar os sinais de forma clara, como os surdos sinalizantes com domínio da língua. Talvez seja possível comparar os sinais por ele produzido como um balbúcio das palavras como acontece com bebês ouvintes.

Infelizmente, não houve condições de colher informações através da entrevista com ele acerca dos temas norteadores. Contudo, ele trouxe algumas informações sobre sua família. Através de gestos e dramatizações, apresentou em que seu pai trabalhava, levando a entender que era em uma academia de musculação. Também disse que tinha uma irmã menor que ele, quando sinalizou: 2 (mostrando os dedos) MULHER BAIXA EU ALTO (fez o sinal dele). MULHER GRÁVIDA (possivelmente se referindo a mãe dele) NASCEU IRMÃ PEQUENA. Isso evidencia que ele consegue externar algumas informações sobre sua família, consegue desenvolver uma comunicação e um entendimento do mundo ao seu redor. No entanto, parece que houve também limitação em quem estava tentando compreendê-lo.

Além disso, aproveitou-se a oportunidade para perguntar se ele tinha algum animal de estimação e outras perguntas, que se pudesse entender o nível de compreensão da língua durante a entrevista. Sobre o animal de estimação, ele respondeu: CACHORRO NÃO, demonstrando que entendeu o que foi perguntado. Em seguida, ele começou a relatar acerca do que se acredita ser um jogo de futebol, quando gesticulou: BOLA, BATER (choque entre pernas de jogadores) APITO, 1x0 (Mostrando o placar) JOELHO DOENDO CARTÃO APITO MACA LEVADO (mostrando também as expressões dos jogadores e da torcida). Permitiu-se a livre sinalização. Com narrativa do jogo de futebol, crê-se que ele estava se referindo a algum jogo da Copa do Mundo, pois, na semana em que aconteceu a entrevista, estavam acontecendo alguns jogos das seleções participantes da Copa do Mundo. Com a sinalização que ele mostrou na entrevista, viu-se que ele estava inteirado dos acontecimentos ao seu redor, evidenciando, assim, uma boa capacidade de compreender a realidade, mas ainda está limitado na forma de externá-los através da língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a realizar uma análise de uma sala bilíngue no município de Petrolina- PE, buscando compreender como a referida sala funciona, bem como entender o processo de ensino e aprendizado que acontece através da interação dos estudantes surdos e as professoras neste espaço bilíngue. Um trabalho centrado no ensino da Libras, como língua de instrução, e a Língua Portuguesa como segunda língua em sua modalidade escrita, promovendo discussões sobre o campo de educação de pessoas surdas, especificamente a educação de crianças surdas. Isso porque é uma área de estudo pouco explorada pelos pesquisadores, em virtude de não se encontrar muitos estudos sobre a educação, em sala bilíngue, de crianças surdas.

Através dos resultados apresentados, é possível tecer algumas considerações, ressaltando que ainda há muito a ser analisado, na perspectiva de contribuir positivamente para a academia em relação à produção de trabalhos nesta vertente.

Durante o breve e intenso período de observação, testemunhou-se o "nascido das palavras" das crianças em diversos momentos. Quando elas eram instruídas e, em seguida, em suas breves narrativas, já utilizavam os vocabulários aprendidos com naturalidade, como se aquilo que foi aprendido há poucos minutos fizesse parte de sua estrutura linguística desde a tenra idade. Sem dúvidas, possibilita às crianças uma experiência jamais vivenciada em uma sala de ensino regular. Pode soar incipiente esta consideração, contudo, certamente, não se teria esse "nascido das palavras" através de uma proposta de inclusão, na qual o estudante, ao ingressar na sala, sem saber a sua própria língua, é inserido em uma "língua estranha", com a presença de uma terceira pessoa exclusivamente para ela, o intérprete de Libras, utilizando uma forma de comunicação não aprendida por ela. Certamente, o entendimento lógico de uma situação dessa natureza implica sérios problemas de aprendizado e raramente iriam haver vários momentos do "nascido das palavras".

Notou-se, ademais, que as produções acadêmicas pesquisadas e utilizadas para dialogar sobre o assunto apontam para a educação bilíngue de crianças surdas como uma forma de educar bastante exitosa na formação das crianças. Trabalhos que dialogam diretamente sobre a formação da identidade e cultura surda, através do ajuntamento de pessoas surdas em um mesmo espaço, fortalecendo o vínculo, o desenvolvimento linguístico e educacional dos alunos surdos (PIMENTA, STROBEL, MAESTRI, 2021).

Para alcance dos objetivos, buscou-se entender a dinâmica de funcionamento da sala, suas bases legais, o seu percurso histórico. Nesse processo, encontrou-se o Plano Municipal de Petrolina de 2015 a 2025, o qual assegura o atendimento educacional para pessoas com deficiência, incluindo as crianças surdas. A lei orgânica do município assegura a organização própria do sistema de ensino que possam atender às especificidades das crianças com deficiência, mencionando, em seu artigo cento e cinquenta, que estará de acordo com a lei de diretrizes e bases e as leis suplementares estaduais. Essa última segue as diretrizes estabelecidas pelas legislações federais, a saber, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (lei 13.146/15), a Lei da Libras (10.436/02) e o Decreto da Libras (5.626/05). Contudo, não se encontrou o registro da referida sala no Projeto Político Pedagógico da Escola, pois a referida sala faz parte do CEIP, em funcionamento da escola pesquisada.

Na tentativa de formar bases para responder às questões levantadas, buscou-se compreender o que são, de fato, os princípios norteadores da Educação Bilíngue, que utiliza a Libras como L1 na sala com proposta bilíngue. Para tanto, iniciou-se o processo de documentar os recursos e didática utilizados no campo de estudo e discussões sobre a relação presente na sala, entre estudantes surdos e a professora surda. Além disso, apresentou-se a estrutura e organização da sala bilíngue, bem como toda a sua proposta didática visual, através de materiais fixados na sala.

Cabe mencionar que, houve alguns fatores que justificaram um tempo maior para ingressar ao campo e realizar o momento de observação e entrevistas, isto porque foi necessário aguardar a apreciação do projeto no Comitê de Ética e Pesquisa, assim como do referido projeto pela Secretaria Municipal de Educação do Município. Um retorno positivo para a solicitação de agendamentos para as entrevistas com as mães das crianças, pois era preciso se adequar aos horários, que nem sempre havia uma resposta positiva, contudo foi possível realizar todo o processo planejado.

Foram realizadas entrevistas com nove participantes: as mães das crianças, as professoras e as crianças surdas. Outro detalhe importante é que as entrevistas realizadas com a professora e os estudantes se deram em Libras, o que levou à efetivação do processo de tradução/interpretação e, posteriormente, à transcrição.

Salienta-se, por fim, que o material apresentado nesta pesquisa é riquíssimo e abre inúmeras possibilidades de dialogar sobre este campo educacional. Isso se evidencia pelo fato de demonstrar o processo de aquisição linguística das crianças surdas da sala bilíngue, assim

como poder investigar e mensurar a compreensão do nível de proficiência ou nível de uso da língua, podendo, dessa forma, despertar o interesse em futuras pesquisas no que concerne aos estudantes da sala, a respeito da aquisição tardia da língua pelas crianças. Levantaram-se ainda questionamentos relevantes a respeito de um aprofundamento sobre quais implicações esses estudantes podem ter ou o que isso poderia provocar em seu desenvolvimento educacional.

REFERÊNCIAS

BELAUNDE, Caroline Zimmermann; SOFIATO, Cássia Geciauskas. O visual na educação de surdo. Revista Espaço, Rio de Janeiro - RJ, Vol. 52, p. 18 (67-84), julho - dezembro, 2019. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/615>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 26 out. 2018. Acesso em: 14 julho. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/2002/L10436.htm Acesso em: 16 nov. 2007.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 14 julho. 2022.

BRASIL. Lei Municipal Nº 1.886, de 05 de dezembro de 2006. Dispõe sobre Plano Municipal de Educação, para os próximos 20 anos. Disponível em <http://leismunicipa.is/tsjyc> Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

BRASIL. Lei nº 12.303, de 03 de agosto de 2010. Dispõe sobre a obrigatoriedade de realização do exame denominado Emissões Otoacústicas Evocadas. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/lei/112303.htm. Acesso em: 27 fev. 2023.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em 14 julho. 2022.

BRASIL. Lei nº 14.191 de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm#art1. Acesso em: 12 abril. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a contação de histórias como

recurso pedagógico para a alfabetização. Brasília: MEC, SEB, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pacto_contacao_historias.pdf. Acesso em: 24 fev. 2023.

CAMPELLO, A. R. e S. Aspectos da visualidade da educação de surdos. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina. Novo Deit-Libras - Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira: volume 2. 2. ed. ed. São Paulo: EDUSP, 2012. v. 2 (I - Z), 1421-2759. p.

CARRARA, K. (2012). A criança surda e sua família: aspectos emocionais e psicológicos. Revista CEFAC,14(1),15-21. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v14n1/v14n1a03.pdf>>, Acesso em 27 de fev. de 2023.

COSTA, L. P.; IÓRIO, M. C. M. Próteses auditivas; avaliações objetivas e subjetivas em usuários de amplificação linear e não-linear. Pró-Fono Revista de Atualização Científica, Barueri (SP), v. 18, n. 1, p. 21-30, jan.-abr. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pfono/a/BGvvfSqmy87DXGsxdbMNYCz/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 23 de julho de 2022

COSTA T. N.; Xavier A. C. R.; Custódio A. C. G.; Teza G. Z.; Alves J. P.; de Almeida T. C. A. O impacto do implante coclear em pacientes com perda auditiva severa: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 14, p. e5499, 31 out. 2020.

COUTINHO, Katherine. Madeira e barro ganham vida pelas mãos de artesãos de Petrolina. Imagem digital. G1 Pernambuco. Katherine Coutinho, 09 de dezembro de 2011. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2011/12/madeira-e-barro-ganham-vida-pelas-maos-de-artesaos-de-petrolina.html> > Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

FENEIS, O que é a Libras. **Federação Nacional de Integração e Educação dos Surdos - (FENEIS)**, Rio de Janeiro - RJ Outubro de 1993. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/libras/curso_de_libras_-_graciele.pdf>. Acesso em: 23 de julho de 2022.

FERNANDES, E. *Problemas linguísticos e cognitivos dos surdos*. Rio de Janeiro. Agir, 1989.

FERNANDES, E. (2003). Aquisição da língua de sinais por crianças surdas e ouvintes em uma perspectiva bilíngue. In C. M. C. S. Quadros (Org.), *Estudos sobre a língua de sinais brasileira* (pp. 29-44). Editora da Universidade de Brasília.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (Série Atualidades Pedagógicas). In: Brasil, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 1997.

GAMA, Flausino José da. *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos* Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

Gerência de Políticas em Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania. Secretária de Educação e Esportes, 2007. Disponível em: <

<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=179> >. Acesso em: 27 de Agosto de 2022.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GONÇALVES, Elisa Pereira. Iniciação à pesquisa científica, Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

HONORA, M.; FRIZANCO, E.; LOPES, M. Livro Ilustrativo da Língua Brasileira de Sinais. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

INSTITUTO, Brasileiro de Geografia e Estatística. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência, 2010, Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 de julho 2020.

JORGE Junior, J. J., Fujiki, R. H. M., & Juhasz, J. A. N. (2018). Perda auditiva neurossensorial. *Revista Da Faculdade De Ciências Médicas De Sorocaba*, 19(Supl.). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/40318> .Acesso em: 23 de julho de 2022

KELMAN, Celeste Azulay et al. Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. *Linhas Críticas*, v. 17, n. 33, p. 341-365, 2011.

KUSTERS, A., De Meulder, M., & O'Brien, S. (2017). *Innovations in Deaf Studies: The Role of Deaf Scholars*. Oxford University Press.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

LILLO-MARTIN, D. (1995). The acquisition of American Sign Language. In D. I. Slobin (Ed.), *The crosslinguistic study of language acquisition* (Vol. 2, pp. 525-562). Lawrence Erlbaum Associates.

MARSCHARK, M., & SPENCER, P. E. (2011). *Oxford handbook of deaf studies, language, and education*. Oxford University Press.

MEDINA, J.(2014). *Brain Rules: 12 Principles for Surviving and Thriving at Work, Home and School*. Seattle, U.S.A: Pear Press.

MIRANDA, Wilson. Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2001.

MIRANDA, D. G. Libras, Bilinguismo e Educação Bilíngue: O Território do Surdo. *Signótica*, Goiânia, v. 32, 2021. DOI: 10.5216/sig.v32.64643. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/64643>. Acesso em 14 Julho. 2022.

NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont; MARCON, Sonia Silva. Família e Criança Surda. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v.5, n.1, jan./abr. 2006.

NUNES, Márcia. Educação de surdos: fundamentos e práticas. São Paulo: Editora Paulinas, 2010.

OATES, Eugênio. **Linguagem das mãos**. Aparecida do Norte: Santuário, 1969.

OLIVEIRA, Maria Nacelha Ferreira, Uso do Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais-ELis no processo de letramento de crianças surdas em uma escola pública municipal de Juazeiro-BA e outra de Curaçá-BA. / Maria Nacelha Ferreira Oliveira - Juazeiro, 2018. 169fl.

PASSOS, Waldiney. Petrolina agora conta com sala de educação bilíngue, Blog do Waldiney Passos, 19 de fevereiro de 2019. Disponível em:<<https://shre.ink/cLLk>.> Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

PERLIN, Gládis. Identidade surda e currículo. In: LACERDA, Cristina B.F. de; GÓES, Maria Cecília R. de (orgs.) Surdez – processos educativos e subjetividade. São Paulo: Editora Lovise, 2000.

PETERSON, John. E. Comunicando com as mãos em LSB. Juazeiro do Norte-CE: Associação Carirense de Deficientes Auditivos. Centro Educacional para Surdos, 2003,p.186

PIMENTA, Nelson; STROBEL, Karin; MAESTRI, Rita; As habilidades linguísticas e comunicativas na alfabetização bilíngue (Libras e português) dos estudantes surdos por meio do método eletrônico. In: REIS, Leidiani da Silva; FIGUEIREDO, Alexandra A. de Araújo (Org). Línguas de sinais de um continente a outro: Atualidades linguísticas, culturais e de ensino. 1ed. Campinas -SP; Pontes Editores, 2021. p.245 - 265

PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; PICHLER, D. C. O que bilíngues bimodais têm a nos dizer sobre desenvolvimento bilíngue? Letras de hoje, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 380-388, 2013.

QUADROS, R. M.; NEVES, B. C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LUCHI, M. Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro. Editora Garapuvu: Florianópolis, 2019.

QUADROS, R. M. de, CRUZ, Carina Rebello. Língua de sinais: instrumentos de avaliação. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011. 159p.

REIS, V.P.F. A linguagem e seus efeitos no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança surda. *Espaço Informativo Técnico Científico do INES*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 23-38, 1997.

RINALDI, Giuseppe et al (Org.). Deficiência auditiva. Brasília DF: SEESP, 1997. (serie Atualidades Pedagógicas; n.4). Disponível em:<http://www.inilibras.com.br/materiais/deficienciaauditiva_parrt1.pdf>. Acesso em: 10 Janeiro. 2022.

RODRIGUES, José Roberto Gomes. Campo historiográfico - educacional e ensino. 1ed.Curitiba, Appris, 2020

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SERENITI, Audiometria: princípio de medição e aplicações práticas; 29 Março 2022; Disponível em:<https://www.seriniti.fr/blog/pt/audiometria-principio-de-medicao-e-aplicacoes-praticas/>; Acesso em: 10 de Julho 2022

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva; et al. Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 2007.

SILVA, S. G de L. Ensino de língua portuguesa para surdos: das políticas às práticas pedagógicas. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação na Linha Educação e Processos Inclusivos) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVA, Michelle Alves da. Orelha. Imagem digital. Shutterstock.com. Svetlana Verbinskaya, Infoescola, navegando e aprendendo, outubro de 2022. Disponível em:<<https://www.infoescola.com/audicao/ouvido>> Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

STROBEL, K. História da Educação do Surdo. Florianópolis, 2009.

STROBEL, Karin Lilian. Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

SOARES, Maria Aparecida Leite. A educação de surdos no Brasil. Campinas/SP: Autores Associados; Bragança paulista, SP: EDUSEF, 1999.

TEMOTEO, Janice Gonçalves (2012). Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste. [tese] São Paulo, SP: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

TEFILI, D. et al.. Implantes cocleares: aspectos tecnológicos e papel socioeconômico. Revista Brasileira de Engenharia Biomédica, v. 29, n. Rev. Bras. Eng. Bioméd., 2013 29(4), dez. 2013. Disponível em:< <https://doi.org/10.4322/rbeb.2013.039> > Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. In: _____. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez: DVD - volumes 1 e 2. Curitiba: Mão Sinais, 2011. v. 1 e 2, DVD p. 227

VYGOTSKY, L.S. Concrete human psychology. *Soviet Psychology*, v. 27, n. 2, p. 53-77, 1989.

ANEXOS

ANEXO I

TEMAS NORTEADORES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTAS COM A PROFESSORA OUVINTE

1. Contato com a Libras
2. Experiência no ensino de Libras
3. Tempo de ensino da Libras
4. Conhecimento dos pais das crianças sobre a Libras
5. Conhecimento das crianças sobre a Libras
6. Material de apoio e procedimentos didáticos
7. Opinião sobre a sala Bilíngue
8. Relação da escola com a Libras
9. Funcionamento da sala Bilíngue
10. Primeiro contato das crianças surdas em sala bilíngue.
11. Importância da sala bilíngue.
12. Importância do professor surdo.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA SURDA

1. Contato com a Libras
2. Experiência no ensino de Libras
3. Tempo de ensino da Libras
4. Conhecimento dos pais das crianças sobre a Libras
5. Conhecimento das crianças sobre a Libras
6. Material de apoio e procedimentos didáticos
7. Opinião sobre a sala Bilíngue

8. Relação da escola com a Libras
9. Funcionamento da sala Bilíngue
10. Trajetória da professora enquanto aluna surda.
11. Primeiro contato das crianças surdas em sala bilíngue.
12. Importância da sala bilíngue.
13. Importância do professor surdo.

ENTREVISTA COM OS PAIS/ RESPONSÁVEIS

1. Formação profissional
2. Histórico da surdez da criança (diagnóstico, acompanhamento, casos na família)
3. Contato da criança com a Libras
4. Acompanhamento na educação infantil
5. Comunicação com a família
6. Conhecimento da Libras
7. Desenvolvimento das crianças na Libras
8. Conhecimento sobre sala Bilíngue
9. Professora surda
10. Gostos pessoais da criança (Alimentos, jogos, passatempo, Lazer)

ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

1. Formação
2. Tempo na escola
3. Frequência em sala
4. Atendimento Educacional Especializado
5. Libras na escola
6. Interação no ambiente escolar

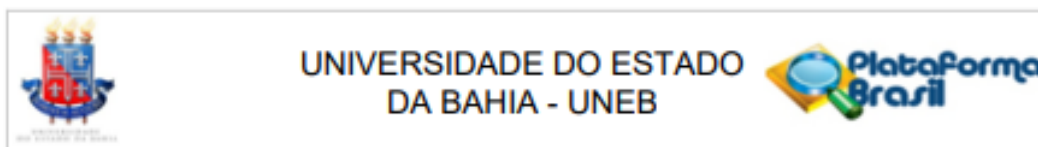
MAPEAMENTO ESPECÍFICO - JUNHO 2022

DEFICIÊNCIA	QUANTIDADE DE ALUNOS POR DEFICIÊNCIA	DOWN	USUÁRIOS DE CADEIRA DE RODAS	PARALISIA CEREBRAL	MICROCEFALIA	DI COMO COMORBIDADE	TDAH COMO COMORBIDADES
AUTISMO	763	06	02	02	01	22	08
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	346	39	02	01	01	-----	03
DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA	104	01	51	21	04	81	-----
DEFICIÊNCIA FÍSICA	63	-----	24	13	03	-----	-----
DEFICIÊNCIA AUDITIVA/SURDEZ	27	-----	-----	-----	-----	01	-----
CEGOS	08	-----	-----	-----	-----	-----	-----
BAIXA VISÃO	13	-----	-----	-----	-----	-----	-----
TOTAL	1.324 TOTAL	46	79	37	09	104	11

De acordo com dados enviados pelas escolas até maio de 2022.

Petrolina, 1º de junho de 2022

ANEXO III



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LIBRAS COMO L1 EM SALA BILÍNGUE NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ELIETE ARAÚJO DE SOUZA EM PETROLINA - PE

Pesquisador: FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 58018122.9.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

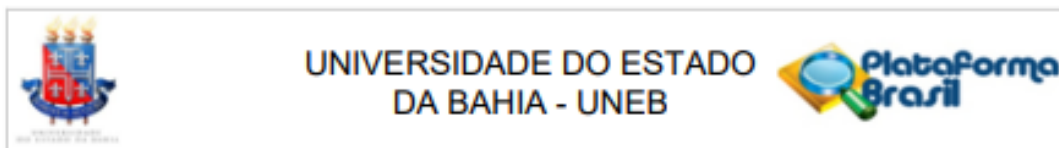
Número do Parecer: 5.449.632

Apresentação do Projeto:

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS – PPGESA

O presente projeto busca realizar uma pesquisa em uma sala bilingüe na escola Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina/PE, almejando compreender como vem sendo utilizada a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como primeira língua (L1) da pessoa surda, bem como as interações presentes neste campo, por meio da análise de uma experiência desenvolvida na referida instituição. Alguns estudiosos poderão nos fornecer base teórica, para a presente pesquisa, dentre eles temos: Oliveira (2018), Silva (2008), Campelo (2008), Strobell (2009), Perlin (2000), Negrelli e Marcom (2006), Reis (1997) e Quadros (1997). Essa pesquisa será realizada através de um estudo de caso, com uma abordagem qualitativa, mediante a técnica de coleta de dados, através de observação direta e entrevistas semi-estruturadas, possibilitando maior liberdade para os entrevistados. Em relação aos objetivos buscaremos nos concentra em uma pesquisa de caráter descritivo. Como resultados esperados buscaremos compreender as relações presentes neste espaço, relacionadas a aquisição linguística como L1, questões culturais presentes neste campo, bem como o fomento da experiência bilingue na educação de surdos e contribuições voltadas para o campo científico somando as produções nacionais sobre a educação bilingue da pessoa surda.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.449.632

Hipótese/Pergunta orientadora:

As questões apresentadas ao decorrer deste projeto nos conduzem à reflexão e levantamento do seguinte questionamento: De que maneira a Libras, como L1, vem sendo utilizada como língua materna na experiência desenvolvida por uma professora surda em sala bilíngue na Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina/PE? É um questionamento relevante, que irá nos nortear para alcançarmos os objetivos propostos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como a experiência do ensino bilíngue vem sendo desenvolvida pela professora surda na sala bilíngue da Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina/PE.

Objetivo Secundário:

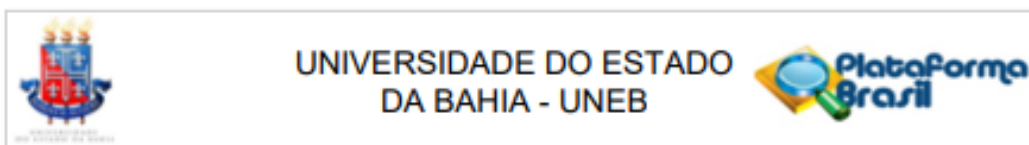
- Entender o percurso histórico/social do reconhecimento da Libras no município de Petrolina-PE.
- Identificar os princípios que norteam o ensino de Libras como L1 em sala bilíngue. - Registrar a origem e as características da sala bilíngue da Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina/PE.
- Documentar os métodos pedagógico desenvolvidos na sala bilíngue.
- Descrever a relação da professora surda e alunos surdos, em sala bilíngue, da Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina/PE.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vale à informação, de forma geral, que o risco mencionado na Plataforma Brasil se enquadra intimamente com a vulnerabilidade do participante. Essas possibilidades trazem uma perspectiva de ação nas várias áreas inerentes à vida do ser humano, incluindo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural, espiritual e profissional do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente.

Destacamos que a informação dos possíveis riscos da pesquisa fornecida aos participantes tem a

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.449.632

função pedagógica de proporcionar o entendimento e a correlação da experiência de vida dele (o participante) com o objeto do estudo e os processos de registro de dados para decidirem se querem/podem/devem ou não participar, sabendo que tem possibilidade mínima do desconforto, constrangimento ou cansaço, sempre no foco de promover ainda mais a dignidade dos envolvidos. Considerando-se a partir deste entendimento a decisão da participação ou não, pois só com o conhecimento pleno das circunstâncias da pesquisa pode-se exercer a autonomia em plenitude.

Outro aspecto que se vislumbra com essa informação é que ao correlacionar a experiência de vida, o objeto e os dispositivos de registro de dados, o participante evita de participar se entender que há a possibilidade da maleficência por conta das suas experiências e o/a pesquisador/a livra-se de embaraços e até possíveis processos.

Evidencia-se com essas informações/ações a tentativa de manter-se a dignidade, além de colocar em "tela" que a variável dominante não é a pesquisa e sim a experiência de vida do participante e a vasta possibilidade de não conhecer-se a pleno todas as experiências de vida dos seres humanos envolvidos na pesquisa.

O pesquisador informa no TCLE postado em 16/05/2022:

V. S.^a está sendo convidada a participar da pesquisa: Libras como L1 em sala bilingue na Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina-PE, de responsabilidade do pesquisador Francisco Everaldo Cândido de Oliveira, discente, vinculado ao PPGESA, DCH III, da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Juazeiro-BA, que tem como objetivo compreender como a experiência do ensino bilingue vem sendo desenvolvida pela professora surda na sala bilingue da Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina/PE. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, tais como: Despertar o interesse pela educação bilingue das crianças surdas; Respeita os direitos linguísticos da pessoa surda; Contribuir para o surgimento de novas pesquisas sobre a interação Professor/Aluno surdo; Valoriza o uso da Língua de Sinais Brasileira, na educação de crianças surdas; Fomentar a ampliação de salas bilingues na cidade de Petrolina-PE; Possibilitar uma melhor compreensão sobre a Libras em uso nas relações presentes em sala. Caso aceite, V.S.^a será observada, entrevistada e poderá ser filmada ou fotografada, se a sua língua materna for a língua portuguesa, a entrevista poderá ser registrada através de aparelho de gravação de áudio, caso seja a Libras ou alguma língua de sinais, poderá ser registrado(a) de forma visual. Os equipamentos de registro sonoro e visual serão operados

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



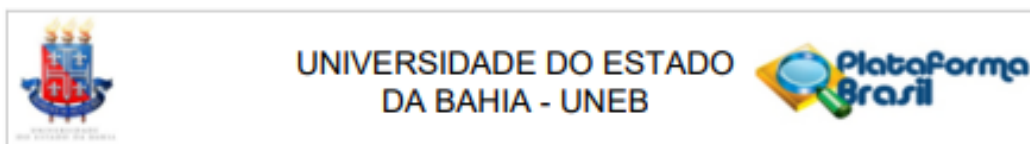
UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 5.449.632

pelo estudante/pesquisador Francisco Everaldo Cândido de Oliveira, diminuindo assim a presença de terceiros no espaço e proporcionando um ambiente o mais confortável possível. Pensando nisso, o horário e local de entrevista ficará a escolha do(a) entrevistado(a). Destacamos a importância da filmagem e fotografia haja vista estarmos tratando do registro de uma língua visual, conforme consta a caracterização e definição da Libras na lei 10.436 de 24 de abril de 2002, quando destaca que a Libras é uma língua de "sistema visual-motora," dessa forma o registro de uma língua visual será melhor realizado através de equipamento que contemple a o registro visual. Vale salientar que as filmagens e fotografias serão utilizadas unicamente para auxiliar o pesquisador na construção dos dados da pesquisa, não sendo apresentada nenhuma imagem que identifique os participantes. Todos os dados serão tratados e armazenados com absoluto sigilo e preservação da confidencialidade. O presente pesquisador se compromete a guardar sob sua responsabilidade, por 5 anos, todos os dados coletados, mantendo os arquivos físicos sob sua tutela na própria residência, sendo facultado o acesso apenas pelo presente pesquisador. Os dados digitais (gravações, imagens etc.) serão mantidos em serviço de armazenamento resguardados por senha de conhecimento único e exclusivo do pesquisador. A pesquisa apresenta riscos mínimos que se referem a possíveis desconfortos ou constrangimentos durante a participação, bem como a timidez, estresse ou vergonha causados pela entrevista ou pela utilização de gravador. Além disso, há o risco de prejuízo às relações sociais e de alteração da rotina de V.S.^a. Contudo para minimizar os riscos apresentados, pensando no bem estar e o conforto de todos os envolvidos, buscaremos realizar o processo de entrevistas o mais discreto possível em local não movimentado e que possibilite estar somente o pesquisador e o participante, dentro do ambiente escolar, minimizando os possíveis impactos sociais ou desconfortos para os participantes. Caso V.S.^a venha sentir desconforto ou algo dentro desses padrões, comunique ao pesquisador para que seja interrompida a realização da entrevista, bem como, se necessário, V.S.^a poderá desistir da participação na pesquisa a qualquer tempo. Sua participação é voluntária e, a respeito da pesquisa, não haverá nenhum gasto ou remuneração resultantes dela. Garanto que sua identidade será tratada em sigilo e, portanto, o senhor (a) não será identificado (a). Asseguro que os dados não serão usados para fins diferentes do proposto nessa pesquisa. Caso queira, V.S.^a poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que V.S.^a apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e, caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). VS.^a receberá uma cópia deste termo onde consta o contato do pesquisador, que poderá tirar suas dúvidas sobre o

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.449.632

projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Este documento está sendo rubricado e assinado em duas vias, uma sua e outra do pesquisador responsável, Francisco Everaldo Cândido de Oliveira. Guarde cuidadosamente sua via, porque este é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Me comprometo, enquanto pesquisador responsável, ao também assinar este documento, a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

O pesquisador informa no TCLE os benefícios da pesquisa, possíveis riscos, como desconforto ou constrangimentos e formas de minimizá-los ou saná-los caso aconteçam. O pesquisador informava no documento TCLE apresentado anteriormente o direito à indenização caso se sintam lesados em alguma fase da pesquisa, portanto, solicita-se que essa informação retorne para este documento. O pesquisador informa que as filmagens e fotografias serão utilizadas unicamente para auxiliar o pesquisador na construção dos dados da pesquisa, não sendo apresentado nenhuma imagem que identifique os participantes.

O pesquisador informa no TCLE para os pais e/ou responsáveis postado em 16/05/2022:

Caro(a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: "LIBRAS COMO L1 EM SALA BILINGUE NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ELIETE ARAUJO DE SOUZA EM PETROLINA-PE", de responsabilidade da pesquisador Francisco Everaldo Candido de Oliveira, discente da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo primário compreender como a experiência do ensino bilíngue vem sendo desenvolvida pela professora surda na sala bilíngue da Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina/PE. Entre os benefícios que a nossa pesquisa pode oferecer estão a publicação desses resultados, que poderão ser acessados pelas escolas e gerências de Educação, além da valorização da Língua de sinais Brasileira bem como o fomento de salas bilíngues no município de Petrolina-PE. Caso o(a) Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) ele(a) serão observado, entrevistado e realizaremos filmagens dele(a), mas as filmagens não serão expostas para ninguém além do pesquisador Francisco Everaldo Candido de Oliveira, aluno do curso de pós graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Devido a coleta de informações seu filho poderá se sentir incomodado ou desinteressado. Como forma de minimizar os desconfortos prováveis buscaremos desenvolver algumas estratégias dentre elas, a operação dos equipamentos de registro visual e sonoro serão realizadas pelo presente estudante/pesquisador , diminuindo assim a presença de

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 5.449.632

terceiros no espaço e proporcionando um ambiente o mais confortável possível. Outra estratégia é em relação ao horário e local, das entrevistas, ficará a escolha do(a) entrevistado(a). Destacamos a importância da filmagem e fotografia haja vista estarmos tratando do registro de uma língua visual, conforme consta a caracterização e definição da Libras na lei 10.436 de 24 de abril de 2002, quando destaca que a Libras é uma língua de "sistema visual-motora," dessa forma o registro de uma língua visual será melhor realizado através de equipamento que contemple a o registro visual. Vale salientar que as filmagens e fotografias serão utilizadas unicamente para auxiliar o pesquisador na construção dos dados da pesquisa, não sendo apresentado nenhuma imagem que identifique os participantes. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA –Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem se seu filho será preservada. Caso queira o (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com o pesquisador ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e o senhor caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

O pesquisador informa no TCLE direcionado aos pais e/ou responsáveis os benefícios da pesquisa, possíveis riscos, como incômodo ou desinteresse, formas de minimizar ou sanar esses riscos caso aconteçam e o direito à indenização caso se sintam lesados em alguma fase da pesquisa. O pesquisador informa que as filmagens e fotografias serão utilizadas unicamente para auxiliar o pesquisador na construção dos dados da pesquisa, não sendo apresentado nenhuma imagem que identifique os participantes.

O pesquisador informa no TALE postado em 16/05/2022:

Você está sendo convidado para participar da pesquisa "Libras como L1 em sala bilingue na Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina-PE". Seus pais permitiram que você participe. Queremos compreender como a experiência do ensino bilingue vem sendo desenvolvida pela professora surda na sala bilíngue da Escola Municipal Professora Eliete Araújo de Souza em Petrolina/PE. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB

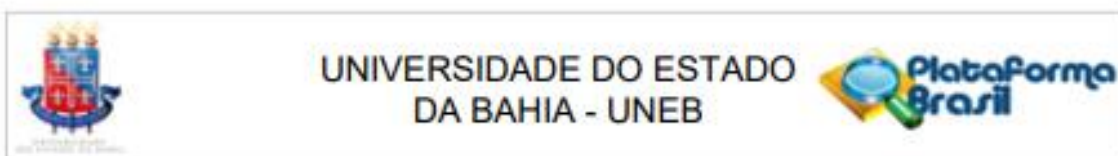


Continuação do Parecer: 5.449.632

terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, será observado(a), entrevistado(a) e poderá ser filmado(a) ou fotografado(a), se a sua língua materna for a língua portuguesa, a entrevista poderá ser registrada através de aparelho de gravação de áudio, caso seja a Libras ou alguma língua de sinais, poderá ser registrado(a) de forma visual. É possível que sinta desconfortos ou constrangimentos durante a participação na entrevista filmada, bem como a timidez, estresse ou vergonha causados pela entrevista ou pela utilização da câmera fotográfica. Como forma de minimizar os desconfortos prováveis buscaremos desenvolver algumas estratégias dentre elas, a operação dos equipamentos de registro visual e sonoro serão realizadas pelo presente estudante/pesquisador, diminuindo assim a presença de terceiros no espaço e proporcionando um ambiente o mais confortável possível. Outra estratégia é em relação ao horário e local, das entrevistas, ficará a escolha do(a) entrevistado(a). Destacamos a importância da filmagem e fotografia haja vista estarmos tratando do registro de uma língua visual, conforme consta a caracterização e definição da Libras na lei 10.436 de 24 de abril de 2002, quando destaca que a Libras é uma língua de "sistema visual -motora," dessa forma o registro de uma língua visual será melhor realizado através de equipamento que contemple a o registro visual. Vale salientar que as filmagens e fotografias serão utilizadas unicamente para auxiliar o pesquisador na construção dos dados da pesquisa, não sendo apresentado nenhuma imagem que identifique os participantes. Caso você queira poderá desistir e o pesquisador irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir despertar o interesse pela educação bilíngue das crianças surdas; respeita os direitos linguísticos da pessoa surda; contribuir para o surgimento de novas pesquisas sobre a interação Professor/Aluno surdo; valoriza o uso da Língua de Sinais Brasileira, na educação de crianças surdas; fomentar ampliação de salas bilíngues na cidade de Petrolina-PE e Possibilitar uma melhor compreensão sobre a Libras em uso nas relações presentes em sala. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terão acesso a eles.

O pesquisador informa no TALE os benefícios da pesquisa, possíveis riscos, como desconfortos ou constrangimentos, formas de minimizar ou sanar esses riscos mas não informa o direito à indenização caso se sintam lesados em alguma fase da pesquisa. O pesquisador deixa claro neste documento que as filmagens e fotografias serão utilizadas unicamente para auxiliar o pesquisador na construção dos dados da pesquisa, não sendo apresentado nenhuma imagem que identifique

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.440.632

os participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana.

A pesquisa é importante com o potencial de melhorar/evoluir a atividade estudada e os participantes envolvidos nela uma vez que poderá despertar o interesse pela educação bilíngue das crianças surdas; Respeita os direitos linguísticos da pessoa surda; Contribuir para o surgimento de novas pesquisas sobre a interação Professor/Aluno surdo; Valoriza o uso da Língua de Sinais Brasileira, na educação de crianças surdas; Fomentar a ampliação de salas bilíngues na cidade de Petrolina-PE e Possibilitar uma melhor compreensão sobre a Libras em uso nas relações presentes em sala.

Critério de inclusão: O pesquisador informa no documento Projeto de Pesquisa postado em 06/04/2022:

Como destacado anteriormente, os participantes da pesquisa serão: A professora e alunos(as) surdos(as), sendo possível a inclusão dos pais ou responsáveis pela criança. É importante tecer uma breve descrição sobre cada um desses agentes e justificar a importância da participação dos mesmos. No que se refere aos professores surdos, deve-se entender que são aqueles que estão efetivamente no quadro funcional da Secretaria da Educação do Município de Petrolina-PE, que utilizem a Libras como primeira língua e que estejam atuando diretamente em sala bilíngue, referente ao lócus que será objeto de estudo de campo. A importância desses profissionais se dá devido aos mesmos serem considerados peças fundamentais para o processo de interação dos alunos surdos – com a língua de sinais – que estão em uso. Não os entrevistar seria uma falha tremenda, pois, desse modo, poder-se-á quebrar o tripe (professor, aluno, pais), que serve como base para o desenvolvimento da criança surda. Além de colocar a língua em uso nas situações dialógicas, os docentes buscam meios e estratégias que possibilitam que a Libras esteja como protagonista no processo de formação das crianças surdas. Isso, pelo fato de que os professores conhecem o(a) aluno(a), o status linguísticos e nível de interação através da língua em uso, no

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 5.449/632

espaço da sala bilíngue e, inclusive, no espaço escolar, de forma mais ampla. Além de saber mensurar, obviamente, dentro de cada contexto, os ganhos obtidos pelos discentes. Sobre os pais ou responsáveis pelas crianças, destacamos a importância desses, pois já convivem com as crianças surdas, fator que os assegura uma experiência não vivenciada pelos professores, possibilitando um relato sobre as experiências pre-sala bilíngue. Isso poderá fornecer informações preciosíssimas sobre o desenvolvimento cognitivo, linguístico e de interação, mesmo que por sinais emergentes (comunicação desenvolvida de forma embrionária no seio família). A importância de entrevistar todas as crianças surdas, que estão presentes no fundamental I, inseridas em sala bilíngue, (compreendendo as séries do 1 ao 5 ano), que será o recorte proposto a considerar nesta pesquisa, pois, através delas e possível notar diversos aspectos supracitados, bem como a interação real, acontecendo em um ambiente que utiliza a Libras como base linguística para o ensino de todas as disciplinas e, conseqüentemente, a construção de saberes não evidentes no currículo escolar, como a descoberta da língua em uso. É válido frisar que, para efeito desta pesquisa, participarão somente as crianças surdas. Tendo em vista que se pretende investigar a interação dessas crianças com seus pares, neste caso, os seus colegas e a professora surda.

O orçamento: Financiamento próprio.

O cronograma: Exequível.

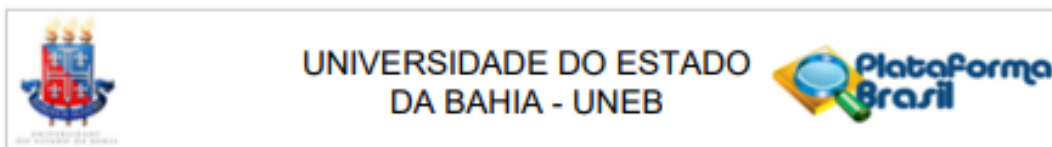
Instrumento de registro de dados: Dentro da eticidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em consonância.
- 2 – Termo de confidencialidade: Em consonância.
- 3 – A autorização institucional da proponente: Em consonância.
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: Em consonância.
- 5 – Anuência da comunidade: Não se aplica.
- 6 - Folha de rosto: Em consonância.
- 7 – Modelo do TCLE: Em consonância.
- 8 – Modelo do Assentimento: Em consonância.
- 9 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Em consonância.
- 10 – Termo de concessão: Em consonância.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.449.632

11 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Em consonância.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamentos dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP-UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Solicita-se o retorno da informação de direito à indenização no TCLE e o acréscimo desta informação no TALE.

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o Projeto APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução CNS/MS 466/12 o CEP-UNEB considera o projeto APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP-UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1925923.pdf	16/05/2022 14:50:02		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_conforme_CEP.pdf	16/05/2022 14:48:48	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	Termo_responsavel_pelo_menor.pdf	16/05/2022 14:47:34	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE	Aceito

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



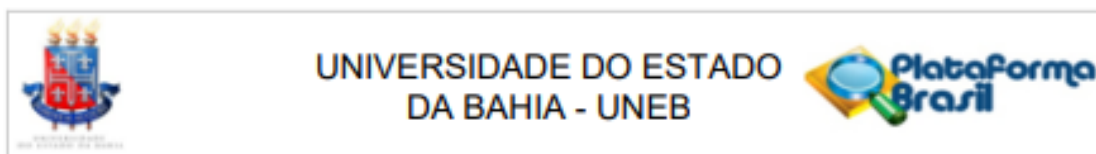
UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 5.449.632

Ausência	Termo_responsavel_pelo_menor.pdf	16/05/2022 14:47:34	OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento_do_menor.pdf	16/05/2022 14:47:06	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/05/2022 14:45:37	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Termo_de_concessao.pdf	19/04/2022 21:27:05	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	19/04/2022 21:26:17	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_para_coleta_d_e_dados_em_arquivos.pdf	18/04/2022 22:29:35	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_execucao.pdf	06/04/2022 11:50:35	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Instrumentos.pdf	06/04/2022 11:45:57	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	Cronograma_orcamentario.pdf	06/04/2022 00:35:03	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Confidencialidade_Pesquisador.pdf	05/04/2022 23:47:16	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de concordância	Compromisso_pesquisador.pdf	05/04/2022 23:45:37	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_pesquisador.pdf	05/04/2022 23:38:40	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de	Termo_proponente.pdf	05/04/2022	FRANCISCO	Aceito

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.449.632

Instituição e Infraestrutura	Termo_proponente.pdf	23:31:53	EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito
Brochura Pesquisa	Termo_coparticipante.pdf	05/04/2022 23:24:39	FRANCISCO EVERALDO CANDIDO DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 06 de Junho de 2022

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

APÊNDICE A

ENTREVISTA COM SANTOS

Obs: A entrevista com esta mãe, desde o início estava sendo interrompida, devido a forte questões emocionais, relacionada ao relato.

Pesquisador: Qual teu nome?

Entrevistada: SANTOS (Codinome)

Obs: Entrevista pausada devido a mãe começar a chorar antes mesmo de iniciar.

Pesquisador: Você poderia se apresentar? Dizer de quem você é mãe.

Entrevistada: Sou mãe de FREITAS e... meu nome é SANTOS. Ele é surdo e estuda na sala bilíngue.

Pesquisador: Você poderia nos contar um pouco sobre sua formação escolar e profissional.

Entrevistada: Eu estudei até o 6 ano, quando terminei os estudos. E trabalhando no momento eu não estou. Porque só eu ele e a irmã dele e não tenho ajuda familiar. (neste momento ela começou a chorar e tivemos que interromper a entrevista)

Pesquisador: Eu gostaria de você falasse um pouco da história de teu filho. Quando foi descoberto a surdez, como você soube?

Entrevistada: Eu descobri... assim eu já suspeitava porque já tenho outra filha e era diferente porque sempre quando eu falava com ela, ela respondia. Eu colocava desenho e ela respondia e ele não.

Aí comecei a passar ele pela neuro, Dra A. T., dos 4 meses até 1 ano e seis meses. Aí depois ela passou, ela percebeu, passou alguns exames, aí percebeu que era problema auditivo. Então ela a encaminhou para o centro auditivo, que... com o Dr. B., passou os exames e deu que ele era surdo. Aí nisso tudo foi uns dois anos. (neste momento ela começa a encher os olhos de lágrimas)

Pesquisador: Como foi sua reação em meio a essa descoberta? Sabendo que ele era surdo.

Entrevistada: Foi desesperador, porque eu não esperava.

Pesquisador: Em relação a comunicação. Como funcionava?

Entrevistada: Eu... agora. Tranquilo, eu não sei tudo em Libras mas eu sei me comunicar bem. Antes de ter ele, eu cuidava de uma pessoa, de um adolescente que ele era surdo também. Aí eu já sabia algumas coisinhas.

Pesquisador: Como foi o contato da criança com Libras? Onde foi?

Entrevistada: Na escola! Foi na creche do Pedra Linda. No Semei do Pedra Linda.

Pesquisador: Lá já tinha alguém que sabia a língua de sinais?

Entrevistada: Quando eu botei ele na escola. A diretora coisou um professor pra ficar com ele na sala de aula.

Pesquisador: Então esse foi o primeiro contato dele com a língua de sinais?

Entrevistada: Foi! Foi o primeiro contato. Ele ia fazer 3 anos.

Pesquisador: Como foi o percurso dele, na educação, até hoje? Falo um pouco sobre isso.

Entrevistada: Ele nunca ficou fora da escola não. Isso aí é a prioridade que eu boto sempre é o estudo dele. Na escola anterior que ele estudava, ele se tornava uma criança muito agitada. Tinha um histórico de uma criança muito agitada, porque, o acompanhamento que ele tinha com os alunos "normais". O professor vinha somente 3 vezes na semana e a partir das 10h da manhã. Aí o contato era muito pouco, para ele aprender em Libras. Aí depois... eu ficava na sala de aula com ele, frequentava a sala de aula com ele para poder eu dar uma ajuda nas atividades pra ele.

Pesquisador: Então no caso, os professores, na época quando ele era atendido, ficava na sala regular? Era rotativo? Não eram todos os dias?

Entrevistada: Isso! Era! Não!

Pesquisador: Como funciona a comunicação dentro de casa? (foi interrompido pelo vídeo antes de finalizar a pergunta)

Entrevistada: Agora não ! Ele está se comunicando... tem dois amiguinhos dele. Quando eu... (video interrompido no meio da fala dela)

Pesquisador: Fala novamente sobre o desenvolvimento dele. Quando ele começou a aprender até hoje, como ele está evoluindo? Em relação a comunicação dele.

Entrevistada: É... ele está evoluindo graças a Deus bem! É... aprendendo bastante, depois que ele veio para a sala bilíngue, é porque a sala bilíngue tem o intérprete e tem a professora surda também. Aí está ajudando bastante no desenvolvimento dele.

Pesquisador: Como você consegue perceber isso?

Entrevistada: Em questão de... Tanto atividade que ele faz, tranquilo sozinho. Às vezes precisa sempre de ajuda né! Mas tudo dele é sozinho.

É... e comunicação também, ele tinha vergonha de se comunicar em Libras, de falar com os amiguinhos e de brincar também, porque os amigos não entendiam ele e nem ele aos amigos. Porque até mesmo nesta questão de vergonha ele evoluiu bastante. Onde ele chega agora ele dá oi e comprimenta as pessoas.

Pesquisador: Fala um pouco de como você conheceu essa sala bilíngue. Como foi possível chegar até ela?

Entrevistada: Foi através da escola que ele estudava que teve uma reunião no NAPNE, com a gestora e ela falou que iria abrir a sala bilíngue e as mães que aceitassem, aí falou da importância da sala bilíngue para eles. Aí as mães que aceitou assinaram, aí ele veio para a sala bilíngue.

Pesquisador: Me diz uma coisa... o que você sabe sobre a sala bilíngue? Qual teu entendimento sobre essa sala? Como você acha que ela funciona? (pesquisador dar ênfase para saber o que ela sabe sobre a sala bilíngue)

Entrevistada: Assim... é... fundamental para o desenvolvimento dele futuramente né!

A sala bilíngue é uma sala que ela ensina o português e Libras né!? Para o aluno surdo. O que eu sei é isso, que ele está desenvolvendo e é bastante importante para ele.

Pesquisador: O que você acha de uma professora surda na sala? Fala um pouco sobre isso.

Entrevistada: No caso dele, no caso do acompanhamento que tenho com meu filho. É importante, porque é a linguagem que ele sabe que...que ele entende né! Porque é o desenvolvimento dele através do professor surdo.

Pesquisador: E se fossem dois professores ouvintes?

Entrevistada: Aí eu acho que não ia dar certo! Porque ele já estudou em sala com professores ouvintes que não sabiam Libras e ele não aprendeu nada.

Pesquisador: Então para você ter um professor surda e importante é isso?

Entrevistada: É importante. Se o professor ouvinte souber Libras, estudar em Libras também é bom.

Pesquisador: Mas entre dois professores ouvintes ou um ouvinte e um surdo, ou dois surdos.

Entrevistada: Eu prefiro surdo!

Pesquisador: Porque?

Entrevistada: Porque entende. Eu acho que eles entendem, o meu menino (se referindo ao menino que ela cuidou) teve um professor, e até hoje ele fala sobre a importancia de se comunicar e ter um professor surdo. Foi o que tornou a ser professor futuramente, é o que ele é hoje professor, por causa de um professor surdo e é o que meu menino fala, que desde quando conheceu Bruno que quando crescer que ser professor de Libras, tipo um espelho. Para ele é um espelho.

Pesquisador: Fala um pouco dos gostos pessoais dele

Entrevistada: Sobre comida ele gosta de quase tudo. Verduras essas coisas ele coloca mais de lado, mas ele não tem frescura de frutas não. Sobre jogos, ele é muito hiperativo, bola, vôlei, video game, o que você botar ele se adapta ali e faz.

Pesquisador: Como ele desenvolve as atividades em casa? Que tipo de atividades? Como isso pode ajudar ele? Relacionadas a atividades escolares.

Entrevistada: As atividades vêm em português e traduzidas em Libras. Aí português para mim entender e Libras para ele entender, aí ele faz. As atividades dele são assim.

Pesquisador: Como é o processo de matrícula dele? Matrícula na escola e é levado a sala bilíngue? Ou matrícula em qualquer escola e vem para a sala bilíngue? Fala um pouco sobre isso.

Entrevistada: Ele é matriculado na escola.

Pesquisador: Matrícula na escola e vem para a sala bilíngue?

Entrevistada: Isso!

Pesquisador: Fala um pouco da interação dele com a professora. Ele conta tudo em casa?

Entrevistada: Ele fala bastante. Principalmente quando é assunto novo. Às vezes ela viaja, acho que fica contando as histórias da viagem, ele chega em casa falando. Que ela foi de avião não sei pra onde. Fala que é muito bonito, vai no celular dela e mostra as fotos e diz que foi a professora. Aí faz o sinal dela, cada professor surdo tem um sinal de identificação aí ele faz.

Pesquisador: Há algo mais que você queria acrescentar em sua fala?

Entrevistada: (acenou com a cabeça dizendo “não”)

APÊNDICE B**ENTREVISTA COM DINIZ (Codinome)**

PESQUISADOR: Boa tarde!

PARTICIPANTE: Boa tarde!

PESQUISADOR: Eu queria que você falasse o seu nome completo e o que você faz?

PARTICIPANTE: DINIZ, sou professora.

PESQUISADOR: Fale um pouco sobre sua formação profissional.

PARTICIPANTE: Profissional?

PESQUISADOR: Sim.

PARTICIPANTE: Sou pedagoga pós graduada em educação, pera aí espera um pouquinho que eu esqueci (risos), psicopedagogia institucional com ênfase em educação especial voltada para o lúdico. É ,(risos) é grande o nome né?.

PESQUISADOR: Fala um pouco do histórico da surdez do seu filho. O acompanhamento, como foi, tem algum outro caso na família?

PARTICIPANTE: Na família não tem nenhum caso próximo. Tem parentes distantes, bem distante. Agente começou a desconfiar ele tinha 6 meses. Quando foi com um ano e ... um ano e três meses mais ou menos, tivemos o diagnóstico. Com certeza. Por que que a gente demorou? Porque os testes da orelhinha deu ok. Deu positivo. E ele tinha a audição normal. Foi feito o primeiro teste, a partir da desconfiança a gente repetiu mais três vezes e todas as três vezes deram positivo deram que era normal. E então aí a gente percebendo que não era normal, a gente foi procurar outros médicos. Mas até então a gente demorou bastante para encontrar um médico que desse o diagnóstico. A gente passou por vários médicos, até chegar ao diagnóstico... Tá pegando não?

PESQUISADOR: Como foi o diagnóstico?

PARTICIPANTE: Demorou bastante pra encontrar o médico quando a gente teve o diagnóstico a gente, voltou no primeiro médico, aí ele encaminhou ele para o primeiro aparelho. Um aparelho que serviria de estimulante, mas como a surdez dele é bilateral e profunda, num não teve muito , não teve, é é... como é que eu digo... não teve nenhum aproveitamento. Né não serviu de nada. Logo depois a gente né a gente conseguiu encaminhar ele pra Recife, em Recife a gente é, foi apresentado a implante coclear. A gente aceitou, fazer o implante. A gente lá em Recife a gente também passou por situações que a gente começou em um hospital depois teve que ir pra outro hospital porque o hospital faliu, não teve mais como fazer porque é uma cirurgia bastante cara. E aí quando a gente conseguiu ele já tava próximo de fazer 4 anos. O interessante é fazer no máximo... fazer mais novo possível né pra ver se ele consegue falar. E aí ele fez já chegando aos 4 anos. Fez o implante, isso a gente passou muito tempo fazendo acompanhamento, eu em Recife a gente no mês ia em Recife duas vezes, fazer acompanhamento, acompanhamento com otorrino e coma a fono, porém só teria retorno se...

PESQUISADOR: Como é que era o acompanhamento dele na escola, desde a descoberta da surdez até o presente momento?

PARTICIPANTE: A educação como um todo ou em relação à Libras?

PESQUISADOR: Como um todo, como é que era? Ele sempre estudou com ouvinte? Ou só com surdo? Tinha intérprete? Como era a educação dele? Foi colocado que teve a nova semente como você falou? Mas tinha algum acompanhamento para ele, como AEE ou não?

PARTICIPANTE: Não. Não. Na nova semente ele nunca teve acompanhamento não. Na época a nova semente, não tinha, não aderiu a esse direito. Não tinha. Pra ele não tinha esse direito do AEE. Então na nova semente não. Ele passou dois anos na nova semente, até aí ele estudava na sala regular com todos os colegas. Nunca teve nenhuma atividade diferenciada e nenhum acompanhamento diferenciado. Já no SEMEI, quando ele começou no SEMEI, no SEMEI ele

já começou no SEMEI no PRÉ no PRÉ I, aí a partir daí ela já foi, é já veio a instrutora e também já teve a professora de AEE, que fazia esse acompanhamento

PESQUISADOR: Então no caso o SEMEI era que nível escolar?

PARTICIPANTE: Pré escola pré I e pré II.

PESQUISADOR: Então já tinha o acompanhamento do AEE, a instrutora era surda ou ?

PARTICIPANTE: Não. Não era ouvinte, era MACEDO mesmo da sala bilíngue

PESQUISADOR: Você mencionou que já tinha as atividades no início no pré, na nova semente, igual com os ouvintes não ou tinha diferença?

PARTICIPANTE: Igual. Não.

PESQUISADOR: Mas como era o desempenho dele? Já que ele não tinha nenhum acompanhamento diferenciado? Me fala um pouco.

PARTICIPANTE: Ele nunca teve dificuldade não mesmo elepelo menos na fase de maternal I maternal II nunca nunca teve dificuldade não. Até as atividades são bastante intuitiva e aí eu não sei como as professoras fazia se elas tinha já algum conhecimento, não sei mas ele sempre desenrolava e se duvidar era melhor do que alguns que (sorriso) não tinha nada. Ele sempre foi assim evoluido, o problema dele mais é o português né.

PESQUISADOR: Fala um pouco porque ele não adquiriu nenhuma das línguas.

PARTICIPANTE: Eu acho que é Eu acho que é porque não tem o domínio de nenhuma das duas, porque como ele ainda não tem o domínio ainda de Libras ele não conseguiu absorver o português ainda.

PESQUISADOR: Entendi. Fala um pouco sobre a questão da comunicação em casa. Como é que funciona a comunicação com ele você seu esposo o irmão dele.

PARTICIPANTE: Nan a gente tem a gente consegue se comunicar bem. Eu sei pouquinho Libras. Eu sei pouco ainda e ou a gente conversa por Libras ou algum gesto, ele compreende alguns gestos ou Libras mesmo. Mais sinalizando mesmo que num, a gente não tem domínio.

PESQUISADOR: Então como é que você acha que tá o nível de conhecimento dele da Libras. Como é que você acha que desde que ele ingressou na escola, você disse que foi no pré não foi?

PARTICIPANTE: Ele entrou na creche depois foi pro pré.

PESQUISADOR: Ele teve acompanhamento no pré?

PARTICIPANTE: Ele começou o acompanhamento no pré

PESQUISADOR: Como é que você julga o conhecimento dele da Libras

PARTICIPANTE: Eu acho que é razoável, que é razoável.

PESQUISADOR: Mas como é que você entende que é razoável?

PARTICIPANTE: (riso) precisa melhorar muito.

PESQUISADOR: E o seu conhecimento. Você falou que sabe um pouco, mas o pouco que você sabe, como foi que você aprendeu?

PARTICIPANTE: Eu fiz cursinhos.

PESQUISADOR: Entendi. Mas seu esposo também?

PARTICIPANTE: Todos nós já fizemos. Eu fiz mais tempo. E eles fizeram menos tempo.

PESQUISADOR: Então em sua casa a comunicação é utilizada de forma mista?

PARTICIPANTE: É

PESQUISADOR: Apontação sinais?

PARTICIPANTE: É

PESQUISADOR: Entendi. Falar um pouco sobre isso, o desenvolvimento dele na Libras, vem dum contexto que não sabia nada, agora ele já sabe alguma coisa, mas como é que você avalia essa progressão? Como é que você avalia esse desenvolvimento dele em relação à Libras especificamente, tem ajudado ele ou não?

PARTICIPANTE: Tem bastante.

PESQUISADOR: De que forma?

PARTICIPANTE: Em se comunicar mesmo. De falar com alguém. Hoje eu vejo às vezes a gente encontra um surdo na rua que ele já viu que ele já conversou, ele consegue conversar. Outro dia a gente encontrou CARDOSO e uma amiga dela lá na feira do livro e a gente encontrou e eu fiquei assim observando parada ele conversando tendo um diálogo ali já eu já às vezes às vezes eu acho que nem sei a dimensão do que ele sabe. Quando eu... acho que ele não demonstra tanto aqui dentro de casa. Quando eu vejo ele perto de um surdo é que eu percebo mais já já desenrolar alguma coisa. Agora nunca fizemos um contato direto com surdo né. Ele já teve instrutor surdo, e agora esse ano lá sala bilíngue com Helayne e os outros coleguinhas mas, foi a primeira vez o primeiro momento que ele está passando mais tempo com surdo. Antes era só esporadicamente.

PESQUISADOR: Então você percebe que ele desenvolve um diálogo melhor quando ele está com outros surdos?

PARTICIPANTE: Isso. Flui mais.

PESQUISADOR: Porque você acha que flui mais?

PARTICIPANTE: Não sei se a se ele tem vergonha de quando está com a gente, ou se é a forma como os surdos também conduz. EU não sei exatamente. Mas ele consegue falar muito mais quando ele encontra um surdo ... eu vejo ele se comunicando, percebo isso.

PESQUISADOR: Eu queria entender como você chegou a esse conhecimento da sala bilíngue e decidiu colocar ele lá?

PARTICIPANTE: É... eu era da educação especial, nunca trabalhei com surdo na educação especial, mas já vinha da inclusiva né da educação inclusiva. É foi divulgado no nosso meio e também divulgado nas mídias,mas a diretora do NAPNE, ela ficou muito... chamou pra reunião e depois conversando pra a gente colocasse. Na época no CAIQUE não tivemos condições de levar ele e pegar não tivemos e aí ficamos perdemos um ano na realidade. Quando passou um ano, aí esse ano quando veio aqui pra o ELIETE foi que eu consegui colocar porque tive condição de levar de ter como ir pegar e levar ele deixar na escola e buscar.

PESQUISADOR: O caique foi por volta de que ano mesmo você lembra?

PARTICIPANTE: Foi antes da pandemia

PESQUISADOR: A pandemia foi 2021

PARTICIPANTE: Foi em 2020 eu acho que começou

PESQUISADOR: Então 2020, lá no caique, lá estava mais difícil a questão de transporte para você levar ele, é isso?

PARTICIPANTE: Era

PESQUISADOR: Entendi. Mas o que foi que te motivou a colocar ele nessa sala? Porque ele podia ter continuado onde ele estava ?

PARTICIPANTE: Na sala regular é. E assim foi muito difícil porque a gente tava é, cômodo tava cômodo pra gente, mas como a gente prioriza, a educação dele o aprendizado dele a gente botou mesmo assim, porque hoje também a gente não tem condição de levar e de pegar ele tem que voltar de van né. Aí...perdi a pergunta (risos)

PESQUISADOR: O motivo de ter colocado lá é que você tinha questão de transporte é difícil para ir e voltar. Então por que mesmo assim você decidiu se sacrificar a ir levar pra lá, qual é o diferencial que essa sala oferece que vale tanto apenas assim?

PARTICIPANTE: Porque eu acredito, eu sei que lá tem a possibilidade de aprender mais, desenvolver mais.

PESQUISADOR: Com base em que isso você acredita que ele pode desenvolver mais?

PARTICIPANTE: Eu acho que a socialização dele com as outras crianças surdas, é eu acho que vai facilitar e também de ser uma coisa que é direcionada,mais direcionada.

PESQUISADOR: Como você soube dessa sala bilíngue? Só pra eu poder entender.

PARTICIPANTE: Através da direção do NAPNE mesmo

PESQUISADOR: Do NAPNE...

PARTICIPANTE: NAPNE é quem ... é município. O NAPNE é o órgão que trata da educação inclusiva do município.

PESQUISADOR: Acho que agora é SE.. SEIP

PARTICIPANTE: mudou a sigla?.

PESQUISADOR: É! É ali no centro!

PARTICIPANTE: É é mudou de local também.Só não sabia que tinha mudado o nome.

PESQUISADOR: O... como você avalia ou se você puder falar a respeito é da professora surda, o que você acha uma professora surda dentro da sala? Porque ali a gente tem duas né, a gente tem a professora ouvinte e a professora surda. Queria saber especificamente o que você acha da professora surda, de ter a professora surda na sala

PARTICIPANTE: Eu acho que ajuda bastante é... eu acho que até deixa eles mais a vontade, que ele tá vendo ali que é uma pessoa que ,vamos dizer que é igual a ele, que não seria a palavra correta, mas que tá igual a ele eu acho que isso ajuda muito ele já teve outra experiência com outro instrutor surdo e foi o momento que ele mais desenvolveu.

PESQUISADOR: Sobre essa outra experiência foi em atendimento ou foi em sala regular como foi?

PARTICIPANTE: Era instrutor só que em sala regular

PESQUISADOR: Sala regular. Como funcionava esse instrutor em sala regular?

PARTICIPANTE: No primeiro momento ele ia só duas vezes na semana, eu acho que isso também atrapalhou muito.Porque se fosse uma coisa que seria todos os dias, talvez melhorasse bastante porque ele teve muito avanço com esse instrutor. Ele passou um ano dessa forma, indo duas vezes na semana só , a escola ele estuda aqui na escola Anésio Leão,essa escola se tornou integral, na escola integral o professor tem que ser exclusivo da escola aí o professor passou a ser exclusivo dele ali e todos os dias pra ele foi nesse momento que a gente percebeu a maior diferença, o maior avanço dele foi quando ele passou a ter o professor todos os dias,mas dentro da sala regular.

PESQUISADOR: Com os outros alunos?

PARTICIPANTE: Com os outros alunos

PESQUISADOR: Aí, então tinha o professor surdo para ele ou era para a turma toda

PARTICIPANTE: Para ele só que na sala pra orientar as atividades

PESQUISADOR:É tipo um AEE dentro da sala regular?

PARTICIPANTE: Não sei se é.

PESQUISADOR:EU queria entender

PARTICIPANTE: Não. Não seria o AEE porque o AEE é pra trabalhar atividades

PESQUISADOR:Extracurriculares

PARTICIPANTE: É é isso. E no caso dele ele trabalha a o conteúdo que o professor regular tá dando.

PESQUISADOR: Seria um intérprete de Libras ou não porque o intérprete... ele auxilia o surdo né?

PARTICIPANTE: Não ele não era intérprete era instrutor mesmo.

PESQUISADOR: Entendi.

PARTICIPANTE: Depois ele veio ter o intérprete que é o que não funcionou com ele.

PESQUISADOR:Certo. Então qual é a diferença dessa sala aí regular com instrutor surdo dentro da sala com os ouvintes para a sala bilíngue, porque de qualquer forma dentro da sala dos ouvintes estava trabalhando duas línguas, a Libras e a língua portuguesa, então é bilíngue também.

PARTICIPANTE: isso

PESQUISADOR: Qual a diferença dessa sala que você disse que ele evolui bastante com esse instrutor para a sala bilíngue então? Eu queria entender essa diferença

PARTICIPANTE: Eu acho que a... eu não sei se é a palavra correta,mas eu vou usar ela, exclusividade né, do direcionamento eu acho que a sala bilíngue ela mais direcionada ele vai alí onde da necessidade da criança, que no caso dele na sala regular não era essa questão. Trabalhava todos os conteúdos só que o professor instrutor só que ali explicando só pra ele no momento da atividade. Não tinha aquele direcionamento é de ser alí uma atividade mais direcionada. Deu pra entender? Risos

PESQUISADOR: Deu. Entendi

PARTICIPANTE: Acho que eu enrolei um pouco. Risos

PESQUISADOR:Eu queria só que você me dissesse o que você entendia sobre isso. Sobre essa questão dessa sala, mas você falou, você explicou.

PESQUISADOR: É ... eu queria só que você comentasse um pouco, talvez isso vai me ajudar quando eu tiver conversando com ele, é os gostos pessoais dele, para alimentos, jogos...

PARTICIPANTE: Não gosta de comer.

PESQUISADOR:Ele não gosta de comer?

PARTICIPANTE: Acena com a cabeça negando. Risos

PESQUISADOR:Nada?

PARTICIPANTE: Só besteira

PESQUISADOR:Mas que tipo de besteira? Chocolate, doce...

PARTICIPANTE: Biscoito, bolacha acho que é o preferido. risos

PESQUISADOR:Eita!

PARTICIPANTE: No mínimo ele tá alí comendo bolacha.risos

PESQUISADOR: E jogos?

PARTICIPANTE: Jogo é roblox

PESQUISADOR: futebol, não?

PARTICIPANTE: Não.Futebol não. Roblox, minecraft

PESQUISADOR:Esses joguim de internet

PARTICIPANTE: É esses jogo de internet e de lazer gosta de água tudo que é piscina, rio

PESQUISADOR: Beleza. O que você acha que ainda não falou e é importante falar sobre ele ou sobre a sala ou sobre essa proposta que poucas pessoas conhecem a sala.

PARTICIPANTE: Eu acho que deveria. Eu acho que na época foi bem divulgada, sim porque... Acho e digo e volto atrás e digo que talvez tenha sido divulgado só na rede. Foi divulgado na rede, e acho que foram atrás da escola que eles sabiam que tinham surdo, então eu acho que deveria ser mais divulgada, porque a proposta é boa da sala bilíngue e assim é ... eu fico triste porque uma sala tão boa e só tem 4, 3 crianças né. Então tem muitas crianças que não tá incluída nisso aí, sistema não é.

PESQUISADOR: Porque você acha que tem um número tão baixo? E por que essa qualidade toda dessa sala?

PARTICIPANTE: O número baixo eu acredito que a localização não fique tão boa para todos. Porque hoje ela tá central, mas gente que mora, mais distante né e não tem condição de levar. E a qualidade eu acredito que é pelos profissionais também. Eu acredito tanto no trabalho da professora ouvinte quanto da surda. São duas pessoas que a gente sabe do gabarito que tem e da qualidade do trabalho que desenvolve. E com já disse também da atividade mais direcionada.

PESQUISADOR: Você falou da questão da distância, alguns não tem condição de levar. A prefeitura não oferece nenhum dispositivo de transporte gratuito

PARTICIPANTE: Eu desconheço. A prefeitura tem o transporte escolar, pra levar pra sala regular né. Quando na região não tem a escola ou esteja lotada, ela tem esse sistema transporte escolar, mas assim pra trazer só uma criança eu desconheço.

PESQUISADOR: Ou algum cartão para transporte coletivo, não

PARTICIPANTE: Tem

PARTICIPANTE: Eu sei que tem um cartão,mas não sei nem falar sobre isso eu não sei não.

PESQUISADOR: Não conhece sobre essa toda essa parte de transporte

PARTICIPANTE: Eu sei que existe, mas eu nunca fui procurar porque não meu caso. Não tenho a necessidade no momento não.

PESQUISADOR: Ah entendi. É isso é basicamente essas eram algumas áreas que eu queria perguntar fique a vontade para falar o que quiser falar sobre ele, a escola, fique a vontade, acha que faltou, faltou alguma coisa de falar sobre o assunto, que você acha? Faltou algo não?

PARTICIPANTE: No momento eu não lembro não. Risos

PESQUISADOR: Muito bem, pois por enquanto é o suficiente.

APÊNDICE C

ENTREVISTA COM CARTER (Codinome)

Obs: esta entrevista foi remarcada várias vezes, quase não conseguimos realizar.

Pesquisador: Você poderia começar se apresentando.

Participante: Meu nome é CARTER . Sou mãe de ARRAIS, que tem 12 anos. E estou aqui aberta às suas perguntas.

Pesquisador: Fala um pouco sobre sua formação profissional e acadêmica. Tem formação ou não?

Participante: Eu sou formada em administração de empresas. Sou pós-graduada em gestão de pessoas. Como relatado (a entrevistada havia comentado fora das gravações que tinha um sonho de fazer outra graduação) Eu tinha um sonho de fazer odontologia e por conta de algumas coisas pessoais, ter filho, família, não tinha como estudar tal... e hoje estou estudando odontologia.

Pesquisador: Fala um pouco sobre o histórico, o diagnóstico, na descoberta que seu filho era surdo. Como foi que você se sentiu? Como foi que você percebeu? Como a família acompanhou todo esse processo desde o diagnóstico até a inserção dele na escola.

Participante: É... fazer um pouquinho do resumo, porque a história é bem longa.

Minha gestação foi normal. ARRAIS é o meu segundo filho, ele não teve nada, nenhuma consequência na gravidez. Tudo normal, enjoo, enfim, e aí ARRAIS nasceu de nove meses também, é... quando a gente foi fazer o teste do pezinho já existia o teste da orelhinha. E nesse exame, o teste da orelhinha, teve o diagnóstico que ARRAIS tinha perda bilateral. Não foi 100% porque o exame não é 100%. Os médicos falaram pra mim que poderia ser líquido amniótico que a gente repetisse o exame com 15 dias e foi feito isso, com 15 dias. A gente repetiu o teste de novo, da orelhinha, deu ausência bilateral. Foi feito bera. O bera tinha resquício de audição. Mas acredito que a perda de ARRAIS foi de acordo com o tempo mesmo. Ela foi só se agravando, foi gradativo.

E aí é... foi um susto pra mim, porque eu não esperava, não tenho casos na família. Nem paterna e nem materna, no meu caso. E aí foi algo tudo muito novo, angustiante de alguma maneira, porque eu não sabia lidar com aquela situação. E aí... só que as coisas foram acontecendo. Foram feitos os exames. ARRAIS colocou o aparelhinho, só que até colocar esse aparelho houve outras questões. Se ARRAIS era autista, que ARRAIS tinha um comportamento diferenciado, na questão de... ele não fala porque ele pode ter autismo ou ele pode ter algo é... como alguma síndrome, um distúrbio, alguma coisa, e também passamos para esse outro lado. Foram feitos vários exames de ARRAIS. Passei por vários neuros. Levei ele para São Paulo, para a dra. Rosa, enfim, não fechava-se diagnóstico nenhum. A gente também pediu um teste de síndrome de TNA, para saber se tinha algum cromossomo, em fim, tenho esse exame em mãos. Só que assim, mesmo que não foi nada diagnosticado, está tudo ok, tudo foi feito.

E aí foi colocado esse aparelhinho convencional. ARRAIS fez fonoaudiólogo. Fez tratamento com psicopedagoga e terapias, porque ele tinha uma certa hiperatividade.

Enfim, aos 6 anos ele foi implantado para conseguir a cirurgia pela Irmã Dulce, em Salvador-BA. Ele é implantado, mas o aparelho ele pouco usa. Ele não gosta muito de ouvir. Esse é o diagnóstico dele né!

E aí vem as outras histórias ao longo das perguntas.

Pesquisador: Me fala um pouco do contato dele com a Libras. Você nos relata todo um processo clínico terapêutico, mas até fechar o diagnóstico e dizer: é surdo, foi implantado e precisa da língua de sinais e a partir deste momento como foi que ele teve contato com a Libras?

Participante: É ... veio depois mesmo do implante coclear e dando continuidade a todas as terapias eu percebia que não tinha um desenvolvimento da fala. E mesmo assim eu não tinha o conhecimento da Libras. Eu sabia que existia a Libras, mas assim, não sabia até que ponto poderia trazer algum benefício para ele.

E até no ponto médico, os clínicos, eles não aceitavam, achavam que poderia prejudicar no desenvolvimento da fala.

E aí foi quando foi quando... é ... no condomínio que eu moro. Eu conheci a professora CARDOSO, professora de Libras. E... como vizinha mesmo, uma conversa normal. Ela me declarou um pouco da história dela. Que ela era professora, que estava tendo algumas apresentações lá na Univasf e através disso me chamou atenção. E eu digo: como eu posso adentrar ARRAIS em Libras? E aí foi logo depois que, na pandemia, ocorreu que eu marquei com CARDOSO para a gente fazer umas aulas de Libras. E tanto eu fiz quanto ARRAIS fez, foi quando eu tive esse primeiro contato com a Libras. E aí foi onde eu percebi mesmo, que ARRAIS ficava feliz, quando ele... quando a gente aprendia as cores, os animais e ele começou a levar isso para casa. Com o sinal de Libras, pedindo para beber água, e a gente conseguiu mesmo ter essa comunicação. A gente tinha mesmo uma linguagem corporal em casa, mas a Libras não! Então foi muito bom! Foi daí em diante que as coisas foram acontecendo.

E aí eu conversando com a professora CARDOSO. ARRAIS estudava no colégio Professor S. Até então era um colégio muito bom, mas assim estava tendo só uma aula por semana de Libras, que foi colocado justamente por conta de ARRAIS. Outras crianças aprendendo, deram continuidade a esse trabalho. Mas foi quando eu achei interessante realmente tirar ARRAIS do colégio particular e colocar ARRAIS na sala bilíngue. Na escola Eliete, na escola municipal e foi aí que eu fui descobrindo através desse caminho.

E foi onde eu descobri mesmo a importância da Libras no dia a dia. O desenvolvimento de ARRAIS. Então, foi aí onde eu descobri.

Pesquisador: Você comentou um pouco o acompanhamento de ARRAIS, que estava em uma escola particular, depois foi colocado em uma escola pública, especificamente na sala bilíngue. Como era o acompanhamento da educação dele, de forma geral? Independente de ser na sala bilíngue ou não. Nesse período do diagnóstico, ele estava indo para escola, não estava, como estava sendo a educação dele neste período?

Participante: Pronto! ARRAIS sempre foi para a escola. Ele sempre estudou até então em colégio particular. Então ele estudou na Vivência, colégio particular, estudou no colégio professor Simão também.

Ele teve um desenvolvimento razoável. Vamos dizer do razoável para o bom, porque era tudo no início, as primeiras séries dele, vamos dizer assim. Então o ARRAIS é muito fácil de

entender as coisas, ele é muito inteligente. Então ele foi seguindo, foi tudo na normalidade o acompanhamento com outras crianças.

Tudo normal, só que a série vai puxando uma demanda maior, vai te dando uma demanda maior. Então eu fui percebendo essa dificuldade em casa ele mesmo. Então eu percebi que não tenho como mais passar essas informações para ele. Como vamos passar essas informações? Porque os professores, vão dar aula, não tinha como. Veio a pandemia, dava aula online. Como? Se ele não ouve!

E então CARDOSO trabalhando lá, com a Libras no colégio Professor S., foi aí onde eu percebi que esse pouco tempo de aula que ele tinha em casa ele conseguia desenvolver as atividades, que CARDOSO passava e ele fazia. Então a desenvoltura dele foi totalmente diferente. Foi aí onde realmente fui percebendo que a Libras era muito importante.

Foi quando é... foi colocado na sala bilíngue né! Na municipal, e... foi aí que realmente eu vi muito mais. Porque ele vai às aulas todos os dias e essa desenvoltura dele só chegou a crescer. O comportamento dele que os médicos falavam, questão de hiperatividade ou alguns gritos, vamos dizer assim, o falar alto, da forma dele. Então tudo foi se acalmando, foi tranquilizando. Ele consegue ser mais compreendido, eu acredito que isso foi deixando ele mais confortável, mais confiável.

Pesquisador: Nesse processo, como era a comunicação. Antes da Libras e depois da Libras?

Participante: Antes da Libras era a linguagem corporal mesmo! Um gesto, um exemplo, a forma de tomar banho, a gente tinha um gesto que ele conseguia compreender. Que era o banho ou que era para comer alguma coisa ou beber uma água. (neste momento a mão realiza gestos concomitantes a sua fala)

Mas a forma mesmo que a gente utilizava em casa, claro! Ela não era totalmente desenvolvida, porque eu não tinha o conhecimento da Libras. Eu falando ele não ouvia, então nós criamos essas imagens corporal. Eu me virava como podia, ele também ia me ensinando algumas coisas, como ser compreendido. Só que, claro! A partir do momento em que ele foi crescendo, que as demandas de pedidos de conversa foram aumentando, aí a dificuldade foi aumentando mais ainda, ficando muito mais difícil. Eu percebia que eu tinha que me comunicar com ele e eu não sabia como.

Pesquisador: E hoje como está seu conhecimento na Libras?

Participante: Meu conhecimento está razoável, não vou dizer que está grande não. Como eu declarei neste instante ali na sala de aula. É... eu estou estudando.

Eu praticamente sou mãe sozinha né, porque eu sou separada, porém o pai não é presente. Então sou mãe de dois filhos. ARRAIS hoje tem 12 anos e meu outro filho tem 17. Então eu sou mãe, eu estudo, eu sou dona de casa, então o tempo para estudo está um pouquinho corrido. Mas eu aprendi um pouco o básico, como eu te disse, com CARDOSO na pandemia. E a minha intenção mesmo é mergulhar de cabeça em Libras.

Pesquisador: Eu sei que você comentou que ele deu um “up”, quando foi para a sala bilíngue. Mas como você avalia esse ganho dele? Em relação a Libras.

Participante: Em tudo ! É no estudo mesmo, seja em português, seja em matemática, seja na comunicação em casa, seja no desenvolver dele. Ele observa as coisas, ele percebe, ele explica

o que viu, a gente consegue compreender. Ele cobra mais as coisas. Ele está mais maduro em tudo! No estudo, no pessoal, no familiar mesmo. ARRAIS foi um crescimento fora do comum.

Pesquisador: Qual seu conhecimento acerca da sala bilíngue? O que é a sala bilíngue?

Participante: O que é a sala bilíngue né!? A sala bilíngue... ou seja, nós temos uma professora falante, vamos dizer assim. Ela fala é... a professora (aqui o filho surdo interrompe a entrevista ele fala com ela, ele pede só um minuto e aponta para câmera.)

(a entrevista foi retomada a partir da pergunta anterior, sobre a sala bilíngue)

Participante: A sala bilíngue dentro de meu conhecimento. Não cheguei a entrar na sala ainda, mas sei um pouco do trabalho que é feito. Temos duas professoras, essas professoras, uma é falante, vamos dizer assim. Ela dá o conteúdo, vamos dizer assim e CARDOSO, vai com esse mesmo conteúdo através da Libras. Ou seja, não só as atividades de sala, como as atividades para casa, e... a desenvoltura mesmo das duas línguas juntas, vamos dizer assim. Daquela falante e das informações que passa para que ARRAIS possa através da Libras compreender.

Pesquisador: O que você acha da sala?

Participante: Há o que eu acho! (O filho dela novamente interrompe passando na frente da câmera)

Vamos lá o que eu acho da sala! A sala é algo... é... vamos dizer assim... para mim eu acho de suma importância. É um diferencial bem grande porque (novamente ele interrompe mostrando algo no celular, mas ela continua respondendo) é algo novo. Até então nunca tinha escutado falar. E eu acho que é muito importante, tem que haver essas salas. Eu acredito que só existe essa sala, no meu conhecimento. Acredito que tem que ter mais salas bilíngues. Para a gente acolher outras crianças, outras famílias. E assim... é uma palavra gigantesca, é de suma importância, é grande, é valioso. Ajuda muito.

Pesquisador: O que você acha... alguns tem o entendimento que a sala bilíngue ela segrega, porque ela está tirando o aluno da sala regular e trazendo para uma modalidade bilíngue, mas o que você acha disso? Que ela exclui seu filho ou não. Ela facilita ou não.

Participante: Pelo meu entendimento. Ela não exclui não! E eu nem vou dizer a palavra “agregar”, eu falo uma palavra que... é... ela é necessária ! Ela ajuda bastante. Ela não tira nada, ela não diminui. Ela não faz com que o aluno seja... é... deslocado pelo contrário, ela soma, ela cresce. Ela ajuda de uma maneira surreal!

Pesquisador: O que você acha de uma professora surda dando aula?

Participante: Interessante a pergunta! Eu acho maravilhoso!|

Pesquisador: Porquê?

Participante: Porque é... é na pele. Ela tem o contexto, como passar isso com segurança. Com amor. Ela sente, ela sabe da necessidade, no sentimento dela. Ela tem esse conhecimento de agregar o emocional. Agregar ao conhecimento. A todo estudo que ela tem, ela está totalmente preparada para dar essas aulas. E eu tenho certeza que qualquer criança que seja é... surda. E ela tiver uma aula com outro surdo. Não vai fazer diferença para diminuir, só para acrescentar.

Pesquisador: Aproveitando.. você falou.. qualquer criança surda. A sala bilíngue estaria pronta para receber uma criança ouvinte? A sala bilíngue estaria pronta para recebê-la?

Participante: Sim! Claro que dá! É porque são colocações de palavras. Sim porque a sala já está falando “bilíngue”, não tem uma professora, que fala também? Então vamos lá! Tanto vai ter aqueles que ouvem como aqueles que não ouvem.

Pesquisador: Fala um pouco dos gostos de ARRAIS, o que ele gosta, o que ele não gosta. Comida, esporte, jogos, o que ele gosta?

Participante: Vamos lá! ARRAIS ele gosta, ele é muito eclético. Ele gosta de tudo. Comida ele come tudo. Ele é muito bom para comida. Ele é ótimo para degustar tudo! Exceto feijão! Não é muito chegado a feijão!

Acredito que seja da gravidez mesmo. Eu abusei feijão! E esse menino não quer feijão, desde o momento da existência! Mas assim, eu estou tentando ingressar.

Esporte, ARRAIS gosta muito de bola. Tanto do jogar, quanto do assistir. Há e gosta tanto então porque ele não está jogando futebol no momento? Por conta do implante coclear que ele fez. Esse aparelho que fica na cabeça dele. O que é que acontece, ele não pode receber pancada de bola. Mas assim, uma bolinha para ele brincar socialmente, ele pode. E ele gosta muito.

Pesquisador: O que você acha que faltou ser falado em todo esse contexto?

Participante: É... eu falei um pouco de... do filho né! É... eu falei da escola, eu falei de todas as questões, só não falei um pouco da parte da emoção, da minha parte.

Eu acredito que a Libras tem que ser comunicada às pessoas e à sociedade. As pessoas tem que entender o que é Libras. Essa informação tem que ser enviada! Porque, quando a gente não tem essas informações, a gente perde muita coisa. ARRAIS deixou de aprender antes, mesmo, desde de pequenininho mesmo! Porque eu não tinha esse conhecimento. Eu não sabia o que a Libras poderia trazer para ele! E diante todos os exames clínicos, seja todos os médicos, seja tudo que foi feito. Eu acredito que ARRAIS teria outro desenvolvimento mais rápido, se ele tivesse adentrado à Libras desde o nascimento, vamos dizer assim! E essa é minha emoção! Eu sinto isso!

Pesquisador:Legal! Mais algo?

Participante:Acredito que só.

Pesquisador: Muito bem! Então nós encerramos por aqui. Muito obrigado.

APÊNDICE D**ENTREVISTA COM MACEDO (Codinome)**

Pesquisador: Realize uma apresentação pessoal.

Professora ouvinte: Oi, meu nome é MACEDO

Pesquisador:

Você poderia falar teu nome completo, uma apresentação pessoal

Professora ouvinte:

Meu nome é MACEDO

Tenho formação em pedagogia.

Pedagoga com ênfase em educação especial.

Já tenho algumas especializações, inclusive em Libras, cheguei a quase terminar, depois me desmotivei, mas eu vou voltar e concluir a minha pós.

Pesquisador:

Fala um pouco do teu contato com a Libras.

Professora ouvinte:

Eu cheguei no município de Petrolina em 2013 e vim trabalhar já com a educação especial. Quando eu cheguei o secretário... é... na verdade é o seguinte eu vou explicar. Antigamente existia um atendimento de AEE separado. Existia o professor que atendia só o surdo, o professor que atendia só o cego e um outro que atendia outras deficiências.

Quando eu cheguei em 2013 o secretário entendeu que não. Que o professor de AEE teria que estar preparado para atender todas as demandas que chegarem na escola. E aí a gente passou a ter o curso de Libras e um curso de Braille. Foi esse o meu primeiro contato.

É... em 2016, eu fiz uma seleção para instrutor e passei, pronto, de 2016 até hoje eu fiquei mais próxima da Libras atendendo mais as crianças surdas.

Pesquisador:

Então você já era concursada ?

Professora ouvinte:

Não, era seleção temporária, isso eu fiquei na seleção temporária de 2013 até 2020. Em 2021 eles me chamaram para assumir o concurso.

Pesquisador: Então esse foi seu contato com a língua de sinais?

Professora ouvinte: Exatamente !

Pesquisador: Lembra quem foi que ministrou o curso?

Professora ouvinte: Foi S...esqueço só o sobrenome, foi S. e uma surda, era...G.. Que inclusive, assustou muito no aprendizado de Libras para a gente. Eu sinto um bloqueio muito grande, por conta do tipo, você tem que saber! Dia de prova parecia dia de guerra. Todo mundo com medo porque ela amedrontava demais. A Gente não podia errar nenhum sinal, então isso é um bloqueio em minha vida.

Pesquisador: Mas ela dava algum motivo, porque tem que saber ou por causa do cargo?

Professora ouvinte: Não, porque ela tratava todo mundo assim. Infelizmente existem alguns surdos que tratam as pessoas dessa forma. Você não pode errar. Mas o que eu questiono, a maioria dos surdos não sabem português. Então deveria existir uma troca. Deveria existir mais humildade. É exatamente o que eu vivo hoje com CARDOSO em minha sala, ela me ensina. Enquanto que os outros exigiam.

Pesquisador: Nesse processo, fala um pouco como foi a transição para começar a ensinar a Libras

Professora ouvinte: Sim aí eu fui pra... aí eu comecei a trabalhar como instrutora. Com os alunos surdos. Inclusive meu primeiro aluno, quando eu fui instrutora foi COELHO, numa creche e aí eu comecei o processo de alfabetização, trabalhando Libras e o português com ele. Pronto, de lá pra cá, eu atendi várias crianças em várias escolas.

Até que em 2020, eu pedi para sair da educação especial e fui assumir a sala de aula regular, fiz uma seleção e fui para uma sala de aula regular. Quando eu estava lá a nossa coordenadora geral ligou pra mim pedindo que eu viesse assumir, que eu deixasse 100 horas da sala de aula regular e viesse assumir a sala bilíngue.

De início fiquei com receio, houve um medo, porque era novo, para mim era diferente. Nós estávamos no meio de uma pandemia e eu sabia que eu ia ter que trabalhar de forma on-line com essas crianças, mas mesmo assim era um desafio. Eu não sou de fugir do desafio. Terminei assumindo a sala bilíngue. Cheguei aqui, era um outro instrutor surdo. Era T. que ficava comigo. E aí a gente tinha que fazer várias gravações, tinha que preparar material. Os pais pegavam na escola o material, a gente tinha que fazer o acompanhamento on-line, depois ele devolveu essa demanda, para que a gente começasse a avaliar o aprendizado dessas crianças.

Só em setembro de 2021, foi que a gente veio realmente para a sala de aula e aí foi na época que trocaram o instrutor surdo e então veio CARDOSO. E a gente assumiu a nossa sala de aula. Bom como existia a opção dos alunos virem para a escola ou não. Nós ficamos o ano de 2021 só com um aluno, que era ARRAIS. Os outros alunos ficaram em casa, é..., só agora em 2022 com a exigência de retorno a escola, foi que as outras crianças vieram

Pesquisador: Pensando um pouco, na experiência no ensino de Libras. (vídeo interrompido, caiu o microfone)

Ainda em relação a sua experiência de ensino como você comentou. Eu ouvi que você falou um pouco, que entrou como instrutora. Comente um pouco sobre o que você entende a diferença entre ser instrutor e professor.

Professora ouvinte:

É... a única diferença que existia, é que nós como instrutores, íamos para as escolas. Não ficávamos em uma escola só. Eu também não ia todos os dias para uma escola só. Eu acredito que o aluno perca com isso. Então eu ficava dois dias em uma escola e dois dias em outra e a gente ia revezando para atender todas as crianças.

A diferença em sala de aula é que a gente está todos os dias, você faz um trabalho seguido. Você tem a oportunidade de realmente saber o que seu aluno está aprendendo. É diferente, porque, ainda existe uma troca muito grande entre uma professora surda e uma professora ouvinte. A gente está ali aprendendo diariamente.

Pesquisador: No caso, o instrutor é itinerante? Mas legalmente, no momento da contratação, qual a diferença? Existe alguma diferença na documentação?

Professora ouvinte: É itinerante. A documentação é a mesma. A diferença que existe é... porque é só o intérprete, o município contrata o intérprete e o instrutor. Eu só sou hoje efetiva porque o meu concurso é de sala regular, então eu pude vir para a sala porque precisava de um professor acompanhado de um instrutor, no caso eu e CARDOSO.

Pesquisador: Gostaria de entender a diferença. Todas as duas ensinam ?

Professora ouvinte: Não! O que acontece, prá nos duas não existe essa diferença para instrutor e para professor. A gente trabalha em uma parceria muito grande. Então nós duas somos professoras, tanto que eu digo que nós somos professoras.

Pesquisador: É isso que queria saber, na prática as duas são professoras! Mas na teoria, na contratação, o porquê desses dois nomes?

Professora ouvinte: Isso! Na teoria... aí... é porque é exigência em uma normativa que eles têm aí, que venha um instrutor e um professor. CARDOSO fez o concurso dela para instrutora. Ela não é professora, ela é instrutora.

Pesquisador: Essa normativa é municipal, ou baseada em alguma legislação federal?

Professora ouvinte: Sim ela é municipal. Não sei te dizer.

Pesquisador: Só para eu entender a diferença, é porque as duas trabalham juntas.

Professora ouvinte: É porque, quando houve o concurso, você poderia optar né! A opção dela foi a de instrutora.

Pesquisador: Entendi! Bom, é ainda sobre essa questão de ensino. Quanto tempo você tem de experiência de ensino de Libras? Desde do curso.

Professora ouvinte: O curso foi em 2013. E aí para o atendimento do AEE é diferente de ser instrutor. Porque o atendimento do AEE, você atende os surdos também, mas atende outras demandas. Então de 2016 para cá (2022 , cerca de 6 anos), foi que me separei das outras deficiências, e passei a atender só os surdos.

Pesquisador: É...em relação aos pais das crianças, que chegam aqui, para a sala bilíngue especificamente, você percebeu se eles sabiam Libras ou não sabem, ou não tem interesse, como acontece isso? Como é essa relação?

Professora ouvinte: É, nós temos duas famílias e específico uma mãe de uma e outro uma família completa. Tem interesse, inclusive já um tio já deu curso de Libras, em uma faculdade que tinha aqui e uma mãe se interessou e procurou o centro auditivo e fez um curso para ela entender um pouco a rotina do filho. Então realmente ela se esforça para aprender. As outras duas famílias não têm contato nenhum com Libras. E a gente... por mais que a gente tente incentivar elas não aceitam.

Pesquisador: Aí existe algum curso, formação para os pais na escola?

Professora ouvinte: Na escola não, mas no NAPNE, que é um centro né. E existe no centro auditivo, que é também do município que eles abrem os cursos. Ah! Também tem a escola do servidor, que também tem o curso gratuito , que eles podem se inscrever.

Pesquisador: Pensando nos pais, sobre o interesse é um pouco mais difícil, e as crianças, quando chegam, já sabem Libras?

Professora ouvinte: Dois alunos já chegaram com uma bagagem maior. Já sinalizaram mais, Já sabiam alguns sinais soltos, mas sabem. Os outros dois não, a gente começa do zero.

Uma das crianças eu conheci em 2017. Quando eu ainda era instrutora e era essa mesma dificuldade porque os pais acreditam que ela vai falar. Inclusive na época eles me diziam: "Ele chama Pai, ele sabe chamar mãe". Mas por mais que você tente explicar para eles, que não é assim, eles apreciariam Libras para ajudar o filho. É tanto que a gente tem dificuldade de comunicação, porque até se o filho sinaliza para o pai, ele questiona o que é que o filho está me dizendo. E quando não tiver nem eu e nem CARDOSO, para dizer!?

Pesquisador: É interessante! Esses que acreditam que o filho vai falar, mas existe alguma resistência em aprender Libras?

Professora ouvinte: Não apresentam resistência, mas também não apoiam. Ficam uma coisa pela outra. É tanto que essa criança grita na sala, ela não consegue comunicação com os outros. Os outros três, em si, sinalizam e se comunicam com Libras e ele não, ele grita.

Pesquisador: então..como faz, nesse processo, essa criança que não sabe se comunicar? Não sabe português, não sabe Libras, não sabe ler, não sabe escrever. Como é esse processo de letramento dela?

Professora ouvinte: Olha, na verdade até hoje está sendo muito difícil, porque ele... são poucas atividades que ele aceita. A maioria das atividades ele fecha as mãos, não quer fazer nada. Ele é muito resistente. Muito muito resistente. E às vezes ele fica triste, porque... ele cria problema com os outros três. Então os meninos se afastam dele. Então há uma rejeição. Mas o problema é que ele é muito diferente dos outros. É como se a família criasse ele como um louco, que ele não seja uma pessoa só surda! Então isso distancia ele dos outros.

Pesquisador: Entendi.. é...Como você concede perceber que acontece esse start de aprendizado da Libras?

Professora ouvinte: Porque a gente trabalha exatamente.... é... tudo voltado para Libras. E a gente dá, pra perceber, porque, a gente a questão da datilologia, a gente cobra muito para que eles comecem a aprender o nome das coisas. O que foi que a gente descobriu? Que ele sabe quem é a mãe, o sinal de mãe. Mas não sabe o nome da mãe. Aí a gente teve esse retrocesso, nós começamos a trabalhar tudo uma outra vez. Era como se tivesse um trabalho pronto, mas na verdade não é.

Pesquisador: Num processo, como é a produção desses materiais, o procedimento pedagógico, fala um pouco sobre isso.

Professora ouvinte: O material pedagógico é todo preparado, por mim e CARDOSO, a gente vai trabalhando, nós selecionamos algumas imagens e para começar a produzir frases. Com contexto, por exemplo a gente mostra a maçã, o nome MAÇÃ e uma criança comendo uma maçã. Para que eles entendam que ali tem uma frase, "criança come maçã". Então a gente faz isso com várias imagens. Tudo é feito com as produção, português e Libras. Imagens tanto de objetos, de frutas, animais, de cores, saudações, tudo para que a gente perceba que eles realmente estão aprendendo.

Inclusive a gente tem aluno aqui muito bom em matemática, muito muito bom.

Pesquisador: Então todo material é muito visual para eles poderem aprender?

Professora ouvinte: É! Tem que ser tudo visual é uma forma de ajudá-los.

Pesquisador: Fala um pouco da história da sala, e o que você acha dela?

Professora ouvinte: Bom! A sala bilíngue iniciou na escola CAIC. Não sei te falar porque eu não tinha contato. Então eu só sei te dizer da sala bilíngue de 2020 pra cá. É... eu já ouvi muitos colegas, professores, questionarem dizendo que é uma segregação. Mas eu diria para você que

é a melhor forma que o surdo tem para aprender. Porque? Um surdo em uma sala regular com 30 alunos, em que 26, 27, são ouvintes, o professor.... (interrompido por problemas técnicos , e retomada através do celular, com um live, para finalizar a entrevista)

Pesquisador:

Professora ouvinte: então é...o que está faltando é uma oportunidade para a gente trabalhar nas salas. Porque? Quando existe um instrutor na escola

(Gravação on-line, via live usando o celular)

Pesquisador:

Professora ouvinte: e aí assim.. quando o instrutor chega na escola, além dele atender o aluno, ele tem que ensinar Libras na sala. E isso já aconteceu aqui, a escola Eliete já tinha instrutores. O que acontece? A gente não pode sair de sala bilíngue para a sala regular. Não é permitido que a gente saia para ensinar Libras nas outras salas. Mas a gente já teve a oportunidade de trabalhar na própria sala em que os meninos estão sendo recebidos e houve uma aceitação muito grande de Libras. Às vezes a gente recebe alguns alunos aqui, do fundamental II, e... funcionários que pedem esse ensino. O que está faltando é só uma pessoa disponível para que possa fazer isso.

Pesquisador: Entendo...então essa relação com a Libras, como você classifica? É boa, estar em processo para eles assimilarem essa sala aqui, em relação a Libras, tem interesse em aprender ou não!

Professora ouvinte: Tem! Algumas palavras, não diria para você que é 100%, mas existem aqueles que querem realmente aprender.

É... a gente ainda não é visto, as pessoas às vezes fazem vista grossa. Mas nos fomos apresentados a todos os professores. A gestora apresentou e explicou o que iríamos fazer na escola. E quando chegou no 6 ano, os professores ainda achavam que eu iria fazer as atividades. Ai eu disse, não! Eu não vou fazer as atividades dos alunos, mas eu posso ajudar. Havendo dificuldades eu posso ajudar.

Pesquisador: Isso, para os alunos ouvintes? e os alunos ouvintes vem para a sala?

Professora ouvinte: Não! Para os alunos surdos. Os alunos ouvintes às vezes vêm para cá, para fazer alguma coisa. Ensinar o nome.

Pesquisador: Mas os alunos ouvintes para estudar na sala? Mas tem abertura para os ouvintes também, ou somente para os surdos?

Professora ouvinte: Não! É... eu creio que na matrícula, se tiver um aluno do 5 ano, que queira estudar na sala bilíngue, pode! Ele poderia vir. Mas a gente sabe que os pais é uma minoria que tem interesse, e aí termina que não vem ninguém.

Pesquisador: Como funciona a dinâmica do funcionamento da sala bilíngue? Hora que chegam, sentam para estudar, momento de atividade, como acontece essa dinâmica?

Professora ouvinte: A gente chega às 7:30, é... a gente propõe uma atividade inicial, eles têm o recreio, então tem o tempo deles produzirem alguma atividade de desenho, alguma coisa lúdica. Exatamente para que eles não se cansem tanto e aí a gente continua a rotina de uma sala normal.

Pesquisador: Você lembra do primeiro contato que eles tiveram com a sala bilíngue? Os alunos já estavam aqui, ou você já estava na sala e chegou alunos depois, como foi esse contato?

Professora ouvinte: o único aluno que chegou aqui, que ainda não conhecia a sala bilíngue era Lucas. Assim... ele chegou ainda resistente, porque ele estava em uma escola, tinha mais

amigos lá, ele queria voltar para a escola. Ele era bem resistente. Hoje não, hoje ele aceita mais. porque houve uma diferença em você frequentar uma turma de 30 alunos, talvez 35 e chegar em uma sala de aula com 4 alunos. Para ele foi estranho. Então ele pediu a gente dizendo que queria voltar para a outra escola, porque lá ele tinha amigos. Então até ele começar a fazer amizade, principalmente com um aluno na sala. Até ele fazer amizade foi complicado, a gente sofreu um bocado.

Pesquisador: Eu queria que você falasse um pouco de dois pontos: Primeiro, qual a importância da sala bilíngue? E segundo a importância do professor surdo.

Professora ouvinte: A importância da sala bilíngue. Eu entendo que é um espaço onde o surdo consegue aprender de forma prazerosa. Porque aqui ele tem contato com a professora surda e a professora ouvinte. Ele tem aqui a oportunidade de aprender Libras e português, o que é diferente em uma sala regular.

Porque na sala regular ele vai ter contato só com ouvintes e que na maioria das vezes o professor vai estar só falando, falando, falando e o estudante vai ficar só sentado, que é isso que a gente nota.

A importância do professor surdo, eu diria para você que é necessário porque eles estão vendo que ela é igual a eles e que ela conseguiu aprender, chegar onde chegou e eu também digo muito aos pais que ser surdo não impede de chegar onde quiser. Ela tem formação, ela é professora e que ela aprendeu e que finalmente pode pode auxiliar os surdos.

Então basta você querer, vai exigir um esforço em conjunto, família e surdo. Você consegue!

Pesquisador: Há algo a mais que você queira falar sobre a sala bilíngue, que não conversamos?

Professora ouvinte: Não! Eu acho que acabei falando tudo.

Pesquisador: Professora, muito obrigado.

APÊNDICE E

ENTREVISTA COM CARDOSO (Codinome)

Pesquisador: Realize um apresentação pessoal.

Professora surda: Meu nome é CARDOSO. Meu sinal é (sinal visual dela).

Sou professora de Libras com formação em Letras Libras e também como pós graduação em Libras.

Pesquisador: Fale um pouco do seu contato com a Libras

Professora surda: Então... Meu primeiro contato foi quando eu conheci uma pessoa surda com o sinal pessoal (sinal visual), chamado de J. Ele morava perto de minha casa, vizinho, me viu e descobriu que eu era surda. Começou a conversar com minha mãe e fez um convite para mim levar a primeira vez na igreja. Eu tinha por volta de oito a nove anos de idade, quando iniciei o contato com os surdos.

Antes disso eu estudava em sala regular com ouvintes. Por conta disso não percebia muito progresso em meu desenvolvimento educacional. Somente depois que encontrei uma pessoa surda que me levou para a igreja e comecei a manter contato é que descobri que havia uma sala especial, era esse o a nomenclatura conhecida, hoje chamada de sala bilíngue. Uma sala que tinha surdos, ali pude manter contato. Eu não tinha dificuldade para me comunicar não! Parece que eu já tinha adquirido aquela forma de me comunicar espontaneamente, parece que foi algo natural. A interação nesta sala com as pessoas surdas.

Pesquisador: Conte um pouco sobre sua experiência no ensino de Libras

Professora surda: Então... eu comecei a Libras mesmo, quando ainda era criança. Com o passar do tempo, no período em que estudei na inclusão eu sabia que lá não havia interprete de Libras. Contudo eu sempre buscava a Libras, no processo de comunicação, buscava permanecer firme me esforçando em busca de meus direitos, a cerca da Libras. Então eu buscava saber onde tinha algum surdo para eu me comunicar em Libras, mas não havia interprete em minha sala, não havia acessibilidade, contudo continuava estudando na proposta da inclusão com os ouvintes. Ao mesmo tempo nos bastidores, eu tinha reforço, estudava com uma pessoa sabia Libras, mesmo que de forma bem simples, eu conseguia aprender no reforço o que não conseguia aprender na inclusão.

Com o passar do tempo, estava próximo de me formar no magistério, eu pensei... qual faculdade quero cursar? Pensei em duas possibilidades, a primeira, me atraia, era relacionada ao trabalho de aeromoça. A segunda era veterinária...não...pediatra, para cuidar de bebês. Eu queria essas duas áreas, mas eu fiquei pensando... não tem acessibilidade para mim nestes cursos.

Depois eu soube do curso de Letras Libras, então eu pensei.. vou tentar... fiz minha inscrição passei no processo seletivo, fiquei me perguntando... o que é o Letras Libras? Porque era um curso novo. Eu havia visto outros cursos, mas o curso de Letras Libras era novidade foi nele que comecei a aprender, tive acessibilidade, consegui realmente aprender, tive vários contatos, conheci professores surdos ouvintes, interpretes, todos utilizavam a Libras de forma visual. Isso me impactou e ajudou no processo de aquisição da Libras.

Pesquisador: Conte um pouco sobre o tempo que você tem de ensino da Libras.

Professora surda: Mais ou menos 20 anos que ensino na área. Então... no período em que iniciei o meu estágio da faculdade..., perdão,... o magistério, iniciei o estágio. Já iniciou o desejo de trabalhar ensinando na área, havia um incentivo para escolher uma área, então eu escolhi atuar como professora/instrutora de Libras. Então, eu já inserida neste meio, comecei a trabalhar com surdos na sala bilíngue e no município em sala do AEE, iniciar a trabalhar em ambas. Desde então fazem mais ou menos 20 anos. Nossa já estou velha (leve sorriso e realizou um sinal que expressa o sentido de estar admirada).

Pesquisador: Pergunta sobre o tema norteador 4

Professora surda: Então...Algumas vezes tenho contato mais com as mães. Poucas vezes temos contato com os pais é mais com as mães mesmo. Algumas mães sabem Libras e conseguem se comunicar com seus filhos. Algumas mães não sabem Libras, mas tentam se comunicar. Porque dentro de casa sempre existe essa relação entre mães e filhos, entendendo alguns contextos e conversando com os filhos. Mas salientamos a importância e incentivamos e fomentamos e esclarecemos a importância de aprender Libras, não é um aprendizado para ser fluente não, mas pelo menos a forma básica de comunicação.

Tem um outro que a mãe não sabe nada de Libras, dessa forma é bem difícil a comunicação, também se torna difícil para ela ajudar e incentivar o seu filho.

Pesquisador: ainda sobre sobre o tema norteador 4

Professora surda: Às vezes parece que dentro de casa, colocam as crianças surdas diante de jogos, da televisão, deixam soltas brincando na rua, parecem que não se preocupam com as crianças. Parece que dentro de casa só conseguem se comunicar através de gestos relacionados à comida, tomar banho, é... (a professor fez o gesto para PAI, simulando um bigode), somente gesto, acredito que seja somente isso. Mas manter um diálogo, conversar com os filhos, manter uma certa interação, acredito que não há.

Pesquisador: Pergunta sobre o tema norteador 5

Professora surda: Primeiro vou falar sobre ARRAIS (fez o sinal dele). Ele é um garoto que antes estudava em uma escola particular, juntamente com ouvintes. Ele não sabia nada de Libras, zero. Então... eu comecei a trabalhar nesta escola, foi quando eu o encontrei, despertei a sua atenção, porque estava sinalizando, ficou feliz em me ver sinalizando, logo ele “colou” em mim. Já começamos a conversar, ensinei o alfabeto, alguns sinais, depois isso parou porque veio a pandemia. Então eu conversei com a família dele para que fosse matriculado na sala bilingue. Esclareci para a mãe, que só assim ele iria desenvolver melhor, ela logo se interessou e aceitou o conselho.

E durante a pandemia fazíamos o que? De forma virtual fazíamos atividades de apoio, tentávamos desenvolver momentos de conversação em Libras, apara desenvolver a questão da compreensão e comunicação em Libras.

O segundo estudante (fez o sinal mas não consegui distinguir quem é quem). Quando ele chegou na sala já sabia alguns sinais, já compreendia. O que faltava nele era somente externar isso. Mas todo dia mantinhamos contato com ele e percebíamos que ele não entendia alguns questões de conversação em Libras.

O terceiro estudante é FREITAS (fez o sina dele) ele já sabia a Libras conseguia se comunicar, maravilhosamente bem.

O quarto estudante é o SILVA (fez o sinal dele) (neste momento o pesquisador pede para a que a professora esclareça com quem os estudantes aprenderam o pouco de Libras que sabem , ela respondeu:)

ARRAIS aprendeu comigo, quando iniciou o contato comigo

FREITAS, já teve contato anterior com outro instrutor surdo, durante os atendimentos de AEE, com um instrutor surdo e um professor ouvinte, ele foi ensinado nestes atendimentos.

O Estudante (sinal visual) assim como FREITAS já havia sido ensinado Libras.

SILVA também, mas ele não tem fluência na sinalização não. Há um misto de gesto e a Libras, mas dar para perceber que ele entende. Quando sinalizo percebo que ele me entende e também. Entendo que a sinalização ainda não estar completa.

Dentro da sala eles (os estudantes) conseguem interagirem e se comunicarem, estão evoluindo e melhorando muito, porque antigamente , por exemplo o estudante ARRAIS não sabia nada de Libras, mas hoje ele já consegue compreender, entende sim, uma percepção visual das situações melhorada. Ele sinaliza pouco, só falta externar todos os sinais que ele já sabe e fluir uma comunicação natural, ainda não é 100% . Porque ainda falta um contato maior com os

surdos externamente com associação, igrejas, acampamentos em Libras. Ele já participou de um acampamento em Libras e lá conseguiu manter contato com outros surdos. Também participou de algumas atividades que envolvem o contato com outros surdos a exemplo disso o projeto cultural “Comunicar as artes locais”. É importante esse incentivo para participar destas atividades, para que eles possam adquirir a língua brasileira de sinais.

Pergunta sobre o tema norteador 6

Resposta da entrevistada:

Então, aqui na sala bilíngue nós sempre adaptamos. Por exemplo, quando recebemos as avaliações realizamos uma adaptação de forma visual, através do uso de imagens, para facilitar a compreensão. Porque os ouvintes utilizam a língua portuguesa escrita neste processo de avaliação. Para os surdos precisa ser adaptado para imagens, porque os surdos tem uma compreensão mais clara de forma visual.

Em segundo lugar temos os livros de literatura, com narrativas de histórias visuais, que afixamos nas paredes, afim de explorarmos a questão da visualidade, fazemos isso todos os dias. Porque é através de percepção visual que faz com que o conteúdo seja fixado. Também temos livros, apostilas que exploram os recursos visuais, juntamente com o português escrito, a Libras, a datilologia, desenhos, tudo que utilize imagens.

Pergunta sobre o tema norteador 6

Resposta da entrevistada:

Entendi sim!

Por exemplo... se eu não utilizar nenhuma imagem, somente a Libras, não irão compreender. As vezes eu utilizo o celular pesquisando imagens e mostro para os estudantes, quando estou sinalizando algo. Dessa forma fica mais fácil para eles entenderem. O uso da tecnologia é muito importante neste processo. As vezes não tem uma imagem e rapidinho pesquiso na internet e já mostro para o estudante ou também eu vou até a biblioteca colho material e mostro para os estudantes. Nunca pode utilizar somente os sinais sem as imagens, muito difícil a compreensão. Pode ser que o estudante somente balance a cabeça confirmando, mas realmente não entendeu. Quando percebo isso, paro e mostro a imagem e tudo fica mais claro. O uso da imagem é muito importante pois ajuda na compreensão.

Pergunta sobre o tema norteador 7

Entrevistada responde:

Então... a sala bilíngue é importante porque é uma referência. Em que sentido, principalmente quando estamos tratando sobre a Libras como L1 (primeira língua) e o português como L2 (segunda língua), em sua modalidade escrita. Mas não é um ensino fracionado, primeiro a Libras e depois o português escrito, não! São ensinadas juntamente, ao mesmo tempo em que é ensinado a Libras também é ensinado o português, adaptando algumas coisas nesse processo de auxílio. Outra coisa que é importante é o professor surdo como referência, pois os estudantes visualizam alguém que é igual a eles. Alguém que é um modelo. Isso é extremamente importante, pois sem essa referência surda, os estudantes não se apresentam estimulados no aprendizado. Porque eles já tiveram a oportunidade de estudar com ouvintes. Mas não o tomaram como referência, no entanto agora com uma professora surda, as expressões mudam. Levando a pergunta: Você é surda? Eu também, somos iguais! Essa identificação parece uma relação de sangue, de família, existe uma empatia, entendimento, pensar e um sentimento de igualdade. Mesmo que ele (estudante) não saiba Libras, eu entendo, porque ele quer externar seus sentimentos. É importantíssimo a presença de um profissional surdo. Infelizmente aqui na sala bilíngue temos poucos surdos, eu gostaria que tivéssemos mais, que a sala crescesse. Que os surdos de fora pudessem vir para aqui, para conhecer esse ambiente. Porque aqui só trata sobre estudo? Não, é um espaço de contato com outros surdos, de interação, contato com outros amigos, onde as relações acontecem. O contato, a interação, os sentimentos, as emoções. Crescendo juntos, esse contato é muito importante para que possa aprender juntamente com o

professor surdo.

Pergunta sobre o tema norteador 8

Resposta da entrevistada :

É difícil porque assim.... aqui na sala bilingue, tudo certo, ok! Mas, o que falta é todo o contexto do espaço escolar coordenação, secretaria, falta uma interação. Realizarmos reuniões em conjunto esse alinhamento, isso é muito importante. As vezes acontece que o pessoal da sala do AEE, quando vem observar a sala bilingue. Perguntam: “Pra que essa sala bilingue? Isso não dar certo é melhor colocar na inclusão. Eu não acho a sala importante não. Tem poucos estudantes, é melhor que tirar da sala e colocar na inclusão mesmo.”

Mas ninguém não entende, os estudantes da sala bilingue, estão evoluindo sim. O trabalho a metodologia é diferente. A inclusão e a sala bilingue não é igual não, a metodologia é diferente. Na sala bilingue tem que haver uma insistência, repetição de conteúdo, até que os estudantes consigam aprender o conteúdo. Na inclusão são novos conteúdos todos os dias, não dar tempo do estudante assimilar o conteúdo, dessa forma o surdo não vai conseguir aprender.

Então... nós precisamos estarmos alinhados, com a direção, secretária, gerencia de educação, planejarmos juntos. Também a sala do AEE, trabalhando integrados. Porque juntos somos mais forte. Estamos isolados, não funciona, precisamos estar unidos, isso é importante. Juntos podemos trocar experiências. Mas o que tenho percebido é que falta isso, falta melhorar muita coisa. Somente aqui nesta escola, não, mas também no Napne. Esta sala estar vinculada ao Napne, mas eu não vejo nenhum incentivo, relacionada a essa sala, nenhum apoio. É somente nos duas (se referindo a ela e a professora ouvinte), interagindo entre nós. Falta também o incentivo dos demais. Nos focamos mais nos estudantes, nos preocupamos com eles. Eu gostaria que eles (se referindo a gestão e napne) também se preocupe conosco e com os estudantes, nos incentivando. Como pro exemplo: reuniões com os pais e as mães dos surdos para conversarmos. Passeios Externos com os estudantes e muitas outras ações é extremamente importante. Também há formações para nós professoras da sala bilíngue, isso é importante.

Pergunta sobre o tema norteador 8

Resposta da entrevistada :

Então... exemplo.. Aqui na escola esta sala ainda não é uma sala oficial da escola, é uma sala cedida, então não é uma sala oficialmente desta escola. Porque esta sala bilingue pode mudar a qualquer momento para outra escola, outro lugar. Como por exemplo ir para o Bairro Vila Eduardo, para a areia branca ou outro lugar. Foco principal é onde pode contemplar o maior numero de surdos, podendo assim mudar de lugar para atender estes surdos. Ainda não há um local fixo da sala. A sala foi fixada aqui, porque é um ponto mais central para que todos os surdos possam ter acesso, em relação a mobilidade de transporte coletivo , com mais facilidade ou que também moram próximo desta escola.

Em segundo lugar que você falou, foi sobre a metodologia. Como é o processo metodológico nesta sala. Basicamente sempre é necessário realizar adaptações. Não é só pegar o material relacionado a serie e entregar para que o estudante faça sozinho. É necessário alguns materiais, que explorem a questão da visualidade. Como exemplo temos também o material de literatura, que é dos ouvintes, onde podemos utilizar as adaptações, a literatura surda. Como exemplo disso temos a historia do patinho feio, que é uma literatura para ouvintes, e para os surdos temos o patinho surdo. Então é importante mostrarmos esse paralelo, sempre mostrarmos os dois para que eles possam fazer um comparativo entre ambos. Com isso os estudantes irão perceber as diferenças entre as historias e entende-las, dessa forma eles já passam a conhecer duas historias.

Na inclusão não há esse incentivo a literatura surda, aqui na sala bilingue nos mostramos tudo. Nós adaptamos tudo. Possibilitamos que o estudante surdo possa conhecer a sua identidade e cultura surda. Por que apresentamos isso para eles. Também quando acontece alguma palestra, oficina, algum evento que dialogue sobre a area, nos levamos os estudantes para conhecer,

fazendo que que eles criem essa rede de contato com outros surdos e tragam a memória os contatos e os conhecimentos aprendidos nestes espaços bem como lembrando do que estudaram em sala fixando o conhecimento. Como exemplo disso, havíamos estudado sobre “O retrato”, ensinamos sobre esse conteúdo. Após o conteúdo fixado passamos para a fase de apresentação teatral do que foi aprendido. Com isso até hoje esse conteúdo foi bem fixado na mente dos estudantes, através desse processo. Porque houve uma adaptação do material. Trazendo isso de forma visual fixa melhor o assunto e traz melhor entendimento. Essa metodologia é importante ser utilizada, de forma diferente de outras metodologias.

Pergunta sobre o tema norteador 8

Resposta da entrevistada :

É difícil saber!

É da escola, é uma questão ética. Mas estamos aqui, somente na condição de uma sala emprestada pela escola. Oficialmente a sala bilíngue pertence ao NAPNE (entrevistada fez o sinal visual do núcleo, dizendo que acha que é esse o sinal). Nos foi dito, ano passado, que teríamos um espaço específico, tornando esse local como referência, mas o tempo foi e não temos nada concreto ainda. Não temos nada ainda, nenhuma novidade. Imagina só, os estudantes passam para o 6 ano (sexto ano), como não teríamos mais alunos essa sala poderia fechar. É triste, mas não podemos parar. Lutamos buscando os surdos, chamamos eles para a sala, para que estejam juntos, unidos! Essa luta é somente de nós duas !(referindo-se a professora regente) Não ! O NAPNE e a escola, também devem apoiar todos juntos em comunidade, incentivando a causa bilíngue.

Pergunta sobre o tema norteador 9

Resposta da entrevistada:

Abre às 7:30 da manhã e vai até as 11:45.

Nós sempre iniciamos o dia com um bom dia. Conversamos um pouco. Todos os dias mostramos a agenda de atividades. O que tivemos no dia anterior, o que teremos hoje e o que teremos no dia posterior. Fazendo isso todos os dias, mostrando a rotina diária. O que iremos fazer em cada dia da semana. Por exemplo, aqui temos às terças e quintas a prática esportiva no parque Josefa Coelho (parque municipal), então eles já sabem que neste dias temos essa rotina. Segunda estudamos, na terça estudamos, mas também iremos ao parque municipal. Eles já sabem disso. É importante apresentarmos a rotina diária. A hora de ir para casa, também já sabem que é às 11:45. Apresentamos tudo isso de forma visual. Mostrando por exemplo o relógio com as horas. Então perguntamos.. que horas são? Eles respondem! São 11:30, ah! Então falta pouco para ir para casa. Ainda faltam 10 minutos. O importante é que eles entendam. Que eles possam se comunicar, todos os dias fazemos isso, a utilizar os sinais de forma correta.

Pergunta sobre o tema norteador 10

Resposta da entrevistada :

Então... eu... estudava na escola Adelina Almeida. Eu estudava com muitos surdos iguais a mim, mantemos contato, interagimos. Eram uma sala somente de surdos. Tinha mais ou menos 20 surdos. Porque antes o que acontecia era a chamada educação especial. Hoje o termo mudou , denominamos sala bilíngue ou escola bilíngue. (Todas as vezes que a entrevistada fala da educação bilíngue o semblante muda, expressando satisfação e alegria). Antes era a “sala especial” era uma sala somente com surdos. As idades eram mais ou menos parecidas. Havia uma fluência na comunicação em Libras. Havia uma cumplicidade nos estudos, isso do 1 (primeiro) ao 5 (quinto) ano. (neste momento o entrevistador interrompe 12:12, para perguntar se eram salas multisseriadas). Havia salas separadas para os primeiros anos, o segundo e assim por diante até o quinto ano. Era maravilhoso! Havia também sala com o terceiro e o quarto ano na formato de inclusão e o grupo do quinto ano. Havia também o EJA, essa era a noite. Era diferente, melhor do que hoje. Hoje eu percebi coisas diferentes. Eu sei como é! A minha professora era ouvinte, mas ela sabia Libras. Hoje eu vejo... e entendo... eles (as crianças

surdas) não tem culpa não! Muitas vezes é por falta de informação da família a respeito dos surdos. Eu fico pensando... como no passado eu estudei melhor em uma sala com surdos, no intervalo nos reunimos brincávamos. Havia o contato, tínhamos a parte esportiva, fazíamos tudo juntos. (pesquisador interrompe mais uma vez 13:25, perguntado sobre até que série isso acontecia) Do primeiro ao quinto. No sexto ano mudamos para a inclusão. Não havia intérprete de Libras e também não havia a lei da Libras, isso veio depois. Eu sempre estudava com uma pessoa surda. Às vezes a professora fica de frente para mim e fala, para eu ler os lábios ou conversar com a professora de reforço, que somente éramos atendidos depois do encerramento da aula é que poderemos agendar o reforço. Então eu sentava de frente para a professora de forma individual e tinha aula. Havia também , por exemplo, o surdo sabia bem matemática e eu sabia português, então trocamos conhecimentos, havia uma ajuda mútua, algo entre amigos. Mas um momento com a Libras ou a acessibilidade com o intérprete de Libras, não havia nada! Até eu chegar no magistério não havia acessibilidade. Depois que fiz faculdade , isso foi muito bom pra minha vida. Me marcou positivamente, foi o melhor. Porque na faculdade tudo era em Libras de forma visual. Os professores, os tutores, todos sabiam Libras. Hoje eu vejo que ... (ela fez um sinal de estar faltando alguma coisa) no passado se estudava melhor devido ao contato e a interação.

Hoje nesta sala temos somente quatro estudantes. Existem outros lugares deste espaço. Eu não sei como estaremos evoluindo, tendo um futuro melhor. Porque eu sempre falo sobre a sala, que falta o apoio. Principalmente o apoio do órgão responsável pela sala. Realmente falta o apoio (ela repetiu três vezes enfatizando isso). Se houvesse um apoio mais efetivo, todos juntos, seria melhor. Somente nós duas é difícil (referindo-se a ela a professora regente). Parece que não há uma valorização. Nós já divulgamos, informamos sobre a existência da sala bilíngue, pedimos para que as pessoas divulguem, se houver algum aluno surdo para vir para a sala bilíngue. Pedimos o apoio e o incentivo, mas... (balançou a cabeça com expressão negativa, não).

Eu não sei porque, alguns que já estudaram comigo, alguns foram ex alunos meus, sabem da existência da sala, sabem da importância do contato, da valorização, mas parece que fazem vista grossa, parece que mudaram o pensamento. Dizendo que o melhor para os surdos é estarem no AEE. (ela fez expressão de negação e não aceitação). Eu não consigo entender, como pensam diferente. Eu não consigo imaginar como mudaram a forma de pensar. Mudaram tudo. Essas mesmas pessoas outrora lutavam juntas pela educação dos surdos. Com movimentos, passeatas, lutas. Indo ao governo pedindo mudanças. Lutando por uma escola bilíngue. Lutando, lutando! Quando enfim conseguimos, ufa! Temos um alívio! Conseguimos! Mas depois essas mesmas pessoas dizem que não existe a sala bilíngue. Eles estão fingindo que a sala não existe. Não é possível! Dizendo que não tem sala bilíngue. Fico pensando... poxa, lutamos juntos por essa sala. Queríamos essa sala, agora que temos, a conversa muda de direção. Dá a impressão que querem acabar com a sala bilíngue. Não sei como isso aconteceu!

Nós estamos seguras e queremos continuar a sala bilíngue. Porque eles (os estudantes) estão realmente conseguindo evoluir. (ela apresentou um desabafo sobre os bastidores da sala)

Pergunta sobre o tema norteador 11

Resposta da entrevistada :

Então... eu me recordo que mais ou menos no período da pandemia. Tínhamos um estudante que estava vindo. Ele ficou angustiado, pensando que ficaria sozinho na sala. Eu disse a ele que ficasse calmo que no ano seguinte teríamos mais estudantes. Quando foi no ano seguinte, chegaram outros e ele começou a se animar.

Cada um deles já tem o seu sinal visual. Eu percebi que eles gostam de conversar quando se encontram. As vezes quando um falta o outro fica perguntando. - Porque fulano faltou?. (fazendo o sinal de "porque" e o sinal de "falta", a professora sinalizando como o aluno estava se dirigindo a professora). Eles se preocupam com o próximo. Sempre perguntando pela

ausência um do outro. Dessa forma mostram interesse um pelo o outro e interagem entre si. Às vezes quando não conseguem se comunicar usando alguns sinais, eu mostro alguns exemplos de como utilizar o sinal. Como eu faço isso? Através da dramatização, dessa forma fica bem claro a compreensão do sinal. Ou até mesmo o uso dos gestos (pantomima), em seguida mostro o sinal. Dessa forma eles conseguem se comunicar e isso é muito importante. Porque dessa forma eles estão realmente evoluindo. Aprendem somente comigo? Não, também aprendem entre eles, através do contato e a interação. Por exemplo, se um não entendeu eu solicito ao outro que explique, ajudando o colega a compreender o que foi explanado dessa forma eles conseguem interagir melhor e fixar bem o conteúdo. Porque um amigo pode ajudar o outro. Dessa forma, de segunda a sexta na escola com essa interação ele também podem externamente à escola, em casa, em um passeio, podem conversar com outros amigos surdos também. Mas esse processo eles iniciaram aqui na sala aprendendo, estudando e interagindo. Através da experiência de um com o outro essa ajuda mútua é fundamental.

Pergunta sobre o tema norteador 12

Resposta da entrevistada :

Realmente é importante a L1 sendo a Libras. Porque se a Libras não for a primeira língua e partir diretamente para a língua portuguesa escrita, sem a Libras, não dará certo. (expressão facial de negação indicando não concordar). Eles já estão dentro de casa, com barreiras de comunicação, porque a família em sua maioria não sabe Libras. Alguns sabem até alguns sinais, mas os surdos se sentem sozinhos em seu próprio lar. Aqui na sala bilíngue há uma grande ajuda, eles evoluem bastante. O contato comigo, uma professora surda, e o contato com os outros colegas surdos ajuda muito.

Também fora da sala, na escola existem outras salas com estudantes ouvintes. Mostro para os surdos que os alunos possuem uma diferença. Um é ouvinte e outro surdo, somente isso, eles compreendem. Por exemplo, às vezes eu ouço um pouco, às vezes há uma batida na carteira com barulho, que é para chamar a atenção, eles (os surdos) pensam que eu sou ouvinte, eu realmente ouço a batida na carteira, mas finjo que não ouvi, para que eles se levantem, venham até mim e toque em meu ombro, para que eu possa olhar para eles. Dessa forma eu quero mostrar para eles que sou surda. Eu não quero atender ao chamado deles como uma ouvinte. Quero mostrar a forma correta de chamar a atenção de um surdo. Eu ensino que é importante tocar no ombro, na mão, no braço etc, para que eu possa olhar.

Aqui na sala bilíngue eu ajudo em diversos aspectos, em relação a informações sobre a identidades deles. Não a identidade dos ouvintes, mas a identidade surda, as características visuais.

Pergunta sobre o tema norteador 13

Resposta da entrevistada :

Então... O professor surdo é um modelo, é um exemplo. Quando os estudantes perguntam, você é surda? Sim sou, somos iguais. É sempre importante mostrarmos que somos iguais. Isso traz uma sensação de alívio para eles. Eles sentem isso, quando dizem que somos iguais, enfatizando essa questão da igualdade. E ficam perguntando..Ela é professora!?! Sim sou! Perguntam isso porque já estavam acostumados a terem somente professoras ouvintes. Quando então se deparam comigo veem algo diferente. - Uma surda professora!?! - Na outra escola era uma professora ouvinte! - Era diferente! Eu percebo na sinalização deles, quando usam o sinal de diferente. Há uma afirmação do professor surdo, - dizendo: - É bom ! Muito bom! Dessa forma eles se habitua com o professor surdo. Eles já sabem a diferença entre uma professora surda e uma ouvinte.

Pergunta sobre o tema norteador 13

Resposta da entrevistada (03:59) :

Isso! Porque eu sou surda e entendo como eles se sentem, existe uma empatia. Por exemplo, tem muitas coisas... às vezes os surdos misturam os sinais com os gestos. Uma vez o estudante

estava sinalizando e a ouvinte (a professora) disse que eu não tinha entendido, porque tinham alguns sinais diferentes. Eu disse que havia entendido e iria trazer um resumo da conversa para ela. - Olha! Ele disse que queria conversar com a mãe dele. (essa foi a tradução que a professora surda fez da sinalização do estudante surdo) (no minuto 04:43 a professora imita como o estudante sinalizou) (segue uma possível transcrição): Classificador para copo + Espera + ir + lá (com uma mão simulando estar segurando o copo). Ele queria dizer o que? Ele simplesmente queria levar água para a mãe dele. O que foi que a ouvinte entendeu? Ela disse.. - Ele quer dar o que? Ele perguntou para a professora surda. Ela não havia entendido, não percebeu visualmente o que o surdo estava sinalizando. Eu percebi porque eu já tenho uma certa intimidade pelo contato direto. Já entendo e interajo, com uma percepção diferenciada. Entendo o que ele sente, entendo como ele quer se expressar. Externando a sua fala através das expressões faciais e também através das expressões faciais. Eu consigo entender, às vezes os ouvintes vem, mas não entendem. Entendem outra coisa que não tem nada a ver. Eu penso como ele e sinto como ele. Para que se tenha entendimento é importante por causa do contato diário para poder perceber o que ele sente.

Por exemplo, o estudante vem até mim, gesticulando dizendo que vai pegar algo para comer, algo doce, então eu prontamente digo: - Vai, pode ir! Então o estudante vai para a professora ouvinte e diz a mesma coisa que me falou. Contudo a professora ouvinte entende outra coisa e não quer deixar ele sair. Há um desencontro na comunicação entre o ouvinte e os surdos.

Às vezes acontece que eles veem desenhos de lutas etc, quando estão sinalizando em sala, gesticulando, a professora ouvinte pensa que eles estão brigando e diz: - Não pode! Então eu entro em cena e digo: - Não! Ele está relatando o que viu na televisão, algum desenho ou filme. Como por exemplo o Capitão América com seu escudo. Todo tempo tenho que estar traduzindo para ela, o que os estudantes estão dizendo. Eu entendo que a forma de pensar dela é diferente da minha que é visual no processo de comunicação. Consigo perceber o que eles sentem ou querem.

Por exemplo, é parecido com um bebe junto a sua mãe, quando ele gesticula (balbucio com as mãos com sinal de água 06:41) pedindo água, então a mãe sabe logo o que o filhinho quer. Ou quando estiver gesticulando para comida, coco. A mãe de imediato quando vê a criança balbuciando com as mãos logo entende, porque já tem aquele contato, a proximidade, mas quem está de fora é difícil entender.

Então como eu estou em contato visual todos os dias com os estudantes surdos consigo entendê-los, mas aqueles que estão de fora podem dizer: - Ah! Está errado o sinal! Não! Não estar errado é o jeito dele a forma dele sinalizar, quando uma pessoa ouvinte ver já começa dizer que está errado tentando mostrar o sinal certo, a criança ainda está aprendendo ela vai evoluir na sinalização. Com os surdos há uma comunicação mais espontânea.

Como exemplo..(professora fazendo o gesto para pai, desenhando o bigo com o indicador 7:15 e um gesto na sobrancelha) o estudante fazendo sempre o gesto que representa seu pai, logo eu consegui entender que ele estava se referindo ao sinal específico de seu pai. A ouvinte estava achando que ele estava se referindo a alguma forma ou cicatriz na sobrancelha, sem entender que todo o tempo a criança estava se referindo ao pai, mas claro, na língua dele. Precisa ver, para perceber o contexto de sua sinalização. (a professora imitando o estudante gesticulando 7:46), transcrição da gesticulação da professora imitando o estudante: Sinal sobrancelha + lá + embora + roça + não sei (tipo onde)+ expressão de pergunta. Então já havia entendido tudo da fala dele. Mas a professora ouvinte começou a dizer: - O que? Sinal na sobrancelha? Lá na roça? Não tem nada disso lá não! Eu entendi o que ele disse, mas ela entendeu diferente.

Em outra situação, o estudante gesticulou o seguinte: Eu + casa+gesto imitando jogar com controle de video game+ legal + Casa. Então eu disse: - Legal. A professora ouvinte entendeu que ele estava querendo jogar videogame em casa, logo ela repreendeu o aluno dizendo que não poderia jogar na escola. Então eu logo fiz a tradução dizendo: - Não, ele disse que na casa dele

tem videogame e ele vai jogar. Ele não colocou na bolsa não, é na casa dele. Eu percebi o contexto do diálogo dele, a palavra e o sinal, então eu consigo entender. Quando ele sinalizou comigo, logo eu perguntei: - Quanto foi?

Ele respondeu dizendo: Lá + pai.

Eu disse: Ah! Que bom ! Qual tamanho, grande ou pequeno?

Dessa forma iniciamos um diálogo, interagindo. O contexto nos ajuda a compreender, sentir o que ele quer comunicar. Essa falta de compreensão não é só com os ouvintes não. Já vi também alguns surdos também não conseguirem entender. Outro dia eu estava com um dos alunos, então ele tocou em meu ombro e disse:

- Eu + ir + mae + demorar (gesto parecido com castigar)

O surdo perguntou que sinal é esse? (referindo-se ao sinal de demorar)

Eu já havia entendido: A mãe dele está demorando.

É importante entender o contexto. Consigo entender o que ele está querendo retornar, para a comunicação fluir naturalmente.

Às vezes uma pessoa ouvinte poderia confundir o sinal com dinheiro, sem entender direito, mas de fato o gesto estar referindo-se ao sinal de demorar e o próprio estudante confirmou isso. Dar para perceber em cada gesto, cada sinal, compreender o sentido de cada um. O ideal é que deixe eles se expressarem, não interromper, observar toda a sinalização, e entender como estão se expressando.

As vezes outro surdo sinaliza referindo-se a algum animal, logo eu tento entender. (neste momento a professora realiza o classificador da forma de andar do animal) Faço alguns sinais para o estudante a fim de entender de qual animal estar se tratando.

Perguntado em Libras: É um cachorro? Um cavalo?

Ele responde: Cavalo não! Cachorro sim!

Quando eu mostrei duas possibilidade de sinais é porque justamente o classificador utilizado nos leva a delimitar as possibilidades para essas duas. Então eu mostro a imagem do animal, para confirmar sobre qual animal estamos falando. Em seguida eu faço o sinal correto em Libras.

Um outro estudante surdo, (ela fez o sinal dele, mas resolvi omitir aqui o nome e sinal), sempre sinaliza: ele + pai+ demora + (gesto no rosto parecido com dormir, creio que se refere a mae)+ vem + casa + não.

Então eu, ah ! Entendi. Ele disse que o pai dele viajou para a roça e estava cuidando dos animais. Porque ele estava sentindo a falta do pai em casa, devido a demora. Com esses sinais ele já vai iniciando uma forma de comunicação.

Então eu perguntei: Porque?

Ele respondeu: Ele + ordenhar (fez os movimentos de ordenha)

Eu perguntei: "Ordenhar ? O que é ? Solettrar! Logo eu entendi que ele estava se referindo a vaca, tirar leite da vaca. Consegui perceber o que ele estava querendo comunicar. Ele ainda não estava conseguindo sinalizar "vaca", "leite". Ele simplesmente fez os gestos diretamente, "ordenhar + roça". Ele simplesmente estava falando que demorava o para encher as vasilhas, no processo de ordenha das vacas. Eu rapidamente percebi a intenção da comunicação dele, somente pelo contexto comunicacional. A partir disso aproveito para ensinar o sinal de "vaca", "leite" então ele vai entendendo, pronto é bem simples.

O importante é a comunicação, quando eu o observo, rapidamente compreendo o que ele quer dizer. Assim como eu consigo sentir e perceber as características de cada um deles.(os estudantes)

Tem outro surdo também... que fez assim: Eu + casa +bebe + sangue (gesto tipo primo). Então eu respondo é mesmo (através de expressão facial), entendi! Ele estava se referindo a irmã. Ele não sabe executar o sinal de "irmã", então aproveito e ensino o sinal. Mas porque ele demonstra esses sinais? Porque ele havia percebido isso em atividades relacionadas a família,

então ele notou que havia um desenho de uma menininha. Logo se identificou e disse que tinha uma irmãzinha, fazendo os gestos que indicam laço de sangue, prontamente eu aproveitei a oportunidade e ensino o sinal de “irmã”. Ele mostrou um coração com as duas mãos, quando estava se referindo a irmã. Significando que amava a irmã. Então.. é a forma dele expressar seus sentimentos a sua comunicação. Não precisamos dizer: Está errado esse gesto para “irmã”! Não! Devemos deixar eles se expressarem como querem. Então a partir disso e uma compreensão do contexto complementamos, ensinamos os sinais para aqueles termos. Auxiliando no processo de aprendizado da Libras.

Pesquisador deixou entrevistada a vontade para relatar o que quisesse.

Resposta da entrevistada :

Primeiro, aqui tem todas as disciplinas, como portugues, matemática, história, geografia, todas elas.

Por exemplo, relacionado a ciências, o dia da água. Simplesmente dizer que hoje é o dia da água, não faz sentido. É necessário realizar uma adaptação através de imagens, trabalhos manuais de recortar e colar, fornecer explicações sobre a água, que serve para beber, tomar banho, lavar e diversas outras atividades relacionadas à água devem ser ensinadas. Assim eles compreenderão. Somente apresentar um sinal sobre aquele contexto, não é suficiente! Sinalizar somente "parabens" para a água, não é suficiente. Com o tempo e as explicações eles podem perceber, que aquele é um dia especial relacionado a água.

Quando enfim eles percebem que há dias especiais e temáticos, passam a questionar, que dia estão e se há alguma comemoração específica. Como exemplo eles perguntam: "Hoje é dia dos país", então eu respondo: "Não! Hoje é o dia da água !" Então eles perguntam: "Então quando é o dia dos país?" Então eu respondo: "Mês de agosto". "E o dia das mães?" eu digo: "Já passou, é no mês de maio." Dessa forma eles irão percebendo e compreendendo.

Somente um dia, não! Vários dias comemorativos, inclusive o dia do amigo que tive que explicar o significado amizade, apontando para cada um deles, e mostrando que amizade cria laços, vínculos. Quando expliquei sobre isso eles se levantaram e começaram a se abraçar. Interagindo entre eles, compartilhando materiais escolares, como caneta, borracha, papel, assim eles entenderam o que significava "amigo" e fez sentido para o entendimento deles.

Nós trabalhamos as diversas disciplinas, através das adaptações de forma visual, tudo é adaptado.

Segundo, eu a professora regente, trabalhamos sempre juntas, porque ela possui habilidade de adaptar o material que utilizamos em sala. Eu gosto das adaptações dela, porque se preocupa em pensar a melhor forma de adaptar uma avaliação que está em língua portuguesa, por exemplo. Em algumas situações eu auxilio na adaptação complementando o que ela produziu. Por exemplo, em língua portuguesa temos a palavra "Maçã", então apresentamos o sinal da fruta maçã, em seguida alguém comendo a maçã e por fim solicitamos para que os estudantes escrevam a palavra. Outra palavra, como exemplo, temos a palavra "Bola", apresentamos o sinal do objeto, a imagem do pai e o filho brincando com a bola (no caso apresentando o verbo) e sem seguida incentivamos a escrita da palavra em língua portuguesa. Dessa forma é que adaptamos tudo. Incentivando essa troca de informações. Assim deixar o conteúdo compreensível em sua própria cultura.

Cada um possui as suas dificuldades de aprendizagem. Não estamos ensinando estudantes com o mesmo nível de compreensão, são diferentes um do outro. A evolução de cada um é diferenciada também. Um consegue desenvolver um pouco mais rápido, já outro um pouco mais lento e assim cada um a seu tempo, mas realmente estão conseguindo desenvolver sim! Não conseguem absorver todas as palavras, mas conseguem absorver algumas.

Pesquisador deixou entrevistada a vontade para relatar o que quisesse. Perguntando há algo mais para fala?

Resposta da entrevistada:

Acho que não!....(ficou pensativa, procurando na mente algo) acho que é só isso!

Ela perguntou: Quer me ajudar? rsrs

O entrevistador pede para a entrevistada falar um pouco sobre a baixa quantidade de estudantes na sala bilíngue.

Entrevistada responde:

Eu acredito que é necessário haver mais divulgação desta sala bilíngue, tornar mais visível para a sociedade. Mostrar que os estudantes realmente conseguem progredir aqui.

Poderiam utilizar a televisão, as redes sociais para divulgar, mas eu fico triste porque tomamos iniciativa para divulgar, então o pessoal do napne, logo diz que não podemos fazer isso e somente eles podem fazer.

O que nos falta é apoio...é complicado! Antes e hoje são tempos diferentes, em relação a sala bilíngue. Parece que ainda estou no século passado, o meu século é o 20.

Pesquisador: Agradece a entrevista

Resposta da entrevistada:

Por nada!

APÊNDICE F

ENTREVISTA COM COELHO (Codinome)

PESQUISADOR: VOCÊ NOME SINAL?

PARTICIPANTE: C-O-E-L-H-O SINAL (mão aberta dedos estendidos, palma para baixo, P.A parte superior frontal da cabeça próximo a testa, os dedos tocam a cabeça fazendo movimento para frente levantando levemente a mão para o plano parede, vertical.)



Imagem: Escrita de sinais I do livro letras libras UFPB.

PESQUISADOR: EU SINALIZAR VOCÊ EXPLICAR 6. 1,2,3,4,5,6 (apontando com dedo indicador direito).

PARTICIPANTE: confirma com a cabeça, acompanha com o olhar os movimentos do entrevistador, quando aponta para o papel sobre a cadeira onde tem as perguntas.

PESQUISADOR: 1 VOCÊ ESTUDAR QUAL ANTIGAMENTE COMO EXEMPLO

PARTICIPANTE: MULHER SURDA LÍNGUA E SINAIS ESCREVER

PESQUISADOR: MULHER SURDA?

PARTICIPANTE: (acena confirmando com a cabeça) LÁ CASA ANDAR (CL casa CL pessoa andar dando a volta pela a casa) para pensar com a mão na boca.

PESQUISADOR: VOCÊ CASA PERTO CASA LONGE ESCOLA QUAL?

PARTICIPANTE: LÁ POUCO CASA (CL casa CL pessoa andar dando a volta pela a casa)CASA ESCOLA

PESQUISADOR: VOCÊ ESTUDAR 1,2,3,4 LÁ, AQUI 1,2,3, QUAL?

PARTICIPANTE: 5

PESQUISADOR: 5?

PARTICIPANTE: MULHER SURDO LÁ ESCOLA ESCREVER LÍNGUA DE SINAIS DESENHAR

PESQUISADOR: DESENHAR ACABAR LÍNGUA DE SINAIS LÁ ESCOLA LÍNGUA DE SINAIS O QUE COMO LÍNGUA DE SINAIS?

PARTICIPANTE: MÃE SURDO

PESQUISADOR: MULHER SINAL MÃE MULHER SINAL?

PARTICIPANTE: faz o sinal em libras do professor. Parece o sinal de PERIGO, mas o movimento é para a direita como meia lua, só para baixo.



PESQUISADOR: (Repete o sinal feito pelo surdo)

PARTICIPANTE: repete o sinal pessoal do professor e depois faz o sinal SURDO.

PESQUISADOR: VOCÊ ESCOLA FALTA FALTA FALTA OU FREQUENTA, FREQUENTA, FREQUENTA DIARIAMENTE? FREQUENTA FREQUENTA FALTA NÃO IR IR OU NÃO?

PARTICIPANTE: MÃE

PESQUISADOR: MÃE BRIGA BRIGA BRIGA

PARTICIPANTE: MÃE EU

PESQUISADOR: IR IR

PARTICIPANTE: sorrindo confirma com a cabeça.

PESQUISADOR: VOCÊ COMO ESCOLA BOM RUIM QUAL?

PARTICIPANTE: BOM (SORRINDO)

PESQUISADOR: POR QUÊ?

PARTICIPANTE: AMIGOS MUITO

PESQUISADOR: AMIGOS SURDO?

PARTICIPANTE: OUVINTE

PESQUISADOR: OUVINTE?

PARTICIPANTE: confirma com a cabeça.

PESQUISADOR: Conta nos dedos para perguntar a quantidade

PARTICIPANTE: 10, 5 (Mostrando com os dedos das mãos e não com o sinal em Libras.)

PESQUISADOR: 15?

PARTICIPANTE: Confirma com a cabeça.

PESQUISADOR: VOCÊ ESCOLA TER AMIGO OUVINTE LÁ VOCÊ LÍNGUA DE SINAIS OU ORALIZA (movimenta a boca como se estivesse falando) QUAL?

PARTICIPANTE: AMIGO (fez com a O.P ao contrário, para baixo) PAI OUVINTE LÍNGUA DE SINAIS

PESQUISADOR: LÍNGUA DE SINAIS PENSAR MUITO OU POUCO LÍNGUA DE SINAIS?

PARTICIPANTE: MUITO (com C.M. do sinal de pequeno, pouco)

PESQUISADOR: MUITO ESCOLA LÁ PROFESSOR ENSINAR FALAR (movimenta a boca como se estivesse falando) ESCREVER OU LÍNGUA DE SINAIS QUAL?

PARTICIPANTE: SENTAR PAI (acho que quis dizer HOMEM) LÍNGUA DE SINAIS (pensa) ESPERA LÍNGUA DE SINAIS (pensa olha para cima para a direita) LÍNGUA DE SINAIS (coloca a mão aberta no rosto) PESSOA CAMINHAR cl Com a outra mão QUAL HOMEM ESCREVER ESCREVER.

PESQUISADOR: ENTÃO EXEMPLO LÁ ESCOLA VOCÊ INTERAÇÃO AMIGO BRINCAR CORRER COMO VOCÊ EXPLICAR LÁ AMIGO OUVINTE ESCOLA COMO BRINCAR CRUZAR OS BRAÇOS SOZINHO INTERAGIR CORRER FUTEBOL COMO?

PARTICIPANTE: FUTEBOL POUCO (sorrir) EU NÃO. Mão esquerda CL para pessoa V mão direita 1. Mão direita escorrega na esquerda

PESQUISADOR: Faz a C.M correta para escorrega.

PARTICIPANTE: Repete a sinalização do pesquisador confirmando com a cabeça.

PESQUISADOR: ENTÃO VOCÊ SÓ 2?

PARTICIPANTE: ARREMESSAR BOLA ARREMESSAR . Em seguida ele tenta descrever uma outra brincadeira, sinalizando salto, como se tivesse obstáculo, pessoas sentadas ou cadeiras.

PESQUISADOR: Tenta descobrir a brincadeira sinalizando a brincadeira do elástico, a brincadeira das cadeiras.

PARTICIPANTE: Insiste na tentativa de sinalizar a brincadeira, mostrando que não é aquela descrita pelo pesquisador.

PESQUISADOR: ESCOLA OUVINTE AMIGO MUITO. AQUI AMIGO SURDO TEM?

PARTICIPANTE: NÃO (com a cabeça). LÁ BOM

PESQUISADOR: AQUI NÃO ?

PARTICIPANTE: NÃO NÃO (com a cabeça e expressão negativa).

PESQUISADOR: POR QUE NÃO? AQUI POSITIVO NEGATIVO (com o polegar)

PARTICIPANTE: MAIS OU MENOS (sorrindo)

PESQUISADOR: MAIS OU MENOS POR QUE MAIS OU MENOS?

PARTICIPANTE: LÁ BOM (com o polegar usando as duas mãos) AQUI MAIS OU MENOS

PESQUISADOR: MAIS OU MENOS POR QUE MAIS OU MENOS?

PARTICIPANTE: LÁ GRANDE LÁ AQUI PEQUENO.

PESQUISADOR: LÁ GRANDE OUVINTE BOM SURDO LÁ?

PARTICIPANTE: NÃO. UM SURDO

PESQUISADOR: UM SURDO? AQUI SURDO 1, 2, 3?

PARTICIPANTE: Expressa não saber depois sinaliza 1,2,3,4 apontando para alguns pontos da sala.

PESQUISADOR: 4 CERTO. EI LÁ ESCOLA LÁ PROFESSOR OUVINTE PROFESSOR SURDO QUAL? ESCOLA LÁ

PARTICIPANTE: OUVINTE OUVINTE

PESQUISADOR: AQUI PROFESSOR QUAL?

PARTICIPANTE: SURDO

PESQUISADOR: SURDO.

PESQUISADOR: EI PROFESSOR OUVINTE BOM RUIM QUAL?

PARTICIPANTE: BOM (com as duas mãos sinal de positivo, polegar)

PESQUISADOR: POR QUE BOM BOM EXPLICA? (fazendo referência as duas escolas a anterior e a de agora, apontando os referentes no espaço)

PARTICIPANTE: BOM OUVINTE PROFESSOR BOLA PARQUE (olha para cima pensando) ARREMESSAR ANDAR EM CIRCULO

PESQUISADOR: AQUI SURDO BOM POR QUE? AQUI SURDO PROFESSOR?

PARTICIPANTE: ESCREVER

PESQUISADOR: ESCREVER SÓ ACABOU?

PARTICIPANTE: sorrir olhando para o caderno.

PESQUISADOR: PROFESSOR SURDO EXPLICAR BOM RUIM MAIS OU MENOS?

PARTICIPANTE: BOM BOM

PESQUISADOR: BOM QUAL?

PARTICIPANTE: LIBRAS BOM

PESQUISADOR: LIBRAS BOM! POR QUE LIBRAS BOM?

PARTICIPANTE: BOM

PESQUISADOR: POR QUE?

PARTICIPANTE: LÁ ESCOLA OUVINTE AMIGO AMIGO (orientação da palma para baixo e depois faz correto) L-U-C-A-S (faz o sinal de outra pessoa com L na sobrancelha + LUCAS. OUVINTE CL PESSOA-2 andar OUVINTE LIBRAS BOM EU LIBRAS.

PESQUISADOR: ENTENDI

PARTICIPANTE: VAMOS (repete o sinal da pessoa anterior) VAMOS BRINCAR MUITO

PESQUISADOR: LÁ ESCOLA INCLUSÃO OUVINTE SURDO AQUI BILÍNGUE BILÍNGUE. LÁ AQUI BOM RUIM QUAL?

PARTICIPANTE: LÁ BOM AQUI MAIS OU MENOS

PESQUISADOR: AQUI MAIS OU MENOS POR QUE?

PARTICIPANTE: NÃO SABER (com ombros e mãos e não o sinal em si)

PESQUISADOR: MAIS OU MENOS NORMAL

PARTICIPANTE: SIM (com a cabeça) PENSAR

PESQUISADOR: MAIS OU MENOS BILÍNGUE AQUI ENTENDI. AQUI APRENDER LIBRAS PENSA BOM AQUI LÁ QUAL MAIS? APRENDER LIBRAS LÁ AQUI?

PARTICIPANTE: LÁ BOM. AMIGO PROFESSOR OUVINTE BANHEIRO EU BANHEIRO LÁ BOM ...

PESQUISADOR: AQUI QUAL SALA?

PARTICIPANTE: Pensa e responde BAHEIRO BANHEIRO

PESQUISADOR: VOCÊ DIARIAMENTE AQUI AQUI COMO FAZER? SENTAR ESCREVER ESCREVER

PARTICIPANTE: PAI MÃE MÃE

PESQUISADOR: MÃE...

PARTICIPANTE: HOMEM 5 ANO MÃE 1 ANO PEQUENO E ADULTO MÃE HOMEM

PESQUISADOR: ENTENDI. AQUI ESCOLA BILÍNGUE SALA BILÍNGUE FAZER O QUE AQUI?

PARTICIPANTE: Nega com a cabeça

PESQUISADOR: VOCÊ LIBRAS APRENDER DESENHAR ESCREVER MAIS MAIS MAIS?

PARTICIPANTE: DESENHAR ESCREVER POUCO

PESQUISADOR: OK 1, 2 SÓ? ACABOU?

PARTICIPANTE: Confirma com a cabeça.

PESQUISADOR: CERTO ENTÃO. VOCÊ ENTENDER PROFESSOR SURDO INTERAÇÃO LIBRAS SABER BEM SABER PENSAR NÃO BOM RUIM?

PARTICIPANTE: BOM SINAL (fica pensando) MANTEIGA (faz um sinal que o pesquisador tenta entender daí ele soletra) B-A-C-O-N

PESQUISADOR: Repete o mesmo sinal e pergunta O QUE?

PARTICIPANTE: B-A-C-O-N

PESQUISADOR: PORCO?

PARTICIPANTE: SIM (com a cabeça) BACON COMER BACON

PESQUISADOR: BACON AQUI?

PARTICIPANTE: SIM

PESQUISADOR: BACON AQUI APRENDEU?

PARTICIPANTE: Confirma

PESQUISADOR: MAIS?

PARTICIPANTE: SUPERMERCADO

PESQUISADOR: SUPERMERCADO

PARTICIPANTE: Sinaliza algo que o pesquisador não entende

PESQUISADOR: Repete o sinal e pergunta O QUE?

PARTICIPANTE: L-U-A

PESQUISADOR: LUA

PARTICIPANTE: LUA. SÓ

PESQUISADOR: SÓ?

PARTICIPANTE: Afirma

PESQUISADOR: BOM ENTÃO VOCÊ PODE VONTADE LIBRAS

PARTICIPANTE: Sorrir. Pensa. E nega com a cabeça.

PESQUISADOR: SÓ ACABOU JÓIA OBRIGADA

PARTICIPANTE: Sorrir TCHAU (PARA A CÂMERA)